J. Krishnamurti

DIÁRIO DE KRISHNAMURTI

J. Krishnamurti

DIÁRIO DE KRISHNAMURTI

Cultrix

DIÁRIO DE KRISHNAMURTI

J. Krishnamurti

O *Diário de Krishnamurti* constitui-se numa dessas obras privilegiadas das quais o público leitor pode dizer que há muito tempo vem aguardando com certa ansiedade. Trata-se, na realidade, de um livro encantador, o qual Krishnamurti redige, a um só tempo, como pensador dotado de profundidade e grande poeta da Natureza.

* * *

Nasceu Krishnamurti no ano de 1895, em Madanapalle, Madrasta, Índia. Conforme o costume entre os Brâmanes do Sul da Índia, chamaram-no pelo nome de família Jiddu. E assim o fizeram por ter sido ele o oitavo filho. Com isso, seus familiares manifestavam o desejo de que, quando adulto, consagrasse a sua existência a Krishna, a encarnação divina, e que fora também oitavo filho. Em 1909, a Dra. Annie Besant e C. W. Leadbeater notaram em Krishnamurti faculdades latentes de inestimável valor moral e espiritual, acabando por admitir que, devidamente desenvolvidas, fariam do jovem um grande mestre. Todavia, os leitores dos inúmeros livros de Krishnamurti sabem que esse pensador não se erige como mestre da Humanidade nem tenciona ser o fundador de uma nova religião. Com freqüência, repete que o desenvolvimento espiritual decorre da conquista puramente individual e que jamais pode ser obtido pela submissão a qualquer mestre ou religião. Repudia toda autoridade que pretenda impingir-nos valores espirituais ministrados a um fechadíssimo grupo de crentes. A verdade, diz ele, confina com os limites da evolução humana, achando-se oculta na consciência de todos os seres humanos. Para atingi-la, temos de romper todas as barreiras e todos os laços que nos prendem à materialidade, pesada carga que faz de nós meros escravos mecanizados. Somente a Vida, conclui Krishnamurti, pode criar a Vida.

ISBN 85-316-0121-5

EDITORA CULTRIX

9 788531 601217

J. KRISHNAMURTI

DIÁRIO DE KRISHNAMURTI

Tradução de

Alexandra Trifler

Revisão de

Daniel Gomes de Castro

EDITORA CULTRIX
São Paulo

PREFÁCIO

Em junho de 1961 Krishnamurti começou a fazer um registro diário de suas percepções e estados de consciência. Manteve essas anotações durante sete meses. Escrevia a lápis, de modo claro e virtualmente sem rasuras. Nas primeiras setenta e sete páginas do manuscrito usou um caderninho de notas: daí em diante, até o final (página 323), valia-se de um caderno maior de folhas soltas. O registro começa repentinamente e repentinamente termina. O próprio Krishnamurti não sabe dizer o que o levou a efetuá-lo. Anteriormente, não fizera coisa igual, nem tampouco a repetiu depois.

O manuscrito sofreu retoques mínimos. Retificou-se a grafia e a pontuação, com vistas a maior clareza; algumas abreviaturas, como a que ele usa invariavelmente, foram substituídas pelas palavras correspondentes; colocaram-se notas de rodapé e umas poucas interpolações, estas últimas entre chaves. Nos demais aspectos, o manuscrito é apresentado tal como foi concebido.

Uma palavra se torna necessária para explicar um dos termos nele empregados – "o processo". Em 1922, aos vinte e oito anos de idade, Krishnamurti passou por uma experiência espiritual que mudou a sua vida, e a que se seguiram anos de aguda e quase contínua dor de cabeça e na espinha. Revela o manuscrito que "o processo", – como ele denominava essa misteriosa dor – ainda prosseguira quase quarenta anos depois, embora de forma bem atenuada.

"O processo" era um fenômeno físico, que não se deve confundir com o estado de consciência a que Krishnamurti alude de várias maneiras nos cadernos, como a "bênção", a "outra coisa", "outra presença", "a imensidão", "aquela coisa singular", "o incognoscível", etc. Em tempo algum tomou remédios para "o processo". Jamais se utilizou de álcool ou de qualquer espécie de droga. Nunca fumou e durante os últimos trinta anos, aproximadamente, nem mesmo tomou chá ou café. A vida

toda vegetariano, esforçou-se continuamente por conseguir uma dieta farta e bem equilibrada. No seu modo de ver, o ascetismo, na vida religiosa, é tão destrutivo quanto os excessos. Com efeito, ele cuida do "corpo" (Krishnamurti sempre estabeleceu uma separação entre o corpo e o ego), tal como um oficial de cavalaria cuidaria de seu cavalo. Nunca sofreu de epilepsia ou de qualquer outro mal que pudesse suscitar visões ou fenômenos idênticos; tampouco pratica algum "sistema" de meditação. Estas afirmativas objetivam evitar a suposição de que os estados de consciência de Krishnamurti são ou foram provocados por drogas ou jejuns.

Neste singular "diário" temos o que se poderia denominar o manancial do ensino de Krishnamurti. Toda a sua essência aqui está, brotando de sua fonte nativa. Assim como consta destas páginas, que "cada vez existe nesta bênção algo de novo", uma qualidade "nova", um "novo" perfume, — mas que, no entanto, é imutável, assim também o ensinamento que daí emana nunca é exatamente o mesmo, embora muitas vezes repetido. Semelhantemente, árvores, montanhas, rios, nuvens, luz do sol, pássaros e flores, por ele várias vezes descritos, são sempre coisas "novas", porque vistas cada vez com olhos límpidos; cada dia elas são para ele percepções inteiramente novas, e deste modo as vemos nós também.

A 18 de junho de 1961, data em que Krishnamurti iniciou estas anotações, ele se achava em Nova Iorque, hospedado com amigos em West 87th Street. Para lá fora a 14 de junho, ao sair de Londres, onde durante seis semanas proferiu doze palestras. Antes de ir para Londres, esteve em Roma e Florença, e, anteriormente, durante os três primeiros meses do ano, na Índia, falando em Nova Deli e Bombaim.

Mary Lutyens

SOBRECAPA

Há mais de vinte anos publicamos obras de Krishnamurti e o seu conteúdo constitui-se em geral de perguntas e respostas. Esses livros, em forma de palestras e diálogos, têm despertado largo interesse e, sem dúvida, vêm sendo utilíssimos na elucidação de problemas de grande número de pessoas.

Agora, entretanto, temos um outro tipo de livro, no qual o próprio Krishnamurti escreve diretamente sobre seus pensamentos e experiências. Em junho de 1961 começou ele a manter um registro cotidiano de suas percepções e estados de consciência. É uma espécie de diário, porém nele não há qualquer preocupação com o processo da vida do dia-a-dia, embora o autor esteja bem a par das ocorrências do mundo. Cobrindo sete meses de sua vida, publica-se o texto quase exatamente como foi escrito, com um mínimo de revisão.

Mary Lutyens (que publicou alguns dos primeiros livros de palestras) contribui com um breve prefácio, e nele diz: "Ele escreveu com clareza, a lápis, virtualmente, sem rasuras... o registro começa abruptamente e assim termina. O próprio Krishamurti não sabe dizer o que o levou a iniciá-lo. Anteriormente, não escrevera nenhum registro, nem tampouco preparou nenhum outro depois disso".

Neste registro diário e único temos o que se poderia denominar de manancial do ensino de Krishnamurti. Toda a sua essência aqui está, brotando sua fonte natural. Tal como ele próprio escreve nestas páginas que "cada vez há algo de novo nesta bênção, uma qualidade nova, um novo perfume, mas que, no entanto, é imutável", também o ensinamento que daí jorra nunca é estritamente o mesmo, apesar de muitas vezes repetido. De igual modo, árvores, montanhas, rios, nuvens, a luz do sol, pássaros e flores por ele descritos repetidamente, são sempre novos, porque vistos cada vez com olhos límpidos; cada dia há para ele percepções diferentes, e assim elas se tornam também para nós.

Krishnamurti estava em Nova Iorque quando começou a escrever este registro e sua visita àquela cidade foi a culminância de meio ano de muito trabalho na Índia, assim como em Roma, Florença e Londres. Havia realizado muitas palestras em todos esses lugares e continuara viajando e falando em público, enquanto escrevia este diário. Sua descrição do êxtase que sentia quase que diariamente, conquanto sempre de maneira inesperada e acompanhada de aguda dor física, será de imenso significado não só para aqueles que acompanham a sua pregação, mas para todos os que estão interessados nos mais elevados e humanos estados de consciência.

18 de junho (Nova Iorque, 1961)

Anoitecia; de repente, inundando o quarto, sentia-se uma grande manifestação de beleza, suavidade. Outros também o notaram.

19 de junho

E durante a noite, ao acordarmos,* o sentimento continuava. A cabeça doía quando estávamos a caminho para tomar o avião, e em vôo para Los Angeles. A purificação do cérebro é necessária. O cérebro é o centro de todos os sentidos; quanto mais afinados e atentos estiverem os sentidos, tanto mais vigilante estará o cérebro; ele é o centro da memória, o passado; é o depósito da experiência e do conhecimento, da tradição. Portanto, é limitado, condicionado. Suas atividades são planejadas, refletidas, raciocinadas, mas por funcionar dentro de limites, no tempo-espaço, não pode ele formular nem entender o que é integral, o todo, o absoluto. O absoluto, a totalidade é a mente; ela se acha vazia, e por causa deste vazio, o cérebro existe no tempo e no espaço. Ao purificar-se o cérebro do seu condicionamento, da avidez, da inveja, da ambição, poderá ele, então, compreender o que é integral.

O amor é essa integridade.

20 de junho

No carro, a caminho de Ojai,** começou de novo a pressão e o sentimento de imensa vastidão. Não é que experimentássemos aquela

---

* Primeira pessoa do plural em lugar da primeira do singular. Sempre que Krishnamurti se refere a si mesmo utiliza a forma "nós". (N.T.)

** Vale de Ojai, situado a 80 milhas ao Norte de Los Angeles.

vastidão; ela estava simplesmente ali; não havia centro em que a experiência ocorresse, ou do qual ela surgisse. Os carros, as pessoas, os cartazes, tudo aparecia com surpreendente nitidez e a cor era dolorosamente intensa. A "coisa" durou mais de uma hora, e a cabeça continuava a doer muito.

O cérebro pode e deve desenvolver-se; esse desenvolvimento decorrerá sempre de uma causa, de uma reação, da violência para a não-violência, e assim por diante. O cérebro deixou de ser primitivo, mas, ainda que refinado, inteligente, ou técnico, permanecerá sempre dentro dos limites do tempo e do espaço.

Ser anônimo é ser humilde; não consiste isso na mudança de nome, ou de vestuário, nem na identificação com o que pode ser anônimo, com um ideal, um ato heróico, a pátria, etc. Esse anonimato criou-o o cérebro, é um anonimato consciente; existe, porém, o anonimato que surge com a percepção do absoluto. O absoluto nunca se encontra na área do cérebro ou da idéia.

21 de junho

Ao acordarmos, às duas horas aproximadamente, sentimos uma estranha pressão; era uma dor mais aguda, mais no centro da cabeça. Durou cerca de uma hora e o sono foi repetidamente interrompido com a intensidade da pressão. E a cada vez o êxtase aumentava; era uma alegria constante. Mais tarde, sentados na cadeira do dentista, sentimos de novo aquela mesma pressão. O cérebro aquietou-se; palpitava, plenamente vivo; todos os sentidos estavam despertos; os olhos viam a abelha na janela, a aranha, os pássaros e as montanhas violáceas distantes. Viam tudo isso, porém o cérebro não o registrava. Sentíamos o cérebro palpitante, como uma coisa tremendamente viva, vibrante, e, portanto, ele não se limitava a registrar. A pressão e a dor eram intensas e o corpo deve ter adormecido. É essencial o autoconhecimento. A imaginação e a ilusão distorcem a clara observação. Existirá a ilusão sempre que houver a ânsia de prolongar o prazer ou de evitar a dor; o desejo de conservar ou de recordar as experiências agradáveis e a fuga à dor, ao sofrimento, também gera a ilusão. Para que cesse a ilusão é preciso compreender o prazer e o sofrimento, mas não pelo controle ou pela sublimação, ou mesmo pela identificação e resistência.

A observação clara e precisa só é possível com a quietude do cérebro. E pode ele aquietar-se? Claro, mas só quando o cérebro, tendo atingido um estado de extrema sensibilidade, em que se torna incapaz de distorcer as coisas, se acha passivamente cônscio.

A pressão continuou por toda a tarde.

22 de junho

Ao despertarmos, no meio da noite, experimentamos um estado de espírito de incalculável expansão; a própria mente era este estado. A "sensação" desse estado era despojada de todo sentimento, de qualquer emoção, porém muito concreta e real. Perdurou longo tempo; a pressão e a dor, em toda a manhã, foram intensas.

A destruição é essencial. Não de edifícios e coisas, mas de todos os mecanismos de defesa psicológica adotados pelo homem, dos seus deuses, das suas crenças, da dependência de cunho religioso, das experiências, do conhecimento, etc. A criação só é possível quando tudo isto deixar de existir. Ela surge do estado de liberdade. Ninguém pode ajudar-nos a destruir essas defesas; isto só é possível através do autoconhecimento.

Reformas sociais ou econômicas acarretam mudanças superficiais de maior ou menor alcance, mas sempre dentro do limitado campo do pensamento. Para que ocorra a revolução total, o cérebro tem de renunciar à sua íntima e secreta estrutura de autoridade, de inveja, do medo, e assim por diante.

A força e a beleza de uma folha tenra de planta está em sua extrema vulnerabilidade. Como o capim que brota do calçamento, ela tem a virtude de suportar o aniquilamento.

23 de junho

Não pertence ao indivíduo a capacidade de criar. Ela cessa de existir quando prevalece a individualidade, com suas aptidões, talentos, técnicas, etc. Criar é seguir o movimento da incognoscível essência do todo; a criação jamais exprime a parte.

Exatamente na hora em que nos deitamos, percebemos a presença do absoluto em *il L.** Era uma bênção que não invadia apenas o quarto, mas parecia espalhar-se por toda a terra, de ponta a ponta.

A pressão, com sua dor peculiar, persistiu a manhã toda. E, à tarde, ainda continuava.

Sentados na cadeira do dentista, olhávamos pela janela, vendo, além da cerca, a antena de TV, o poste telegráfico, as montanhas purpurinas. Não víamos apenas com os olhos, mas com a cabeça toda, como se a visão viesse da base do crânio, da totalidade de nosso ser. Foi uma experiência estranha em que não havia um centro, de onde se originasse a observação. As cores, a beleza e os contornos das montanhas sobressaíam muito.

Qualquer movimento do pensamento deve ser compreendido, uma vez que todo pensamento é reação, e a ação daí resultante só aumenta a confusão e o conflito.

24 de junho

Ontem, a pressão e a dor foram constantes; a situação se torna cada vez mais difícil. Basta ficarmos sozinhos para que ela recomece. Mas, não existia o desejo de vê-la continuar nem tampouco nos sentiríamos desapontados se tal não ocorresse. Ela simplesmente existia, independente da nossa vontade. Transcendia toda razão ou pensamento.

Como é difícil e até mesmo indesejável a ação gratuita. Os valores sociais baseiam-se na ação que visa a resultado. Eis o que torna estéril e vazia a existência. E isto é também a causa do descontentamento desintegrador.

A satisfação embota a sensibilidade. Mas, o descontentamento gera ódio. Como a terra, constantemente arada mas na qual nunca se planta, ser virtuoso em busca das graças dos céus e da respeitabilidade social, torna a vida estéril. Esta ação, que visa um objetivo, forma uma cadeia de fugas de nós mesmos, ou daquilo que é.

Não existe beleza se formos incapazes de experimentar a essência das coisas. O belo não se encontra apenas no mundo exterior ou nos íntimos pensamentos, sentimentos e idéias; a beleza está além do pen-

---

* Uma casa situada ao norte de Florença, onde o autor se hospedara em abril.

samento e do sentimento. Eis o que constitui a essência da beleza, que não tem oposto.

A dor e a pressão, localizadas na base da cabeça, não cediam.

25 de junho

Ao acordarmos no meio da noite, verificamos que o corpo estava tranqüilo, estirado, de costas, e imóvel; ele deve ter permanecido nesta posição por um longo período. A pressão e a dor persistiam. O cérebro e a mente mantinham-se quietos. Não havia divisão entre eles. Como dois dínamos funcionando em alta velocidade, existia ali uma estranha e intensa quietude; não havia atrito nesta peculiar tensão; o fenômeno se processava em infinita dimensão, sem motivo ou direção, desprovido da cruel brutalidade do pensamento. Isso se prolongou por toda a manhã.

No decorrer do ano passado, costumávamos acordar para experimentar certos estados interiores ocorridos durante o sono. Era como se acordássemos meramente para que o cérebro registrasse a ocorrência. Mas, curiosamente, aquela experiência se dissolvia sem demora. O cérebro não a acumulava no rol das lembranças.

O importante é a destruição, não a mudança; esta é apenas a continuidade modificada do que foi. Todas as reformas sociais e econômicas são meras reações, uma continuidade modificada do que sempre existiu. Essa mudança não destrói as raízes do egocentrismo.

A destruição, no sentido em que empregamos a palavra, é sem motivo; é uma ação que não visa a objetivos nem resultados. A destruição da inveja é um processo total; tal ação, isenta de motivo, elimina a repressão e o controle.

É possível realizar esta destruição; basta, para tanto, ver a totalidade da inveja. Esta percepção é instantânea; ela não depende do tempo e do espaço.

26 de junho

Continuava forte aquela pressão, durante a tarde de ontem e por toda esta manhã. Algo, porém, havia mudado: a pressão e a tensão partiam da base do crânio, atravessava o palato e terminava no alto da cabeça. Persistia aquela estranha intensidade. Bastava ficarmos tranqüilos para que ela aparecesse.

O controle, sob qualquer forma, prejudica a compreensão global. O conformismo é a conseqüência de uma existência disciplinada; e ele jamais nos liberta do medo. O hábito destrói a liberdade; o hábito de pensar, de beber, e outros mais, conduzem a uma vida superficial e enfadonha. A religião organizada, com suas crenças, dogmas e rituais, impede o livre ingresso na vastidão da mente. É esta penetração que purifica o cérebro e dele elimina a noção do tempo e espaço. Uma vez desimpedido, o cérebro pode então ocupar-se com a questão do tempo e do espaço.

27 de junho

Como aconteceu em *il L.*, lá estava aquela terna presença, aguardando pacientemente. Abençoada e penetrante, como o clarão de um relâmpago em noite escura.

Algo de estranho ocorria no organismo físico. Não nos era possível localizá-lo com exatidão, mas sentia-se uma ânsia, um impulso; não se tratava de projeção, nascida da imaginação. Sua existência tornava-se palpável sempre que estávamos quietos, sozinhos, sob uma árvore ou no quarto; surgia premente sempre que íamos recolher-nos. Ao escrevermos estas linhas, a pressão e a tensão continuavam, com sua dor habitual.

Como é fútil tentar exprimir estas coisas verbalmente! As palavras, por mais acuradas e precisas, não transmitem a realidade.

Há uma grande e inefável beleza em tudo isto.

Existe, na vida, um único movimento, o exterior e o interior; este movimento é indivisível, embora se ache dividido. Estando dividido, a maioria segue o movimento exterior do conhecimento, das idéias, das crenças, da autoridade, da segurança, da prosperidade, etc. Em reação a tudo isto, há os que obedecem aos ditames da chamada vida interior, com suas visões, esperanças, aspirações, segredos, conflitos, desesperanças. Sendo este movimento uma reação, ele está em conflito com o mundo exterior. Disso nasce a contradição, com seu sofrimento, ansiedade e fuga.

O fluxo exterior e interior da existência forma um único movimento. Com a compreensão do mundo exterior, inicia-se o movimento interior, mas não em oposição ou em contradição entre si. Cessando o conflito, o cérebro, ainda que altamente sensível e alerta, aquieta-se. Somente então torna-se válido o movimento interior.

Deste movimento surge uma generosidade e uma compaixão que não resultam da razão ou do auto-sacrifício intencional.

A força e a beleza da flor estão em sua total vulnerabilidade.

Os ambiciosos desconhecem o belo. A beleza está na percepção da essência de todas as coisas.

28 de junho

Despertamos durante a noite gritando e gemendo; a pressão e a tensão, com sua dor peculiar, eram intensas. Devia ter começado há algum tempo e permaneceu ainda após termos acordado. Os gritos e gemidos ocorrem com freqüência. Não são provocados por indigestão. Aguardando a vez na cadeira do dentista, a coisa voltou novamente e persiste à tarde, enquanto se escrevem estas linhas. Torna-se mais perceptível quando estamos sozinhos, num belo lugar, ou até mesmo numa rua suja e barulhenta.

Não se pode definir ou interpretar o sagrado. Uma pedra no templo, uma imagem na igreja, ou o símbolo, nada disso é sagrado. Eles são santificados pelo homem, como objetos de adoração, nascida de seus intrincados anseios, temores e aspirações. Tal idolatria, porém, ainda se encontra no campo do pensamento; provém dele, mas no pensamento nada existe de novo ou santificado. O pensamento pode reunir um emaranhado de sistemas, dogmas, crenças, imagens e símbolos, porém suas projeções são tão sagradas quanto os projetos para a construção de uma casa, ou o desenho de um novo avião. Tudo isso se acha na área do pensar e nada existe de sagrado ou místico nesta atividade. O pensamento é matéria e pode ser transformado em qualquer coisa bela ou feia.

Existe, porém, o sagrado que não vem do pensamento, nem de um sentimento por ele reavivado. Não é reconhecível pelo pensar, nem pode ser por ele utilizado ou concebido. A palavra ou o símbolo não podem definir o sagrado. Ele é incomunicável. É um fato.

Um fato é para se ver, mas o ato de ver não se processa através da palavra. Quando se interpreta um fato, ele deixa de ser um fato; torna-se algo inteiramente diferente. O "ver" é da mais alta importância. Encontra-se fora do tempo-espaço, é imediato, instantâneo. E o que se vê é sempre novo. Não existe a repetição nem o processo gradual do tempo.

O sagrado prescinde do adorador, do observador que sobre ele medita. Não se trata de mercadoria posta à venda. Como a beleza, não pode ser visto através de seu oposto, pois não tem oposto. Ele está presente, inundando o quarto, transbordando por cima dos montes, atravessando os mares, cobrindo a terra.

Na noite passada, como já havia ocorrido antes, o corpo era apenas um organismo a funcionar, vazio e sereno.

29 de junho

A pressão e a tensão, com dor aguda, continuavam; era como se uma intervenção cirúrgica se processasse no âmago de nosso ser. Não se tratava de um ato voluntário, por mais sutil que fosse. Durante algum tempo, tratamos de investigar o fenômeno profundamente. Com o deliberado objetivo de compreendê-lo, tentamos provocá-lo buscando condições exteriores favoráveis ao seu aparecimento, como, por exemplo, ficarmos sozinhos e outras mais. Porém, tudo em vão. Não são recentes estes acontecimentos.

Amor não é apego. O amor não gera sofrimento. Ele desconhece o desespero ou a esperança. É impossível tornar o amor respeitável ou ajustá-lo ao esquema social. Em sua ausência, toda forma de agonia se instala.

Possuir e ser possuído são consideradas formas de amor. A ânsia de possuir uma pessoa ou um objeto não é apenas uma das exigências sociais e das circunstâncias, mas brota de uma fonte bem mais profunda. Surge das profundezas da solidão. Cada um procura preencher esta solidão de diferentes modos: bebendo, seguindo uma religião, adotando uma crença ou exercendo uma atividade qualquer. Apesar dessas fugas, a solidão permanece.

Ao comprometer-se o homem com alguma organização, crença ou atividade, deixa-se ele possuir por elas, negativamente; e, positivamente, isso significa possuir. A posse, tanto negativa como positiva, é considerada uma ação que visa ao bem, que se destina a transformar o mundo, e que representa o pretenso amor. Controlar ou moldar alguém, em nome do amor, exprime a ânsia de possuir; é o desejo de encontrar segurança e conforto psicológico numa pessoa. Buscar o auto-esquecimento mediante a identificação com outra pessoa, ou alguma atividade, conduz ao apego. Nisto só existe dor e desespero, com a conseqüente reação do desapego. Desta contradição entre o apego e o desapego nascem o conflito e a frustração.

Não podemos fugir da solidão; ela é um fato, e a fuga ao fato cria confusão e sofrimento.

Entretanto, nada possuir, nem mesmo uma idéia e muito menos uma pessoa ou uma coisa, é um estado extraordinário. Sempre que a idéia ou o pensamento criam raízes existe a posse, e daí nasce a luta pela libertação. Mas esta liberdade não é liberdade nenhuma, mas, sim, mera reação. O processo de reação se instala com suas raízes, que se alastram pelo solo da nossa existência. Cortar as raízes, uma por uma, seria um absurdo psicológico. Isso não é possível. O relevante é ver o fato da solidão; diante disso, tudo desaparece.

30 de junho

Ontem à tarde, a dor foi quase insuportável; durou várias horas.

Súbito, invadiu-nos a solidão, enquanto caminhávamos envolvidos pelas montanhas rochosas, violáceas, sem vegetação. Absoluta solidão. Ela estava em toda a parte e continha enorme e insondável riqueza; possuía aquela beleza transcendente ao pensamento e ao sentimento. Sem ser estática, era algo vivo que se movia preenchendo todos os cantos. O topo da montanha, rochoso e elevado, brilhava com o pôr do sol, e aquela luz colorida inundava o céu de solidão.

Como a gota de chuva que contém todas as águas do universo, aquela solidão era única, incomparável, bem diferente do isolamento. Não tinha qualidade, forma ou cor, coisas reconhecíveis, mensuráveis. Ela surgiu como um raio e enraizou-se. Apesar de sua integral presença, não havia germinado. Não havia tempo para a sua maturação; o tempo tem raízes no passado. Este era um estado sem raízes, sem motivo, portanto totalmente "novo", um estado que nunca existiu nem existirá, pois é uma coisa viva.

Tanto a solidão como o isolamento fazem parte do conhecido; há deles freqüentes experiências, reais ou imaginárias, e, portanto, são reconhecíveis. Do íntimo convívio com eles, nasce a auto-suficiência e o medo, dando origem ao cinismo e a diferentes deuses. Mas, o isolamento voluntário e a solidão não conduzem à verdadeira solidão; seu findar deve ser tão natural e espontâneo quanto o de uma delicada flor, livre de motivo ou busca de recompensa. O medo e o conformismo nascem da resistência. O cérebro deve libertar-se da astúcia.

Esta imensa solidão nada tem a ver com a agitação da consciência contaminada pelo "eu". Nela ocorre a criação. A criação destrói e, assim, ela é sempre da área do desconhecido.

A solidão permaneceu por toda a noite passada, e ao acordarmos, de madrugada, ela persistia.

Em descontínuas ondas de intensidade, a pressão e a tensão continuavam. A coisa, esta tarde, piorou sobremodo.

1.º de julho

É como se tudo estivesse parado. Não havia movimento nem a mais leve agitação, mas a ausência de qualquer pensamento ou visão. Igualmente, não existia o intérprete que traduz, que observa ou que condena. Só uma infinita e silenciosa vastidão. Não havia o espaço, nem o tempo necessário para percorrê-lo. Aqui estavam o começo e o fim de todas as coisas. Não há nada a dizer sobre o fenômeno.

Mais brandos, durante o dia, a pressão e o esforço eram, agora, mais agudos.

2 de julho

Apesar da conversa e das pessoas presentes, o fenômeno ocorrido na véspera, aquela sensação de infinita imobilidade, prosseguiu por toda a noite. E assim foi até de manhã. Súbito, em meio à exaltada conversa, aquela coisa surgiu. Sua presença extraordinariamente bela e grandiosa transmitia inefável êxtase.

Cedo, recomeçou a pressão e o esforço.

3 de julho

Estivemos fora o dia todo. Mesmo assim, e embora a cidade estivesse atulhada de gente, aquela aguda pressão e esforço não nos abandonaram durante a tarde.

4 de julho

Ainda que atarefados, a pressão permaneceu inalterada por toda a tarde.

Seja qual for a nossa ocupação diária, as experiências e os traumas que sofremos não devem deixar marcas. Essas cicatrizes se transformam no ego e, à medida que envelhecemos, o ego se fortalece, tornando-se suas muralhas quase impenetráveis.

5 de julho

Apesar da intensa atividade, sempre que havia um intervalo, a pressão e o esforço se faziam sentir.

6 de julho

Despertamos, a noite passada, envoltos em total quietude e silêncio; o cérebro estava completamente vivo e desperto; o corpo relaxado. Este estado durou cerca de meia hora. Isto, apesar de um dia exaustivo.

No auge da paixão e da sensibilidade é que experimentamos a essência das coisas. Isto é a beleza, que transcende a palavra e o sentimento. O volume e a proporção, a luz e a sombra estão limitados pelo tempo e pelo espaço, presos na contradição do belo e do feio. A beleza em si transcende a linha e a forma, o saber e a erudição.

7 de julho

Despertamos, várias vezes, gritando. E, de novo, sentimos aquela intensa tranqüilidade do cérebro e tivemos um sentimento de vastidão. Continuavam o esforço e a pressão.

O sucesso é brutal. Tanto no campo político quanto no religioso, como na arte ou no mundo dos negócios. A conquista do sucesso conduz à ausência de compaixão.

8 de julho

Pouco antes de adormecermos, repetiram-se os gritos e gemidos. O corpo estava agitado com a perspectiva da viagem que empreenderíamos àquela noite, para Londres (via Los Angeles). Sentia-se uma ligeira pressão e dor na cabeça.

9 de julho

Sentados no interior do avião, no meio de muito barulho, fumaça e vozerio, inesperadamente, sentimos aquela mesma imensidão, a extraordinária bênção que nos assaltou em *il L.*, trazendo consigo o sentimento do sagrado. Apesar do nervosismo e da tensão física provocados por aquele ambiente agitado, a "coisa" se manifestava. A pressão e a tensão eram fortes e havia dor aguda na base da cabeça. Aquele estado existia sem o observador. O corpo participava do processo, e foi tamanho e intenso o sentimento do sagrado, que um gemido se fez ouvir no meio dos passageiros. Durou aquilo várias horas, até tarde da noite. Era como se olhássemos não apenas com os olhos mas com um lastro cultural de milênios, e, assim, se tratava de acontecimento bem estranho. O cérebro estava completamente vazio, sem qualquer reação; só fomos tomar conhecimento do vazio ao escrevermos estas linhas, o que é mera descrição de um fato, não a coisa real.

Estranho fenômeno é a capacidade do cérebro de esvaziar-se a si próprio. Ao fechar os olhos, o corpo e o cérebro pareciam mergulhar em profundezas imensuráveis, em estados de incrível sensibilidade e beleza. O passageiro ao lado fez uma pergunta, e, ao respondermos, surgiu aquela intensidade; não havia continuidade, somente o ser existia. A madrugada surgia indolente e o céu claro enchia-se de luz. Ao escrevermos estas linhas, mais tarde, cansados, porém sem sono, ainda se sentia a presença do sagrado. A pressão e a tensão habitual prosseguiam.

10 de julho

Ao acordarmos, tomamos consciência de uma intensa energia localizada na cabeça. Embora gemesse, o corpo mantinha-se profundamente imóvel e distendido. Havia plenitude no quarto; já era tarde e a porta da casa vizinha fechou-se com violência. O cérebro estava alerta e sensível, apesar da ausência do pensamento e do sentimento. A pressão e o esforço causavam dor. Era uma estranha dor que não exauria o corpo. Impossível é descrever o que se passava no interior do cérebro, centro de tantos acontecimentos. Havia um sentimento de imensurável expansão.

11 de julho

A pressão e a tensão aumentaram, causando dor. De novo, o que havia de estranho nisso tudo é que o corpo não opunha nenhuma resistência àquele processo doloroso. Misteriosa energia parecia estar presente. Não há tempo para escrever.

12 de julho

A "coisa" piorou à noite passada, com gritos e gemidos. A cabeça doía. Apesar do pouco sono, o cérebro, atento e livre de qualquer idéia ou sentimento, penetrava num estado de expansiva intensidade.

O importante é a destruição, o completo esvaziamento do cérebro, devendo a reação e a memória dissipar-se sem qualquer esforço; dissipação envolve tempo, mas é o tempo que cessa, não a memória que termina.

Esse estado de infinita expansão, por que passávamos, e a essência do que sentíamos, diferiam totalmente da simples paixão ou sentimento. E o cérebro adquiriu aquela qualidade única e intensa, totalmente livre do desejo e da vontade, ou da experiência do passado. O cérebro era mero instrumento do explosivo e criador poder da mente. Criação implica destruição.

O processo continuava no avião.*

13 de julho

A tranqüilidade do local, as verdes colinas, a beleza das árvores, entre outros motivos, devem ter contribuído para que se intensificasse aquela pressão e esforço. A cabeça doía muito; piorava sempre que ficávamos sozinhos. Aquilo deve ter ocorrido a noite toda, pois acordamos inúmeras vezes, gritando e gemendo; mesmo durante o repouso, à tarde, a dor continuava intensa, acompanhada de gritos. Mas, aqui, o corpo está completamente relaxado. Na noite passada, após longo e agradável passeio de carro por uma região montanhosa, ao entrarmos no quarto, lá estava

---

* Em vôo para Genebra, de onde ele seguiu de carro até o chalé de um amigo em Gstaad.

aquela estranha e sagrada bênção. Outra pessoa também a sentiu.* E sentiu igualmente a atmosfera serena e penetrante. Havia um sentimento de imensa beleza e amor, e total plenitude.

O poder emana do ascetismo, da ação, do *status*, da virtude, da dominação, etc. São maléficas todas estas formas de poder. Corrompem e pervertem. O uso do dinheiro, do talento, da habilidade para obter o poder, ou o poder que disso emana, são sempre danosos.

Existe, porém, um poder inteiramente diferente dessa força nociva. Ele não se adquire com sacrifício, virtude, boas ações e crenças, nem tampouco mediante a adoração, as preces e meditações que visem ao auto-esquecimento ou à autodestruição. Todo esforço para ser ou para vir a ser alguém deve cessar naturalmente. Só assim poderá existir aquela força que não representa o mal.

14 de julho

O processo continuou por todo o dia, com pressão, tensão e dor na base da cabeça; acordamos várias vezes gritando e até durante o dia houve gemidos e gritos involuntários. A noite passada, o sagrado sentimento inundou o quarto, e o companheiro também o percebeu.

Como é fácil alguém iludir-se sobre quase tudo, em especial sobre exigências, necessidades e desejos mais profundos e sutis! É uma tarefa árdua ficarmos inteiramente livres de tais exigências e anseios. No entanto, precisamos libertar-nos deles, pois, do contrário, o cérebro cria toda forma de ilusão. Ansiar pela repetição de uma experiência, por mais agradável, bela e frutífera que tenha sido, é criar o terreno em que nasce o sofrimento. A paixão do sofrimento é tão limitante quanto a paixão do poder. O cérebro deve abandonar suas próprias tendências a fim de tornar-se totalmente passivo.

15 de julho

A noite passada o processo foi doloroso, ocasionando enorme cansaço e insônia.

---

* O amigo em cuja casa, em Gstaad, na Suíça, Krishnamurti se hospedara.

Acordamos no meio da noite, com um sentimento de imensurável força. Não a força desenvolvida pela vontade e pelo desejo, mas a existente num rio, numa montanha, numa árvore. O homem adquire essa energia ao libertar-se de toda forma de desejo e de vontade; isso não tem valor, não traz lucro ao ser humano, mas, sem ela, o homem nada significa, nem tampouco a árvore.

A ação humana se baseia na escolha e na vontade, produzindo contradição e conflito, e, portanto, sofrimento. Toda ação desse tipo tem uma causa, um motivo, e, daí, ser uma reação. A ação oriunda daquela força não tem causa, não tem motivo; e, desse modo, é imensurável, é mesmo a essência da vida.

16 de julho

O processo se prolongou por quase toda a noite; foi bastante intenso. É espantosa a resistência do corpo! O corpo inteiro tremia, e esta manhã, ao acordarmos, a cabeça balançava.

A singular presença inundava o quarto esta manhã. Cada recanto de nosso ser foi invadido por aquela força poderosa que a tudo purificava com sua ação sagrada. A outra pessoa também o sentiu. Eis a coisa pela qual todos anseiam e, por a desejarem tanto, ela lhes escapa. O monge, o sacerdote, o "sanyasi" torturam seu corpo e sua natureza no anseio de encontrá-la, mas ela igualmente lhes escapa. É que isto não pode ser adquirido; nenhum sacrifício, virtude ou oração poderá suscitar este amor. Esta vida, este amor, não existirão se a morte for o meio de alcançá-los. Toda súplica, toda busca devem cessar.

Não existe lógica na verdade. A verdade não pode ser medida, avaliada. Só se pode medir e dimensionar aquilo que não é vivo.

17 de julho

Após escalarmos a íngreme ladeira arborizada de uma montanha, fomos sentar em um banco. Inesperadamente, aquela sagrada bênção nos atingiu; embora nada disséssemos, o companheiro também a sentiu. Assim como muitas vezes inundou o quarto, agora, parecia cobrir toda a encosta e o vale que se estendia para além das montanhas. Ela estava em toda parte. Era como se o espaço não existisse; o que se encontrava

distante, o vasto desfiladeiro, os picos cobertos de neve e a pessoa sentada no banco logo desapareceram. Não havia um, dois, ou muitos, mas apenas aquela imensidão. O cérebro já não reagia, era apenas um instrumento de observação; via não como um cérebro pertencente a determinada pessoa, mas como um cérebro não condicionado pelos limites do tempo e do espaço, como a essência de todos os cérebros.

A noite estava calma e o processo havia diminuído de intensidade. Ao despertarmos pela manhã, aquela experiência teria durado talvez um minuto, uma hora, ou uma eternidade. Experiência transmitida não é uma verdadeira experiência; aquilo que tem continuidade deixa de ser experiência. Ao acordarmos, a intensa chama da atenção, da plena consciência e da criação, ardia furiosamente bem no íntimo, na imensurável profundeza da mente total. A palavra não é a coisa; o símbolo não é o real. O fogo que arde na superfície da vida passa, apaga-se, deixando atrás de si tristeza, cinzas e lembranças. A tal fogo dá-se o nome de vida, mas não é vida. Isto é decadência. O destruidor fogo da criação é que constitui a vida. Nele não há começo nem fim, não há o ontem nem o amanhã. É uma realidade, e nenhuma atividade superficial jamais o descobrirá. O cérebro deve morrer para que surja esta vida.

18 de julho

O processo tem-se aguçado, dificultando o sono; gritos e gemidos, mesmo durante o dia. A dor vem sendo bastante forte.

Junto com a forte dor, ao acordarmos, esta manhã, deu-se o clarão de uma percepção reveladora. Os olhos e o cérebro registravam as coisas exteriores, as árvores, as montanhas, os rios de águas velozes; também podem acumular conhecimento, técnica e assim por diante. Com estes mesmos olhos e cérebro, treinados para observar, para escolher, condenar e justificar, voltamo-nos para dentro, olhamos interiormente, reconhecemos objetos, elaboramos idéias, que se transformam em raciocínio. Esta visão interior não vai muito longe, pois ainda se acha nos limites de sua própria observação e razão. Esta íntima contemplação faz parte, também, da visão externa e, portanto, as duas não diferem muito. Aquilo que aparenta diferença, na verdade, pode não ser diferente.

Há, todavia, um tipo de observação que se diversifica da observação exterior voltada para o mundo interior. O cérebro e os olhos, cuja observa-

ção é parcial, não exercem a visão completa. Para tanto, precisam estar vivos e despertos, sem perderem a tranqüilidade; devem deixar de escolher e julgar, porém ficar passivamente cônscios. Então, aquela visão interior não sofrerá a influência do tempo-espaço, e do clarão da compreensão virá a nova percepção.

19 de julho

Ontem à tarde, o processo tornou-se mais doloroso. Ao anoitecer, a sagrada bênção surgiu inundando o quarto. A noite foi calma, embora a pressão e a tensão estivessem presentes, como o sol encoberto pelas nuvens; de manhã bem cedo, o processo recomeçou.

Parece que acordamos apenas para registrar uma dada experiência; isto tem acontecido freqüentemente, desde o ano passado. Despertamos esta manhã com um vivo sentimento de alegria; ele surgiu-nos ao acordarmos; não era uma coisa do passado, mas que estava acontecendo. Ela tinha existência própria, não era provocada pela própria pessoa; aquela avassaladora energia penetrava e fluía por todo o organismo. O cérebro não tomava parte naquilo, mas, apenas registrava, não como lembrança, porém como um fato real que estivesse ocorrendo. Por trás deste êxtase parecia haver imensa força e vitalidade; não se tratava de um sentimento, nem de uma sensação ou emoção, pois era tão sólido e real como aquela torrente que jorrava da montanha, ou o pinheiro solitário, na encosta verdejante. Toda sensação e emoção provêm do cérebro, mas não o amor, e daí a presença daquele êxtase. É com a maior dificuldade que o cérebro pode evocá-lo.

De manhã cedo sentimos uma bênção que parecia cobrir a terra e encher o quarto. Com ela, uma consumidora tranqüilidade, um total e envolvente silêncio.

20 de julho

O processo foi particularmente intenso ontem de tarde. No carro, enquanto aguardávamos, estávamos alheios ao que acontecia à nossa volta. Aquilo cresceu tanto de intensidade que se tornou quase insuportável, forçando-nos a deitar. Felizmente havia alguém no quarto.

O aposento foi tomado por aquela bênção. Impossível descrever o que se seguiu; as palavras são coisas mortas e de significados definidos; mas, este acontecimento transcendia qualquer palavra ou descrição. Era o centro de toda a criação; uma seriedade purificadora que esvaziava o cérebro de todo pensamento e sentimento, e que tinha a força de um raio destruidor; de incalculável profundidade mantinha-se imóvel, impenetrável, de uma solidez tão delicada quanto os céus. Ela estava nos olhos, na respiração. Mantinha-se nos olhos capazes de ver. Os olhos que viam, que olhavam, eram totalmente diferentes do órgão visual, e, no entanto, eram os mesmos olhos. Apenas o ato de ver existia, aquele olhar que transcendia o tempo-espaço. Clima de impenetrável sobriedade e paz, contendo a essência de todo movimento e ação. Virtude alguma a tocava, pois superava toda virtude e sanções humanas. Expressão do perecível amor, revelava a suavidade das coisas novas, vulneráveis, destrutíveis, superando tudo isto. Lá estava, imperecível, indescritível, para além do conhecimento. Pensamento algum poderia jamais penetrar aquele amor; ação alguma poderia jamais tocá-lo. Era puro, intocável, e, em conseqüência, mortalmente belo.

Tudo isto parecia atingir o cérebro; não era como antes. (Embora necessário, o pensamento é uma coisa bem trivial.) Em conseqüência daquela bênção, as relações parecem ter mudado. Assim como uma terrível tempestade ou um devastador terremoto alteram o curso dos rios, mudam a paisagem, cavam fundo na terra, assim também nivelaram-se os contornos do pensamento e transfigurou-se o coração.

21 de julho

Como de hábito, o processo continuava, a despeito de um resfriado e do estado febril. Tornou-se mais agudo e mais insistente. Até quando o organismo o suportará?

Ontem, ao passarmos pelo lindo e estreito vale, por suas íngremes encostas, cobertas de pinheiros e pelos verdes campos coalhados de flores silvestres, súbita e inesperadamente, durante uma conversa, desceu sobre nós uma bênção, como suave chuva. Tornamo-nos o centro da ocorrência. Era delicada, premente, infinitamente terna e serena, envolvendo-nos numa força que ultrapassava toda imperfeição e razão.

De manhã cedo, ao despertarmos, lá estavam aquela inalterável e purificadora seriedade e um êxtase sem causa. Eles simplesmente existiam. E, durante o dia, mesmo em atividade, mantinham-se em plano secundário,

mas emergiam insistentes quando estávamos em repouso. Há nisto premência e beleza.

Nenhum desejo ou imaginação poderia conceber tão profunda seriedade.

22 de julho

Aguardando a vez no escuro e abafado consultório médico, aquela bênção, que desejo algum pode conceber, surgiu e invadiu a pequena sala. E ali permaneceu até sairmos. É impossível dizer se o médico a sentiu.

Por que existe a deterioração, tanto inferior como exterior? Por quê? O tempo traz destruição a todos os sistemas mecânicos; ele traz o desgaste, pelo uso ou pela doença, a toda forma de vida orgânica. Por que existiria a deterioração interior, psicológica? Afora as explicações de um cérebro capaz, por que escolhemos sempre o mal e não o bem, o ódio em vez do amor, a avidez e não a generosidade, a atividade egocêntrica e não a ação franca, total? Por que tanta mesquinhez, quando há montanhas sublimes e rios cintilantes? Por que o ciúme e não o amor? Por quê? Ver o fato é uma coisa, e as opiniões, as explicações, outra coisa é. Ver o fato da decadência, da deterioração, é primordial, e não as razões e a origem desse fato. Perante o fato, a explicação pouco significa, portanto satisfazer-se com explicações, com palavras, é um dos principais fatores de deterioração. Por que a guerra e não a paz? A verdade é que somos violentos; o conflito, tanto interior como exterior, integra a nossa vida cotidiana na forma de ambição e busca de sucesso. A percepção deste fato, e não a sagaz explicação e a palavra sutil, põe termo à deterioração. A escolha, uma das maiores causas do declínio, tem de cessar totalmente para eliminar o processo da deterioração. O desejo de preenchimento e a satisfação e tristeza que daí emanam constituem também um dos fatores daquele processo.

Ao acordarmos de manhã, bem cedo, experimentamos aquela bênção. Era tamanha a sua luminosidade e beleza que fomos obrigados a sentar-nos. Mais tarde, ainda de manhã, descansando num banco à beira do caminho, sob uma árvore, sentimos a sua imensidão. Dava abrigo, proteção, como a árvore frondosa, cujas folhas nos protegiam contra o forte sol da montanha, sem impedir que a luz penetrasse. Quando existe liberdade, toda relação representa abrigo e proteção.

23 de julho

Acordamos esta manhã imbuídos de um grande sentimento de força, de beleza, de integridade. Não se tratava de algo já ocorrido anteriormente, de uma passada experiência que viesse à lembrança como num sonho, mas de alguma coisa que realmente acontecia. Estávamos conscientes dessa integridade, que não poderia corromper-se ou deteriorar-se. Tamanha era a grandiosidade daquele sentimento que o cérebro não podia assimilá-lo ou dele recordar-se; podia apenas registrar, mecanicamente, a existência daquele "estado" de ausência de corrupção. Experimentar esse estado é fundamental; ele ali estava, ilimitado, intocável, impenetrável.

Por ser incorruptível, havia nele beleza. Não a beleza que fenece, nem aquela criada pela mão do homem, tampouco a beleza contida no mal. Sentíamos que sua presença era sagrada, pois encerrava a essência de tudo. Era uma vida em que nada podia perecer. A morte é incorruptível, mas o homem a corrompe, assim como o faz com a vida.

Em tudo aquilo havia um sentido de poder, de energia, tão forte quanto a inabalável montanha, imune à corrupção de qualquer sacrifício, prece ou virtude.

Lá estava aquela energia poderosa; E NENHUMA ONDA DE PENSAMENTO PODIA corrompê-la, reduzindo-a a uma recordação. E os olhos, a respiração dela participavam.

O tempo, a indolência, corrompem. Aquele estado deve ter persistido durante certo tempo. A madrugada começava a surgir, e havia orvalho sobre o carro e a grama. O sol ainda não nascera, mas o esguio pico de neve destacava-se claro no céu cinza-azulado. Manhã encantadora, sem nuvem. Mas não duraria, tão bela era.

Por que nos aconteceria tudo isto? Nenhuma explicação satisfaz, embora se possa inventar dezenas delas. Certas coisas, porém, estão bem claras. 1. Precisamos estar "indiferentes" ao aparecimento e desaparecimento do fenômeno. 2. O desejo de continuidade ou de prolongar a experiência ou de armazená-la na memória devem estar ausentes. 3. É indispensável a sensibilidade física e determinada indiferença ao conforto. 4. Deve haver autocrítica e uma certa dose de humor. Ainda que, por acaso, tivéssemos tudo isso, sem ter sido deliberadamente cultivado, na busca do aperfeiçoamento e da humildade, mesmo assim isto seria insuficiente. É necessário possuir uma qualidade rara, totalmente diferente, se-

não será tudo em vão. É inútil perseguir a coisa, porquanto o seu aparecimento deve ser espontâneo. Podemos acrescentar também o amor, mas aquele acontecimento superava o amor. Uma coisa é certa: o cérebro jamais poderá contê-lo. Abençoado aquele que a conhece. A serena tranqüilidade do cérebro pode ser acrescentada à lista de requisitos.

24 de julho

O processo diminuiu de intensidade, pois o corpo há dias não tem passado bem; no entanto, apesar de fraco, de vez em quando, podíamos sentir a coisa a processar-se. É estranho como este processo se ajusta às circunstâncias.

Ontem, ao passar de carro pelo vale estreito, onde havia um regato correndo ruidosamente ao lado da estrada molhada, lá estava a bênção. Com o seu poder, tudo abrangia. O barulho do regato a integrava e nela estava contida, também, a elevada queda-d'água que formava o riacho. Era como a chuvinha miúda que caía e tornava a pessoa extremamente vulnerável; o corpo parecia ter-se tornado leve como uma folha, exposto e trêmulo. Isto continuou durante a longa e fria viagem de carro; a conversa se tornou monossilábica; e a beleza daquilo parecia inacreditável. Permaneceu por todo o anoitecer e, apesar das risadas, a sólida, a impenetrável seriedade permaneceu.

Ao acordarmos, hoje de manhã cedo, quando o sol ainda estava abaixo do horizonte, surgiu a extática seriedade. Ela abrangeu o cérebro e o coração, gerando um clima de imobilidade.

É fundamental o ato de olhar. Olhamos para as coisas imediatas e, preocupados em satisfazer as nossas necessidades básicas, olhamos para o futuro, colorido pelo passado. Essa visão é muito limitada e nossos olhos estão acostumados a ver aquilo que se acha mais perto de nós. Nosso olhar é tão limitado pelo tempo-espaço quanto nosso cérebro. Nunca olhamos, nunca vemos além deste limite; não sabemos como olhar através e além dessas fronteiras fragmentárias. Mas, os olhos têm de ver além delas, penetrando em profundidade e amplitude, sem discriminar, sem objetivar, sem fazer concessões; devem eles superar os limites das idéias e valores criados pelo homem e ser capazes, inclusive, de transcender o próprio amor. Haverá então uma bênção que nenhum deus pode conceder.

25 de julho

Apesar da palestra,* o processo continuava moderado, porém sem interrupção.

Despertamos bem cedo esta manhã e sentimos que a mente havia penetrado em profundidades desconhecidas. Era como se estivesse penetrado fundo em si mesma, e ao mesmo tempo parecia não haver movimento naquela viagem. Passávamos por um estado em que sentíamos algo imenso e de total plenitude.

É estranho que, apesar de as experiências diferirem sempre, ainda assim, o movimento permanece o mesmo; embora pareça mudar, ele é imutável.

26 de julho

Durante a tarde de ontem, o processo perdurou e foi bem doloroso.

Caminhando à sombra profunda de uma montanha, ao lado de um murmurante regato, quando o processo era intenso, sentimo-nos extremamente vulneráveis, indefesos, expostos, parecíamos não existir. Comovia a beleza da montanha coberta de neve, emoldurada pelos escuros bosques de pinheiros sobre as ondulantes colinas.

De manhã bem cedo, quando o sol ainda não havia surgido e o orvalho cobria a grama, inteiramente relaxados no leito, sem qualquer pensamento ou movimento, existia um ver que transcendia a visão superficial dos olhos, e que vinha da parte posterior da cabeça. Os olhos e aquele ponto da cabeça eram apenas o instrumento através do qual o imensurável passado contemplava o infinito atemporal. Mais tarde, ainda deitados, ocorreu uma nova visão, que parecia conter toda a vida.

Como é fácil iludir-nos, projetar fantasias que chegam a ser experimentadas, sobretudo quando se trata do prazer. Não há ilusão, nem decepção, se não existe o desejo, consciente ou inconsciente, de experimentar, se nada buscamos, ou se estamos indiferentes a toda forma de experiência.

27 de julho

Foi um belo passeio de carro por dois diferentes vales, até o cume de um desfiladeiro; o cérebro, tranqüilo, captava a grandiosidade e a solidão dos soberbos rochedos, de formas e curvas fantásticas, e a beleza

---

* A primeira das nove palestras proferidas em Saanen, aldeia próxima de Gstaad.

daquela montanha verdejante. Enquanto dirigíamos o carro, a estranha intensidade e a beleza dos dias passados abateu-se sobre nós. E a outra pessoa também o sentiu.

Acordamos bem cedo; o cérebro estava consciente da bênção e da poderosa energia como se fora um perfume; mas não se tratava de uma sensação ou emoção. Havia apenas aquela presença. Não importa o que façamos, elas estarão sempre presentes; isso é inevitável.

Durante a palestra de hoje, o cérebro com suas reações, pensamentos e projeções, estava ausente. Ele não funcionava, exceto, provavelmente, para recorrer às palavras necessárias.

28 de julho

Caminhávamos, ontem, por nossa estrada preferida, paralela ao ruidoso regato, no estreito vale de pinheiros escuros, campos floridos, e, ao longe, a imponente montanha, coberta de neve, e uma queda-d'água. Tudo era enlevo, paz, frescor. Ali, enquanto andávamos, surgiu aquela bênção sagrada, algo que quase podíamos tocar, e, interiormente, passávamos por transformações. O encanto e a beleza daquela noite singular não pertencia a este mundo. O imensurável sobreveio, propiciando um clima de paz.

Esta manhã, ao despertarmos, constatamos que o processo se intensificava; vinha por detrás da cabeça, avançando como uma flecha, com aquele som peculiar quando investe cortando o ar; era uma força, um movimento sem direção. Uma atmosfera de imensa firmeza e inacessível "dignidade" se fazia sentir. Junto com a austeridade que o pensamento não pode conceber, sentíamos uma pureza de infinita suavidade. Mas, isto são palavras, meras palavras, que jamais descreverão o real. O símbolo nunca é a realidade e em si mesmo nada exprime.

O processo perdurou toda a manhã, e uma taça, sem dimensões, parecia repleta, a ponto de transbordar.

29 de julho

Estivemos reunidos com algumas pessoas, e, ao se retirarem, sentimo-nos como que no limiar entre dois mundos. E, logo após, ressurgiu o mundo do processo e daquela infinita intensidade. Por que esta divisão?

As pessoas com quem falamos não eram sérias, ainda que pensassem sê-lo, sua seriedade era apenas superficial. Na impossibilidade de haver uma comunhão com elas, voltamos a sentir-nos constrangidos. De qualquer maneira, fora uma estranha experiência.

Enquanto conversávamos, um pequeno trecho do regato sobressaía por entre as árvores. Nada tinha de extraordinário, cena habitual do cotidiano, mas, enquanto olhávamos, várias coisas aconteciam, não apenas exteriormente, porém havia uma percepção global. Para haver madureza, é indispensável existir: 1. total simplicidade, que surge com a humildade, não em relação a coisas ou posses, mas na própria essência do ser. 2. paixão intensa, não apenas física. 3. beleza, sensibilidade tanto ao mundo exterior quanto àquela beleza que transcende o pensamento e o sentimento. 4. amor, a totalidade do amor, não aquilo que contém o ciúme, o apego, a dependência, ou o que se divide em carnal e divino. Referimo-nos à sua imensidão. 5. uma mente que, sem qualquer objetivo, penetre em suas próprias e imensuráveis profundezas sem barreiras, livre para vagar sem o limite do tempo-espaço.

O percebimento destas coisas e de todas as suas implicações surgiu de repente – apenas à simples visão de um riacho, entre galhos e folhas mortas, num dia chuvoso e sombrio.

Enquanto conversávamos, sem nenhum motivo especial – pois o assunto não era importante – vindo de enormes profundezas, subitamente, sentimos a poderosa e destruidora chama da criação. Seu poder se antecede à própria origem do universo, inatingível, por sua mesma força, que tornava impossível dele aproximar-nos. Só existia aquela poderosa força, aquela assombrosa imensidão.

Parte desta experiência deve ter "continuado" durante o sono, porque, ao acordarmos hoje bem cedo, a intensidade do processo nos despertou. Nem pensamentos, nem palavras podem descrever a singularidade, o amor e a beleza contidos naquele acontecimento. Imaginação alguma o conceberia, nem tampouco se tratava de uma ilusão. Sua força e pureza são inacessíveis a um cérebro, à mente sagaz. Estão fora do alcance das capacidades humanas.

30 de julho

O dia esteve nublado, carregado de nuvens escuras; choveu de manhã e esfriou. Depois da caminhada, conversávamos, porém estávamos mais interessados em contemplar a beleza da terra, das casas e das árvores escuras.

Inesperadamente, o clarão daquela força e poder inacessíveis nos abalou fisicamente. O corpo imobilizou-se, sendo necessário fechar os olhos para evitar o desmaio. Era dilacerante, e nada que ali estava parecia existir. A força imóvel e devastadora energia nela contidas consumiam as limitações da visão e da audição. Era algo de inefável grandeza e inconcebível dimensão.

De manhã cedo, ao raiar a aurora no céu sem nuvem e quando era ainda vago o contorno das montanhas cobertas de neve, acordamos com aquele sentimento de impenetrável força nos olhos e na garganta; parecia um estado palpável, uma presença inevitável. Durou cerca de uma hora e o cérebro permaneceu vazio. O pensamento não podia apreendê-lo, nem tampouco armazená-lo na memória para ser relembrado. Ele estava morto e somente aquela energia existia. O pensamento é funcional e só é útil nessa área; o pensamento não poderia concebê-lo, pois ele é o próprio tempo, e aquilo transcendia o tempo e a medida. Por se acharem ausentes, o pensamento e o desejo não poderiam interferir para garantir a continuidade ou a repetição daquele estado. Então, quem é que se lembra de escrever estas anotações? Trata-se de mero registro mecânico, mas o registro, a palavra, não é a coisa.

O processo abrandou-se, provavelmente, por causa das palestras, e também por haver um limite para a resistência do corpo, que pode, simplesmente, não suportá-lo.

31 de julho

Passeando ao longo do caminho que acompanha o impetuoso riacho, na atmosfera fresca e agradável, em meio a grande número de pessoas, sobreveio-nos aquela bênção, delicada como a folhagem, que continha enorme alegria. Mas, transcendiam-na a imensidão da inabalável força e do inacessível poder. Nela se presentia uma imensurável e insondável profundeza. Apesar da infinita "indiferença", fazia-se sentir com premente intensidade. Assim como uma grande e elevada represa contém o rio, formando um vasto lago, assim era aquela imensidão.

Mas, a cada momento, havia destruição; não a destruição que visa a uma nova mudança — a mudança nunca é nova — porém a destruição total do que foi para que jamais volte a ser. Não havia violência nesta destruição, há violência na mudança, na revolução, na submissão, na disciplina, no controle e na dominação: aqui, porém, toda violência, sob qualquer forma ou denominação, cessara totalmente. Eis a destruição criadora.

Entretanto, criação não significa paz. Paz e conflito pertencem à esfera da mudança e do tempo, ao movimento exterior e interior da existência, mas este não pertencia nem à área do tempo nem à do espaço. Era a destruição pura e absoluta, porque só então pode existir o "novo".

Esta manhã, ao despertarmos, a essência estava lá, devia ter permanecido ali a noite toda, e, ao acordarmos, parecia preencher a cabeça e o corpo por inteiro. E o processo prosseguia brandamente. Surgia sempre que estávamos quietos e sós.

Enquanto se escrevem estas linhas, a bênção estava lá como a suave brisa entre as folhas.

1.º de agosto

Era um belo dia e, passeando de carro pelo lindo vale, lá se achava aquela coisa incontestável; estava presente, como no ar, o céu e as montanhas.

Acordamos cedo, gritando, tal a intensidade do processo, mas, durante o dia, apesar da palestra,* transcorreu brandamente.

2 de agosto

Esta manhã, ao acordarmos, tivemos de permanecer sentados por algum tempo sobre a cama; costumávamos fazê-lo sempre, antes de nos levantar, mas, hoje, tal procedimento tornou-se uma urgente e imperiosa necessidade. Ao sentarmos, sobreveio-nos aquela grande bênção e, imediatamente, sentimos a integral presença da impenetrável força; no âmago daquela imensidão, reinava o silêncio. Era uma quietude inconcebível; violência alguma poderia criá-la, não tinha causa nem exprimia um resultado; era uma serenidade que existia bem no centro de um violento furacão. A imobilidade de todo movimento, a essência de qualquer ação, o próprio explodir da criação, que só ocorre neste silêncio.

Mais uma vez o cérebro foi incapaz de captá-la, ou de registrá-la na memória, no passado, pois esta força não se encontra na esfera temporal; não encerrava futuro, nem passado, nem presente. Se fosse do tempo, o cérebro poderia capturá-la e dar-lhe forma segundo os seus condicionamentos. Como esta quietude é a essência de todo movimento, a substância de toda ação, uma existência luminosa, sem manchas, as sombras do

---

* Quarta palestra em Saanen.

passado não podiam de maneira alguma nela interferir. Tamanha a sua imensidão que o tempo não poderia contê-la, nem o espaço poderia abarcá-la.

Tudo teria durado um minuto ou uma hora.

Antes de adormecermos, o processo foi agudo e se fez sentir moderadamente o dia todo.

3 de agosto

Acordamos cedo, com aquela forte sensação de uma coisa nova, de um mundo transcendente; era muito intensa e tão clara e pura como o raiar de um dia em um céu sem nuvens. A imaginação e a ilusão foram banidas da mente, pois não havia continuidade. Tudo existia sem jamais ter existido. Lá onde existe a permanência, existe a ilusão.

A manhã estava clara, embora logo as nuvens aparecessem. Da janela, viam-se as árvores e os límpidos campos. Uma coisa curiosa está acontecendo; há uma intensificação da sensibilidade. Sensibilidade não apenas à beleza, mas a tudo o mais. A grama era espantosamente verde; uma só folha de capim continha todas as gamas das cores; intensa, deslumbrante, e, no entanto, algo tão pequeno, tão fácil de destruir. Aquelas árvores eram a própria vida, sua altitude e profundidade; as linhas das majestosas colinas e as árvores solitárias exprimiam a totalidade do tempo e do espaço; e as montanhas contra o céu pálido transcendiam os deuses do homem. Era incrível ver, sentir tudo isto, simplesmente olhando pela janela. E os olhos purificaram-se.

É estranho como durante uma ou duas entrevistas – aquela energia, aquele poder inundou a sala. Parecia estar dentro de nossos olhos e da própria respiração. Manifestou-se repentinamente, com avassaladora pujança e intensidade; sua presença é, às vezes, mansa e suave. E vem independente de nossa vontade. Impossível habituar-se a ela, pois jamais existiu ou existirá. No entanto, é uma realidade.

O processo tem sido brando; provavelmente para isso contribuem as nossas palestras e as entrevistas que concedemos.

4 de agosto

Despertamos cedo; ainda estava escuro, mas logo a aurora surgiria; para o leste, havia uma pálida luz distante. O céu muito claro e o contorno das montanhas e morros já era visível. Havia grande silêncio.

Repentinamente, quando ainda no leito, com o pensamento parado e distante, sem o mais leve frêmito do sentimento, do vasto e profundo silêncio nasceu aquilo que era agora o inabalável e inesgotável ser. Firme, sem peso, sem medida; ali estava e nada mais existia além da completa solidão. As palavras sólido, imóvel, imperecível, de maneira alguma transmitem a qualidade da eterna estabilidade. Palavra alguma serviria para comunicar aquela presença. Autêntica, exprimia a totalidade e a essência de todas as coisas.

A sua pureza permaneceu, varrendo todo pensamento e ação. Assim como não podemos identificar-nos com as águas de um rio caudaloso, era impossível identificar-nos com aquilo. Nem poderia haver união entre nós e o que não tem forma, medida, qualidade. A coisa existe; eis tudo.

Como tudo se tornou tão amadurecido e delicado! E, estranhamente, toda a vida estava ali contida – como uma folha nova, sem defesa.

5 de agosto

Ao acordarmos cedo, ocorreu-nos uma fulminante percepção, uma visão que parecia não ter fim. Não tinha origem nem direção, mas abrangia todas as visões e todas as coisas. Ultrapassava os rios, as colinas, as montanhas, a terra, o horizonte e as criaturas. Nesta "visão" havia penetrante luz e incrível velocidade. O cérebro não podia acompanhar o que acontecia, nem tampouco a mente era capaz de abarcá-la. Era pura luz dotada de irresistível celeridade.

No passeio de ontem, a estonteante beleza da luz entre as árvores e sobre o gramado nos deixou sem respiração, a ponto de baquearmos.

Mais tarde, ainda de manhã, pouco antes do desjejum, como um punhal cravado em terra fofa, sobreveio-nos aquela poderosa bênção. Surgiu-nos como um relâmpago, e se foi com a mesma rapidez.

Ontem, à tarde, o processo esteve bem agudo, mas hoje, de manhã, diminuiu de intensidade. O corpo se acha enfraquecido.

6 de agosto

Após uma noite de sono inquieto, ao acordarmos, vimos que o processo durou a noite inteira; além disso, a bênção florescia. Era como se estivesse atuando em nós.

Ao despertarmos houve uma explosão, um extravasamento deste poder, desta força. Era como uma torrente brotando das rochas, do fundo da terra. Havia nisto um estranho e inconcebível êxtase, que nada tinha com o pensamento e o sentimento.

Existia ali uma faia, cujas folhas se agitavam ao sopro da brisa; este movimento era a própria vida.

7 de agosto

Estávamos esgotados ao fim da palestra* e das inúmeras entrevistas e, ao entardecer, saímos para uma pequena caminhada. Após um dia esplêndido, as nuvens que se acumulavam prenunciavam chuva para aquela noite. Cercavam as montanhas e o regato estava bem barulhento. Os carros levantavam a poeira da estrada, e sobre o rio, havia uma estreita ponte de madeira. Ao atravessá-la, enveredamos por um caminho cheio de vegetação, com flores multicoloridas cobrindo a verde encosta.

O caminho subia suavemente por trás de um estábulo, que se encontrava vazio; o gado tinha sido levado para pastar mais acima. Lá havia tranqüilidade, não existia ninguém, ouvindo-se apenas o murmúrio do regato. Silenciosamente sobreveio-nos aquele estado, de modo tão suave e natural que quase não o percebíamos. Espalhava-se por entre as flores, cobrindo a terra; éramos parte daquilo, não como observadores, porém intrinsecamente. Não havia pensamento nem sentimento, achando-se o cérebro extremamente quieto. De repente, surgiu uma pureza simples, nítida, delicada. Era um campo de inocência, para além do prazer e da dor, alheio a toda tortura da esperança ou do desespero. Sua presença purificava-nos a mente e todo o ser. Éramos parte daquilo, que transcendia qualquer avaliação ou palavra; a mente tornara-se transparente e o cérebro eternamente jovem.

O fenômeno durou algum tempo e, por ser tarde, tivemos de retornar.

Esta manhã, ao acordarmos, a bênção não voltou logo, mas ela estava lá, silenciando o pensamento e o sentimento. Enquanto escovávamos os dentes, a intensidade do processo era bem aguda. Ela surge e desaparece subitamente; nada pode freá-la, não há como fazê-la surgir.

O processo tem sido bastante agudo, com dor intensa.

---

* Paletra proferida no dia anterior.

8 de agosto

Ao despertarmos, tudo estava quieto, mas o dia anterior fora cansativo. Aquela tranqüilidade surpreendia, e prosseguimos com a nossa meditação. Inesperadamente, assim como se ouve um som distante, a coisa irrompeu, com delicadeza, mansamente e de súbito ali estava com toda sua potência. Deve ter durado alguns minutos. Porém, logo se foi, mas na profundidade da consciência ficou o seu perfume e, nos olhos, a grandiosa visão.

Durante a palestra, esta manhã, a bênção sagrada estava lá.* Interpretá-la, individualmente, é destruir a sua indescritível natureza. Interpretar é distorcer.

O processo tem sido agudo, enfraquecendo-nos o organismo. Mas, o importante é a incrível e pura beleza, não a beleza das coisas elaboradas pelo pensamento ou sentimento, nem a resultante do talento do artesão; referimo-nos à beleza do rio, que vagueia, generoso e indiferente, poluído e explorado, que se movimenta completo e rico em si mesmo. Esta força nada significa dentro da estrutura social e para o comportamento humano. Mesmo assim, permanece indiferente, grandiosa, intocável. Sem ela, nada existe.

9 de agosto

Novamente, esta manhã, ao despertarmos, sentimos que foi uma noite vazia; a palestra e as entrevistas do dia anterior foram demais para o corpo, que se encontrava exausto. Ao sentarmos na cama, estávamos tranqüilos; a natureza ainda dormia, nenhum ruído perturbava o silêncio do nublado amanhecer. Sem sabermos donde vinha, a poderosa bênção surgiu-nos plena e subitamente. O quarto transbordava da poderosa energia, que, ao partir, deixou atrás de si um sentimento de inefável transcendência.

Ontem, vagando pelas colinas, prados e regatos, no meio de agradável quietude e beleza, sentimos aquela estranha, profunda e tocante inocência. Brandamente, sem nenhuma resistência, penetrava em cada canto e esconderijo da mente, livrando-a de todo pensamento e sentimento. Esvaziava-nos

---

* Era a sétima palestra. Versava, principalmente, sobre meditação.

o ser, deixando-o completo. De repente, o tempo cessou. Todos perceberam aquele fenômeno.*

O processo continua, porém mais brando e profundo.

10 de agosto

Uma violenta chuva lavava a branca poeira que cobria as grandes e redondas folhas às margens da estrada de terra, que penetrava fundo nas montanhas. Àquela altitude, o ar era leve e suave; na leveza da atmosfera sentia-se o perfume da terra molhada pela chuva. Subindo pela estrada, notávamos a beleza da terra e a delicada linha das colinas íngremes contra o céu que escurecia; da montanha maciça, rochosa, com sua geleira e o vasto campo de neve; das inúmeras flores campestres. Belo e suave entardecer. As fortes e recentes chuvas tornaram barrentas as águas do impetuoso rio; ele havia perdido a incrível luminosidade da fonte montanhosa, mas, logo, e de novo, estariam transparentes as suas águas.

Enquanto olhávamos os sólidos rochedos, com suas curvas e formas, e a neve cintilante, num estado de sonho, sem nenhum pensamento, assaltou-nos a firme e imponente nobreza daquela força abençoada. Inundou logo o vale, e a mente tornou-se sem limites; a profundidade do fenômeno transcendia as palavras. Mais uma vez, havia inocência.

Ao acordarmos, hoje de manhã, bem cedo, lá se encontrava a bênção, perante a qual a meditação era uma coisa insignificante, e cessava todo pensamento e sentimento; mantinha-se o cérebro em total serenidade. A descrição não é o real. Aquela bênção era intocável, incognoscível. Ela, em sua imorredoura beleza, jamais se repetiria.

Foi uma manhã extraordinária. O fenômeno persistia há quatro meses seguidos, em quaisquer circunstâncias, não importando o ambiente e as condições físicas. Sem ser nunca o mesmo, é imutável; destrói e cria incessantemente. Seu poder e força superam qualquer comparação ou palavra. E nunca é contínuo; é morte e é vida.

O processo tem-se aguçado, e tudo aquilo parecia sem importância.

11 de agosto de 1961**

---

* Presumivelmente, passeava com diversos amigos.

** A partir dessa data, as anotações foram feitas num outro caderno, de maiores dimensões, em que, pela primeira vez, constava o ano em que foram compostas.

Sentados no carro, ao lado de um ruidoso regato que descia da montanha, por entre férteis campos verdejantes, e sob o céu do entardecer, a incorruptível inocência lá estava, bela em sua austeridade. A imobilidade do cérebro fora por ela atingido.

O cérebro se alimenta da reação e da experiência; vive de experiência. Mas, a experiência sempre limita e condiciona; a memória é o mecanismo da ação. Sem a experiência, sem o conhecimento e sem a memória, é impossível agir; mas tal ação é fragmentada, limitada. O raciocínio, o pensamento organizado são sempre incompletos; é estéril a idéia, a reação do pensamento, e a crença constitui o refúgio do pensar. A experiência serve apenas para reforçar, positiva ou negativamente, o pensamento.

O ato de experimentar é condicionado pela experiência, pelo passado. A liberdade está no esvaziar a mente de toda experiência. Quando o cérebro cessa de alimentar-se da experiência, da memória e do pensamento, quando morre para o ato de experimentar, sua atividade deixa de ser egocêntrica. Ele busca, então, o seu alimento em outras fontes. Eis o que torna a mente religiosa.

Ao despertarmos, esta manhã, fora do alcance da meditação ou do pensamento e longe das ilusões criadas pelos sentimentos, havia uma luz intensa bem no centro do cérebro e da consciência do próprio ser. Era uma luz que não projetava sombras, nem se enquadrava em qualquer dimensão. Permanecia imóvel. Com essa luz, achava-se presente aquela incalculável força e beleza, inacessível ao pensamento e ao sentimento.

Ao entardecer, intensificou-se o processo.

12 de agosto

Ontem, ao passearmos pelo vale, com as montanhas cobertas de nuvens e o rio mais agitado do que nunca, de espantosa beleza; no entanto, era idêntica a paisagem de prados, colinas e pinheiros escuros. Só que a luz havia mudado; tornara-se mais suave, com uma claridade que, sem projetar sombra, tudo parecia iluminar. Do alto da estrada via-se uma fazenda, cercada de verdes pastos. Era um prado verdejante, de um verde raro, mas aquela pequena casa e o pasto continham toda a terra e a humanidade. Havia ali a qualidade do absoluto, a definitiva beleza, livre das torturas do pensamento e do sentimento. A beleza de um quadro, de uma canção, de um edifício foi feita para ser comparada, criticada, acumulada; mas

aquela beleza não era fabricada pelo homem. Todo artesanato humano deve ser definitivamente negado, para que esta beleza possa existir. Para tanto, é necessário haver completa inocência e austeridade; não a inocência pelo pensamento, nem a austeridade do sacrifício. Só quando o cérebro está livre do tempo, por haver cessado de reagir, é que surge a austera inocência.

Acordamos bem antes de raiar o dia, quando o ar costuma estar parado e a terra aguarda a chegada do sol. Despertamos com determinada lucidez e uma premência que exigia completa atenção. O corpo estava imóvel, sem esforço ou tensão. No interior da cabeça processava-se um fenômeno singular. Um imenso rio, com enorme volume de água, fluía por entre altos rochedos de granito polido. Esse granito brilhava às margens do caudaloso rio, e nele nada crescia, nem mesmo uma folha de capim; só existiam aquelas rochas lustrosas a perder-se de vista. O rio seguia o seu curso, silenciosamente, sem um murmúrio, indiferente, majestoso. Tudo aquilo ocorria de fato, não era sonho, visão, nem um símbolo a ser interpretado. Estava ocorrendo ali, sem a menor dúvida; não era produto da imaginação. Pensamento algum poderia inventá-lo; era tão grandioso e verdadeiro, que o pensamento não seria capaz de formulá-lo.

A imobilidade do corpo e o enorme rio a fluir entre as polidas paredes de granito do cérebro, duraram precisamente hora e meia. Pela janela aberta, víamos a aurora surgindo. Não havia engano possível quanto à realidade do que estava ocorrendo. Durante aquela hora e meia, o ser inteiro estava atento, sem esforço, sem devaneio. E, de repente, tudo cessou e fez-se dia.

Esta manhã a bênção inundou o quarto. Chovia muito, porém mais tarde o céu estaria azul.

O processo, com sua pressão e dor, continua brando.

13 de agosto

Assim como o caminho que leva ao alto da montanha não representa a montanha, a palavra não exprime a imensidão. E, no entanto, ao subirmos pela encosta da colina, com o pequeno regato fluindo ao pé da rampa, lá estava a extraordinária e indescritível imensidão; impregnava a mente e o coração, e cada gota de orvalho sobre a folha e sobre a grama com ela cintilava.

Chovera a noite toda e durante a manhã, e o céu encontrava-se coberto de pesadas nuvens; mas, agora, o sol surgiu sobre as altas colinas,

e havia sombras nas verdes e imaculadas campinas cobertas de flores. A grama estava molhada e o sol iluminava as montanhas. No alto do caminho, havia encantamento e uma conversa entrecortada não parecia de modo algum ofuscar a beleza dessa luz nem a simplicidade daquela paz campestre. O puro êxtase e alegria dessa imensidão lá estavam.

Ao acordarmos de manhã, novamente deparamos com aquela força impenetrável e de abençoado poder. Despertou-nos a sensibilidade, e o cérebro estava dela consciente, sem reagir. Clareou o céu acentuando a beleza das Plêiades. O sol nascente sobre a montanha, coberta de neve, era a luz do mundo.

Durante a palestra,* lá estava aquela energia, intocável e pura; à tarde, no quarto, veio com a velocidade do relâmpago e desapareceu. Porém, de certo modo, sua presença é constante, com estranha inocência e olhar imaculado.

O processo, que se intensificou à noite passada, prosseguia agudo, agora, enquanto se escrevem estas linhas.

14 de agosto

Embora o corpo estivesse extenuado, esta manhã, após a palestra de ontem e dadas inúmeras entrevistas, sentados no interior do carro, sob uma árvore frondosa, ocorreu um estranho fenômeno. Era algo de totalmente desconhecido para o cérebro, com suas reações costumeiras; estava fora de seu alcance. No íntimo, processava-se uma atividade que eliminava toda e qualquer barreira. Mas, é impossível descrever a sua natureza. Como águas subterrâneas que emergem até a superfície, assim era aquela atividade, muito mais profunda por transcender a consciência.

Estávamos conscientes do aumento de sensibilidade cerebral; a cor, a forma, o contorno, toda a estrutura das coisas, tornaram-se mais intensos e extraordinariamente vivos. As sombras pareciam ter vida própria, tamanha a sua profundidade e pureza. Era um belo e silencioso crepúsculo; a brisa soprava entre as folhas, e a folhagem da faia tremulava e dançava. O fino e alongado caule de uma planta, com uma coroa de flores brancas, ligeiramente rosadas, erguia-se como um guardião à beira do regato que descia da montanha. O poente dourava o rio, e as matas eram de um silêncio profundo; até os carros que transitavam pareciam não perturbar aquele silêncio. As montanhas, cobertas de neve, afundavam nas nuvens escuras e pesadas; e os prados purificaram-se.

---

* Sua última palestra. Relacionada principalmente com a mente religiosa.

A totalidade da mente encontrava-se muito além de toda experiência. E aquele que meditava silenciara.

15 de agosto

Passeando às margens do rio, com as montanhas cobertas de nuvens, houve instantes de profundo silêncio, semelhantes aos brilhantes retalhos do céu azul entre as nuvens que se separavam. Era uma noite fria, cortante, com uma brisa que vinha do Norte. A criação não é para os talentosos, para os bem dotados; esses conhecem a criatividade, mas nunca a criação. Criar é transcender o pensamento, a imagem, a palavra e a expressão. A criação é intransmissível, porquanto não pode ser formulada, nem tampouco expressa em palavras. Podemos apenas senti-la em estado de total lucidez. Mas, é impossível utilizá-la ou colocá-la à venda no mercado.

O cérebro, com suas inúmeras e complexas reações, não pode compreendê-la, porquanto não dispõe de meios para entrar em contato com a criação; ele é incapaz de fazê-lo. O conhecimento é um obstáculo e, sem autoconhecimento, nada se cria. O intelecto, o afiado instrumento do cérebro, não pode conceber a criação. O cérebro, com suas secretas exigências e buscas, com suas numerosas e astutas virtudes, deve permanecer quieto, mudo, e ao mesmo tempo, alerta e silencioso. Assar um pão ou escrever um poema não é criação. Para tanto, tem de ser natural e espontâneo, e, livre de conflito ou dor, o findar de toda atividade cerebral. Não deve haver nem sombra de conflito ou imitação.

Só então ocorre o espantoso movimento da criação. Ela surge da completa negação; sem ser um processo dependente do tempo, a criação transcende o espaço. Resulta da morte total, do completo aniquilamento.

Havia silêncio dentro e fora de nós, ao acordarmos, hoje de manhã. O corpo e o cérebro, sempre tão calculista e avaliador, estavam calmos e imóveis, embora altamente sensíveis e atentos. E, mansamente, ao raiar do dia, brotando de uma fonte desconhecida, sobreveio-nos aquela força, com sua energia e pureza. Parecia não ter raízes, não ter causa, mas estava lá, intensa e sólida, de incalculável dimensão e profundidade. Permaneceu assim durante algum tempo, medido pelo relógio, e se foi, como uma nuvem que desaparece atrás da montanha.

Cada vez existe algo de "novo" naquela bênção, uma qualidade "nova", um "novo" perfume; no entanto, é ela imutável. É o próprio incognoscível.

O processo esteve agudo durante certo tempo e ainda perdura, porém de forma atenuada. Tudo é estranho e imprevisível.

16 de agosto

Havia uma faixa de céu azul entre duas nuvens imensas; era um azul claro, cintilante, suave e penetrante. Seria tragado em poucos minutos e desapareceria para sempre. Jamais se veria um céu de colorido igual. Chovera a maior parte da noite e da manhã, e havia neve recente sobre as montanhas e sobre os montes mais elevados. Os prados estavam mais verdes e mais viçosos do que nunca, mas aquele ínfimo retalho do céu azul não voltaria a ser visto. Ele continha a luz do céu e o azul de todos os firmamentos. Enquanto o contemplávamos, sua forma começou a mudar e as nuvens se apressaram a cobri-lo, para que não ficasse demasiadamente exposto. Desapareceu completamente. Mas o prodigioso efeito de sua visão ainda permanece.

No instante em que descansávamos no sofá, contemplando o movimento das nuvens, surgiu, de repente, aquela bênção pura e inocente. Inundou completamente a sala e o coração; de peculiar e penetrante intensidade, sua beleza derramava-se sobre a terra. O sol refletia-se numa faixa de campo verde-cintilante, e os escuros pinheiros se mantinham silenciosos e indiferentes.

Esta manhã, ainda bem cedo, poucas horas antes de o dia raiar, ao acordarmos insones, sentimos incontrolável alegria; não havia causa, nenhum sentimentalismo, nem exagero emocional, ou mesmo qualquer entusiasmo que a ocasionasse. Era uma alegria pura, simples, imaculada, e rica, de todo inocente. Não havia pensamento ou motivos por trás dela, nem podíamos compreendê-la, pois era inteiramente gratuita. Esta imensa alegria jorrava-nos de todo o ser, cujo interior era extremamente vazio. Assim como um jato de água brota da encosta de uma montanha, naturalmente e sob pressão, assim esta alegria jorrava em abundância, sem princípio ou direção; mas, ao conhecê-la, o coração e a mente jamais seriam os mesmos.

Enquanto ela irrompia, não percebíamos a essência daquela alegria; ela, no entanto, existia e sua natureza só se manifestaria, provavelmente, perante o tempo, mas este não teria como dimensioná-la. O tempo é mesquinho e não pode avaliar o que é abundante.

O corpo continuava fraco e vazio, mas, durante a noite passada e hoje pela manhã, o processo se tornou agudo, cessando logo após.

17 de agosto

O dia esteve nublado, chuvoso, e soprava um vento do Noroeste, violento e frio. A caminho da cascata, que dava origem ao rio caudaloso, seguimos a pé por estradas e ladeiras semidesertas, lado a lado com aquele rio impetuoso, mais veloz que nunca. À medida que subíamos pela estrada, com o vento batendo às costas, o estreito vale alargava-se e o sol iluminava partes da verde e cintilante pastagem. A estrada estava sendo ampliada e, à nossa passagem, éramos saudados pelos trabalhadores com um cordial sorriso, e algumas palavras em italiano. Haviam trabalhado o dia todo, cavando e carregando pedras, e parecia incrível que ainda pudessem sorrir. Mas, sorriam – e, mais adiante, debaixo de um grande galpão, uma máquina moderna cortava madeira, furava e serrava formas em pesadas tábuas. O vale abria-se cada vez mais e, pouco além, havia uma aldeia e, mais adiante, surgiu a queda-d'água oriunda da geleira localizada no alto da rochosa montanha.

Sentia-se mais do que se via a beleza da terra, o cansaço das pessoas, a velocidade do rio, a quietude dos prados. Ao retornarmos, próximo do chalé, pesadas nuvens cobriam o céu e, num instante, o poente estava sobre os rochedos, no alto da montanha. Aquela mancha de luz solar a refletir-se na superfície das rochas revelava uma profundidade de beleza e sentimento que nenhuma imagem podia conter. Pareciam possuir luz própria, brotando do seu interior, serena e inesgotável. O dia havia terminado.

Foi só ao acordarmos, bem cedo na manhã seguinte, que nos cientificamos do esplendor da noite anterior e do amor que ela suscitou. A consciência não pode conter a imensidão da inocência; está apta a recebê-la, mas não pode buscá-la nem cultivá-la. A totalidade da consciência tem de aquietar-se, cessando todo desejo e busca. Aquilo que não tem começo nem fim surge quando a consciência silencia. Meditar é esvaziar a consciência, não com o intuito de receber, mas para despojar-se de toda finalidade. É preciso haver espaço para o silêncio, não o espaço criado pelo pensamento e suas atividades, mas aquele que vem através da negação e da destruição, quando nada mais resta do pensamento e de suas projeções. Só no vazio ocorre a criação.

Ao acordarmos cedo, esta manhã, a beleza daquela força, com sua inocência, alojada no fundo de nosso ser, emergia à superfície da mente. Sua infinita flexibilidade a tornava imune a qualquer tentativa de moldá-la; não se ajustaria nem se conformaria ao padrão imposto

pelo homem. Não seria aprisionada por símbolos ou palavras. Mas, ali estava, imensa, intocável. Qualquer meditação parecia, então, fútil e tola. Só ela estava presente, e a mente tranqüila.

Várias vezes durante o dia, de modo imprevisível, aquela bênção surgia e se desvanecia, tornando inúteis desejos e súplicas.

O processo continua suavemente.

18 de agosto

Choveu a maior parte da noite e esfriou muito; a neve cobria as mais altas colinas e montanhas. O vento era cortante, e as verdes campinas reluziam intensamente. Ainda chovia durante o dia, mas à tarde clareou e o sol apareceu entre as montanhas. Vínhamos por um caminho que ligava a aldeia à outra, passando por entre fazendas e campos de um verde exuberante. Os postes que suportavam os pesados cabos elétricos erguiam-se surpreendentemente contra o céu do anoitecer; ao contemplarmos aquelas imensas estruturas em contraste com nuvens flutuantes, impelidas pelo vento, percebemos a beleza e infinito poder. Ao cruzarmos a ponte de madeira, o rio estava mais cheio por causa das chuvas; ele corria veloz, movido pela energia e poder próprios dos rios montanhosos. Olhando para o movimento do rio, firmemente contido pelas margens formadas por rochas e árvores, sentimos o movimento do tempo, o passado, o presente e o futuro; a ponte era o presente e a vida toda se passava através dele.

No entanto, transcendendo tudo isso, ao longo do caminho encharcado pela chuva e coberto de neve derretida, havia uma coisa nova, um mundo intocável pelo pensamento humano, por suas atividades e por seu interminável sofrimento. Esse mundo não era produto da esperança ou da crença. Naquele momento, não o percebíamos com nitidez, tantas eram as coisas para observar, sentir e cheirar: as nuvens, o céu pálido por trás das montanhas, o sol entre elas, e a luz do entardecer sobre as campinas brilhantes, o odor dos estábulos, e as flores vermelhas em torno das fazendas. Aquela poderosa energia abrangia tudo, atingindo as menores coisas e, enquanto permanecíamos acordados, na cama, ela surgiu como uma bênção, inundando a mente e o coração. E sua sutil beleza, sua paixão e amor se fizeram sentir. Não se tratava do amor das imagens, evocado por símbolos, quadros e palavras, nem encoberto pela inveja e pelo ciúme, mas daquele que ali estava, livre do pensamento e da emoção – um movimento envolvente, eterno. Sua beleza estava no auto-esquecimento da paixão. Sem austeridade não existe a paixão dessa beleza. Austeridade

não é produto da mente, cuidadosamente conservada, cultivada, mediante sacrifício, repressão, disciplina. Tudo isso tem de cessar naturalmente, pois nada representa para aquela coisa desconhecida. Ela irrompeu com desmedida abundância. Esse amor não tinha centro nem periferia, e era tão completo, tão invulnerável que nele não havia sombras, e era, portanto, indestrutível.

Costumamos olhar de fora para dentro; passamos de um conhecimento para outro, sempre acumulando, e o ato de suprimir é ainda o processo de acumulação. Nossa consciência é formada por milhares de lembranças e reconhecimentos; é a percepção da folha trêmula, da flor, daquele homem que passa, da criança a correr pelo campo; a percepção do rochedo, do rio, da flor vermelha e reluzente e do desagradável odor de um chiqueiro. Através do processo de lembrar e de reconhecer, das reações exteriores, procuramos conscientizar-nos do mundo interior, dos motivos e anseios mais profundos; penetramos mais e mais na profunda vastidão da mente. Todo esse processo de desafios e respostas, do ato de experimentar e de revelar as atividades secretas ou não, tudo isso representa a consciência limitada pelo tempo.

A taça não é apenas a forma, a cor, o desenho, mas também o vazio em seu interior. A taça é o vazio contido numa forma; sem esse vazio, não haveria taça nem forma. Conhecemos a consciência pelos sinais exteriores, por suas dimensões, por sua altura e profundidade, de pensamento e de sentimento. Mas, tudo isso é a forma externa da consciência; partindo do exterior, procuramos descobrir o interior. É isso possível? Teorias e especulações nada significam; na verdade, impedem todo descobrimento. Do exterior, tentamos descobrir o interior, e a partir do conhecido tentamos alcançar o desconhecido. É possível investigar começando do interior para o exterior? O instrumento que investiga a começar do exterior, nós o conhecemos, porém existe algum outro que indague indo do desconhecido para o conhecido? Existe? Como poderia existir? Simplesmente não existe. Se tal instrumento existisse, seria reconhecível e, por conseguinte, estaria dentro da área do conhecido.

Aquela estranha bênção surge espontaneamente, mas cada vez que aparece ocorre uma profunda transformação; ela é sempre diferente.

O processo continua, às vezes brando, outras vezes agudo.

19 de agosto

Era um belo dia, sem nuvens, um dia de sombras e luz; depois de chuvas torrenciais, o sol brilhava num céu azul, claro e límpido. As mon-

tanhas cobertas de neve encontravam-se tão próximas que era quase possível tocá-las; erguiam-se nitidamente contra o céu. As brilhantes campinas luziam ao sol, e cada haste de capim tinha seu ritmo próprio e graça, mas as folhas se moviam pesadamente. O vale estava exuberante e ouviam-se risadas; um magnífico dia cheio de sombras.

As sombras são mais vivas do que a realidade; mais longas, mais profundas e ricas; pareciam ter vida própria, independente e protetora; elas sempre se mostram acolhedoras. O símbolo torna-se mais importante do que a realidade; proporciona segurança; é fácil encontrar conforto em seu abrigo. Não importa o que se faça, ele jamais contradiz, nem se altera; tanto faz coroá-lo ou cobri-lo de cinzas. Extraímos enorme satisfação de coisas mortas, de um quadro, de uma conclusão, de uma palavra. Apesar de estarem mortos exalam perfumes que nos dão imenso prazer. O cérebro é sempre o dia de ontem, e o presente é a sombra do dia anterior, que se prolonga até o dia seguinte, um tanto alterada, mas conservando o ranço do passado. Portanto, o cérebro vive envolto em sombras, o que é mais seguro e confortador.

A consciência está sempre recebendo, acumulando, interpretando o que armazena; ela não pára de absorver por todos os poros; de acumular, de experimentar o que colheu, de julgar, compilar, modificar. Ela não só vê com os olhos, com o cérebro, mas também com todo esse cabedal de informações e conhecimentos. A consciência faz do ato de receber a própria razão de sua existência. Guarda, em seus íntimos e ocultos recessos, tudo aquilo que absorveu ao longo dos séculos -- os instintos, as memórias, as defesas – sempre acumulando, ou rejeitando, com o intuito de acumular mais. Ao voltar-se para o mundo exterior, ela o faz para avaliar, comparar ou receber. E, dirigindo-se ao interior, o faz com aquela mesma visão exterior, que pesa, que compara e recebe; o despojamento interior não deixa de ser uma forma de acumular. E não tem fim esse processo limitado pelo tempo, em que há um misto de dor, de fugaz alegria e sofrimento.

Mas, observar, ver e escutar sem a interferência desta consciência – uma ação que não visa receber – faz parte do movimento global da liberdade. Esta ação não tem um ponto de partida, e, portanto, age em todas as direções, sem a barreira do tempo-espaço. É completo o seu ato de escutar e de ver. Disso nasce a atenção. A atenção abrange todas as distrações. Só na concentração há o conflito criado pela distração. Expresso ou não, verbalizado ou buscando uma expressão, o pensamento é a totalidade da consciência; o eterno binômio pensamento-sentimento e vice-versa.

O pensamento nunca está quieto; a reação que se exprime nas formas de pensamento, intensifica o processo da reação. A beleza é a sensação expressa pelo pensar. O amor, igualmente, pertence ao campo do pensamento. E existirá amor e beleza dentro dos limites do pensamento? Haverá beleza enquanto o pensamento funciona? A beleza, o amor que ele conhece é o oposto da feiúra e do ódio. Mas, a beleza, tal como o amor, não tem oposto.

Ver sem a interferência do pensamento ou da palavra, sem a reação da memória, difere totalmente do "ver" baseado no pensamento e na sensação. É superficial o que se vê com o pensamento. Ver sem o pensar é visão integral. Contemplar uma nuvem sobre a montanha, sem o pensamento e suas reações, é o milagre do "novo"; e isto não exprime beleza, porém é imensamente explosivo; um fenômeno único, que jamais existiu e que jamais se repetirá. Para ver e ouvir, a consciência deve aquietar-se, condição essencial para a avassaladora criação. Isto é a totalidade da vida, não o fragmento do pensamento. Não existe beleza, mas simplesmente uma nuvem sobre a montanha; e é isto criação.

Extasiava a beleza dos picos da serra, iluminados pelo ocaso, diante daquela terra tão imóvel. Só a cor existia, não diferentes coloridos; só existia o ato de escutar, não uma variedade de sons.

Ao acordarmos tarde, esta manhã, quando o sol acossava os montes, notamos aquela abençoada presença, que, como uma brilhante luz, parecia conter força e energia próprias. Assim como o murmúrio de águas distantes, percebia-se uma intensa atividade, não do cérebro, com seus desejos e frustrações, mas da própria paixão.

O processo continua, variando sempre de intensidade; às vezes torna-se bem agudo.

20 de agosto

Quanta perfeição naquele dia intensamente azul, em que tudo reluzia ao sol matinal! Algumas nuvens pairavam dispersas, sem destino, sem rumo. O sol sobre as irrequietas folhas da faia era como jóias brilhantes contra os declives das verdes elevações. As campinas haviam mudado durante a noite; mais intensas, mais macias, de um verde incomum. Bem no alto da colina havia três vacas a pastar preguiçosamente; seus guizos soavam no límpido ar da manhã; movimentavam-se em fila, mastigando com firmeza, enquanto cruzavam a campina. A cabine aérea de esquiadores passou por cima delas, sem incomodá-las. Era uma linda manhã e as

montanhas cobertas de neve erguiam-se pontiagudas contra um céu tão claro a ponto de se tornarem visíveis as várias e pequenas cascatas. Manhã de sombras alongadas, de infinita beleza. É estranho como o amor era a essência dessa beleza. Havia tal delicadeza no cenário, que tudo parecia aquietar-se, temendo que algum movimento pudesse despertar uma sombra oculta. E existiam algumas nuvens.

Foi um agradável passeio de carro, que se diria deleitar-se com sua própria função; fazia as curvas com facilidade, mesmo as mais difíceis, suportando bem a subida da encosta, com extraordinário desempenho e potência em qualquer situação. Parecia um animal conhecedor de sua força. A estrada cheia de curvas serpenteava por denso bosque banhado de sol, onde os pontos luminosos vibravam e dançavam com as folhas; a cada curva da estrada, era mais intensa a luz, o movimento e o êxtase. Cada árvore, cada folha, mantinha-se solitária, viva e silenciosa. Por uma estreita abertura entre as árvores divisamos uma clareira cujo verde brilhava ao sol. Fascinava-nos tanto aquele espetáculo que chegávamos a esquecer-nos dos perigos da estrada serrana. Logo, a estrada se amenizava e seguia em direção a outro vale. As nuvens se movimentavam agora, protegendo-nos do sol intenso. A estrada se aplainara, se é que um caminho montanhoso pode ser plano; ela enveredava por uma colina coberta de escuros pinheiros, deparando com gigantescas montanhas, rochas e neve, com verdes campos e cascatas, com casebres de madeira e com as sinuosas curvas da serra. Era difícil acreditar no que viam os olhos – a esmagadora imponência daquelas rochas bem modeladas, as montanhas nuas, cobertas de neve, e uma infindável cadeia de penhascos, cercada de verdes campinas, tudo como que unido no vasto amplexo da montanha. Realmente inacreditável; havia ali beleza, amor, destruição e a grandeza da criação, não apenas aqueles rochedos, nem os verdes campos, nem tampouco as pequenas cabanas; não é que aquilo participasse do cenário, mas era algo realmente transcendente. Aquilo simplesmente existia, majestoso e belo, cujo esplendor superava qualquer expectativa; sua presença era tão definitiva e imóvel que o cérebro com seus pensamentos significava tanto quanto aquelas folhas mortas, caídas no bosque. Tamanha era a sua intensidade e força que o mundo, as árvores e a terra cessavam de existir. Era amor, criação e destruição. Nada mais existia.

Sentia-se a essência das coisas profundas. A essência do pensamento é aquele estado em que não existe pensar. Por mais amplo e profundo que seja o alcance do pensamento, ele jamais deixará de ser frívolo e superficial. Surge aquela essência com o findar do pensamento. Esse findar

é a própria negação, e negar não admite o caminho positivo: não existe um método ou sistema capaz de eliminar o pensamento. O método, o sistema é uma maneira positiva de negar, tornando-se, assim, o pensamento incapaz de encontrar sua própria essência. Para descobri-la o pensamento tem de cessar. A essência do ser é o não-ser, e para "ver" a totalidade do não-ser, deve o homem libertar-se do desejo do vir-a-ser. Não há liberdade se existe a continuidade, pois tudo aquilo que continua é limitado pelo tempo. Toda experiência aprisiona o pensamento ao tempo, e a mente livre do desejo de experimentar percebe sua própria essência. Este estado psicológico que cessa de buscar a experiência não significa paralisia mental; ao contrário, é a mente aditiva, acumulativa, que começa a definhar. Acumular é um ato mecânico, repetitivo; tanto a renúncia quanto a mera aquisição são atos mecânicos de imitação. Torna-se livre a mente que destrói este mecanismo de acumulação e defesa; desta maneira, ela se faz indiferente ao ato de experimentar.

Então, o que existe é o fato e não a experiência do fato; a opinião sobre o fato, a sua avaliação, considerá-lo belo ou não, é experimentar o fato. E isto significa negá-lo, fugir-lhe. Porém experimentar um fato, sem a interferência de qualquer pensamento ou sentimento, é um fenômeno profundo e grave.

Despertamos esta manhã com aquela estranha imobilidade do corpo e do cérebro; assim, penetramos em insondáveis e profundas regiões de fervor e êxtase que revelavam aquela extraordinária bênção.

O processo continua brandamente.

21 de agosto

Fora um dia claro, ensolarado, com compridas sombras e folhas reluzentes; as montanhas, tão sólidas e próximas, mantinham-se serenas; o céu era de um azul extraordinário, transparente, suave. Havia sombras por toda a terra; manhã propícia às sombras, pequenas e grandes, finas e esguias, gordas e satisfeitas, rudes e achatadas, ou alegres e festivas. Os telhados das fazendas e dos chalés, antigos e mais recentes, brilhavam intensamente ao sol, dando a impressão de mármore polido. Parecia haver enorme alegria e algazarra entre as árvores e as campinas; elas viviam exclusivamente umas para as outras, e tudo o mais era paraíso, não aquele feito pelo homem, com suas torturas e esperanças. Sentia-se a vida, vasta, esplêndida, vibrante, estendendo-se em todas as direções. Vida sempre

jovem e perigosa; vida sempre em movimento, vagando através da terra, indiferente, sem deixar marcas, sem nada pedir ou exigir. E ali estava, sem sombras, em abundância, imortal, pouco se importando com sua origem ou destino. Onde quer que estivesse, a vida imperava, transcendendo o tempo e o pensamento. Uma coisa maravilhosa, livre, leve, insondável. Devia permanecer livre e desimpedida; a decadência e a corrupção, com suas eternas reformas, se instalam sempre que a vida é enclausurada nos templos de adoração ou no mercado. No entanto, ali estava, simplesmente, majestosa, vibrante, e sua beleza superava o pensar e o sentir. De tão vasta e incomum, preenche a terra e os céus, e nutre a frágil haste de capim. De sua presença jorram amor e morte.

Estava fresco o ar do bosque, e ao fundo havia um riacho cantante; os pinheiros apontavam para o céu, sem nunca se curvarem para olhar a terra. Deliciava ver os esquilos comendo os cogumelos das árvores e perseguindo-se uns aos outros, subindo e descendo pelas árvores em pequenos movimentos em espiral; um tordo, ou um pássaro semelhante, balançava-se para cima e para baixo. Aquele ambiente de calma e frescor só era perturbado pelo ruidoso rio de águas frias. Havia ali amor, criação e destruição, não na forma de um símbolo, de um pensamento ou sentimento, mas como palpável realidade. Não se podia ver nem sentir, mas existia qual avassaladora imensidão, com assombrosa força e com o poder de extrema vulnerabilidade. Diante dela, tudo se aquietara, o cérebro e o corpo; era uma bênção e dela participava a própria mente.

O que é profundo não tem fim; o atemporal é a sua essência. Não podemos experimentá-lo; a experiência é coisa sem valor, algo que se perde ou ganha com a maior facilidade; o pensamento não pode concebê-lo, nem o sentimento é capaz de apreendê-lo. Estas são coisas tolas e imaturas. A maturidade não resulta do tempo, nem é questão de idade ou o produto de influências ou do ambiente. Não se pode comprá-la; nem os livros, nem os instrutores ou redentores, individualmente ou em conjunto, poderão engendrá-la. A maturidade não é um fim em si mesma; ela se realiza sem que o pensamento a cultive; ela surge, chega misteriosamente, sem meditação, imprevistamente. É imprescindível haver maturidade, esse amadurecimento na vida; não a que resulta da doença e do tormento, ou da dor e da esperança. O desespero e o esforço não trazem esta total maturidade; é preciso que ela venha naturalmente, sem a buscarmos.

Nesta total maturidade existe austeridade. Não a austeridade da penitência ou do hábito religioso, mas a displicente e espontânea indiferença para com as coisas mundanas, perante suas virtudes, seus deuses, sua

respeitabilidade, suas esperanças e valores. Cumpre negar tudo isto para que desponte a austeridade contida no estar "só". Nem a sociedade nem a cultura podem influir nesta solidão. Mas ela deve existir, não concebida pelo cérebro, esse produto do tempo e das influências. Tem de surgir como um raio, sem se saber de onde vem. Sem a austeridade, é impossível haver plena maturidade. O isolamento – que é a essência da autocompaixão, da autodefesa, da vida reclusa baseada no mito, no conhecimento e na idéia – nada têm de comum com o estar "só"; no isolamento, busca-se incessantemente a integração, porém mantendo-se a divisão. Estar só é viver livre de qualquer influência. E é esta solidão que é a essência da austeridade.

Ela surge quando o cérebro funciona com clareza, não danificado por traumas psicológicos, causados pelo medo; todo e qualquer conflito destrói a sensibilidade do cérebro; a ambição, com sua crueldade, com seu incessante esforço para vir a ser, provoca o desgaste do sutil mecanismo cerebral; a avidez e a inveja embotam e desgastam o cérebro através do prazer e da frustração. É essencial uma vigilância sem opção, uma percepção isenta da idéia de receber ou de ajustamento. Comer em excesso ou comprazer-se em alguma coisa embota o corpo e insensibiliza o cérebro.

Na beira da estrada havia uma flor, clara, radiosa, aberta para o céu; o sol, as chuvas, a escuridão da noite, os ventos, a trovoada e a terra contribuíram para formá-la. Mas, a flor não é nenhuma dessas coisas. Ela exprime a síntese de todas as flores. A libertação da autoridade, da inveja, do medo, da solidão, não suscita o estar só, com sua extraordinária austeridade. Ele vem quando o cérebro não o está buscando; vem quando nem sequer olhamos em sua direção. Aí, então,.nada lhe será adicionado ou subtraído. Terá então vida própria, um movimento que é a essência da vida total, sem tempo ou espaço.

E sobreveio aquela bênção, e uma paz imensa.

Ainda que brando, o processo continua.

22 de agosto

As nuvens escondiam a lua, mas as montanhas e as colinas escuras estavam visíveis, quietas. Sobre uma colina arborizada, via-se uma grande estrela, e o único som, que vinha do vale, era o do regato da montanha a fluir por entre as rochas. Tudo dormia, exceto a aldeia distante, cujos ruídos não chegavam até aqui. O barulho do regato logo se dissipou;

apesar de constante, não chegava a perturbar o vale. Não havia nenhuma brisa e as árvores permaneciam imóveis; a pálida luz lunar derramava-se sobre os telhados dispersos, e havia tranqüilidade por toda a parte, até nas esmaecidas sombras.

O ar estava impregnado daquela insuportável imensidão, intensa e insistente. Não se tratava de fantasia da imaginação; a imaginação se retrai perante a realidade; a imaginação é perigosa, não tem valor; só o fato prevalece. A fantasia e a imaginação dão prazer e decepcionam e, por isso, devem ser banidas da mente. Importa compreender o mito, a fantasia e a imaginação, pois, no próprio ato de compreender, eles se dissolvem. Aquela realidade persistia, findando o que de início era meditação. De que vale a meditação perante a realidade! Não foi a meditação que lhe dera existência; nada pode provocá-la. Porém lá estava, apesar da meditação, mas, para isso, era necessário um cérebro altamente sensível e atento, no qual tivesse cessado, espontaneamente, a habitual tagarelice sobre o certo e o errado. Ele aquietara-se, vendo e ouvindo, sem interpretar ou classificar; e não havia entidade desejando ou produzindo aquela tranqüilidade. O cérebro achava-se tranqüilo e atento. A imensidão inundava a noite; e o êxtase existia.

O cérebro não tinha relação com coisa alguma; não tentava moldar, mudar, impor, nem exercia influência e, no entanto, era implacável. Não pretendia fazer o bem, nem reformar; não visava à respeitabilidade e, portanto, tinha o poder da destruição. Porém, havia amor, não o amor torturante, cultivado pela sociedade. Era a essência do movimento vital. Ali estava, inexorável, demolidor, com a ternura das coisas novas, como as folhas da primavera, que tão bem conhecem esse estado. A criação vem dessa força e energia descomunais. Todas as coisas permaneciam serenas. Aquela brilhante e solitária estrela pairava, agora, sobre a colina.

Pela manhã, passeando pelo bosque, com o rio embaixo, com as árvores banhadas de sol, novamente ali estava aquela imensidão, tão inesperada, tão quieta, que era como se, maravilhados, caminhássemos no meio dela. Uma única folha bailava ritmadamente entre a rica e imóvel folhagem. E aquele amor inacessível aos anseios e às premeditações do homem ali estava. No entanto, o pensamento e o sentimento poderiam destruí-lo. Ainda que lá estivesse, era impossível apreendê-lo ou conquistá-lo.

A palavra "sentir" é ilusória; significa mais do que uma emoção, um sentimento, uma experiência, o tato ou o olfato. Apesar de enganosa, ela é necessária na comunicação, especialmente quando se fala da essência.

Não sentimos a essência através do cérebro, nem através da fantasia; não é tão real como um choque; e, acima de tudo, não é a palavra. É impossível experimentá-la, porque, para tanto, faz-se necessário um experimentador, o observador. Experimentar sem o experimentador é algo completamente diferente. É nesse "estado", livre do experimentador, do observador, que surge esse "sentimento". Não se trata de intuição, em que o observador interpreta ou obedece, de modo racional ou cego. Também não é desejo, ânsia, transformada em intuição ou na "voz de Deus", evocada pelos políticos e reformadores sócio-religiosos. Cumpre abandonar de vez tudo isto, que impede a compreensão desse sentimento, dessa percepção, desse estado de atenção. "Sentir" exige o rigor da lucidez, isenta de confusão e de conflito. Só se pode "sentir" a essência das coias quando há humildade para investigar até o fim, sem desvios, o sofrimento, a inveja, o medo e a ambição. O cérebro não possui esta humildade; o intelecto é um fragmento. Esta investigação requer a mais elevada forma de simplicidade, não aquela de vestir a roupa do mendigo ou de fazer uma única refeição por dia. Sentir a essência é negar o pensamento e suas aptidões mecânicas — o conhecimento e o raciocínio. Estes são necessários para resolver problemas mecânicos; e são mecânicos todos os problemas do pensar e do sentir. Na busca da essência das coisas releva negar o mecanismo da memória, cuja reação é o pensamento. Destruir para alcançar o objetivo verdadeiro; não se trata de destruição de objetos do mundo exterior, porém dos refúgios psicológicos, das resistências, dos deuses e seus secretos esconderijos. Sem isso, não se investigam esses enigmas profundos, que significam, fundamentalmente, amor, criação e morte.

Hoje, ao despertarmos, o corpo e o cérebro permaneciam imóveis perante aquela energia e aquele poder abençoados.

O processo continua brando.

23 de agosto

Esta manhã, poucas nuvens flutuavam na palidez, quietude e eternidade do céu. O sol parecia aguardar o término do esplendor matinal. O orvalho cobria as campinas e não havia sombras, mas, aquelas árvores solitárias por elas ansiavam. Era muito cedo e até mesmo o riacho refreava seu habitual e ruidoso ímpeto. Havia tranqüilidade, a brisa não soprava ainda e as folhas permaneciam imóveis. Das casas das fazendas ainda não saía fumaça, porém os telhados já brilhavam com a luz da manhã. As

estrelas rendiam-se com relutância à aproximação da aurora, e havia aquela peculiar e silenciosa expectativa despertada pelo nascer do sol; os morros, as árvores e os prados aguardavam, alegres, a sua chegada. Por fim, o sol tocou suavemente os cumes das montanhas e a neve tornou-se brilhante à luz do amanhecer; após uma longa noite, as folhas começaram a agitar-se; a fumaça subia em linha reta, despreendendo-se de uma das casas de campo, e o riacho seguia livre e impetuoso. Devagar, com hesitação e delicada timidez, extensas sombras espalhavam-se sobre a terra; as montanhas projetavam sombras sobre as colinas e estas, sobre as campinas; as árvores também as aguardavam e elas logo chegaram, claras, escuras, leves como plumas, e algumas pesadas. Tremulavam as faias e raiava o dia.

Meditação é a atenção em que existe um estado de consciência, sem escolha, do movimento de todas as coisas — o grasnido dos corvos, o serrote elétrico cortando a madeira, a agitação das folhas, o riacho barulhento, o menino gritando, os sentimentos, os motivos, os contraditórios pensamentos e, indo mais para o fundo, a percepção da consciência total. Nesta atenção deixa de existir o tempo, como o dia de ontem, que tem continuidade no dia de amanhã, e as distorções e movimentos da consciência aquietam-se e silenciam. Neste silêncio, há um imenso e incomparável movimento; movimento imperceptível, que constitui a essência do sagrado, da morte e da vida. Impossível é segui-lo, pois não deixa vestígio algum e é estático e silencioso; ele é a essência de todo movimento.

A estrada dirigia-se para o Oeste, serpenteava pelas campinas que as chuvas encharcaram, seguia por pequenas aldeias na encosta das colinas, atravessava os regatos da montanha, de águas geladas e transparentes, passando por igrejas com campanários de cobre; continuava sempre em direção às nuvens escuras, cavernosas, pesadas de chuva, com montanhas formando um cerco. Chuviscava e, olhando casualmente para trás, através da janela traseira do carro, que se movia vagarosamente, descortinavam-se as nuvens ensolaradas, o céu azul e as montanhas resplandecentes. Sem nada dizermos, instintivamente paramos o carro, recuamos e voltamos em direção à luz e às colinas. Espetáculo incrivelmente belo e, ao penetrar a estrada no amplo vale, o coração mantinha-se imóvel, tão imóvel e tão aberto quanto o extenso vale, totalmente abalado. Por ali havíamos passado muitas vezes; o contorno das colinas nos era familiar; reconhecíamos as campinas, as casas de campo, e lá estava o habitual murmúrio do riacho. Nada mudara, exceto o cérebro, apesar de estarmos dirigindo

o carro. Tudo, porém, se intensificara — a morte estava presente. Não porque o cérebro estivesse quieto, nem por causa da beleza da terra, ou da luz nas nuvens, ou mesmo da estática nobreza das montanhas; não era nada disso, embora tais coisas pudessem ter contribuído para aquilo; tratava-se indiscutivelmente da morte; de repente, tudo chegava ao fim; não havia continuidade; o cérebro limitava-se a comandar o corpo na direção do carro. Nada mais existia. O carro continuou durante algum tempo e parou. Havia vida e morte, próximas, íntimas, inseparáveis e nenhuma tinha importância. Algo de devastador havia acontecido.

Não era fruto da imaginação, nem uma ilusão; a coisa era tão séria que não admitia tamanha distorção; não se tratava de uma brincadeira. A morte não é uma coisa superficial ou passageira; não se pode argumentar com a morte. Podemos discutir interminavelmente com a vida, mas não com a morte. Ela é definitiva e absoluta. Não se tratava da morte do corpo; isso seria um acontecimento bem simples e decisivo. Viver com a morte é uma outra coisa. Havia vida e havia morte; ambas presentes, inexoravelmente unidas. Não era a morte psicológica; nem um choque que banisse todo o pensar, todo sentimento; nem mesmo uma súbita perturbação do cérebro, ou uma doença mental. Não era nada disso, nem tampouco uma insólita decisão de um cérebro em desespero ou exausto. Não significava um desejo inconsciente de morrer. Nada disso — o que constitui imaturidade e negligência. Era algo de uma diferente dimensão; algo de indescritível dentro do plano do conhecido.

Ali estava a essência da morte. A essência do ser é a morte, que encerra também a essência da vida. De fato, não estavam separadas — a vida e a morte. Não se tratava de algo concebido pelo cérebro para seu conforto e segurança. O próprio viver era morrer, e morrer era viver. No carro, com aquela beleza e colorido em volta, e "sentindo" aquele êxtase, a morte fazia parte do amor e de todas as coisas. Não era um símbolo, uma idéia, algo conhecido. Ali estava efetivamente, tão persistente e imperiosa como a buzina de um carro exigindo passagem. Asssim como a vida nunca se ausentaria nem poderia ser posta de lado, assim também a morte, agora, não se ausentaria jamais, nem tampouco seria ignorada. Ela estava ali, com extraordinária intensidade e determinação.

Passamos a noite toda em presença da morte; parecia ter-se apossado do cérebro e das atividades habituais; havia ainda algumas e poucas atividades cerebrais, mas sem suscitarem muito interesse. Sempre existiu esta indiferença, mas, agora, ela superava qualquer explicação. Tudo se tornara mais intenso, tanto a vida como a morte.

Ao acordarmos, a morte estava presente, sem sofrimento, porém vital. Manhã maravilhosa. E sentia-se aquela bênção que deleitava também as montanhas e as árvores.

24 de agosto

Dia quente, cheio de sombras; as rochas faiscavam intensamente. Mantinham-se imóveis os escuros pinheiros, enquanto as faias se agitavam ao mais leve sopro de brisa. Procedente do Oeste, um forte vento vinha do vale. As rochas, cheias de vida, pareciam correr atrás das nuvens, e estas aderiam aos rochedos, tomando-lhes a forma e a curva; era difícil separá-los das nuvens flutuantes. As árvores pareciam caminhar com as nuvens. O vale inteiro dava a impressão de se mexer e os pequenos e estreitos atalhos que atravessavam os bosques, como que ressurgiam. Tímidas flores espalhavam-se pelos campos reluzentes. Mas, nesta manhã, as rochas dominavam o vale; formavam um cenário colorido; elas aparentavam delicadeza e tinham várias formas e tamanhos. Mostravam-se indiferentes a tudo — ao vento, às chuvas e às explosões provocadas pelo homem. Ali sempre estiveram e ali continuariam indefinidamente.

Manhã esplêndida; sol por toda parte; a brisa a agitar a folhagem; tempo excelente para um passeio de carro, não muito demorado, mas que desse para se apreciar a beleza terrena. Manhã renovada pela morte, não aquela produzida pela decadência, pela doença ou por um acidente, mas a morte que destrói dando lugar à criação. Nada se cria, enquanto a morte não varrer todas as coisas que o cérebro acumula para salvaguardar uma existência egocêntrica. Antes, a morte era uma nova forma de continuidade; estava associada às coisas que continuam. Com a morte, veio uma nova existência, uma nova experiência, um novo sopro de vida. O que era velho cessou e nasceu o novo, que, por sua vez, deu lugar a um outro novo. A morte era o meio de se chegar ao novo estado, à nova invenção, a uma nova maneira de viver, a um novo pensar. Fora uma mudança aterradora, porém essa própria mudança trouxe uma nova esperança.

Agora, todavia, a morte não trouxe nada de novo, um diferente horizonte, um outro alento. É a morte absoluta e final. E, então, nada existe, nem passado nem futuro. Nada. Coisa alguma está nascendo. Contudo, não existe desespero ou busca; é a morte completa, livre do tempo; a morte que contempla do profundo vazio do nada. É a morte

sem o velho e sem o novo. Despojada do sorriso ou da lágrima. Não é uma máscara a cobrir, a esconder alguma realidade. A realidade é a morte, e não é necessário ocultá-la. A morte tudo apagou, sem nada deixar. Este nada é a dança da folha, o grito da criança. Não é coisa nenhuma, e assim deve ser. O que continua exprime decadência, automatismo, hábito, ambição. Existe a corrupção, mas não a morte. A morte é o nada absoluto. Ela deve estar presente, porque é dela que desabrocha a vida, o amor. A criação existe neste vazio. Sem a morte total, não há criação.

Líamos algo, casualmente, e comentávamos sobre a situação do mundo, quando, de súbito, manifestou-se aquela bênção, inundando o quarto, como agora acontece freqüentemente. Íamos começar a comer, quando ela penetrou pela porta aberta da saleta. De fato, podíamos senti-la, fisicamente, qual uma onda a invadir o quarto. Tratava-se de uma intensa e crescente energia, extraordinariamente forte e imóvel, de poder destruidor. As palavras não são a coisa, e a realidade é verbalmente inexprimível; ela deve ser vista, ouvida e vivida; seu significado é, então, completamente diferente.

O processo tem sido agudo nestes últimos dias. Não é necessário escrever sobre isso diariamente.*

25 de agosto

Madrugava, e ainda faltavam algumas horas para o dia raiar. Órion acabava de surgir no cume daquela montanha situada para além das colinas arborizadas. Não havia nuvens no céu, mas o ar pressagiava nevoeiro. Era uma hora de quietude e até o rio estava sonolento. Havia um luar desmaiado e as negras colinas apareciam nitidamente contra o céu pálido. Nenhuma brisa soprava, e as árvores estavam paradas e as estrelas reluziam.

A meditação não é uma busca; nem sondagem ou pesquisa. É uma explosão e um descobrimento. Não é o domínio, nem o ajustamento do cérebro, nem tampouco análise introspectiva; não é por certo a prática de concentração, que acumula, escolhe e nega. A meditação é uma coisa que vem naturalmente ao compreendermos e logo abandonarmos as afirmações e realizações positivas ou negativas. Significa o completo esvaziamento do cérebro. O importante é esse esvaziamento e não o que se encontra no vazio; só se pode ver e pereceber esse vazio; brota daí toda

---

* Doravante, o processo deixa de ser aqui mencionado, mas presume-se que ele continuava.

virtude – não a moralidade e a respeitabilidade sociais. E desse vazio vem o amor; do contrário, não é amor. A base da virtude reside nesse vazio. É ele o princípio e o fim de todas as coisas.

Enquanto olhávamos pela janela, e Órion elevava-se cada vez mais, o cérebro achava-se intensamente atento e sensível e a meditação tornou-se uma coisa bem diferente, perante a qual o cérebro se sentia impotente e, assim, recolheu-se e silenciou. Desde o amanhecer, as horas pareciam não ter tido começo e, enquanto o sol despontava nas montanhas e as nuvens recebiam seus primeiros raios, havia admiração e esplendor. E o dia começou. Estranhamente, a meditação prosseguiu.

26 de agosto

Bela manhã, cheia de sol e sombras; o jardim do hotel vizinho exibia as mais variadas e brilhantes cores, e a grama era tão verde que feria os olhos e o coração. Lavadas pelo orvalho matinal, as montanhas distantes cintilavam com mais intensidade. Naquela encantadora manhã, havia beleza por toda a parte; espraiava-se sobre a estreita ponte, através do riacho, pelo caminho que subia até ao bosque, onde o sol brincava entre as folhas; a folhagem agitava-se e suas sombras se moviam. Eram plantas comuns, mas, em sua exuberância e frescor, superavam todas as árvores que se elevavam em direção do céu azul. Deleitava e maravilhava a contemplação daquela extravagância e daqueles movimentos; era realmente de admirar a dignidade de cada árvore, cada planta, e a viva alegria dos esquilos negros, de longas e espessas caudas. As claras águas do pequeno rio brilhavam ao sol, que surgia entre a folhagem. Era agradável a úmida temperatura do bosque. Ali, de pé, observando o movimento das folhas, de súbito, surgiu aquela coisa singular, aquela energia eterna. Tudo silenciou. Era um silêncio no qual tudo se movia, dançava e gritava; não aquele que ocorre quando a máquina pára de trabalhar. Uma coisa é o silêncio mecânico, outra é o silêncio no vazio; aquele é repetitivo, habitual e corruptor; procura-o como refúgio o cérebro exausto e em conflito; o silêncio do vazio é explosivo, nunca é o mesmo. Não podemos buscá-lo e ele jamais se repete; portanto, não oferece segurança. Essa tranqüilidade veio e permaneceu conosco enquanto caminhávamos lenta e despreocupadamente, e a beleza do bosque intensificou-se, as cores explodiam, fixando-se nas folhagens e nas flores.

Não era uma igreja muito velha, talvez do começo do século dezessete, conforme aparecia no arco; fora reformada com madeira de pinho claro; os pregos pareciam ser de aço brilhante e polido, mas, em verdade, não eram; provavelmente, os que lá se reuniam para ouvir música nunca olharam aqueles pregos, espalhados pelo teto. Não se tratava de uma igreja ortodoxa, pois não se notava cheiro de incenso, velas ou imagens. O sol penetrava pelas janelas. E havia muitas crianças instruídas para não conversar ou brincar, o que não as impedia de estarem inquietas, com uma aparência estranhamente formal e denotando o desejo de rir. Uma delas queria brincar; aproximava-se de nós, mas com visível timidez. Havia ensaio para o concerto da noite, e todos se mostravam compenetrados, revelando interesse. Lá fora a grama brilhava, o céu tinha um azul pálido e as sombras eram numerosas.

Por que esta luta incessante em busca da perfeição, como acontece com as máquinas? Atribui-se uma qualidade extraordinária, nobre, às idéias, ao exemplo, ao símbolo da perfeição; mas, será isso verdadeiro? É claro que existe o esforço para imitar o exemplo perfeito. E existe a perfeição no imitar? Ou trata-se apenas de uma idéia transmitida pelo pregador a fim de manter o homem respeitável? Na idéia de perfeição encontra-se conforto, segurança, e ela é sempre lucrativa, tanto para o sacerdote como para aquele que busca a perfeição. Um hábito mecânico, praticado repetidas vezes, acaba por atingir a perfeição; só se pode aperfeiçoar o hábito. Pensar, acreditar sempre na mesma coisa, acaba por se tornar um automatismo, e talvez seja esse o tipo de perfeição por todos almejado. Este procedimento constrói uma sólida parede de resistência, evitando assim qualquer perturbação ou desconforto. Além disso, a perfeição é uma forma aceita de bom êxito, e a ambição é exaltada pelos respeitáveis e pelos representantes e heróis do sucesso. Não existe a perfeição, que é uma coisa horrenda, exceto na máquina. A tentativa de atingir a perfeição significa, realmente, bater o recorde, como no golfe; competição é algo santificado. Competir com o semelhante ou com Deus, para atingir a perfeição, é considerado ato de fraternidade e amor. Mas, cada passo para alcançar a perfeição apenas leva a uma maior confusão e sofrimento, o que aumenta o impulso individual para se tornar mais perfeito.

É curioso como desejamos sempre ser perfeitos em algum sentido; isto equivale a um meio de preenchimento, e o prazer daí resultante é, sem dúvida, vaidade. O orgulho é sempre brutal e leva ao desastre. O desejo de perfeição, exterior ou interior, nega o amor, e sem amor, não

importa o que se faça, haverá sempre frustração e sofrimento. O amor não é perfeito nem imperfeito; é só quando ele está ausente que surgem estes dois opostos. O amor jamais busca a perfeição. Ele é a chama que arde sem provocar fumaça; o desejo de atingir a perfeição serve apenas para formar fumaça; deste modo, a perfeição está no esforço, que é mecânico e que se efetiva no hábito, na imitação e no medo crescente. Educa-se para a competição e para o sucesso; assim, o objetivo adquire primordial importância. O amor à coisa em si desaparece. E o instrumento musical deixa de ser utilizado por amor à melodia, mas por aquilo que ele representa em termos de fama, dinheiro, prestígio e poder.

O importante é o ser e não o vir-a-ser; um não é o oposto do outro; havendo o oposto ou a oposição, cessa o ser. Ao findar o esforço para vir-a-ser surge a plenitude do ser, que não é estático; não se trata de aceitação ou de mera contestação; o vir-a-ser depende do tempo e do espaço. O esforço deve cessar; disso nasce o ser que transcende os limites da moral e da virtude social, e abala os alicerces da sociedade. Esta maneira de ser é a própria vida, não mero padrão social. Lá onde existe vida não existe perfeição; a perfeição é uma idéia, uma palavra; o próprio ato de viver e de existir transcende toda forma de pensamento e surge do aniquilamento da palavra, do modelo, do padrão.

Aquela bênção durou horas, irrompendo em clarões de percepção. Ao acordarmos, esta manhã, muito antes de o sol nascer, quando ocorria o eclipse da lua, era tamanho o seu poder e intensidade que não nos foi possível dormir mais. Havia nela uma estranha pureza e inocência.

27 de agosto

O rio, engrossado por diversos afluentes menores, corria ruidosamente por entre as encostas do vale. De temperamento volúvel, o rio mudava constantemente de humor, sem jamais se tornar desagradável ou sombrio. Cheio de pedras e rochedos, os riachos menores emitiam um som mais estridente; lagos de águas mansas e de pouca profundidade formavam-se às margens, com sombras que dançavam em sua superfície; à noite, envolvia-os uma atmosfera diferente, doce, suave, hesitante. Eles afluíam de diferentes vales e nascentes, cada uma mais distante que as demais; um brotava de uma geleira ou de uma sinuosa cachoeira, e um outro poderia ter vindo de uma longínqua fonte, impossível de se alcançar a pé. Ambos desaguavam no rio maior, cujas águas tinham um som mais

grave, profundo e cujo ritmo era mais amplo e veloz. As árvores, enfileiradas às margens sinuosas dos três rios, acompanhavam-nos em toda a sua extensão; eles eram os donos dos vales e seus demais ocupantes pareciam intrusos, as árvores inclusive. Podia-se contemplá-los por horas a fio, ouvindo-lhes o interminável murmurejar; eram rios muito alegres e cheios de vida, até mesmo o maior de todos, que tinha de manter uma certa dignidade. Oriundos das vertiginosas alturas dos picos das montanhas, tão próximos dos céus, em sua nobre pureza; frios e distantes, seguiam seu caminho sem arrogância. Na escuridão da noite, eles tinham uma sonoridade peculiar que poucos percebiam. Era a essência das canções.

Ao atravessarmos a ponte, no meio do bosque banhado pelo sol, a meditação adquiria um novo significado. Um silêncio espontâneo vinha da ausência de desejo, busca ou lamentos do cérebro; os passarinhos cantavam, os esquilos subiam correndo pelas árvores, a brisa agitava as folhas e o silêncio existia. O pequeno córrego, que vinha de longe, transbordava de alegria, sem abandonar o seu profundo silêncio interior. Infinita e ilimitada imobilidade, que brotava da mente total. Não se tratava de um silêncio produzido pelo pensamento limitado e estreito, e, portanto, aceito como tal. Silêncio que não era fruto da experiência, para ser reconhecido e acumulado, pois não tinha fronteiras nem controle. Poderia desaparecer para nunca mais ressurgir, mas, ainda que reaparecesse, seria sempre diferente. O silêncio é sempre novo; o cérebro é capaz de repetir o passado, através da memória e da recordação, mas o passado não faz parte do presente. A meditação é a ausência da consciência, resultado do tempo e do espaço. O pensamento, cerne da consciência, não pode de maneira nenhuma provocar este silêncio; deve ser espontâneo o findar do intrincado e sutil mecanismo cerebral, sem depender de nenhuma recompensa ou garantia. É a única maneira de o cérebro permanecer sensível, vital e sereno. Faz parte da meditação a compreensão, pelo cérebro, de suas atividades superficiais e ocultas; nisto consiste a base da meditação, sem o que se torna uma atividade vazia de significado, conducente à auto-ilusão e à auto-hipnose. O silêncio é essencial para que ocorra a explosão da criação.

A maturidade não vem com o tempo nem com a idade. Não existe um intervalo entre o presente e o amadurecimento; esse intervalo não existe mesmo. A maturidade é aquele estado no qual cessou toda forma de escolha; só os imaturos escolhem e conhecem o conflito nascido da escolha. Na maturidade não existe uma direção qualquer, mas, sim, aquela que não vem da escolha. Qualquer espécie de conflito revela imaturidade.

Não existe o amadurecimento psicológico, a não ser o inevitável processo orgânico de crescimento. Maturidade é a compreensão, que transcende todo e qualquer conflito. Por mais complexo ou sutil que possa parecer o conflito, tanto interior como exterior, ele é passível de compreensão. O conflito, a frustração e o preenchimento formam um só movimento, tanto interior quanto exterior. É como a maré que vai e vem, mas que em si mesma é apenas um movimento. O conflito deve ser compreendido em sua inteireza, não apenas intelectualmente, mas no contato vivo e real com a sua essência. Esse contato emocional e direto com o conflito, a crise, deixa de ocorrer se nos limitarmos a aceitá-lo, intelectualmente, como necessário, ou a negá-lo de forma sentimental. A aceitação ou a rejeição não alteram o fato e nem mesmo o raciocínio será capaz de provocar a crise necessária. Isso só vem com a percepção do fato. Esta percepção não ocorre se houver condenação, justificativa ou identificação com o fato. Ela só se torna possível quando o cérebro cessa sua atividade, limitando-se a observar, abstendo-se do ato de classificar, julgar ou avaliar. Existirá, necessariamente, o conflito enquanto houver a ânsia de preenchimento, com sua inevitável série de frustrações; existirá o conflito enquanto existir a ambição, com seu velado e implacável espírito de competição; e a inveja faz parte desse interminável conflito, gerado pelo desejo de vir-a-ser, de obter ou de alcançar o bom êxito.

A compreensão independe do tempo. A compreensão está sempre no presente, nunca no amanhã; é agora ou nunca; o que existe é o presente. O "ver" (perceber) é instantâneo; cessando no cérebro o conceito do ato de "ver" e compreender, ele é imediato. Esse "ver" é explosivo, isento de cálculo ou raciocínio. Na maioria das vezes, é o medo que impede a compreensão. O medo, com suas defesas e sua coragem, é a origem do conflito. O "ver" não apenas vem do cérebro, mas também o transcende. A percepção do fato cria sua própria ação, completamente diferente da ação baseada na idéia ou no pensamento; a ação emanada da idéia ou do pensamento gera conflito; a ação visante a ajustar-se à idéia, ao modelo, gera conflito. No campo do pensamento, todo conflito é interminável.

Ao despertarmos de madrugada, aquela estranha bênção confundia-se com a meditação. Caminhando na tranqüilidade do bosque, sentia-se sua forte presença.

28 de agosto

Fora um dia ensolarado e de intenso calor, mesmo num local tão alto como este; os cumes de neve faiscavam à luz do sol. Fazia calor havia muitos dias e os riachos de águas claras deslizavam sob o pálido céu azul, cujo colorido parecia conter o vigor da montanha. As flores ao longo do caminho exibiam seu colorido extraordinariamente alegre e luminoso, e fazia frio nos prados; inúmeras sombras escureciam a paisagem. Há ali uma trilha que atravessa os campos, e envereda pelos montes, contornando as fazendas; o caminho estaria deserto, não fora a velha senhora carregando uma vasilha de leite e uma cestinha com verduras; ela deve ter passado a vida toda indo e vindo por aquela vereda — quando jovem, subia ágil pelas encostas dos morros e, agora, idosa e alquebrada, subia vagarosamente, com esforço, mal desviando os olhos do chão. Ela deve morrer, mas não as montanhas. Mais adiante, notavam-se duas cabras brancas com olhos bem expressivos; elas vieram em busca de afago, mantendo-se distantes da cerca elétrica, que as impedia de fugir. Um gatinho malhado de branco e preto brincava; um outro gato, mais adiante, mantinha-se imóvel no meio do gramado, pronto para saltar em cima de um rato.

Ali, no alto, imperava o frescor e a beleza dos montes e das colinas, dos vales e das sombras. Em alguns trechos, a terra era pantanosa e abrigava um bambuzal dourado e de baixa estatura, com flores de pétalas brancas. Mas, não era só isso. Apesar de termos caminhado sem parar durante uma hora e meia, aquela abençoada força não se ausentou. Tinha a qualidade da absoluta e impenetrável solidez; nem mesmo a matéria poderia ser tão sólida. A matéria é permeável, pode ser fragmentada, diluída, pulverizada; o pensamento e o sentimento têm certo peso; podem ser medidos, alterados, destruídos e até mesmo desaparecer. Mas não era uma projeção do pensamento e muito menos matéria aquela força inviolável. Não se tratava de uma ilusão nem de uma fantasia projetada por um cérebro ávido de poder. Nenhum cérebro seria capaz de conceber tal força, tamanha solidez e vibração, que simplesmente existiam. Há paixão quando não há nenhuma exigência interior. Roupa, abrigo e alimento são necessidades básicas de sobrevivência, não exigências psicológicas. Estas se traduzem nos secretos desejos e anseios que conduzem ao apego. O sexo, a bebida, a fama, a idolatria, com toda sua complexidade; o desejo de autopreenchimento, seguido da inevitável ambição e frustração; a busca de deus, da imortalidade. Todas estas formas de íntimas exigências geram o apego, que é a origem do medo, do sofrimento e da dor da solidão. A necessidade de auto-expressão através da

música, da literatura, da pintura ou de um outro meio qualquer conduz ao desesperado apego ao meio. O músico que utiliza seu instrumento para alcançar a fama, a glória, deixa de ser um músico; ele não ama a música em si, mas sim o lucro que ela lhe proporciona. Utilizamos uns aos outros de acordo com as nossas necessidades e enfeitamos esta mútua exploração com palavras melodiosas; e disso emana desespero e interminável sofrimento. Apelamos para Deus como refúgio, proteção ou um remédio qualquer, e assim, a igreja, o templo, com seus sacerdotes, adquirem enorme significado, quando na realidade não têm nenhum. A fim de satisfazer as nossas íntimas necessidades psicológicas, fazemos uso de tudo, das máquinas, das técnicas, sem que tenhamos amor a elas.

Só existe amor quando não há nenhuma forma de utilização e dependência. As exigências psicológicas, com sua inconstância e eterna busca, que levam à substituição de uma dependência por outra, de uma crença por outra, de um compromisso por outro, é a própria essência do "eu". Adotar uma idéia, um método, ou um dogma, ou pertencer a alguma seita, é a origem e a essência do eu, que assume a forma de altruísmo. É isto um disfarce, uma máscara. Ao libertar-se das exigências psicológicas, atinge o homem a maturidade. Dessa liberdade nasce uma paixão livre de motivo ou busca de recompensa.

29 de agosto

Uma trilha serpenteava por entre algumas casas e fazendas e atravessava os campos e a cerca de arame farpado. Do alto, descortinava-se uma esplêndida paisagem, com montanhas cobertas de neve e gelo, com vales e uma cidadezinha, repleta de lojas. Dali se via a nascente de um rio e os morros cobertos de pinheiros. Era magnífica a visão do contorno das serras, recortadas contra o céu estrelado, carregadas de mistério. Que noite adorável! De dia, o céu esteve claro e sem nuvens e, agora, surpreendia a beleza da sombreada luz noturna. Detrás dos montes, o sol projetava sombras gigantescas sobre as demais colinas e campos. Atravessando a relva, a trilha tornava-se íngreme, alargava-se e penetrava no bosque. Não havia ninguém na estrada deserta, e o silêncio da mata só era interrompido pela agitação do rio, à espera da noite para se aquietar. Dos altos pinheiros exalava um suave perfume. Subitamente, ao ultrapassar um longo corredor de árvores enfileiradas, o caminho ia dar num lindo gramado com um tronco de pinheiro recém-cortado, iluminado pelo sol

do entardecer. Um espetáculo de intensa beleza. Ao vê-lo, o tempo e espaço não existiam: só havia aquele fragmento luminoso. Nós não nos tornávamos aquela luz, nem com ela nos identificávamos. Mas, a aguda atividade do cérebro cessara e o nosso ser, em sua totalidade, lá permanecia com a mesma luz. As árvores, o caminho, o rio já não existiam, bem como a distância entre a luz e o observador. Ausente o observador, o brilho daquele raio de sol vespertino iluminava todo o universo. E não havia separação entre aquela sublime luz e a própria mente.

A maioria das pessoas questiona apenas o superficial. Outros vão longe em sua revolta e há os que negam tudo. Contestar certos fragmentos da existência é relativamente fácil: as igrejas com seus deuses, a autoridade e o poder que dela emana, o político, com suas atividades egocêntricas. Podemos ir longe na contestação de valores que, aparentemente, têm importância, como as relações, os absurdos praticados pela sociedade, o conceito do belo, firmado pelos críticos ou por aqueles que julgam saber. É possível abandonar tudo isso e ficarmos sozinhos, não no sentido do isolamento e frustração, mas por termos compreendido o seu significado, sem esforço ou sentimento de superioridade, na certeza de termos investigado alguma coisa até o fim, de termos esgotado uma questão.

Entretanto, contestar o todo é diferente; a essência da negação está na liberdade inerente à solidão. Poucos se aventuram a ir tão longe, dispostos a destruir os refúgios, as fórmulas, os símbolos, para descobrirem a sanidade e a lucidez.

Mas, como é importante negar; negar sem desejar recompensa, negar sem alimentar a amargura e a esperança, nascidas da experiência e do saber. Negar e ficar só, sem ocupar-se com o amanhã. Da destruidora revolta surge a inocência do ser. É fundamental ficarmos sós, livres de qualquer padrão, de qualquer método, de qualquer experiência, único meio capaz de libertar a consciência do jugo do tempo. Nesse estado, se eliminam, pela compreensão, todas as formas de influência, fazendo-se cessar o movimento temporal do pensamento. A negação do tempo é a essência da eternidade.

Rejeitar a experiência e o conhecido é penetrar no desconhecido. É de efeito imediato, explosivo, o negar; não se trata de mero exercício intelectual, ou de simples entretenimento do cérebro. No próprio ato

de negar há energia, a energia da compreensão, que jamais cede diante do medo e do conformismo. É devastadora a negação; ela não mede conseqüências, nem exprime uma reação, não sendo, assim, o oposto da afirmação. Asseverar, no sentido positivo ou negativo, ainda é reação, que não significa negar. Na contestação não há escolha e, portanto, ela não surge do conflito. Escolha é conflito e conflito vem da imaturidade. Negar é ver a verdade como verdade, o falso como falso e a verdade no falso. Trata-se de uma ação, não de uma idéia. A libertação do conhecido decorre da completa negação do pensamento, da idéia e da palavra. Nasce o amor da total recusa à sentimentalidade e à emoção. O amor transcende o pensamento e o sentimento.

A essência da liberdade é a rejeição do conhecido.

Ao despertarmos cedo, esta manhã, antes da alvorada, a meditação superava as reações do pensamento. Era uma viagem ao desconhecido que o pensamento não podia acompanhar. A aurora inundou o céu de claridade, e logo que o sol atingiu o cume das montanhas, uma infinita pureza espraiou-se sobre a terra.

30 de agosto

O dia esteve claro, sem nuvens, e quente; a terra e as árvores preparavam-se para a chegada do inverno. O outono começava a tingir algumas folhas de amarelo vivo, contrastando com o verde escuro que, até então, predominava. Algumas pessoas colhiam o capim que ia alimentar o gado, durante o longo inverno. Todos trabalhavam, adultos e crianças, sérios e concentrados. As máquinas substituíam as foices, mas, alguns ainda as usavam. A estrada que vinha acompanhando o rio, a certa altura, enveredava pelos campos. Esfriava, pois o sol já se ocultara detrás das montanhas. À margem do caminho, existiam uma serraria e algumas fazendas.

O suave perfume do açafrão inundava os campos. Anoitecer claro e silencioso, e as montanhas pareciam mais próximas do que nunca. O rio seguia seu curso veloz por entre as pedras, e só correndo seria possível acompanhá-lo. O cheiro de capim recém-cortado impregnava o ar daquela próspera e feliz região. Nas fazendas, havia eletricidade e o clima era de paz e fartura.

Poucos apenas contemplam as montanhas ou se detêm para olhar uma nuvem no céu. A maioria olha, faz algum comentário e passa adiante. As palavras, os gestos e a própria emoção dificultam a contemplação. Damos um nome a uma árvore ou a uma flor, podemos classificá-las em categorias, e nada mais. Se alguém achar-se diante de uma bela paisagem e for um pintor, ou entender de arte, provavelmente a comparará com uma pintura medieval ou invocará o nome de um artista contemporâneo. Se for um escritor, olhará com o intuito de descrevê-la. Se exercer a função de músico, talvez nunca tenha admirado a curva de um monte, ou as flores que se encontram a seus pés. A ambição e sua cotidiana atividade o mantêm prisioneiro. Caso seja um especialista, é bem provável que jamais tenha parado para olhar qualquer coisa. O ato de ver exige humildade e inocência. Lá está aquela montanha, iluminada pelo sol do entardecer, e poder vê-la como se jamais a tivéssemos visto, vê-la com o olhar livre do passado, livre do conhecimento, é uma experiência maravilhosa. A palavra experiência é inadequada, pois está impregnada de emoção, saber, reconhecimento e da idéia de continuidade, mas não se trata de nada semelhante. Referimo-nos a uma coisa de todo original. Para vermos o novo, é necessária a humildade, jamais contaminada pelo orgulho e pela vaidade. E foi este olhar inocente que possibilitou, naquela manhã, a visão de um belo espetáculo. Com ele, veio a plenitude do ser, livre de dependência, conflito ou escolha. Era de suprema passividade aquele ser que, no entanto, se mantinha ativo. O estado de atenção pode ser dinâmico ou de imobilidade. O que acontecia era inteiramente novo, e "vê-lo" constituía o milagre da humildade. O cérebro permanecia imóvel, sem reagir, embora desperto. A esplêndida visão daquela montanha à luz crepuscular, com o olhar livre do passado – ainda que o tivéssemos visto centenas de vezes – era presenciar o nascimento do novo. Não falo aqui a linguagem dos românticos e sentimentais, com sua crueldade e humores, nem a dos emotivos, com ondas de entusiasmo e depressão. Trata-se de algo diferente, de um estado de absoluta atenção e silêncio. Dele é que surge o novo.

A humildade não é uma virtude cultivável, nem pertence ao campo da moral e da respeitabilidade. Os santos a desconhecem, pois são aceitos por sua santidade. Aquele que adora uma imagem não conhece a humildade, pois está sempre a implorar, a mendigar. Tampouco conhecem esse estado o devoto e o seguidor. O acúmulo de bens, experiências ou aptidões, nega a humildade. O ato de aprender está livre do processo de acumulação,

mas não a aquisição de conhecimentos. O saber é de natureza mecânica, o que não ocorre com o aprender. Podemos falar em termos de quantidade no campo do conhecimento, mas nunca no aprendizado. Existindo a comparação, cessa o aprender, processo de percepção imediata, fora dos limites do tempo. Toda acumulação e conhecimentos são mensuráveis. A humildade não admite a comparação; não podemos falar em mais ou menos humildade, e é impossível cultivá-la. A moral e a técnica podem ser cultivadas e avaliadas. A humildade e o amor transcendem os limites do cérebro. A humildade está no próprio ato de findar. Ao acordarmos, antes do amanhecer, lá estava aquela força austera e poderosa. Havia um êxtase nessa austeridade. E esse estado de incrível intensidade durou exatamente quarenta e cinco minutos. Aquele êxtase continha o rio e a noite silenciosa e estrelada.

31 de agosto

A meditação sem padrão preestabelecido, sem causa ou motivo, sem direção ou propósito, é um fenômeno extraordinário. Não é somente uma tremenda e purificadora explosão, mas é também a morte sem retorno. Trata-se de uma ação devastadora que penetra por todos os cantos mais distantes e secretos do pensamento. Sua pureza é extremamente vulnerável, e em nada se assemelha à virtude oriunda da resistência. Como o amor, ela é pura porque desconhece a resistência. Assim como a morte é inevitável, não existe, na meditação, o amanhã. A futilidade do tempo no presente — e o tempo é sempre limitado — cessava, com a morte da continuidade, trazendo consigo a destruição do novo. Eis o que é a meditação e não a tola e calculista atividade do cérebro em sua busca de segurança. A meditação destrói a segurança. Nela existe grande beleza. Não a beleza criada pelo homem ou pela natureza, mas a nascida do silêncio. Todas as coisas surgem e fluem do vazio deste silêncio. Nem o intelecto, nem o sentimento podem concebê-lo. Não existe meio de atingi-lo, e um método que a ele conduza será sempre a projeção de uma mente ávida e mesquinha. As atividades da mente calculista devem ser eliminadas; todo e qualquer movimento mental, através do tempo, deve cessar. A meditação significa destruição e risco para aqueles que desejam levar uma vida superficial, uma vida de ilusão e sonho.

Àquela hora da madrugada, as estrelas brilhavam intensamente. O sol demoraria a nascer; as montanhas e o impetuoso e barulhento rio

estavam surpreendentemente silenciosos. Durante uma hora, o cérebro permaneceu naquele estado de vigília, sensibilidade e observação. Nesse estado, em que a mente transcende a si mesma, não existe direção nem aquele que dirige. A meditação tem a ação da tempestade, que tudo destrói e purifica. Distante, surgia a aurora. Do nascente, vinha uma luz tênue e suave, tímida ainda àquela hora da manhã. Ela escorria por entre as serras distantes e iluminava os picos das imponentes montanhas. As árvores permaneciam estáticas, o álamo despertava e o rio gritava de alegria. O muro branco da fazenda tornara-se mais branco ainda. Doce e suave, ela veio, quase suplicante, e invadiu a terra. Nesse instante, os cumes das montanhas, cobertos de neve, incendiaram-se de um rosa vivo, e a vida brotava por toda parte. Três corvos atravessaram o céu, silenciosamente, todos na mesma direção. E o tilintar do sino da vaca, ao longe, não conseguia perturbar aquela quietude. Um carro despontou na curva do morro, e o dia começava.

Uma folha amarela caiu sobre o caminho que atravessava o bosque. O outono já havia chegado para algumas árvores. Era uma única folha, sem manchas, imaculada, perfeita. Continha o amarelo outonal, bela e pura em sua morte. Estávamos no auge da primavera e as folhas daquela árvore ainda eram verdes. A glória da morte. A morte estava lá, não na folha amarela, mas em toda parte; não a morte inevitável e tradicional, mas aquela que está sempre presente. Não se trata de imaginação, mas sim de uma realidade viva, sempre à espreita em cada canto, em cada casa, em qualquer crença. E ela impunha-se, grandiosa.

A morte é inevitável. Podemos tentar esquecê-la, racionalizá-la, ou ainda acreditar na reencarnação ou ressurreição. Seja como for a nossa ação, quer busquemos refúgio na igreja, quer no livro, ela estará presente em todos os momentos da vida.

É necessário conviver com a morte para conhecê-la. O medo impede que ela se revele. É preciso amá-la para desvendar-lhe o mistério. De nada serve o acúmulo de conhecimentos: há sempre um limite para o conhecimento, mas não para a morte. Amar não significa estarmos familiarizados com a morte; não podemos habituar-nos com a destruição. Para nós, é impossível amar o desconhecido. Na verdade, nada conhecemos, nem mesmo nossas mulheres, nosso patrão e muito menos um total estranho. Mesmo assim, é preciso amar o desconhecido. Somente amamos aquilo

que nos traz segurança e conforto. Detestamos a incerteza e o desconhecido. Podemos apreciar o perigo, sacrificar a própria vida por alguém, até mesmo matar em defesa da pátria, mas isso não é amor. Há sempre, nessas ações, o desejo de recompensa. Apesar do sofrimento que encerra, adoramos o sucesso. Curiosamente, o amor e a morte estão sempre juntos, inseparáveis, e nada lucramos em conhecê-la. Presente em todo gesto de ternura, a morte é a própria essência do amor.

Sabemos nós o que é o amor? Conhecemos a sensação, a emoção, o desejo, o sentimento e o processo mecânico do pensamento, mas nada disso ainda é o amor. Dizemos amar nosso marido, nossos filhos; odiamos a guerra ao mesmo tempo em que a exercemos. Nosso amor contém o ódio, a inveja, a ambição e o medo; porém isso não significa amar. Admiramos o poder e a fama, esse mal que corrompe. O amor é o desconhecido com sua extraordinária beleza. Viver nesse desconhecido não equivale a permanecer na dúvida ou cair no desespero. É morrer para o passado e, portanto, viver na total incerteza do amanhã. O amor e a morte desconhecem a continuidade. Somente a memória e o quadro na parede têm continuidade, mas isso, como acontece em todas as coisas mecânicas, produz desgaste, dando lugar a novos quadros e memórias. Continuidade é deterioração, e esta não contém a morte. O amor e a morte são inseparáveis e definitivos em sua ação revolucionária.

1.º de setembro

A sucessão de dias claros e ensolarados fez o gelo derreter mais depressa nas montanhas. O rio tornara-se volumoso, barrento e suas águas turvas corriam impetuosamente. Da pequena ponte de madeira, via-se, ao longe, aquela montanha, espantosamente delicada e atraente, cuja neve irradiava a luz vespertina. Emoldurada pelas árvores, junto ao rio, e pela correnteza, a montanha resplandecia. Grandiosa e etérea, ela investia em direção ao céu. A beleza não estava somente naquela montanha, senão no poente, nos montes, nos campos, nas árvores e no rio. De repente, as sombras e a paz da terra vibraram intensamente. Avassaladora e fulminante, a chama consumiu a insensibilidade do pensamento. O ardor dessa chama anulava a presença do céu, da terra e do observador, e nada mais existia além daquela intensidade. O estado de meditação, durante aquele passeio, não surgira do silêncio ou do encanto da paisagem, que absorvia o pensamento; nem mesmo a conversa o perturbava. Livre

de interferência, a meditação prosseguia, não ao nível do inconsciente ou em algum recesso do cérebro e da memória, e sua presença era tão viva quanto a luz filtrada por entre as árvores. A meditação não é uma atividade egocêntrica geradora de desatenção e conflito; nada tem em comum com a ausência de pensamento da criança absorta em seu brinquedo. Tampouco é um recurso capaz de aquietar a mente. O autoconhecimento é o começo da meditação, que transcende todo saber. Durante a caminhada, ela havia penetrado nas profundezas do ser, sem nenhuma direção, e transcendia as camadas superficiais e mais profundas do pensamento, para tornar-se uma percepção livre do passado. Ao desviar o olhar daquela montanha, viam-se as casas próximas, os campos, os belos montes e as serras longínquas. Quando dirigimos um carro, nossa visão não se limita ao que está à frente, mas abrange o que se passa nas ruas transversais, o carro estacionado, o menino atravessando a rua, ou o caminhão que vem em nossa direção. Caso contrário, provocaríamos um desastre. Esse olhar, que envolve o conjunto, não exclui o que se acha próximo, mas ver só o fragmento impede a visão do todo. Desperdiçamos nossas vidas em atividades imediatistas e superficiais. Viver é a percepção da totalidade que contém o fragmento. Mas o que ocorre é exatamente o oposto: apegados à parte, almejamos atingir o todo. O conhecido é sempre estreito, limitado e é através dele que buscamos o desconhecido. Jamais abandonamos o conhecido, que nos traz a ilusão da segurança, quando, na verdade, tudo pode falhar, até mesmo algumas poucas atividades superficiais e mecânicas. Ainda que de maneira precária, podemos contar com a eficácia dos trens, por exemplo, mas no campo das relações humanas, das crenças e dos deuses de criação humana, tudo é impermanente. Em face do desafio da impermanência, a incessante busca de segurança psicológica é que constitui a essência do conflito. Mais importante do que compreender a realidade, é perceber o mecanismo criador da ilusão, para que ele não se torne uma coisa real. Não se pode discutir com o fato. A realidade não é uma recompensa; o falso deve ser posto de lado, não por almejarmos a verdade, mas por lhe percebermos a falsidade. Isso, porém, não é um ato de renúncia.

2 de setembro

A magia da noite espalhou-se pelo vale, ao longo do rio, pelos campos verdejantes, pelas ricas pastagens, pelas fazendas e nas fantásticas

nuvens, exuberantes de cor e luminosidade. Era tamanho o fulgor de uma delas, debruçada sobre a montanha, que parecia ser a favorita do sol. Soprava uma brisa suave e o vale palpitava de intensidade, quietude e paz. Apesar das máquinas modernas, muitos utilizavam ainda a foice, e a tensão e brutalidade da civilização não haviam chegado àquele lugar. Os fios e os postes de eletricidade que atravessavam o vale não deturpavam a singeleza da paisagem. Ao atravessarmos o campo, seguindo pelo estreito atalho, coberto de grama, as montanhas cobertas de neve pareciam tão próximas e delicadas, fantasticamente irreais. As cabras ansiavam pela ordenha. Inesperadamente, o fascínio da paisagem, as cores, os montes, a riqueza da terra, o vale, estavam dentro de nós. Sem forma ou som, ela confundia-se com nosso cérebro e coração, vulneráveis, livres da barreira do tempo e do espaço, vazios de qualquer pensamento e sentimento. A imensidão do amor inundava de beleza e morte o vale, formando com o nosso ser um todo indivisível. Que noite extraordinária!

Não existe a renúncia. A compreensão não admite sacrifício, pois este não elimina o objeto da renúncia. Compreensão é ausência de conflito; e renúncia é conflito. Desistência é ação da vontade que nasce da escolha e do conflito. Na renúncia existe a troca, que nega a liberdade e engendra mais confusão e sofrimento.

4 de setembro

O corpo foi atingido pelo contraste entre os vales, as montanhas e aquela grande, suja e barulhenta cidade.*Ao seguirmos viagem por entre os vales profundos, as cachoeiras, as espessas matas, em direção ao lago azul e às amplas estradas, o dia estava deslumbrante. E isto acentuava ainda mais o contraste entre aquela região tranqüila e solitária e uma cidade eternamente barulhenta, de clima quente e úmido. À tarde, inesperadamente, enquanto apreciávamos a forma dos telhados e das chaminés, a suave claridade daquele êxtase, daquela força poderosa e desconhecida, invadiu nosso ser e o aposento em que estávamos. Sentíamos sua presença enquanto escrevíamos.

---

* Krishnamurti estava em Paris, no apartamento de amigos, situado no oitavo andar de um prédio na Av. de La Bourdonnais.

5 de setembro*

Da janela do oitavo andar, podíamos ver a extensa fileira de árvores ao longo da avenida, formando um rico tapete verde, pincelado de amarelo, castanho avermelhado e carmin. Daquela altura, o colorido das copas das árvores cintilava ao sol, e o estrondo do tráfego era por elas amenizado. Somente existe a cor e não diferentes matizes de cor. Há o amor e não as diversas manifestações do amor. Fragmentar o amor em sacro e profano, o destrói. O ciúme é a fumaça que abafa a chama e, sem austeridade, a paixão torna-se caótica. Mas, não existe a austeridade sem o despreendimento, a extrema simplicidade. A pureza, até mesmo fragmentada, estava naquela massa de cor, formada de diversos tons; mas, a impureza, como a violência, é imutável e resiste a qualquer tentativa de modificação, ou dissimulação. Ela não é o oposto da pureza, que, tal como a violência, não pode transformar-se em seu contrário. Elas devem apenas cessar.

O casal de pombos fizera seu ninho sob as telhas que cobriam o pátio. À tarde, a fêmea se recolhia, primeiro, e o macho a seguia, altaneiro e sem pressa, para passarem a noite naquele abrigo. Ao amanhecer, reapareceram, o macho seguido da fêmea. Logo esticaram as asas, alisaram as penas e deitaram-se sobre as telhas frias. Um bando de pombos não tardou a aparecer, vindo não se sabe de onde, e cercou o casal de aves com alegre agitação. No instante seguinte, os pombos alçaram vôo, com exceção daquele par. Pesadas nuvens carregavam a atmosfera, e no luminoso horizonte divisava-se extensa faixa de céu azul.

Não há começo nem fim na meditação; tampouco bom êxito ou malogro, ganho ou perda; é um movimento livre de objetivos que transcende o tempo e o espaço. Não se pode experimentar a meditação; o ato de experimentar é limitado pelo tempo, pelo espaço, pela memória e pelo reconhecimento. O meditar surge da passiva observação, livre da autoridade, ambição e medo. Sem liberdade e autoconhecimento, a meditação nada significa. Enquanto existir a escolha, não haverá autocompreensão. Surge a compreensão *do que é* quando cessa o conflito da escolha. O romantismo, a fantasia e as crenças negam a meditação. O cérebro deve libertar-se da falsa estrutura do mito, da ilusão e da busca de segurança. O movimento da meditação nasce da completa atenção.

---

* Data da primeira de uma série de nove conferências, pronunciadas em Paris, e que se estenderam até 24 de setembro.

A flor está na forma, no perfume, na cor e na beleza. Despedaçá-la é ter somente a memória do que ela foi, mas nunca a verdadeira flor. A meditação é a beleza da flor, na vida como na morte.

6 de setembro

Pela manhã cedo, o sol atravessava timidamente as nuvens e o ruído habitual do tráfego não havia começado ainda; chovia sob um pálido céu. Uma suave brisa percorreu a pequena varanda molhada. De pé, olhando o rio e as folhas outonais, aquele estado desconhecido surgiu como um raio, para desaparecer logo em seguida. Como era concreta e verdadeira sua presença! Tão real quanto os telhados cobertos de centenas de chaminés. Havia nele uma força prodigiosa, pujante e incorruptível em sua pureza, que tudo abençoava.

O conhecimento é uma barreira ao descobrimento. Por pertencer ao passado, ele não produz liberdade. Fundamental na ação, no pensar, o conhecimento é também indispensável ao próprio ato de viver. Mas, ainda que sábia, correta ou nobre a sua ação, ela jamais conduzirá à verdade, pois não existe método ou artifício capaz de apreendê-la. Para haver ordem no mundo caótico em que vivemos, é necessária a virtude, que é ausência de conflito. Nada disso, porém, nos transporta para a imensidão do desconhecido. Para tanto, é necessário esvaziar a consciência do conhecimento, da ação e da virtude, sem visar a nenhuma recompensa. Lúcida e atuante na vida diária, é fundamental que a consciência permaneça vazia, pois desse vazio deve nascer todo pensamento e ação. Mas, nenhuma dessas ações nos levará àquela imensidão. O método e a busca devem cessar, para que floresça o vazio criador, livre de um centro que calcula e avalia. Como o amor, o vazio imensurável daquela imensidão surge mansamente, sem princípio ou fim, irradiando inesgotável energia.

7 de setembro

O corpo se ressente da falta de repouso; as constantes viagens, mudanças bruscas de clima, de ambiente, afetam o organismo, forçado, pelas circunstâncias, a longos períodos de ajustamento, em que nada de "significativo" pode ocorrer. Temos sempre de estar partindo. E tudo isso é penoso. Ao despertar esta madrugada, o desconforto físico não impedia a presença daquela força extraordinária. Curiosamente, o corpo,

em regra disposto, porém não raro cansado, demonstrava energia e vigor, apesar do frio matinal. A quietude do cérebro, sensível e desperto, era um convite ao desconhecido. Aquele estado surgiu, inesperadamente, apesar do desconforto físico causado pelo ajustamento a um novo ambiente.

O céu estava claro e a luminosidade do sol, mesmo escondido por trás das chaminés, incendiava o firmamento. As flores do terraço pareciam renascer, alegres e viçosas. Que belo espetáculo de luz e cor! O azul profundo do céu e as flores cintilantes faziam parte da meditação, com ela se confundiam, sem perturbá-la. A meditação não é um processo da concentração, sinônimo de resistência, exclusão, isolamento e conflito. Na meditação, a mente pode concentrar-se, sem excluir ou resistir, mas a concentração impede a meditação. É incrível a importância da meditação, que não tem princípio nem fim. É como o pingo de chuva que contém todos os rios, os mares e as quedas-d'água. Ele nutre a terra e o homem; sem ele, a terra seria um deserto. Do mesmo modo, sem meditação, o coração torna-se árido. A meditação é o natural movimento da liberdade. Seu fluxo cessa na presença do observador, do experimentador. Na ausência deste, a meditação é um movimento veloz e imensurável, que transcende todo símbolo, pensamento e sentimento.

O vento soprava forte, fustigando as nuvens que resistiam à sua fúria. Aquelas formas extravagantes, envoltas em luz e sombra, e a vibração do céu azul, pareciam um sonho no espaço infinito. Havia folhas de outono espalhadas por todo o parque (Champ de Mars). Era uma manhã límpida e fresca, e as flores explodiam em cores de verão. O cortejo fúnebre estava próximo daquela torre imensa (Torre Eiffel). O carro que conduzia o caixão, coberto de flores, vinha seguido de muitos automóveis. Até na morte desejamos ser importantes, não há limite para a nossa vaidade e pretensão! Almejamos a fama e o poder, ou a amizade daqueles que a possuem. Poder e fama, aliados ao reconhecimento, que lhes dá significado. Desejamos a aprovação geral ou daqueles que dominamos. O poder e a fama são sempre admirados e, portanto, nos tornam respeitáveis. O poder é o eterno mal exercido pelo político, pelo santo, ou pela mulher sobre o marido. Apesar de destruidor, todos desejam ardentemente possuí-lo, e aqueles que o detêm querem sempre mais. E o carro fúnebre, todo florido, parecia tão irreal; nem a morte quebra a continuidade do poder. É o bastão do mal, transmitido de geração a geração. Poucos são capazes de abandoná-lo, livremente, sem arrependimento, pois nisso não há nenhuma recompensa. Superada a sensação

de malogro, do desejo de reconhecimento ou da ânsia de ser alguém, quando todo esforço e conflito cessaram, surge um estado de graça que não pertence à igreja nem aos deuses do homem. Indiferentes à passagem daquele cortejo, as crianças continuavam brincando, alegres e despreocupadas.

8 de setembro

As luzes da cidade não ofuscavam o brilho das estrelas e, no meio do intenso tráfego, podíamos distinguir sons como o arrulho dos pombos e o trinado dos pardais; apesar do desagradável cheiro do monóxido de carbono e de outros gases, sentíamos o aroma das folhas de outono e a suave fragrância das flores. Amanhecer estrelado, em que o céu, coberto de flores de nuvens, nos transportava para as insondáveis regiões do desconhecido. Na quietude do cérebro, sensível a qualquer ruído, por mais imperceptível que fosse, e naquela total imobilidade, o movimento penetrante do desconhecido invadia as distantes áreas da mente, onde as palavras nada significavam. Ao atingir o cérebro, transcendia o tempo e o espaço. Não se tratava de uma fantasia, sonho ou ilusão, mas de um fato indescritível. Esse movimento avassalador, qual um vendaval, transbordava de intensa vitalidade e impetuosa energia e, à medida que avançava, destruía todas as coisas, purificando-as e deixando atrás de si um imenso vazio. Estávamos inteiramente conscientes daquela grandiosidade, que não era projeção da mente. Aqueles dez minutos pareciam conter a eternidade.

O sol emergia da glória das nuvens, irradiando luz e vigor. Silenciosa ainda àquela hora, a cidade presenciava o despertar dos pombos e pardais. É impressionante a superficialidade do cérebro; por mais sutil e profundo que seja o pensamento, ele é sempre estreito, limitado e fútil. Forjado pelo tempo, o conteúdo do cérebro corrompe o ato de "ver" e é um obstáculo à ação instantânea da percepção e da compreensão. Tempo e pensamento são inseparáveis, sendo impossível destruir um sem atingir o outro. Incapaz de findar por um ato voluntário, por ser a vontade o pensamento em ação, ele e o centro do qual emana formam duas entidades distintas. O pensamento é a palavra, que por sua vez é acúmulo de memória e experiência. Existirá o pensamento sem a palavra? Há efetivamente um movimento isento da palavra e da idéia e, ainda que venha a ser verbalizado, esse movimento não faz parte do pensamento; ele surge espontaneamente da dinâmica imobilidade do cérebro.

O pensamento, como reação da memória, é condicionado, mecânico e desconhece a liberdade. Dependente do saber, que emana do passado, sendo por este condicionado, ele projeta a ilusão do futuro e constrói a sua prisão, modesta ou luxuosa. De natureza inquieta, seguindo o eterno movimento de expansão e contração, é incessante a atividade do pensamento, seja ela visível ou não, ruidosa ou sutil. Ele é incansável no eterno esforço de aprimorar-se e controlar seus devaneios, inventar seu próprio padrão e ajustar-se ao ambiente.

Incapaz de transcender a si próprio, suas atividades, amplas ou estreitas, jamais rompem o limite da memória. Esta é indispensável à sobrevivência física do homem, porém destrutiva no campo psicológico, pois a atividade egocêntrica do pensamento paralisa toda ação. Portanto, é necessário desenvolver uma sensibilidade capaz de responder prontamente aos desafios da vida, permanecendo imóvel no nível psicológico.

9 de setembro

Como são mal aproveitadas as belezas naturais da cidade; o céu claro e sem nuvens e os pombos sobre os telhados, aquecendo-se ao sol, não abrandavam o ensurdecedor barulho citadino. Lânguidas e despreocupadas, as folhas se agitavam com a brisa outonal. As ruas fervilhavam de pessoas interessadas nas lojas, insensíveis ao céu; elas se olhavam com indiferença, preocupadas consigo próprias e com sua aparência; nem mesmo o seu aprumo conseguia esconder a inveja e o medo que sentiam. Os trabalhadores demonstravam cansaço e irritação. As árvores, ao longo do muro do Museu e o rio contido pelo cais de pedra, pareciam distantes e indiferentes àquela agitação. Os pombos inundavam o local com o seu toque de dignidade. Mais um dia findava nos escritórios. Quanto tédio e desespero no mundo, em que o riso é efêmero e passageiro! À noite, apesar da iluminação nas ruas, persistia o imenso vazio e insuportável sofrimento.

Uma folha amarela acabara de pousar sobre a calçada. Com todo o verão, era ainda bela em sua morte; plena de graça e vida da primavera, o colorido amarelo prenunciava a morte que chegaria ao anoitecer. O inesperado clarão do desconhecido embelezou aquela manhã clara em que a experiência não fazia parte do pensamento. Fragmentado, por natureza, o seu conteúdo é a memória, limitada, estreita e incapaz de perceber o todo. É indefinível a ação do desconhecido, pois o infinito

é inacessível ao pensamento. Na absoluta imobilidade do cérebro, que é por demais sensível, o pensamento finda sem que isto represente a morte, nascendo daí a renovação e uma diferente qualidade de pensar, que aniquilam o sofrimento e o desespero.

10 de setembro

Naquela manhã de domingo, o sol parecia ter varrido qualquer nuvem do céu. Sentia-se tranqüilidade, apesar do ruído intenso do tráfego. Os pombos aqueciam-se ao sol e o colorido de suas penas confundia-se com o do telhado de zinco. Fazia frio e não soprava sequer uma leve brisa.

A paz transcendia o pensamento e o sentimento, não a paz acenada pelo político, pelo padre, por aqueles que a procuram. Almejamos o conhecido, que não é o verdadeiro. Inacessível aos crentes e aos filósofos, esses teóricos da vida, a paz não é uma reação contrária à violência. Para que exista, os opostos e o conflito da dualidade devem cessar. É natural a dualidade no campo da matéria, como, por exemplo, a existente entre claro e escuro, entre homem e mulher, mas o conflito dos opostos, no campo psicológico, é desnecessário. Esse conflito surge da carência, da ânsia de preenchimento, do desejo sexual, da busca de segurança psicológica, que dão origem ao atrito dos opostos. A fuga do conflito dos opostos, do apego para o desapego, são os métodos prescritos pela igreja e pela própria lei, como forma de aquietar a aflição. Esta ordem estabelecida pela lei é superficial, sendo ilusória a tranqüilidade que a igreja oferece como solução à mente confusa. Nada disso significa paz. É imprescindível destruir o símbolo e a palavra, não com o objetivo de atingir a tranqüilidade mas por impedirem a compreensão. Não sendo a paz uma coisa comerciável, ela surge talvez da ausência de conflito, em que toda forma de carência psicológica deixa de existir, dando lugar ao vazio criador. A estrutura psicológica da resistência interna e da busca de segurança deve findar para que, desse vazio, surja a verdadeira paz, cuja virtude não traz nenhuma recompensa.

Assim que o sol iluminou o céu claro e denso, irrompeu a maravilhosa e desprendida bênção, indiferente ao sacrifício, aos seguidores ou à virtude; era a paz infinita e imensurável, só acessível aos seres de coração aberto.

11 de setembro

Estava o parque repleto de crianças, babás, pessoas de diferentes raças, todos falando, gesticulando, gritando, brincando, ao mesmo tempo em que jorrava água das fontes. A harmonia do colorido das flores, habilmente combinadas, demonstrava o bom gosto do jardineiro e oferecia um festivo e alegre espetáculo. Todos pareciam trajados especialmente para desfrutar daquela aprazível tarde. Atravessando o parque e cruzando a avenida principal, descobria-se uma rua tranqüila e arborizada, com velhas casas bem conservadas; o poente incendiava as nuvens e a superfície do rio, com a promessa de um dia igualmente radioso. Ao amanhecer, o sol tingira as nuvens de vermelho pálido e rosa. Era um convite à meditação. Quietude não exprime letargia. Ela surge quando existe a paixão, que dá intensidade à meditação. Meditar não é perseguir uma idéia, mas compreender e transcender o pensamento e o sentimento. A meditação é o ingresso no desconhecido.

Inteligência não é inventividade, memória, ou mero exercício verbal. É muito mais do que isso. Por bem informados e talentosos que sejamos, em certo aspecto da existência, somos ignorantes em outros sentidos. O acúmulo de conhecimentos não reflete, necessariamente, uma mente inteligente. Tampouco a capacidade e o talento. Mas a sensível percepção da vida, de seus problemas, de suas contradições, de suas aflições e alegrias, revela sabedoria. Estar consciente de tudo isto, sem opção, sem ser tragado pela complexidade das questões vitais, sem resistir ao fluxo avassalador da vida, é ser inteligente. Implica também não depender das circunstâncias e, portanto, estar apto a compreender e a libertar-se da influência e das condições ambientais. Em suas camadas mais superficiais e profundas, a consciência é prisioneira do tempo. Mas, a inteligência supera todas as barreiras, livre de qualquer objetivo de ganho individual ou coletivo. Ela nasce do aniquilamento, da ação revolucionária que desmistifica o reformismo, sem o que toda transformação é mera continuidade modificada. A capacidade de destruir o passado psicológico é a essência da inteligência, cuja falta traz sofrimento na ação. O sofrimento é a negação da inteligência.

A ignorância vem da ausência de autocompreensão, esse aprender sem fim. Não nos referimos ao acúmulo do saber, que gera inevitavelmente o núcleo ou o centro do conhecimento, da experiência; nesse processo acumulativo, no sentido positivo ou negativo, não existe lugar para a lucidez. Da compreensão do pensar e do sentir, ao cessarem a

resistência e o desejo de mais, surge o autoconhecimento e a inteligência. O autoconhecimento, como ação do presente, difere da autocrítica exercida pelo centro oriundo da experiência e do saber, em que o passado, vindo à tona, impede a compreensão do presente. Investigando a nós mesmos, criamos inteligência.

12 de setembro

Uma cidade nunca é um lugar agradável, ainda que bela, como acontecia com aquela em que nos encontrávamos. A transparência do rio, os amplos espaços arquitetônicos, as flores, o ruído, a sujeira e aquela torre surpreendente, mais os pombos, as pessoas e o céu, contribuíam para torná-la atraente. Mas, nada se compara ao ar puro e à beleza dos campos, da mata e das florestas, distantes do tráfego ruidoso e da poluição. É lá que encontramos a terra fértil e generosa. Caminhando ao longo do rio, no meio do tráfego barulhento, sentíamos que suas águas continham o universo. Vasto, apesar dos cais de pedra e cimento, que disciplina seu curso, ele representava as águas de todos os rios que jorram das montanhas e atravessam as planícies. Refletia o poente, espetáculo deslumbrante e fugaz de luz e cor. A brisa vespertina divertia-se acariciando as árvores e o outono estava em todas as folhas. O céu, de tão próximo, parecia enlaçar a terra onde havia inconcebível paz. Anoitecia lentamente.

De madrugada, a meditação confundia-se com a bênção do desconhecido, plena de força e lucidez. Veio-nos a nós, inesperadamente, aquela noite, ao deitarmos. O período de ajustamento ao ritmo da cidade dificultara o seu aparecimento, cuja intensidade, beleza e quietude inundavam o quarto, naquele momento. Achando-se o corpo em relaxada imobilidade, sem nenhuma rigidez, sentíamos ainda a sua forte presença ao despertarmos. Indescritível beleza e grandiosidade. Súbito, o cérebro, pronto a reagir, a gravar, a registrar, acalmara-se espontaneamente, para tornar-se imóvel e vigoroso. Incapaz de concebê-la, a imaginação torna-se frágil e insignificante perante aquela força.

A compreensão da carência psicológica é de vital importância. É imprescindível a satisfação das necessidades básicas de alimento, roupa e abrigo. Mas, existirão outras necessidades? Ainda que presos no conjunto das exigências psicológicas, questionamos-lhe a validade. Será inevitável vivermos sob a pressão constante das exigências de sexo, da busca

de preenchimento, da compulsória ambição, da inveja, da avidez? Através dos tempos, o homem fez disso a sua vida e esse padrão de existência é exaltado pela sociedade e pela igreja. Condicionados que somos, aceitamos esta maneira de viver, resistindo debilmente à correnteza, fracos e amedrontados. E a fuga tomou o lugar da realidade. As carências interiores constituem um mecanismo de defesa perante um desafio de significado mais profundo. A busca de preenchimento, a necessidade de ser alguém brotam do medo do desconhecido. A identificação com um país, um partido ou crença, como forma de autopreenchimento, é fuga da própria nulidade, do vazio, da solidão e das atividades egocêntricas. São inúmeras as exigências psicológicas que se multiplicam e constantemente se renovam. Eis por que todo desejo, é contraditório e premente.

O desejo é inevitável; variam os objetos do desejo, mas o desejo está sempre presente. Débil ou forte, controlado, torturado, negado, aceito, reprimido, livre ou aniquilado, ele está sempre lá. Que há de errado no desejo? Qual o motivo dessa guerra constante? Mesmo causando desordem, sofrimento, dor, não conseguimos dominá-lo. Compreendê-lo sem desfigurá-lo através da repressão ou disciplina, é entender as exigências psicológicas. Essas exigências e o desejo são inseparáveis, bem como o desejo de preenchimento e a frustração. A essência do desejo é o conflito, e é falso classificá-lo como nobre ou vil. Do eremita ao líder político, todos somos consumidos pela voracidade do desejo. Na compreensão das exigências físicas e psicológicas, ele deixa de ser uma tortura. Então, transforma-se, ao superar o conteúdo do pensamento e do sentimento, sua carga de emoções, mitos e ilusões. Dessa compreensão, a tortura do desejo se transforma na chama da vida criadora, na qual se consome toda a mesquinhez humana. Nessa chama estão contidos o amor, a morte e a beleza, cuja infindável energia é a própria vida.

13 de setembro

Fora um dia estranho. Aquela bênção tinha sido uma presença constante, no passeio, enquanto repousávamos e durante a palestra.* Acentuara-se à noite, prosseguindo, esta manhã, ao despertarmos. O cansaço físico exigia repouso. Misteriosamente, o corpo, apesar de imóvel, mantinha-se sensível e vigoroso.

---

* Terceira conferência, cujo tema versava sobre conflito e consciência.

As pequenas chaminés ressaltavam naquela paisagem urbana de muito calor e a cidade perdia-se no horizonte mal traçado. O lento início do outono prenunciava o inverno para as árvores, dispostas ao longo da avenida. O céu prateado e a brisa refletiam-se sobre a superfície do rio. Agitados, ao amanhecer, os pombos aqueciam-se, agora, sobre os telhados de zinco quente. Coisa extraordinária é a mente, que contém o cérebro, o pensamento, o sentimento e o variado mundo de emoções e fantasia. Não é este conteúdo que forma a mente total, pois, em verdade, ela transcende o que contém. No entanto, o conteúdo não tem existência própria, porquanto ele existe em função mesmo da mente. O intelecto, o pensamento, o sentimento e a consciência nascem do vazio da mente. A árvore não é a palavra que a designa, não é as folhas, os galhos ou as suas raízes; é o conjunto desses elementos que forma a árvore, e esta, por sua vez, nada tem a ver com suas partes componentes. O conteúdo mental é um atributo da mente, que em si é o vazio, mas não é a própria mente. O tempo e o espaço vicejam nesse vazio. A vida e seus inumeráveis problemas formam o conteúdo do cérebro. Limitado por natureza, o cérebro é incapaz de apreender a vastidão da mente, porque o todo não é a soma das partes. No entanto, contrariamente a este princípio, o cérebro busca formar o todo através da união das partes que se contradizem.

A atividade da memória, a ação baseada no conhecimento, o conflito dos desejos opostos, a busca de liberdade estão dentro dos limites do cérebro. Por mais que ele aprimore, amplie ou acumule seus desejos, a dor jamais cederá. Enquanto o pensamento for mera reação da memória e da experiência não haverá fim para o sofrimento. Existe um "pensar" oriundo do completo vazio da mente; por ser destituído de centro, este vazio é a ação do infinito. Daí surge a verdadeira criação, diferente da criação humana. O amor e a morte são esse vazio criador.

Também esse dia transcorrera de maneira estranha. Apesar das habituais atividades e do ambiente em que nos encontrávamos, aquela bênção não se ausentara um momento sequer. Era como se ela permanecesse no cérebro sem cessar. Desperto, sensível e alerta, aquele estado de aguda observação parecia brotar das profundezas do ser, e, qual uma chama eterna, persistia apesar do cansaço físico.

14 de setembro

Após várias semanas de sol inclemente e poeira, a chuva era bem-vinda naquela noite. Devastada pelo longo período de seca, a terra, árida e queimada, estava coberta de rachaduras; grossa camada de pó cobria a vegetação, tornando necessário regar os gramados. Como é desagradável um longo período de estiagem numa cidade grande, suja e populosa. A atmosfera estava carregada e, agora, chovia havia muitas horas. Somente os pombos não estavam gostando e, silenciosos, tentavam defender-se da chuva. Os pardais que geralmente se banhavam por ali em companhia dos pombos haviam desaparecido; entre tímidos e curiosos, costumavam pousar sobre o terraço, mas o temporal afugentara-os e a terra estava encharcada.

A energia daquela bênção desconhecida permanecera no quarto a maior parte da noite. Ao despertarmos, sentíamos sua forte presença, dando a impressão de ter permanecido a noite toda. Irradiava intensa beleza, que não provinha das imagens geradas pelo sentimento ou pensamento, incapazes de perceberem a verdadeira beleza.

Fala-se do medo. Trata-se de uma abstração, pois está sempre no futuro ou no passado, jamais no presente. Ao surgir o sentimento denominado medo, tratar-se-á realmente de medo? Perante o perigo, de ordem física ou psicológica, é impossível fugir dele. Mas, na absoluta atenção, o medo desaparece. Ele surge da desatenção, do desejo de escapar do fato e, portanto, ele é a própria fuga.

Nos relacionamentos, o medo assume diferentes formas, tais como arrependimento, ansiedade, esperança, desespero. Está intimamente vinculado à busca de segurança, àquilo a que chamamos de amor e devoção, à ambição e bom êxito, à vida e à morte. O medo existe em todos os níveis de nossa consciência, sendo também a origem da resistência, da autodefesa e da renúncia. Medo do escuro e medo da claridade; medo de ir e medo de vir. O desejo de segurança está no princípio e no fim do medo; o desejo de segurança, física ou psicológica, o desejo de escapar à incerteza e à impermanência das coisas. Desejamos a continuidade na virtude, nas relações, na ação, na experiência, no conhecimento, em todos os níveis da existência. Todos clamam por segurança, e dessa insistente busca nasce o temor.

E existirá a estabilidade material ou psicológica? Vemos que mesmo no plano físico, vivemos na incerteza, sob constante ameaça de guerras, revoluções, da implacável marcha do progresso, acidentes e terremotos. É indiscutível a geral necessidade de abrigo, alimentação e vestuário. Apesar da desenfreada busca de segurança, conhecemos nós a segurança

ou a permanência psicológica? Claro que não. E a não aceitação deste fato, a fuga deste fato, é o medo. A incapacidade de encarar esta realidade cria a esperança e o desespero.

O pensamento em si é a fonte do medo. O tempo é a sua essência e pensar no futuro suscita o prazer ou a dor; se visamos a um objetivo prazeroso, o pensamento busca alcançá-lo, temendo malograr-se; sendo desagradável, no próprio desejo de evitá-lo está o medo. O prazer e a dor são a raiz do medo, e o pensamento e o sentimento, gerados pelo tempo, o acompanham. A compreensão do mecanismo da memória, do pensamento e da experiência elimina o temor. O processo da consciência é o movimento do pensamento, no sentido horizontal ou vertical; ele não é apenas a coisa pensada, senão aquilo que lhe dá origem. É a crença, o dogma, a idéia, o raciocínio, e é também o centro do qual estes emanam. E esse núcleo é o nascedouro de todo medo. Sentimos realmente medo, ou estaremos apenas conscientes da causa que produz o mecanismo de fuga do pensamento? A autoproteção física demonstra sanidade e equilíbrio mental, mas todas as demais e conhecidas formas de defesa psicológica implicam resistência e temor. Essa reação impede a segurança física, transformando-a em uma questão de classe, prestígio e poder, originando uma brutal competição.

Libertamo-nos do medo, superficial ou profundo, ao compreendermos totalmente a estrutura do pensamento e do tempo, seus efetivos criadores. A autocompreensão é o desabrochar e findar do medo.

Cessando o medo, cessa também o poder de criar ilusões, mitos, visões, carregadas de esperança e desespero. Tem início, então, o movimento que vai além da consciência, do pensamento e sentimento. É a libertação, por parte da consciência, dos desejos e anseios íntimos. Então, nesse vazio, livre de influência, de conceitos, barreiras ou palavras, nessa imobilidade do tempo e espaço, vislumbramos o inefável.

15 de setembro

Impressionante a magia daquela noite de céu sem nuvens e estrelas faiscantes; apesar da forte iluminação, podíamos distinguir, do alto da torre, a linha distante do horizonte e as manchas de luz sobre as águas do rio; o tráfego ruidoso não perturbava a paz noturna. A meditação nos assaltara como a onda que invade a areia da praia. Não nos referimos a uma projeção da memória, mas, sim, a alguma coisa que acalmava

o cérebro sem nenhum esforço ou resistência. Uma ação livre de fórmula, método ou continuidade, pois estas impedem a meditação. Um movimento que abarcava o todo, as estrelas, o barulho, o silêncio e aquela faixa estreita do rio. Mas, não havia um sujeito naquela ação; para existir a meditação é indispensável a ausência do meditador, do observador. Há uma forma de meditar em que o meditador está presente, mas, quando ele deixa de existir é que surge a verdadeira meditação.

De madrugada, as Três Marias despontavam no horizonte e as Plêiades como que pairavam sobre nossas cabeças. Àquela hora matinal, a cidade silenciara. Não se via luz nas janelas e soprava uma brisa agradável e fresca. A experiência nasce da destruição, jamais do estado de atenção. O acúmulo de experiência, ampliando a memória e construindo os muros da resistência, decorre da desatenção e é dela que surgem as atividades egocêntricas. A ausência de atenção equivale à concentração, exclusão ou isolamento, o que ocasiona a distração e o eterno conflito do controle e disciplina. A desatenção é a inadequada reação ao desafio, e denominamos experiência a esta imprópria reação, responsável pela insensibilidade e estagnação do pensamento. Gera também a estratificação da memória, fortalecendo a estrutura do hábito e da rotina. A experiência e a desatenção se opõem à liberdade e desencadeiam o lento processo da decadência.

Na atenção total não existe o ato de experimentar, nem o centro que experimenta, tampouco a periferia onde se desenrola a ação. A concentração não interfere no estado de atenção, cujo alcance a tudo abrange, sem nada excluir. A atenção superficial significa desatenção, porém o estado de absoluta atenção engloba as atividades superficiais e secretas da mente, o passado e sua influência no presente, projetando-se no futuro. A consciência pode ser transformada pela ação libertadora da atenção. Condicionado, por natureza, e incapaz de causar sua própria mutação, o pensamento é tempo e experiência e, portanto, essencialmente o resultado da desatenção.

Qual a origem da completa atenção? Por certo, nenhum método ou sistema, cujos resultados são conhecidos de antemão. Esse estado é livre como o amor e escapa a qualquer pressão ou ação da vontade. Na atenção total rejeita-se espontaneamente tudo que vem da desatenção. Negamos o falso, não por conhecermos a verdade, pois não existiria o falso se soubéssemos o que é a verdade. A verdade não é o oposto da mentira; o amor não é o oposto do ódio. Por conhecermos o ódio, não sabemos o que é o amor. O mero desejo de atingir o estado de atenção

não é o mesmo que negar o falso. Nem nos livra da desatenção. Não surge da comparação a capacidade de ver o falso como falso, a verdade como verdade e a verdade no falso. Ver o falso como falso é a própria atenção. É impossível esta percepção quando existe opinião, julgamento, avaliação, apego e as demais conseqüências da desatenção. Na plena atenção, capaz de deslindar todo esse intrincado mecanismo, a mente torna-se vazia.

A pureza daquela coisa desconhecida está em sua grandiosa e impenetrável força. Extraordinariamente imóvel, ela esteve presente por toda a manhã.

16 de setembro

Na claridade noturna, não havia uma nuvem sequer no céu. Raro fenômeno, numa cidade como aquela. Emoldurada pelos arcos da torre, a lua contemplava aquele estranho e irreal cenário. A atmosfera agradável sugeria uma noite de verão. Na tranqüilidade da varanda, todo pensamento se desvanecera, dando lugar ao movimento espontâneo e, aparentemente sem direção, da meditação. No entanto, a direção existia. Vinda do nada, a meditação penetrara no vasto e insondável vazio que é a essência de tudo. E é desse vasto desconhecido que surge a criação e a destruição, cuja base é o amor.

Livre do medo, toda busca é sem motivo. Essa busca não nasce da mera insatisfação, mas da revolta com o padrão limitado do pensamento e do sentimento. De natureza efêmera, a insatisfação somente aflora quando os objetos da satisfação se encontram ameaçados de destruição. Conhecemos bem o movimento cíclico da esperança e do desespero. A busca oriunda da insatisfação resulta sempre na ilusão coletiva ou individual, numa prisão plena de atrativos. No entanto, sabemos que existe a busca sem nenhum motivo; será isto a busca? Buscamos sempre o conhecido através de métodos e sistemas preestabelecidos. Esta não é a verdadeira busca, senão nosso simples desejo de satisfazer-nos, de escapar mediante uma fantasia ou outra qualquer ilusão. E haverá sentido para a busca quando o medo, a satisfação e a fuga cessarem de existir?

Dissipado o motivo de toda busca e eliminada a insatisfação e a ânsia de atingir a fama, há então a busca? E, cessando a busca, há a decadência e estagnação da consciência? Pelo contrário, é justamente esta eterna busca, esta troca permanente de um interesse por outro,

de uma igreja por outra, que enfraquecem aquela energia, essencial à compreensão do que é. É sempre novo o que é; ele jamais foi ou será e a liberação daquela energia só será possível quando já não existir busca nenhuma.

Não havia nuvens, naquela madrugada, e o tempo parecia ter parado. Eram exatamente quatro e trinta da manhã, mas isso não tinha a menor importância. Como que não existia o ontem, o amanhã ou o daqui a pouco. O tempo cessara, mas a vida prosseguia sem barreiras. Uma vida sem pensamento nem sentimento. O corpo estava de pé no terraço, diante daquela torre alta e iluminada, contemplando as incontáveis chaminés da cidade; o cérebro limitava-se a observar aquilo que estava à sua frente. O tempo, como medida, como pensamento e sentimento, cessara de existir. Apesar da ausência de movimento, nada era estático. Pelo contrário, aquela fantástica sensibilidade ardia intensamente. Era uma chama fria e incolor. Ao Norte, estava a Plêiade, mais abaixo, apontando para o Leste, achavam-se as Três Marias, e a estrela matinal despontava por cima dos telhados. A chama irradiava bênção e alegria. Não sentíamos deleite, mas o êxtase absoluto. Não nos identificávamos com coisa alguma e aquela chama única e indivisível, simplesmente existia. As Três Marias e as Plêiades se extinguiram ao romper do dia e a estrela matinal não tardou a desaparecer do céu.

17 de setembro

Dia desagradável de intenso calor na cidade; até mesmo os pombos procuravam proteger-se do sol. A noite surgiu fresca e as luzes da cidade não conseguiam ofuscar o brilho das estrelas, que faiscavam intensamente.

A estranha energia esteve presente o dia todo; tênue, a maior parte do tempo, atingia momentos de intenso fulgor para, em seguida, reduzir a chama e prosseguir suavemente.* A intensidade daquela energia imobilizara-nos, obrigando-nos a permanecer sentados. De madrugada, sentíamos a sua poderosa presença e, no silêncio do terraço, quando a cidade se aquietara, a meditação não se fizera de rogada e lá estava ela em toda a sua plenitude. O êxtase revelava a futilidade e infantilidade de tudo. Como era comum, nestas ocasiões, o corpo estava imóvel e o cérebro permanecia silencioso e sensível.

---

* Data de sua quinta palestra.

Pouco mudamos no decorrer de nossas vidas. Costumamos modificar-nos sob pressão interna ou externa, o que, na realidade, é mero ajustamento. Algum tipo de influência, uma palavra, um gesto, podem suscitar a mudança superficial de nossos hábitos. A propaganda, o jornal, ou um incidente qualquer alteram, até certo ponto, o curso dos acontecimentos. O Medo e a recompensa podem levar à substituição de um dado padrão de pensamento por um outro. Também o invento, a ambição, a crença acarretam diversas mudanças. Mas, tudo isto é tão insignificante quanto o movimento da superfície das águas. Não são fundamentais, profundas ou devastadoras aquelas transformações, pois a mudança, baseada em motivo, nada significa. A revolução sócio-econômica é uma reação e, como tal, nada tem de radical; consiste apenas em uma troca de padrões. Esta mudança é mero ajustamento, uma ação mecânica, gerada pelo desejo de conforto, segurança, sobrevivência física.

Que produz a verdadeira mutação? O tempo e o espaço são o limite da consciência, do mecanismo do pensamento, do sentimento e da experiência. É um todo indivisível; por necessidade de comunicação, adotamos a subdivisão da consciência em consciente e inconsciente, mas isso não é real. Ao nível superficial da consciência ocorrem mudanças, ajustamentos, reformas, acúmulo de conhecimentos e técnicas; são superficiais e efêmeras as mudanças que visam apenas ao ajustamento a uma nova ordem sócio-econômica. O inconsciente aflora em sonhos, revelando suas obsessões, exigências e íntimos desejos. Disso surge a necessidade de se interpretarem os sonhos, mas o intérprete é uma entidade condicionada. O estado de observação, livre da escolha e dualismo, é capaz de compreender instantaneamente qualquer movimento do pensamento e sentimento; torna-se desnecessário sonhar e o sono passa a ter um significado totalmente diverso. O observador e a coisa observada, o censor e o objeto da crítica, fazem parte da análise, da face oculta do consciente. Da análise nascem o conflito e o observador, esta entidade condicionada que interpreta e avalia os acontecimentos de maneira falsa e distorcida. Ainda que responsáveis por mudanças e ajustamentos superficiais da consciência, a auto-análise e a psicanálise são incapazes de provocar a sua radical transformação, ou a sua mutação.

18 de setembro

Ao refletir-se no rio, o sol do entardecer incendiava, no outono, as folhas avermelhadas das árvores ao longo da avenida; o fulgor da super-

fície do rio em chamas fazia vibrar o seu inteiro colorido, numa gama infinita de tons. Uma enorme fila se formara ao longo do cais, à espera do barco de excursão turística, e o barulho dos carros era ensurdecedor. Aquela imensa cidade tornava-se insuportável em dia de intenso calor; o céu estava claro e o sol queimava impiedosamente. De madrugada, — as Três Marias (constelação de Órion) achavam-se bem visíveis no céu, e um ou dois carros trafegavam ao longo do rio, — havia paz naquele terraço, e a meditação raiava na morte. É na total abertura, na mais completa vulnerabilidade que a morte se manifesta. Sempre à espreita, à sombra dos íntimos recessos do pensamento e do desejo, a face oculta da morte é desnudada por força da meditação. Mas, a morte é a eterna companheira do coração que fenece no medo e na esperança. Ela jamais abandona o pensamento cauteloso e hesitante. No parque, uma coruja piava, emitindo um som claro e agradável, àquela hora matinal; ia e vinha, a intervalos irregulares, dando a impressão de deleitar-se com sua própria voz, pois não se ouvia nenhuma réplica.

Os limites da consciência são anulados pela meditação; ela destrói o processo do pensar e sentir, urdido pelo pensamento. O método, a recompensa e as promessas deformam e debilitam aquela força misteriosa. Abundante energia é liberada pela meditação, mas ela é deformada e destruída mediante o controle, a disciplina e a repressão. A meditação é a chama que arde sem formar cinzas. As palavras, o sentimento, o pensamento, sempre deixam resíduos e o mundo vive das cinzas do passado. Meditar é viver em perigo, pois nada escapa àquela destruição, nem mesmo o mais leve frêmito do desejo; e é da amplidão insondável desse vazio que surgem o amor e a criação.

A mutação da consciência não vem através da análise. É impossível transformá-la através do esforço, que gera o conflito, e que, portanto, fortalece o núcleo da consciência. Por mais lógico e equilibrado que seja, o raciocínio não conduz à libertação da consciência, pois é uma idéia formada pela influência, experiência e conhecimento, todos produtos da própria consciência. Constatar a falsidade dessas idéias e conceitos com a conseqüente rejeição do falso torna a consciência vazia. A verdade não tem oposto, tampouco o amor; a verdade surge da rejeição dos opostos. A autêntica rejeição não nasce da esperança ou da ânsia de realização. Livre do desejo de reconhecimento, a renúncia não admite recompensa ou barganha. Libertar-se da tradição é negar o falso conceito dos opostos, a falsa autoridade do ajustamento, do conformismo, da imitação, da experiência e do conhecimento.

Negar é estar só, livre de influência, da tradição, da carência psicológica, do apego, da dependência. Estar só é negar o condicionamento e o passado conteúdo da consciência. Observar sem discriminar e a renúncia ao condicionamento conduzem à solidão, que não é isolamento ou atividade egocêntrica. Tampouco significa a fuga da existência. Pelo contrário, é a libertação total do sofrimento e do conflito, do medo e da morte. Esta solidão é a própria mutação da consciência, a completa transformação daquilo que foi. Ela é o vazio e a ausência do ser e do não-ser. A mente se renova, a cada instante, na chama desse vazio. Apenas à mente vulnerável é acessível o infinito, em que da destruição surge o novo, a criação e o amor.

Para além da gigantesca cidade, espraiavam-se os campos, os bosques e os montes.

19 de setembro

Existirá o futuro? Conhecemos a rotina do futuro planejado; das obrigações e tarefas a serem executadas posteriormente. Esses planos podem vir a ser alterados, modificados ou até mesmo esquecidos, mas o futuro permanece como um fato incontestável. Existe a distância entre dois pontos no espaço, entre o próximo e o distante; a distância em quilômetros; o espaço entre os seres; o veloz movimento do pensamento; a outra margem do rio e a lua distante. Há o tempo necessário para se percorrer um espaço, uma distância, e o tempo preciso para se cruzar o rio; para nos deslocarmos de um ponto a outro, o tempo é necessário, seja de um minuto, um dia, ou um ano. Esse é o tempo cronológico, tempo como meio de atingir um objetivo físico. Isto é óbvio e claro. Mas, existirá um tempo futuro, completamente diferente deste tempo mecânico e cronológico? E, no plano psicológico, terá significado o tempo?

Cedo, os pombos arrulhavam e brincavam sobre o telhado. O sol não despontara no céu de nuvens vaporosas, incolores, e o ruído do tráfego não havia começado. Ainda era cedo para o início da rotina diária, e para além das muralhas estavam os jardins. Na véspera, o intenso brilho das flores contrastava com o verde reluzente daquele gramado, em que só os pombos e pardais tinham acesso. Por toda a parte o que predominava era o homem com sua incessante atividade. Logo estaria inundada de luz aquela torre de linhas delicadas e imponentes. A grama pa-

recia tão frágil e as flores não tardariam a fenecer, pois o outono estava em toda parte. Mas, muito antes de os pombos pousarem no telhado, era de pura alegria a meditação no terraço. Não havia motivo algum para aquele êxtase espontâneo e inacessível ao pensamento, ansioso por transformá-lo em lembrança. Subjugados pela força e intensidade daquela energia, o pensamento e o sentimento aquietaram-se. Ela vinha em ondas de incontida e abençoada alegria, que transcendia todo pensar e qualquer exigência. Existirá um ponto de chegada? Chegar significa viver no sofrimento e na sombra do medo. E haverá um ponto de chegada psicológica, uma meta a ser alcançada, um resultado a ser atingido? O pensamento estabelece um objetivo: deus, a bênção, o bom êxito, a virtude e tudo o mais. Mas, o pensamento é apenas a reação da memória, que cria o tempo necessário para transpor a distância entre o que é e o que deveria ser. Este, por sua vez, é o ideal, mera questão teórica, sem nenhuma realidade. A verdade não depende do tempo, não tem nenhum objetivo por alcançar, nem distância a percorrer. O fato existe, e o mais é uma ficção. A verdade aparece quando se morre para o ideal, para as realizações, e para o objetivo, mera fuga do fato. O fato elimina o tempo e o espaço. E, então, existirá a morte? O que existe é o lento findar, a deterioração física, o desgaste orgânico que conduz à morte. Mas isto é tão inevitável quanto o desgaste da ponta do lápis. E será esta a causa do medo? Ou o que tememos é o findar do padrão de vida do vir-a-ser, do lucro, da realização? Este mundo nada vale; é o mundo da aparência e da fuga. O fato, aquilo que é, difere totalmente do que deveria ser. Este contém o tempo e a distância, o medo e a dor. O fato, o que é, resulta da morte do que deveria ser, onde já não há lugar para o futuro. O pensamento, criador do tempo, é impotente perante o fato e, incapaz de modificá-lo, luta para dele escapar; mas o fato sofre uma tremenda mutação ao cessar o movimento da fuga que determina a morte do pensamento, que é tempo. Na ausência do tempo e do pensamento existirá o fato, o que é? Aniquilando o tempo, o pensamento, quando já não existe movimento nem direção, nem distância a percorrer, deparamos com a imobilidade do vazio. E nisto está a total destruição do tempo, do ontem, hoje e amanhã, da memória, da continuidade e do vir-a-ser.

Livre do tempo, resta apenas o presente imediato, a vida no agora. Daí nasce o estado de atenção fora dos limites do pensamento e do sentimento. As palavras e os símbolos, como instrumentos de comunicação, em si nada significam. A vida está sempre no presente; o tempo pertence tanto ao passado quanto ao futuro, e a morte do tempo exprime a vida

no presente. Eis o que é a imortalidade, não a vida dentro dos limites da consciência. Esta é resultado e prisioneira do tempo. Quando o tempo deixa de existir, desaparece o sofrimento inerente ao processo do pensar e sentir.

20 de setembro

Como era sufocante a atmosfera naquele auditório lotado, num dia de insuportável calor!* Não obstante o cansaço e o desconforto físico, ao despertarmos durante a noite, deparamos com aquela coisa singular. Com sua intensidade, não só invadira o quarto, mas se alojara profundamente no interior do cérebro, parecendo superar todo pensamento, espaço e tempo. O indescritível poder daquela energia impelia-nos para fora da cama e, uma vez sobre o terraço, batido pelo vento frio, aquela intensidade não cedia, prolongando-se por toda a manhã. Impossível conceber aquele desconhecido que não era algo imaginário, nem simulação, tampouco o desejo de sensação ou excitamento. Era ele sempre novo a cada aparição; o pensamento tentava em vão recordar acontecimentos passados, ou lembrar-se do ocorrido aquela manhã. Aquela coisa singular transcendia a esfera do pensar, do desejo e da imaginação. Sem ser ilusória, a vastidão do desconhecido é inacessível aos artifícios do pensamento e do desejo, e o cérebro incapaz de conceber aquela imensidão.

Curiosamente, esta aparição é sempre livre de esforço ou tensão; bem-vinda quando surge, sem ser chamada, sua ausência não nos causa preocupação. Não podemos utilizar a sua força e beleza, nem atraí-la ou rejeitá-la. Ela vem e vai em total liberdade.

Isenta de qualquer esforço, era puro silêncio a meditação naquela manhã. Força imóvel, inefável, imensurável, estática, que irradiava incessante movimento expansivo na direção do infinito. A ação contínua e explosiva do desconhecido prescindia de um centro que conduz à decadência e à estagnação, e sua intensidade não era afetada pelas sutis artimanhas do cérebro. O silêncio por este produzido difere muito do estado a que nos referimos. Por não criar resistência, é imperturbável e contém e transcende todas as coisas. Nem mesmo o tráfego intenso de caminhões

---

* Data de sua sétima palestra, em que foi examinado o tema da morte. O conferencista pediu aos presentes que evitassem tomar notas.

de transporte de carga para a cidade, ou o jogo de luzes do alto da torre, perturbava aquele silêncio intemporal.

Ao raiar do dia, encoberto por majestosa nuvem, o sol projetava no céu fantástico movimento de luz e sombra. Esse espetáculo só terminaria quando a nuvem sumisse por detrás das chaminés. Como é limitado o cérebro, por mais cultivado ou requintado que seja! Nada dissipa a sua mediocridade. Ainda que o cérebro vá à lua, explore o universo ou as profundezas da terra, projete e monte o mais complexo maquinismo, inclusive computadores capazes de inventar novos computadores, e mesmo que ele venha a causar a sua própria destruição e ressurreição, nada disso o livrará da mediocridade. O cérebro só é capaz de funcionar no tempo e no espaço, toda filosofia é limitada por seu próprio condicionamento e as teorias e especulações são urdidas por sua astúcia. É inútil qualquer tentativa de fuga de si mesmo. Seus deuses e redentores, seus mestres e líderes têm a medida da sua própria mediocridade. Em seu esforço para superar a estupidez, a eficácia é determinada pelo grau de sua astúcia. Ora buscando, ora pressionado, o cérebro vive na sombra de seu próprio sofrimento, incapaz de transcender a sua futilidade.

A incessante atividade do cérebro, na busca de suas projeções, é inação. As reformas postas em prática estão sempre precisando de novas reformas. Acorrentado ao círculo vicioso da ação e da inação, o pensamento é o desdobramento de seus sonhos.

Ativo ou inerte, nobre ou ignóbil, é infinita a sua superficialidade. Incapaz de escapar de si mesmo, vive na sordidez de sua virtude e moralidade. Só lhe resta permanecer completamente imóvel, o que não deve ser confundido com inércia ou indolência. Esta imobilidade é a única maneira de se preservar a sensibilidade do cérebro. Na renúncia de si mesmo e na rejeição de suas atividades, cessam as suas habituais e defensivas reações, bem como o vício de julgar, condenar ou justificar. E é nessa renúncia que a mediocridade desaparece e cessa o movimento do vir-a-ser do desejo de preenchimento. Revela-se, então, o que é: trata-se de um instrumento mecânico, inventivo, calculista, funcional, cuja perfeição é assombrosa. Como toda máquina, o cérebro é passível de desgaste e morte; torna-se medíocre ao tentar penetrar no insondável mistério do desconhecido, do imensurável. O conhecido é o seu elemento, e lhe é vedado atuar no incognoscível. Suas criações pertencem ao campo do conhecido, mas nem a palavra nem as imagens podem captar o mistério da criação. Jamais conhecerá ele esta beleza, pois a imensidão do indescritível somente aflora na completa imobilidade do cérebro.

21 de setembro

A luz vespertina refletia-se nas águas do rio, e do outro lado da ponte, o trânsito se escoava veloz. Multidões se locomoviam sobre as calçadas, ao término de mais um dia de trabalho nos escritórios. A superfície do rio faiscava, percorrida por minúsculas ondulações, em delicioso rumorejar das águas. Seria possível ouvi-lo, não fora a fúria do tráfego. Mais adiante, os reflexos luminosos intensificavam-se, sugerindo que não tardaria a escurecer. A lua, do lado oposto à elevada torre, contribuía para a artificialidade daquele cenário. Diante daquela torre de aço e daquele restaurante iluminado e repleto de pessoas ela parecia uma irrealidade. Dada a neblina noturna, as luzes projetadas pela torre eram mais brilhantes do que a lua distante. Perante a imponência daquela arrojada construção, tudo se afigurava insignificante. Como somos ignorantes a nosso próprio respeito! Sabemos tudo sobre a distância entre a terra e a lua, sobre a atmosfera em Vênus, sobre a montagem de complexos cérebros eletrônicos, sobre a desagregação do átomo e da ínfima partícula de matéria; mas nada sabemos sobre nós mesmos. Ir à lua nos empolga mais do que uma viagem em nosso interior. Por indolência, por medo ou, quem sabe, por não nos proporcionar o lucro ou a fama, hesitamos empreender esta viagem tão longa. Nada ou ninguém nos pode ajudar nesta jornada, nem mesmo um livro, uma teoria ou um guia qualquer. Temos de fazê-lo sozinhos, munidos de uma energia infinitamente superior àquela necessária à invenção e montagem de sofisticada máquina. E esta energia não pode ser obtida através de nenhuma droga, nem de nenhuma relação humana, ou ainda do controle ou da renúncia. Tampouco nenhum deus, ritual, crença ou prece nos pode propiciá-la. É justamente no abandono de tudo isto, ao compreendermos o intrincado mecanismo da fuga e do desejo, que aquela energia penetra e ultrapassa o consciente.

Impossível é adquirir esta energia acumulando conhecimentos a nosso próprio respeito, pois toda forma de acúmulo e apego a enfraquece e desvirtua. Tais conhecimentos com o tempo tornam-se um fardo, limitando-nos, aprisionando-nos. Com isso deixamos de ser livres para agir no estreito limite daqueles conhecimentos. O aprender está no presente imediato, e o saber sempre no passado. O desejo de acumular impede o ato de aprender, pois o conhecimento é estático, podendo apenas ser ampliado ou reduzido. Já o aprender é dinâmico e, portanto, prescinde do processo de acumulação. Não tem começo nem fim o autoconhecimento. Efêmero é o saber e infinito o aprender.

Nós somos o resultado final de centenas de séculos de existência da humanidade, de suas esperanças e desejos, culpas e ansiedades, crenças e deuses, preenchimentos e frustrações; somos o acúmulo de tudo isto com o acréscimo de épocas mais recentes. O descobrimento dessas verdades profundas ou superficiais não significa a mera repetição de frases de efeito ou conclusões sobre o óbvio. Aprender é vivenciar todos esses fatos, numa experiência direta e sentida, no contato vivo, intenso, não teórico ou verbal, tão concreto quanto a fome que sente um homem verdadeiramente faminto.

No aprender não há aquele que aprende, pois este só sabe acumular conhecimentos. Da divisão entre aquele que aprende e o objeto de seu aprendizado nasce o conflito, que dissipa a energia necessária ao aprender e ao autoconhecimento. Escolha é conflito e impede a percepção direta da verdade; o ato de condenar e de ver também impossibilitam o ver. Na percepção desse fato, isento de teorias ou conclusões, dá-se o aprender de momento a momento. Em verdade, o processo de aprender é interminável. É ele o fator primordial da existência, e não os fracassos, os êxitos alcançados ou os erros cometidos. O fundamental é o ato de ver, e não aquele que vê ou a coisa que é vista. O limite da consciência são as muralhas de sua própria existência, formadas pela experiência, pelo conhecimento, pela memória. Destruímos estas muralhas ao aprendermos sobre este condicionamento, colocando, assim, o pensamento e o sentimento na sua específica e limitada função. Eles deixam então de interferir nas amplas e profundas questões da existência. Morto o ego, com suas tramas secretas, seus anseios e exigências, com suas alegrias e tristezas, inicia-se o eterno movimento da vida.

22 de setembro

Sentia-se tranqüilidade sobre a pequena ponte de pedestres cruzando o rio luminoso. Uma barcaça, pesada de areia fina e clara, recolhida das margens, subia rio acima. No parque, as crianças brincavam sobre o monte de areia. Elas cavavam túneis profundos, construíam castelos, cercados de fossos, divertiam-se muito. Um dia agradável, de clima frio, úmido e de sol ameno. Um cheiro de outono no ar, e um maior número de árvores a mudar de cor, prenunciavam o inverno. Diversos galhos nus, negros, retorcidos, contrastavam com a palidez do céu. O colorido das árvores variava de intensidade, indo do marrom aver-

melhado ao amarelo pálido. Belas até mesmo na sua agonia. Apesar do fragoroso tráfego, era uma tarde agradável, luminosa, mansa.

Surpreendia, naquela manhã, o vibrante colorido das flores amarelas no terraço. À luz da aurora, elas pareciam mais vivas e despertas do que as suas vizinhas. A presença real e objetiva daquela energia em nosso quarto desde a madrugada não era produto do pensamento ou da imaginação. Clareava e, mais uma vez, a serena imobilidade envolvia o corpo e a mente. Completamente desperto, o cérebro observava, sem interpretar. Força de incorruptível pureza e extraordinário vigor, sempre nova e impressionante, ela estava dentro e fora de nós, sem nenhuma divisão. Subjugados por esta energia, o coração e a mente cessavam de existir.

Somente na humildade floresce a virtude. Tampouco é virtude a moralidade social, mero ajustamento a um variável padrão de ambiente ou conduta. A moral vigente, aceita pela sociedade e pela igreja, que tornam respeitável esse modelo, também nega a virtude. Enraizada no conformismo e no desejo de recompensa ou medo à punição, esta moralidade pode ser ensinada e praticada, modelando a sociedade, através da influência e da propaganda, responsável por inúmeros padrões de conduta. Mas, a virtude não é produto do tempo ou de circunstâncias. Ela não pode ser cultivada, e não admite controle ou disciplina. Espontânea e gratuita, é impossível conceder-lhe a marca da respeitabilidade, ou dividi-la em bondade, caridade, amor fraternal e assim por diante. A virtude não é produto do ambiente, da riqueza, ou da pobreza, da abstinência ou de algum dogma. Ela não nasce da astúcia nem do pensamento ou da emoção. Tampouco resulta da revolta contra a moral social; sendo uma reação do pensamento, a revolta é mera continuidade modificada do que foi.

Se cultivada, torna-se a humildade orgulho disfarçado, na ânsia de tornar-se respeitável. Assim como é impossível o amor transformar-se em ódio, a vaidade jamais se tornará humildade. Pelo ideal da não-violência não se elimina a violência; esta simplesmente tem de findar. A humildade não é um ideal por alcançar, pois todos os ideais são falsos, sendo o fato a única verdade. A humildade não é o oposto do orgulho; ela, simplesmente, não tem oposto. Todos os opostos se inter-relacionam, mas nada há em comum entre humildade e orgulho. Este cessa não por ato voluntário, mediante a disciplina ou o desejo de lucro, mas na chama da atenção, livre da contradição e desordem causadas pela concentração. Termina o orgulho ao compreendermos toda a sua atividade. Essa compreensão vem com a passiva observação dos mínimos movimentos do

orgulho. Tal observação é do presente e não pode ser exercitada ou praticada, pois nesse caso seria uma astúcia do pensamento, incapaz de suscitar a humildade. A atenção origina-se do silêncio e da extrema sensibilidade e imobilidade do cérebro. O centro que resulta da concentração, com sua atividade exclusivista, é dissolvido pela atenção, aquela percepção instantânea capaz de destruir o orgulho. Desse estado brotam a humildade e a virtude que dão nascimento à bondade e à caridade. Não há virtude sem humildade.

23 de setembro

O longo período de estiagem trouxe consigo uma atmosfera quente e opressiva, que se sentia até nos jardins. Ansiava-se pela chuva e por um clima mais ameno. Apesar do intenso calor, o gramado que estava sendo regado não havia perdido o belo e resplandecente colorido, em plena harmonia com a exuberância das flores; apesar da proximidade do inverno, algumas árvores estavam em flor. Evitando, cautelosos, a proximidade das crianças, que se divertiam em persegui-los, os pombos estavam em toda parte. Na melancolia do céu fosco e pesado de nuvens, entrevia-se o sol vermelho e o intenso colorido das flores e do gramado. O rio de águas turvas, indolente, seguia seu curso.

Quanta liberdade naquela meditação que nos transportava ao desconhecido mundo de beleza e paz; um mundo sem imagens, sem símbolos ou palavras, sem o fluxo incessante da memória. O amor estava na morte de cada instante, e em cada findar havia a renovação do amor. Livre do apego e de amarras, florescia do nada, consumindo em sua chama os limites e os muros cuidadosamente edificados pela própria consciência. Tal beleza jamais fora plasmada em tela, em palavras, ou no mármore, pois transcendia todo pensamento e sentimento. O puro êxtase da meditação trazia consigo o sentimento do sublime.

Como é estranho o desejo de poder, o poder do dinheiro, do prestígio, da capacidade, do conhecimento. Entretanto, uma vez alcançado, o poder acarreta conflito, confusão e sofrimento. Do eremita ao político, da dona-de-casa ao cientista, todos almejam o poder. E para alcançá-lo não hesitariam em matar ou destruir uns aos outros. O asceta conquista o poder por meio do sacrifício, do controle e da repressão; o político através de promessas, da capacidade de realização e da esperteza; o marido e a esposa, mediante a dominação mútua; o padre através do compro-

misso assumido com o próprio deus. Todos anseiam pelo poder, seja ele mundano, seja espiritual, e a autoridade que dele emana gera conflito, desordem e sofrimento. Todos os que buscam ou detêm o poder da autoridade são por ele corrompidos. O poder exercido pelo padre, pela dona-de-casa, pelo líder, pelo eficiente administrador, pelo santo, ou pelo político local, é nocivo e prejudicial; quanto maior o poder, mais nefasta a sua ação. O mal que ele produz contamina a quantos que, fascinados, passam a adorá-lo, apesar de trazer em seu bojo eterno conflito, dor e confusão. No entanto, ninguém ousa abandoná-lo.

Junto com o poder vem a ambição, o desejo de fama e a crueldade, comportamento que a sociedade aprova e chega a incentivar. Esse comportamento, exaltado socialmente e até pela igreja, desvirtua e aniquila o amor. Estimula-se a inveja e a competição, origem do medo, da guerra e do sofrimento, mas homem algum atreve-se a questionar aqueles valores. A rejeição de qualquer forma de poder é o princípio da virtude e da lucidez, que elimina todo conflito e dor. Sem jamais abandonar os íntimos recessos de nossos pensamentos e desejos, aquele germe da corrupção aflora inesperadamente, apesar dos esforços em reprimi-la, ou modificá-la, através de leis e da moral estabelecida. O fim do sofrimento humano está na investigação e na compreensão do desejo e do pensamento, tarefa primordial de cada um de nós. Devemos empreendê-la sozinhos, sem ajuda de ninguém, sem seguir sistema algum, sem almejar recompensa, pois, uma vez conscientes da estrutura de nosso ser, na percepção do que é, o fato se transforma.

Eliminado o desejo de poder, a confusão, o conflito e a dor, resta-nos aquilo que somos: um amontoado de memórias e uma crescente solidão. O desejo de poder e fama é uma fuga desta solidão, que emerge das cinzas da memória. Para transcendermos isso, precisamos ver o fato, enfrentá-lo sem jamais contorná-lo mediante condenações ou o temor do que é. O próprio ato de fugir da realidade, de fugir do que é, gera o medo. Para que se revele a verdade contida na solidão e nas cinzas da memória, deve ser espontâneo e absoluto o abandono do desejo de poder e fama. Da passiva observação, sem escolha, do fato, nasce uma realidade nova. Somente o amor torna possível o convívio, nunca o apego. Necessitamos de imensa energia para convivermos com as ruínas da solidão e esta energia só pode nascer quando já não existir o temor.

Ao experimentarmos esta solidão, deixando-a para trás como se atravessássemos uma porta, verificamos que nós e a solidão formamos

uma única e indivisível entidade; cessa de existir o observador separado daquele sentimento, que supera a palavra. As diferentes formas de fuga deixam de atrair-nos e então somos aquela solidão, sem saber como evitá-la, encobri-la ou preenchê-la. Rendemo-nos à evidência de que ela faz parte de nós, de que não existe nenhuma separação entre nós e a solidão. Nem mesmo o desespero, a esperança, o cinismo, ou a astúcia podem dominá-la. Somos aquela solidão, as cinzas que restaram da chama; a irremediável e intransponível solidão. O cérebro já não tem por onde escapar, pois é ele mesmo que cria a solidão, através da incessante atividade de auto-isolamento, de defesa e agressão. Conscientizando-se deste fato, adotando uma postura de completa negação e passividade, o cérebro busca morrer, na absoluta imobilidade.

Das cinzas da solidão surge o movimento original do estar só, livre de influências, de pressões, de toda forma de busca ou realização. É a morte do passado. Inicia-se, então, a viagem sem fim pelo desconhecido. E do que é imensurável nasce a força pura da criação.

24 de setembro*

Surpreendia a incrível tonalidade verde daquele gramado tão bem cuidado; de pequenas proporções e protegida por uma grade de ferro, a exuberante beleza daquele espaço colorido justificava os cuidados especiais que lhe eram dispensados. De aspecto centenário, não havia um banco sequer sobre a relva defendida por uma cerca estreita e elevada. Uma roseira florida, em que sobressaía uma rosa vermelha, ocupava uma das extremidades do canteiro. Parecia milagrosa aquela cena que exibia uma rosa vermelha no meio da relva macia, contrastando com a brutal realidade do mundo em que vivemos. De incomparável beleza, sobrepunha-se aos museus, às torres, ao contorno delicado das pontes, imponentes em seu alheamento. A beleza da grama e da flor estava na sua autenticidade, na envolvente quietude e na extrema dignidade de sua pureza. Tarde de forte calor sem o mais leve sopro de brisa, com a atmosfera impregnada de poluição dos carros; mesmo assim, sentia-se ali o perfume característico da grama e, de longe, a suave fragrância daquela rosa solitária.

---

* Data de sua última palestra em Paris.

A lua cheia inundava o quarto de luz, à hora em que despertamos, e era de incrível vigor a qualidade daquele cérebro completamente desperto, sem nenhum vestígio de sono, cujo estado de atenção transcendia o objeto da sua observação, em perfeita harmonia com o movimento global da mente. De ação parcial por operar no fragmento, na divisão, na especialização, e incapaz de apreender o todo, o cérebro contém o pensamento e o sentimento, ambos de natureza limitada. Sendo reação da memória, o pensamento jamais abandona o conhecido e age sempre baseado no saber. Atuando como cientista, artista, padre, advogado, técnico ou fazendeiro, o cérebro é essencialmente o produto da especialização. Incapaz de transcender seus próprios limites, de sua atividade emanam o *status* social, os privilégios, o poder e o prestígio, que ele, o cérebro, cria para proteger-se. Incapaz de ver o todo, a mente especializada, com seu desejo de fama e poder, é a origem de todo conflito social.

25 de setembro

A meditação é o desabrochar do entendimento. Ela atua prontamente e nega o lento e gradual processo de acumulação. Sempre inadiável, a compreensão só existe no presente e sua fulminante e avassaladora ação é motivo de temor consciente ou inconsciente. A compreensão pode alterar o curso de nossa vida, nossa maneira de pensar e agir. Agradável ou não, ela põe em risco todas as nossas relações, mas, em sua falta, persiste o sofrimento. Este só pode cessar através do autoconhecimento, da clara percepção de todo pensamento e sentimento, de cada manifestação do consciente e do inconsciente. A meditação está na revelação da consciência e daquele movimento inexprimível que transcende o pensamento e o sentimento.

O especialista é incapaz de conceber o todo; vive para a sua especialidade, ocupação mesquinha do cérebro condicionado para ser religioso ou técnico. O talento e a aptidão do homem tendem a fortalecer o egocentrismo e sua ação é sempre fragmentada e conflitante. A capacidade humana só tem significado quando a mente atinge a compreensão global da vida. Caso contrário, a eficiência, um dos subprodutos da aptidão individual, torna seu portador implacável e indiferente à totalidade da vida. O orgulho, a arrogância e a inveja, decorrentes da eficiência em determinada função, nos levam à competição, à desordem, à discórdia e à infelicidade. A plena compreensão da vida traz um novo significado

à atividade humana. Reduzir a vida ao nível estreito e fragmentado da luta pelo pão, pelos prazeres do sexo, da riqueza, da ambição, é fomentar o desespero e o interminável sofrimento. O cérebro opera na área especializada do fragmento, nas atividades egocêntricas, dentro do estreito limite do tempo. Por ser um fragmento e incapaz de ver o todo da vida, por hábil e refinado que seja, o cérebro desenvolve uma ação limitada, parcial. É a mente que contém o cérebro e não ao contrário, e só ela poderá compreender o todo.

A capacidade de ver o todo deriva do ato de negar. Este não é o oposto do pensar positivo visto que todo oposto contém o seu contrário. Portanto, o ato de negar não admite oposto. Ao negar, o cérebro torna-se apto a perceber o todo e cessa de interferir, com suas condenações e resistências no curso da vida. Deve ser espontânea a imobilidade do cérebro, pois qualquer espécie de esforço concorre para destruí-lo através da imitação e do conformismo. Do estado de negação surge a passiva imobilidade do cérebro, capaz de perceber o todo; nesse estado, de pura percepção, não existe o observador ou aquele que experimenta; só existe o ver. Então, a mente está desperta, livre da contradição e do conflito, gerados pela divisão entre o pensador e o pensamento. Existe apenas luz e claridade.

27 de setembro*

Do passeio avistava-se a Basílica Mor e, ao longo das famosas escadarias que conduziam à fonte, pessoas colhiam flores multicoloridas; ao atravessarmos a praça repleta de gente, entramos numa rua estreita, calma e de reduzido tráfego. Subitamente, na penumbra daquela travessa mal iluminada, com seu comércio modesto, nosso corpo e cérebro foram imobilizados pela beleza e suavidade da aparição daquele coisa singular. Vários dias ausente, ainda que vaga e momentaneamente distante, sua forte presença manifestava-se com intensidade, penetrante e solícita. Tendo abandonado o pensamento e a palavra, extrema lucidez e insólita alegria invadiram-nos o ser, durando o tempo necessário para percorrer aquela ruela, após o que nos vimos envolvidos pelo tráfego ruidoso e pela multidão irrequieta sobre as calçadas. Era o êxtase absoluto, livre da imagem e do pensamento.

---

* Krishnamurti achava-se agora em Roma, desde o dia 25.

28 de setembro

Toda forma de busca e exigência deve findar, para que o desconhecido possa surgir. Naquela ocasião, era inesperada e espontânea sua presença.

A beleza desabrochava da meditação no silêncio daquela madrugada. Não era a beleza criada pela restrita atividade do pensamento ou pela sensibilidade do sentimento; nem se tratava de uma fantasia, ou de mero produto do tempo, pois o cérebro encontrava-se imóvel. Sem ser uma reação, havia nela a completa negação de todo o conhecimento, livre de qualquer motivo. A meditação era o movimento da liberdade total, sem nenhuma direção ou controle, em que havia a inesgotável energia do silêncio. Da inação nasce o movimento da liberdade. Ele encerrava a bênção e o êxtase, que findavam em contato com o pensamento.

30 de setembro

O sol fora tragado pelas imensas nuvens de cor detrás dos Montes Romanos; esparramadas no céu, o seu intenso fulgor embeleza aquela paisagem esplêndida que nem mesmo os postes telegráficos ou a interminável fileira de prédios conseguiam ofuscar. Anoitecia e o carro seguia veloz seu caminho.*

A ausência do contorno das montanhas, invisíveis à noite, transfigurava aquela paisagem. Ver com o pensamento e ver sem o pensamento são duas coisas distintas. Ao contemplarmos, com o pensamento, aquelas árvores ao longo da estrada e os edifícios do lado oposto aos campos assolados pela seca, o cérebro permanecia acorrentado ao tempo, à experiência e à memória. Neste processo, a incessante atividade do pensamento embota o cérebro, tornando-o incapaz de renovar-se. Sua ação mostra-se inadequada e repetitiva por força do eterno mecanismo de reação ao desafio. O ato de ver com o pensar mantém o cérebro prisioneiro do hábito e do reconhecimento. Dominado pelo cansaço e pela apatia, ele passa a atuar nos estreitos limites de sua própria criação. O cérebro atinge a liberdade quando o pensamento está ausente, o que não significa desequilíbrio ou loucura. Ausente o pensamento, resta

---

* A caminho de Circeo, cidade situada na costa italiana, entre Roma e Nápoles.

apenas o estado de pura observação, livre do processo mecânico de reconhecer e comparar, justificar e condenar. Esse modo de ver desconhece a fadiga, pois destrói os processos mecânicos do pensar condicionado pelo tempo. O repouso absoluto renova a mente, torna-a apta a responder ao desafio sem reagir, a viver sem deteriorar, a morrer livre da tortura dos problemas. Ver sem o pensamento é ver sem a interferência do tempo, do conhecimento e do conflito. A liberdade de ver está fora do âmbito da reação, sempre presa a um motivo. A indiferença, o alheamento ou o desinteresse não resultam da observação livre de reação. Ver sem o mecanismo do pensamento é ver sem restrições, de maneira imparcial, livre de qualquer barreira, porém apto a distinguir entre os diversos elementos que compõem o mundo em que vivemos. Existe uma diferença entre uma árvore e uma casa. Ver sem o pensamento não significa um cérebro adormecido. Ao contrário, é justamente quando ele está completamente despertado, atento, livre de atrito e dor. A meditação brota do estado de atenção, sem os limites temporais.

3 de outubro

As nuvens acumuladas sobre a linha do horizonte formavam um magnífico espetáculo de luz e cor que só era interrompido no poente claro e luminoso. Algumas eram de aspecto ameaçador, negras e carregadas de chuva e trovão, em contraste com a delicadeza das nuvens brancas que irradiavam luz e esplendor. Empilhadas umas sobre as outras, numa gama infinita de forma e tamanho, elas transmitiam incrível vigor e beleza. Apesar da aparente imobilidade, seu interior era extremamente violento, e nada poderia deter-lhe a avassaladora grandeza. Do poente, uma brisa suave impelia aquelas gigantescas nuvens na direção dos montes que com elas formavam um imponente cenário de sombra e luz. A vegetação que cobria os morros e as cidadezinhas ali existentes ressentia-se do longo período de estiagem; com a chegada de mais um inverno, não tardariam as árvores a colorir-se de verde para, em seguida, perder novamente todas as suas folhas. A estrada era uma reta cercada de árvores frondosas e o carro mantinha-se em alta velocidade, até mesmo nas curvas. A velocidade é a razão de ser do automóvel, cujo desempenho, naquela manhã, era excepcional.* O carro vinha colado à pista, talhado para aquele papel

---

* A caminho de Roma, após permanecer três noites no Hotel La Baya d'Argento, em Circeo.

que tão bem desempenhava. Logo, estávamos na cidade (Roma), mas aquelas nuvens imensas pendiam sobre o horizonte em ameaçadora expectativa.

No completo silêncio da noite, em Circeo, interrompido apenas pelo pio intermitente da coruja, enquanto repousávamos na pequena cabana no meio do bosque,* o êxtase da meditação invadiu-nos o ser. Sem o mais leve frêmito do pensamento e suas sutilezas, ela fluía sem cessar, paralelamente à imobilidade do cérebro, que, do vazio, tudo observava. Este vazio desconhecia toda forma de saber e jamais conhecera o espaço ou o tempo. Era um vazio de natureza transcendente. Nele havia a fúria devastadora da tempestade, a comoção do universo em explosão, a inexprimível fúria da criação. A vida, o amor e a morte estavam ali contidos, e nada seria capaz de preencher, transformar ou encobrir aquela imensidão. A meditação se passava no supremo êxtase desse vazio.

O sutil inter-relacionamento entre a mente, o cérebro e o corpo é a essência da difícil arte de viver. Surge o sofrimento quando um desses fragmentos predomina entre os demais e a mente se torna incapaz de controlar o cérebro ou o organismo físico; quando existe harmonia entre o corpo e o cérebro, a mente deixa de ser mero joguete de ambos. O todo contém o fragmento, mas a parte jamais poderá abarcar o todo. A harmoniosa convivência daqueles dois elementos exige extrema sensibilidade e inteligência, quando impedidos de forçar, discriminar ou dominar. Efetivamente, o intelecto pode danificar e até mesmo destruir o corpo, e este, por sua vez, embotado e insensível, corrompe e causa a deterioração do intelecto. Ao descuidarmos do corpo, na complacência e satisfação dos próprios desejos e apetites, concorremos para o seu embrutecimento e insensibilidade, o que conduz à letargia do pensamento. E o requinte e astúcia do pensamento conduzem ao desleixo do corpo, que, por sua vez, afeta e distorce o pensamento. O excesso de peso e a gordura interferem no delicado mecanismo do pensar e este, ao tentar escapar aos conflitos e problemas de sua própria criação, afeta o organismo. A capacidade de acompanhar o movimento veloz e sutil da mente exige grande sensibilidade e harmonia do corpo e do cérebro. A mente, então, deixa de ser mero joguete do cérebro que age de forma mecânica.

---

* Pequenos chalés situados no bosque de propriedade do hotel. O local era calmo e silencioso e havia na cabana dois quartos, um banheiro e uma sala de estar.

A percepção da necessidade vital da mais completa harmonia entre o corpo e o cérebro os torna sensíveis e isentos de qualquer maneira de domínio. A percepção da verdade é definitiva, seja ela negada, seja evitada ou sublimada. A compreensão do fato, e não a sua avaliação, é fundamental. Percebendo-se esta verdade, o cérebro torna-se consciente dos hábitos, como fatores de deterioração do corpo, banindo toda espécie de controle e disciplina, impostos pelo pensamento. Insensibilizando-se através do controle ou da repressão, o corpo conhece a decadência e a deterioração.

Ao acordarmos, quando já não havia o ruído dos carros subindo a ladeira, o perfume do bosque impregnava a atmosfera* e a chuva batia de leve na janela; mais uma vez, aquela estranha bênção inundava o quarto com a fúria da tempestade, o ímpeto de um rio caudaloso e o poder da "inocência". Tamanho o vigor daquela energia que toda forma de meditação findava, e a sensibilidade do cérebro nascia de seu próprio vazio. Apesar da sua intensidade ou até mesmo por causa dela, permaneceu viva e atuante por longo tempo. Diante daquela bênção, o cérebro tornou-se vazio. Da destruição dos pensamentos, dos sentimentos e visões restava o vazio em que nada existia.

4 de outubro

O trem para Florença desenvolvia uma velocidade de 150 quilômetros horários. Aquela paisagem nos era familiar: as cidades sobre as encostas dos morros, o lago, a oliveira, o cipreste e a estrada paralela à linha do trem. A terra recebia contente a chuva que caía depois de um longo período de seca, tornando os rios caudalosos e barrentos e reanimando a vegetação. O trem seguia por entre os vales, causando estardalhaço nos cruzamentos e, sempre que reduzia a marcha, os trabalhadores do local acenavam aos passageiros. Manhã agradável e fria, em que o outono tingia as folhas de ocre e amarelo; os camponeses aravam fundo a terra para a semeadura do inverno, e era acolhedora a visão dos morros centenários de pouca altura. Assim que o trem retomou a velo-

---

* Achava-se Krishnamurti em Roma, hospedado numa casa situada na via del Colli della Farnesina, de tráfego reduzido; o pequeno bosque ficava do outro lado da rua.

cidade habitual, seus condutores nos saudaram, convidando-nos a visitar sua cabine, pois nos conheciam das anteriores viagens. Esse convite fora feito pouco antes da partida do trem e, agora, sua atitude era tão afável e acolhedora quanto a dos rios e dos montes. De sua cabine tinha-se uma visão completa da paisagem, que parecia à espera do costumeiro apito do trem. O sol iluminava alguns dos montes e a superfície da terra parecia sorrir. Rumo ao norte, o céu clareava, contrastando com o delicado esplendor do cipreste e da oliveira. A terra, como sempre, estava bela.

A noite já ia alta quando a meditação invadia e transcendia os espaços do cérebro. Ela não significa conflito, a luta entre o que é e o que deveria ser; livre do controle, movimento algum perturbava aquele estado. A contradição entre o pensador e o pensamento estava ausente, pois nenhum dos dois existia. Restava apenas o ver, sem o observador, cuja ação brotava do inexplicável vazio. A relação entre causa e efeito conduz à inatividade, isso que em regra denominamos ação.

Estranha coisa o amor, que se tornou tão respeitável: o amor a deus, o amor ao semelhante, o amor à família. Primorosamente demarcado como sacro e profano, como dever e responsabilidade, como disciplina e sacrifício, tanto os padres como os generais, ao planejarem as guerras, invocam o amor. Os políticos e as donas-de-casa sempre se queixam dele. O ciúme e a inveja alimentam o amor, que serve de prisão a toda forma de relacionamento. Ele está nas telas dos cinemas, nas páginas das revistas, e cada estação de rádio e televisão o apregoa. Ao findar o objeto do amor, surge a foto emoldurada na parede, ou a imagem cultivada pela memória ou pela crença. Esses valores passam de geração a geração, sem que o sofrimento tenha fim.

A continuidade do amor resulta no prazer, sempre acompanhado da aflição; apegados ao prazer, lutamos para nos desvencilhar da dor. Através da continuidade se busca a permanência e a certeza nas relações.

Ao evitar-se qualquer mudança nas relações, fica-se enredado na sensação opressiva da segurança e na agonia do hábito. E, tachando de amor esse fluxo incessante de prazer e dor, tornamo-nos prisioneiros daquela obsessão. Para escapar ao tédio buscamos refúgio na religião e no romantismo, variável de acordo com as pessoas, que, em verdade, é uma fuga eficaz perante o fato do prazer e da dor. Sem esquecer, é claro, deus, o maior apelo e a derradeira esperança da humanidade, e o qual se tornou tão respeitável e lucrativo.

Nada disto é amor. Não há continuidade no amor; ao contrário da memória, ele ignora o amanhã ou o futuro. As recordações nascem das cinzas do passado, mas o amor é livre do jugo do tempo e desconhece a promessa, a esperança ou o desespero. O cérebro não pode conceber o amor pois este não pertence a nenhuma crença, símbolo ou sentimento. De sua eterna morte e ressurreição advém a destruição definitiva, o aniquilamento do conhecido, os quais são o próprio amor.

5 de outubro

Havia, no jardim, uma árvore gigantesca de tronco descomunal,* cujas folhas secas, à noite, se agitavam ruidosamente ao vento outonal. O inverno estava longe ainda, e cada árvore naquele jardim transbordava de vitalidade, sussurrando e uivando sob a contínua ação do vento. Mas aquela árvore imperava no jardim: seus galhos cobriam a casa de quatro andares e ela nutria-se das águas do rio Mugnone. Seu curso de água não era caudaloso nem ameaçador; famoso ao longo de sua existência, ele vinha coleando por entre os vales, antes de desembocar no mar, a pouca distância dali. A abundância de seu fluxo atraía para as suas margens e pontes grande número de pescadores. À noite, o rumor da pequena cachoeira propagava-se pela região; era como se existisse um diálogo entre as folhas murmurejantes, a queda-d'água e o vento incessante. Manhã adorável de poucas nuvens espalhadas pelo céu azul; mais adiante, a silhueta de dois ciprestes recortava-se contra a luz celestial.

Súbito, de madrugada, quando o vento passava ruidosamente por entre as árvores, o ímpeto avassalador da meditação varreu o conteúdo do cérebro. Toda e qualquer atividade é condicionada e limitada pelo pensamento. A ação baseada na idéia é inação, geradora de conflito e sofrimento. A força vinha do instante imóvel da meditação, não do ato da vontade, que implica resistência, confusão e sofrimento em todos os níveis da existência. A força não é o oposto da fraqueza, pois os opostos contêm os seus contrários.

---

* Um pé de azinheiro nos jardins de vila Il Leccio, ao norte de Florença, acima do Fiesole.

7 de outubro

Chovia e o céu estava ameaçador. Pouco antes, nuvens gigantescas cobriam o horizonte, espetáculo imponente que transmitia paz e vigor. E os montes Toscanos, tão próximos, pareciam prontos a enfrentar a fúria da tormenta que iria desabar à noite. O estrondo dos trovões parecia abalar a terra, e a intensidade dos raios clareava as folhas das árvores transidas de vento e vida. Que esplendorosa noite de vital turbulência e grandiosidade! À tarde, aquele estranho estado surgia intermitentemente, no carro e na rua. Sua forte presença tornou-se mais viva à noite e de madrugada, período em que a meditação atingira o auge da intensidade na exploração do desconhecido, de maneira insistente, porém humilde, perante aquela misteriosa força. Vibrante e cheia de energia, ela invadia a sala, envolvia os galhos da árvore no jardim, indo alojar-se no âmago de nosso ser, imobilizando-nos o corpo e o cérebro. Suave durante a noite insone, ela transbordava de força e vigor ao amanhecer. Atingidos por extrema sensibilidade, o corpo e o cérebro distinguiam o mais leve farfalhar das folhas, contemplando a luz da aurora que se filtrava por entre os negros galhos do pinheiro elevado. Emitindo ondas de ternura e beleza, aquela sublime força transcendia todo pensamento e emoção. Sua presença era, então, abençoada.

A força não se opõe à fraqueza. Cada oposto engendra um outro, num desdobramento infinito de elementos conflitantes. Portanto, ela não nasce da vontade, que é a ação da contradição. Existe uma força gratuita não resultante de decisões, mas que exprime a poderosa energia gerada pelo ato de negar; é a força nascida da absoluta solidão. No findar de todo conflito e esforço, de todo pensamento e sentimento, surge o estado puro da observação, em que a ambição, a inveja e a avidez cessaram espontaneamente de existir. Só então conheceremos aquele estado cuja essência é a humildade, no qual o amor se transforma em morte e esta na própria vida.

É impressionante a força contida no broto de uma árvore na primavera, cuja extrema vulnerabilidade o torna passível de destruição. Dessa qualidade nasce a virtude, que sucumbe ao brilho falso da respeitabilidade ou à futilidade do pensamento. A virtude não está na continuidade mecânica de uma idéia, do pensamento no hábito. Sua força reside justamente no fato de ser facilmente destruída para em seguida renascer. Estas duas e inseparáveis qualidades dependem, para sobreviver, do completo vazio da mente.

8 de outubro

Chovia sem parar, enlameando as estradas e tornando as águas do rio barrentas e caudalosas. A quietude da noite atraiu a chuva, que só parou ao amanhecer. Súbito, o sol iluminou as nuvens colossais cheias de luz e esplendor, pairando no céu azul do nascente. Manhã radiosa, em que o intenso colorido do firmamento bania todo pensar e emoção, dando lugar à observação que vinha daquele vazio.

Antes da aurora, a meditação revelava a grandeza do desconhecido, isso que só pode ocorrer mediante a destruição do passado. A meditação é a explosão da compreensão, cuja essência é o autoconhecimento, que difere do processo acumulativo de saber. O acúmulo de conhecimento é um empecilho ao ato de aprender, sempre no presente, de momento a momento, e que irrompe na meditação.

9 de outubro

No céu sem nuvens o sol despontava por trás dos montes Toscanos, coloridos pelo cinza das oliveiras e pelas manchas escuras dos ciprestes. Não havia sombras refletidas no espelho das águas do rio e estavam imóveis as folhas do azinheiro. A aparente quietude do rio presenciava a alegre agitação dos pássaros que não haviam ainda partido rumo a regiões mais quentes. Agora, o sol projetava sombras extensas sobre a superfície tranqüila das águas.* Uma suave brisa soprava na direção dos montes, atravessava os vales, alojando-se entre as folhas que tremulavam ao sol matinal. Seus reflexos, de diferentes formas e tamanhos, faiscavam sobre as águas. Grossos rolos de fumaça cinzenta desprendiam-se da chaminé solitária, dissipando-se no meio das árvores. Que manhã encantadora, carregada de misteriosa beleza, fascinante espetáculo de luz, sombra e movimento! Havia um perfume agradável no ar e, apesar do sol outonal, sentia-se o sopro da primavera. O ruído que fazia o pequeno carro, ao subir a ladeira, não perturbava as sombras estáticas da adorável manhã.

---

* Pequena represa formada pelo rio à margem do córrego, no meio do bosque.

Ontem, ao entardecer, a "coisa" singular veio de repente numa sala que dava para uma rua de tráfego intenso;* a pujante beleza daquele estado desconhecido extravasava os limites do aposento, o tráfego ruidoso, os jardins e as colinas distantes. Grandiosa e impenetrável, sua presença permaneceu viva a tarde toda e, mesmo à hora de nos deitarmos, quando se tornou insistente a bênção da imensa plenitude (N.T.). Diferente a cada aparição, exibindo sempre algo de novo, uma qualidade inédita, uma nuança sutil, ou um detalhe original antes não observado, aquele estado era inacessível ao pensamento, à formação de hábitos, ao processo acumulativo de memorização e análise. Provinha da ausência do tempo necessário ao ato de experimentar e da imobilidade do cérebro em que cessava toda forma de pensar.

Eternamente presente, sua intensa e vital energia fluía espontaneamente, sem atrito, sem esforço ou direção. Sua intensidade, de tão forte, tornava inúteis as tentativas do pensamento e sentimento em ajustá-la às suas fantasias, crenças, experiências e exigências. Apesar de abundante e inesgotável, costumamos utilizar aquela energia e dar-lhe uma direção, afeiçoando-a à nossa vontade, ou deformando-a segundo nosso padrão de vida, nosso grau de experiência e conhecimento. O que destrói aquela energia é a ambição, a inveja e a avidez, origem de todo conflito e sofrimento; sua força é prejudicada pela cruel ambição, individual ou coletiva, origem do ódio, do antagonismo e do conflito. Ao motivar uma ação, a inveja corrompe essa energia, trazendo consigo a insatisfação, a dor, o medo; o medo vem acompanhado do sentimento de culpa, da ansiedade e das aflições oriundas da comparação e do desejo de imitar. O padre e o general, o político e o ladrão resultam da distorção dessa mesma energia. Esta ilimitada energia, fragmentada por nosso desejo de segurança e continuidade, é o solo fértil da futilidade, da competição, da crueldade e das guerras. Essa fragmentação é que ocasiona o eterno conflito entre os homens.

---

* Apartamento em Florença, onde o autor se achava de visita. N.T. (Nota do Tradutor) Holiness, aqui traduzido como plenitude, e cuja tradução literal é santidade, tem para Krishnamurti um sentido mais amplo de inteiro, íntegro, completo, integrado; esta palavra, em inglês, se origina de *holy*, que significa santo, sagrado, venerável, virtuoso, inocente, que por sua vez vem de *whole* ou pleno, completo, ou, mais uma vez, e por extensão, ileso, incólume, intato, indene, indestrutível.

Ao superarmos essas coisas, com naturalidade e sem esforço, vislumbra-se a imensidão dessa força, que floresce na liberdade. Uma vez livre, ela deixa de causar conflito e dor. Cada vez mais abundante, torna-se ela a própria vida, que não tem princípio ou fim; essa energia é a própria criação, que nasce do amor e da destruição.

Aquela energia, se dirigida, só traz conflito e dor; mas de sua integração vem o êxtase do infinito.

12 de outubro

O pálido amarelo da luz do entardecer ressaltava a rara beleza do cipreste e da oliveira, dourando o rio sinuoso que serpenteava ao fundo. Quanta luz e silêncio naquela tarde esplendorosa! Daquela altura* divisava-se a cidade ao fundo do vale, a cúpula da igreja com seu belíssimo campanário, e o rio que cingia o traçado urbano. Sentia-se a incrível beleza do crepúsculo ao descermos pela escada; o local estava quase deserto àquela hora, livre da fútil agitação dos turistas que não paravam de falar e fotografar, sem ver coisa alguma. Assim que o sol desapareceu, profundo silêncio invadiu aquele vale perfumado. A capacidade de ver e ouvir verdadeiramente vem desse silêncio que nos levou à meditação, apesar da ruidosa descida do carro e de inúmeros solavancos nas curvas da estrada. Dois pinheiros romanos destacavam-se no céu de tons claros; parecia que os víamos pela primeira vez, o que não era verdade. A suave inclinação do morro vibrava com o prateado das oliveiras e os tons escuros dos numerosos e soturnos ciprestes. A meditação tinha o efeito de uma explosão. Negando todo método ou decisão, era o aniquilamento de qualquer vestígio do passado, a destruição do tempo. Dessa explosão surgia a lucidez da transcendência do tempo. Tarde maravilhosa, cheia de graça e amplidão. O imenso silêncio continha a cidade barulhenta com suas luzes e o trem em movimento, e aquela beleza se espalhava por toda parte.

Turistas e homens de negócio lotavam o trem que ia para o sul (de volta a Roma); eles fumavam sem parar e, à refeição, comiam em excesso. A beleza e o frescor do campo vinha da chuva que deixara o céu sem nuvens. Velhas cidades cercadas de muralhas surgiam nos morros

---

* Monte São Miniato, na margem direita do rio Arno.

aqui e ali, e a superfície azul do lago secular estava imóvel. O solo, outrora fértil, cedeu lugar à terra árida e sem vida; as fazendas já não eram prósperas, as galinhas haviam emagrecido, o gado desaparecera, e poucas ovelhas restaram. O trem seguia célere. Apesar da indiferença dos passageiros do compartimento esfumaçado à beleza da paisagem, a imensidão daquela coisa singular invadiu-nos o ser. Por toda a noite, ela exerceu forte pressão sobre o cérebro. Era como se a pureza e a imensidão daquele estado atuasse no âmago da existência. Ao observar a paisagem nova a cada instante, o cérebro superava suas limitações. A chama ardente da meditação irrompia de vez em quando no meio da noite.

13 de outubro

Sob a transparência do céu claro, luzes e sombras tremulavam no meio do pequeno bosque. Era inesgotável o fluxo da meditação, àquela hora matinal, em que o sol estava ausente e não havia ainda carros subindo a ladeira. O fato de ter suas raízes na memória determina o reduzido alcance do pensamento. Ao desejar transcender seus próprios limites, ele se torna meramente especulativo, fantasioso e destituído de significado. É vedado ao pensamento descobrir algo além de seus limites temporais. E, ainda que decifre seu próprio enigma, ele é incapaz de penetrar nos mistérios da meditação. Esta, para existir, depende do findar do pensamento. O sol projetava sombras sobre o muro, os carros trafegavam ladeira acima, e dentro de instantes os operários estariam assobiando e cantarolando sobre os andaimes do edifício em construção do outro lado da rua.

O cérebro é um instrumento de surpreendente sensibilidade. Incansável em sua atividade de captar, registrar, interpretar e acumular impressões, ele não pára jamais de funcionar. Herdando do animal o instinto de sobrevivência e a busca de segurança física, o cérebro tomou-os como base de todas as suas atividades e projeções, tais como deus, a virtude, a moral, a ambição, os desejos, as exigências e os ajustamentos. Por ser extremamente sensível, o cérebro, com sua capacidade de pensar, passa a dedicar-se ao cultivo do tempo, do passado, do presente e do futuro. Com isto, ele tem a oportunidade de adiar a ação, de buscar a satisfação, de perpetuar-se através da busca do ideal e do preenchimento. Daí nasce a dor, a fuga na crença, no dogma, no misticismo, em toda atividade e nas múltiplas formas de entretenimento. A morte e o medo

estão sempre presentes, obrigando o pensamento a buscar alívio e refúgio nas crenças, na esperança e nos conceitos, racionais ou irracionais. A verbalização e as teorias adquirem grande importância, servindo de base ao cotidiano e suscitando sentimentos e pensamentos condicionados. Por mais que se julgue profundo, o pensamento atua num âmbito bem estreito da vida. Seja ele hábil, seja experiente ou erudito, o pensamento é superficial. Como parte do todo, o cérebro, com sua incessante atividade, valorizou-se demais perante si mesmo e dos restantes fragmentos. Por serem a desintegração e a contradição suas características essenciais, é ele incapaz de perceber o todo. Acostumado a reagir e a pensar em termos de opostos, o cérebro vive até hoje no conflito, na confusão e no sofrimento.

O pensamento não pode compreender a vida integral. Essa compreensão nasce da absoluta imobilidade do cérebro e do pensamento, sem estar ele adormecido, embotado, pela disciplina e compulsão, ou hipnotizado. Extraordinariamente sensível, o cérebro pode permanecer imóvel e quieto sem que isto implique perda de sensibilidade ou capacidade de penetração. Surge o insondável mistério do incognoscível quando o tempo e a medida cessarem de existir.

14 de outubro

No passeio pelos jardins da Villa Borghese, encravados no centro da cidade barulhenta e poluída, na solene contemplação de seus pinheiros e árvores, cujas folhas mudavam de cor, e caminhando sobre a relva úmida, sentia-se a presença do inefável. Grata e bela surpresa, intrigava não por estarmos pensando sobre ela, – aquela coisa singular era inacessível ao pensamento – mas por sua incrível abundância. A seriedade deixa de ter significado quando vem do pensamento ou do desejo, mera expressão da fragmentação e imaturidade. Existe uma forma de seriedade, lúcida e penetrante, capaz de dissipar qualquer dúvida; é a seriedade da infinita flexibilidade e alegria. Cada folha daquela árvore, cada lâmina de capim, cada haste de flor vibravam intensamente na chama daquela força misteriosa, que atingia também todas as cores e a imensidão do firmamento. A terra relvada e umedecida era a própria vida.

15 de outubro

O sol inundava de luz o pequeno bosque do outro lado da estrada; manhã suave de temperatura amena. Quanta variedade de cores, quanta sombra no arvoredo palpitante de vida, em postura de aparente expectativa. Muito antes de raiar o sol, no absoluto silêncio da madrugada, a meditação era um movimento abençoado; sem princípio ou fim, num fluxo incessante, ela desaguava no desconhecido e extravasava em todas as direções. Havia nessa bênção inconcebível profundidade, a paz da imensidão. Era a paz que desconhecia o conflito, não tendo sido jamais contaminada pelo pensamento ou pelo tempo. Não era a paz da morte sem retorno, mas havia nela a qualidade vital do risco absoluto, do perigo iminente, da ausência de defesa. Qualquer forma de resistência ou concessão conduz à violência. Não era a paz criada pelo conflito, pois transcendia todo conflito e opostos. Tampouco resultava do desejo de satisfação e do descontentamento, que contêm o germe da decadência e da deterioração.

16 de outubro

A cidade dormia ainda no silêncio da madrugada, quando o cérebro, que acabava de despertar, foi imobilizado pela imensidão daquela coisa singular. A princípio tímida e hesitante, temendo perturbar o sono que embaçava ainda aquele olhar, era de puro deleite a sua presença simples e verdadeira.

18 de outubro

A bordo do avião.* A violência da tempestade e o estrondo dos relâmpagos e trovões despertaram-nos no meio da noite (em Roma), com a chuva batendo forte na vidraça da janela e encharcando as árvores do outro lado da estrada. Respirava-se, então, um ar mais fresco e agradável, após um dia de calor sufocante em que a borrasca tomara de assalto a cidade adormecida. Àquela hora matinal, as estradas alagadas estavam quase desertas, o céu pesava de nuvens e a aurora espraiava-se sobre a terra. Sob a luz artificial, a igreja (S. Giovanni, em Laterano), com seu

---

* A caminho de Bombaim, aonde chegou a 20 de outubro. Em suas anotações não existe referência à data de 19 de outubro.

mosaico dourado, brilhava intensamente. O aeroporto* ficava distante e aquele carro potente corria veloz, dando a impressão de apostar corrida com as nuvens. Ultrapassando sem dificuldade os poucos automóveis que trafegavam pela estrada, ele não reduzia a sua velocidade nem mesmo nas curvas. Retido por longo tempo na cidade, era difícil contê-lo agora, na amplidão daquela estrada. Logo chegamos ao aeroporto. Sentia-se o cheiro da maresia e da terra úmida vinda dos campos escuros recém-arados; apesar de algumas folhas amarelas de outono aqui e ali, parecia fosforescente o colorido verde das árvores; o vento soprava do Oeste e o sol não iria aquecer a terra durante aquele dia. As límpidas folhas resplandeciam e uma infinita paz espalhou-se sobre a terra.

Ao amainar a fúria da tempestade, no meio da noite, o estado de meditação daquele cérebro tranqüilo era como que um preparo para entrar no vazio imensurável. A imobilidade do cérebro, decorrente de sua sensibilidade, era espontânea, pois toda ação baseada em motivo leva à desintegração. Aquela quietude transcendia o espaço limitado do aposento e o tempo cessava de existir. Restava apenas o estado de atenção consciente, desperto, cujo centro a tudo observava; nesse estado de vigilância extinguia-se a origem de todo pensamento, de modo natural e espontâneo, sem nenhuma violência. Ouvia-se o rumor da chuva e percebia-se o movimento na sala ao lado. Era a percepção livre de interpretação ou reconhecimento. O corpo estava imóvel e a devastadora pureza daquela singularidade revelava-se através da meditação, sem deixar vestígios. Onipresente, ela se impunha como a essência de todas as coisas, a paz do infinito e imensurável vazio.

20 de outubro

O mar lá embaixo, daquela altura de cerca de 1400 metros, parecia vasto e imóvel; era rude a beleza do deserto e dos morros vermelhos, sem nenhuma vegetação; via-se, agora, mais uma vez, o mar e, distante, as luzes da cidade, destino de todos os passageiros. A seguir, a gritaria, a montanha de malas, a fiscalização e o longo percurso de automóvel por ruas mal iluminadas e calçadas atulhadas de gente. Sentiam-se os mais variados odores; ouviam-se vozes estridentes; viam-se templos deco-

---

* Ciampino. O aeroporto de Fiuminciano ainda não havia sido construído.

rados e os carros enfeitados de flores, como parte das comemorações daquela data festiva; as ricas mansões, as favelas sombrias e, súbito, no fundo da ladeira íngreme, o carro parou e a porta se abriu.

A bela e digna presença daquela árvore repleta de folhas verdes contrastava com a falta de harmonia das casas ao seu redor, cujos habitantes jamais se detiveram em olhar uma folhinha sequer de seus galhos. No entanto, eles ganham dinheiro, freqüentam os escritórios, bebem, procriam e comem sem parar. A luz do luar refletia-se em suas folhas, tornando vívido o esplendor da noite escura. E a meditação, ao amanhecer, no quarto estranho, revelava o esplendor da luz na presença daquela coisa singular. De novo, vislumbrava-se a paz verdadeira, a paz sem artifícios, não aquela preconizada por políticos e sacerdotes, ou a acalentada pelos contentados; sua vastidão, inacessível ao pensamento ou ao sentimento, transcendia o tempo e o espaço. Concreta como a terra e todas as coisas que a povoam, ela continha e transcendia o universo. Para que a paz se torne real é preciso que o homem, tal como é, deixe de existir.

O tempo repete incessantemente seus desafios e seus problemas, em que as reações e respostas visam apenas ao presente imediato. Fica-se enredado no desafio imediato e na maneira mais rápida e eficiente de resolvê-lo. A pronta resposta ao desafio do presente faz parte do materialismo, com seus problemas insolúveis e agonias intermináveis; o intelectual reage com ações baseadas em idéias, de raízes profundas no tempo, no imediato, e os insensatos, deslumbrados, o seguem; o representante da religião, que depende da propaganda e da crença, responde ao desafio com sua bagagem cultural; os demais agem de acordo com o gosto, a tendência, o preconceito ou a esperteza de cada um. E todo gesto seu ou argumento perpetua o desespero, a dor, a confusão. E isso não tem fim. Abandonar o conjunto destas reações não resolve o problema. Não adiante negá-lo, aceitá-lo, criticá-lo, racionalizá-lo ou até mesmo eliminá-lo, denominando-o ilusão ou *maya*. Nada disso traz a libertação do sofrimento. A interminável série de desafios e respostas deve cessar, para que do vazio criador surja a resposta verdadeira às solicitações imediatas, que talvez seja a ausência de reação. Toda e qualquer manifestação do pensamento e da emoção serve apenas para prolongar o desespero e agonia de problemas insolúveis; a resposta definitiva transcende o imediato.

A esperança, a vaidade e a ambição emanam do imediatismo, do presente ou do futuro, e é esta a trajetória do sofrimento. A resposta

imediata ao desafio jamais nos liberta do sofrimento, que finda ao percebermos este fato.

21 de outubro

Com certa pompa, as folhas das palmeiras oscilavam ao vento oeste que soprava do mar, alheias ao barulho e movimento da rua. A harmonia e a elegância de seus troncos escuros e elevados, resultado de anos de desvelo, sobressaíam naquela paisagem noturna de céu estrelado e mar de águas mornas. As palmeiras como que ofertavam o frescor de suas folhas para tirar-nos daquela rua sórdida e imunda, mas a brisa vespertina as desviava de seu intento, enchendo o céu com seu doce balanço. O movimento da rua era intenso; jamais ficaria limpa novamente, tamanha a quantidade de escarros sobre a calçada; seus muros estavam cobertos de anúncios de filmes e dos nomes de candidatos a eleições e de chavões partidários; era uma rua sórdida, apesar de ser a principal da cidade. Ônibus imundos trafegavam com estardalhaço; os táxis buzinavam sem parar e muitos cães pareciam ter passado por ali. A pouca distância, estavam o mar e o sol do poente, uma bola incandescente. Após um dia abrasador, ele tingia de vermelho o mar e algumas nuvens esparsas. O mar sem ondas parecia inquieto e sonhador. Nem mesmo a brisa noturna trouxera um alívio para o excessivo calor. Ao caminharmos por aquela rua, de aspecto repugnante, onde as pessoas se comprimiam, a meditação era a própria essência da vida. Imóvel, o cérebro, delicado e atento, observava as estrelas, percebia as pessoas à sua volta, os odores e o latido dos cães. Uma folha amarela acabara de cair sobre a estrada imunda e foi, em seguida, esmagada pelas rodas de um carro em movimento; com toda a sua beleza, foi facilmente destruída.

A onda renovadora daquela coisa singular surpreendeu-nos à hora do passeio, entre as palmeiras, ao longo da rua. Suave como o perfume da flor e vigorosa como o sopro da eternidade, ela era destituída de sentimentalidade, de ilusão ou da transitoriedade do pensamento. Presença clara, firme, definitiva, inquebrantável. Consciente da proximidade dos ônibus em movimento, da rua molhada e do ranger de freios, o cérebro percebia também o mar distante, sem ser por tudo isso atingido. Livre de amarras, ele tudo observava de seu próprio vazio. Trazendo em si um apelo urgente, aquele estado desconhecido não era mero sentimento

ou sensação; tampouco expressava a instabilidade da emoção. Inacessível ao pensamento, sua presença era inexorável como a morte. Força incorruptível, nada poderia destruí-la, pois era destituída de laços ou raízes.

23 de outubro

A absoluta imobilidade do cérebro constitui fenômeno extraordinário: apesar de imóvel, ele não perde a sensibilidade, o vigor, a lucidez e a presença de espírito. Quieto porque vulnerável, por estar livre de barreiras, por ter abandonado os mais íntimos e secretos desejos e buscas; quieto por estar ausente o conflito, cuja essência é a contradição. A quietude do cérebro nasce de seu vazio, o que não significa um estado de vácuo ou apatia, mas sim de ilimitada energia. Ao passar pela rua fétida e suja, cheia de gente, de tráfego intenso, o cérebro estava consciente do que ocorria em derredor; o corpo seguia seu caminho, sensível aos cheiros que impregnavam a atmosfera, como também à sujeira, aos operários suados e mal vestidos; não havia, porém, um centro, uma entidade isolada de onde partisse a observação, a justificativa ou a condenação. O cérebro permaneceu imóvel durante aquele percurso, bem como o pensamento e o sentimento; o corpo foi sendo invadido pelo cansaço em decorrência do incrível calor que fazia e da excessiva umidade do entardecer. Era verdadeiramente estranho aquele fenômeno, apesar de não constituir novidade. São acontecimentos que jamais se transformam em hábito ou desejo, constituindo uma surpresa a cada aparição.

Sentia-se forte calor no avião lotado, que se dirigia a Madrasta; nem mesmo a altitude de cerca de 2 mil e quinhentos metros a que voava conseguia refrescar o ambiente. Súbito, a inesperada presença daquela coisa singular invadiu o interior do avião. Sempre nova e surpreendente, aquela força misteriosa escapava a qualquer tipo de análise posterior. Impossível transformá-la em memória, pois toda vez que ela surge o faz sem deixar vestígios. Por ser um acontecimento único e completo, tem o frescor do novo, do surpreendente. Aparição de extraordinária beleza, não resultava da contemplação daquelas nuvens fantásticas ou do infinito azul do céu, mas sim do fato de ser gratuita. Essência da vida como um todo, do passado, presente ou futuro, da vida sem tempo, sua presença era a explosão da beleza.

O pequeno carro dirigia-se para casa, para o vale;* longe das cidades e da civilização; seguia por entre estradas acidentadas, de curvas fechadas, gemendo e rangendo, mas sem esmorecer. Apesar de não ser velho, o automóvel estava maltratado e exalava forte odor de gasolina e óleo, mas, mesmo assim, corria veloz para casa, por estradas asfaltadas, ou não. Quanta beleza naquele campo revigorado e de colorido mais intenso em conseqüência da chuva que caíra na noite anterior. Comovia a força, o vigor e a beleza do tamarindo, do fícus e de outras e diversas árvores, apesar de algumas serem bem antigas. Mais adiante, viam-se as montanhas e a terra vermelha; o que impressionava não era a imponência ou o tamanho daquelas montanhas, mas a suavidade de seu traçado secular, entre os mais antigos sobre a terra; expondo-se serenamente à luz vespertina, elas adquiriam uma rara tonalidade azul. Áridas e rochosas algumas, havia outras de vegetação rasteira e poucas abrigavam árvores, mas tinham todas a docilidade da compreensão perante o sofrimento. As chuvas tornaram mais vermelho o chão a seus pés; não tinha a cor do sangue, tampouco do sol ou de um pigmento qualquer produzido pelo homem; era o vermelho absoluto que irradiava luz, formando um contraste violento com o verde. Doce entardecer de temperatura amena e fresca, no alto daquele vale.

A bênção daquela singularidade veio silenciosamente com a luz vespertina, que acentuava o colorido azul das montanhas e a vermelhidão da terra. Ainda que sempre igual, era espantosamente nova a cada vez que aparecia. Imensa e vulnerável, tinha o poder da destruição; embora abundante, ela extinguia-se numa fração de segundo, transcendendo o tempo. Após um dia exaustivo, o cérebro estava alerta; do vazio, seu olhar era livre do observador e do passado.

24 de outubro

Ao assomar por trás dos montes, a lua, envolvida por uma nuvem alongada em forma de espiral, transformava-se em estranho e fantástico arabesco. Sobre os morros, a terra e os pastos verdejantes, o luar projetava um clarão luminoso para, em seguida, desaparecer entre as nuvens

---

* Vale de Rishi, situado ao Norte de Madrasta, a uma altitude de 763 metros acima do nível do mar. Existe ali uma escola de Krishnamurti, local onde o autor costuma hospedar-se.

que prenunciavam chuva. Garoava sobre a terra que parecia feliz, pois raramente chovia naquela região e qualquer gota de água era preciosa; o enorme fícus, o pé de tamarindo e a mangueira podiam resistir, mas as plantas menores e o arrozal ansiavam por um pouco de chuva. Infelizmente, as nuvens se dissiparam e a luz voltou a brilhar no céu estrelado. No litoral, chovia torrencialmente, mas aqui, onde a chuva era tão necessária, o céu estava claro. Noite linda, repleta de sombras escuras e de formas variadas. À luz intensa do luar, as sombras permaneciam imóveis e as folhas recém-lavadas faiscavam intensamente. Durante o passeio, a meditação surgia em meio à conversa e à beleza noturna. De incrível profundidade, ela fluía em todas as direções, no movimento expansivo da eclosão. Ainda que surpreendente e incomum, era um fenômeno real e objetivo que simplesmente existia; estávamos conscientes daquele acontecimento sem transformá-lo em experiência. Sua ação extraordinariamente perturbadora, recusando a fútil e mecânica interferência do pensamento e da emoção, desenvolvia-se na profundeza do imensurável.

Movendo-se para o Oeste, o luar inundava o quarto de luz e fazia as folhas escuras brilharem com intensidade. Nem mesmo o estridente latido dos cães perturbava o silêncio absoluto da noite. Ao acordarmos, lá estava a presença clara e precisa daquela coisa singular, que nos tornava atentos e extremamente lúcidos perante o incomum acontecimento. Poder-se-ia confundi-lo com um sonho, uma ilusão do inconsciente, um truque da mente, se o cérebro não estivesse completamente desperto. Concreta realidade, sentia-se a leveza 'e inabalável vigor daquele estado desconhecido. Ainda que tenham um significado intrínseco e bem definido, é impossível expressar em palavras o mistério daquela coisa inefável. Sendo um mero símbolo, a palavra não exprime a realidade. Incorruptível e de enorme poder, aquela energia era invulnerável a qualquer tentativa de aproximação, verbalização ou reconhecimento. Alheia a qualquer interpretação ou vínculo com o mundo exterior, o cérebro permanecia imóvel e vazio de pensamentos perante a imensidão do desconhecido. Chama inatingível e fugaz, seguida de inesperado êxtase e inexprimível alegria, era real a sua presença ao despertarmos subitamente no meio da noite. Presente ainda à hora habitual de acordarmos, aquele êxtase continuou por longo tempo.

25 de outubro

O capim de talo longo, que cresce livremente no jardim, com sua frágil e dourada floração, quase se partia com o incessante balanço pro-

vocado pela brisa do entardecer. Mas, tal somente aconteceria se soprasse um vento mais forte. Um feixe de capim bege-dourado agitava-se ao vento; cada talo tinha seu próprio ritmo e esplendor, mas formavam todos uma única onda em movimento. De colorido indescritível, à luz vespertina, tanto podia refletir o poente radioso como o dourado da terra, das nuvens e dos montes. A rude beleza das flores chamava-nos a atenção, e impressionava a estranha delicadeza daquela erva silvestre que exalava ligeiro odor de trigo, evocando tempos remotos; puras e vigorosas na forma, transmitiam incrível vitalidade. Uma nuvem luminosa cruzou o céu, enquanto o sol desaparecia por trás do monte escuro. Um perfume agradável vinha da terra molhada e respirava-se um ar mais fresco. Era o início do período de chuvas e com ela renascia a esperança.

Súbito, ao voltarmos para o quarto, a "coisa" singular aconteceu novamente; lá estava "ela", sutil, envolvente e repentina. Alguém entrou e saiu logo em seguida; falava-se de assuntos irrelevantes. Chocava sua acolhedora presença naquele aposento; impossível resistir ao seu apelo insistente. Esse mesmo fenômeno teve lugar mais de uma vez, em Wimbledon; ali, ao dobrarmos uma esquina, deparou-se-nos aquela misteriosa força que parecia aguardar-nos à sombra do arvoredo, à beira de um caminho de grande movimento, em local tão distante daquele em que nos encontramos agora. Atônitos, estancamos ali, à sombra daquelas árvores, mudos de espanto, abertos e vulneráveis. Não se tratava de uma fantasia ou sonho; a pessoa que nos acompanhava sentiu-o também. Mais de uma vez, fomos surpreendidos por sua presença amorosa e convidativa, exibindo sempre uma qualidade nova, uma nova beleza e seriedade. No quarto, estávamos, então, perante aquele mesmo fenômeno, inédito e inesperado. A beleza imobilizava o corpo e a mente, tornando-nos sobremodo despertos e sensíveis. Nosso ser inteiro tremia, quando, passados alguns instantes, aquele estado, impossível de descrever e imaginar, se desvaneceu rapidamente. Toda atividade do cérebro é medíocre e são frágeis e ilusórias as ações baseadas na emoção ou no sentimento. A emoção e o pensamento, sempre estreitos e limitados, ignoram o verdadeiro significado de fenômenos extraordinários que lhes são inacessíveis. Alheia a toda forma de repressão e controle, aquela coisa estranha brota da infinita solidão.

O requinte nada tem em comum com a sensibilidade: enquanto esta revela um estado de integração, aquele equivale a um fragmento. A sensibilidade é uma só: ou exprime a totalidade de nosso ser, de um estado de consciência plena, ou simplesmente não existe. Inútil o seu

cultivo lento e paciente ao longo dos anos, pois ela não resulta da experiência ou do pensamento; tampouco é a expressão de um estado emocional. Sem os excessos do romantismo e da fantasia, ela tem a qualidade do equilíbrio e da precisão. Somente os sensíveis podem encarar o real sem se enredarem em conclusões, opiniões e interpretações. Somente eles podem permanecer sós com a ação demolidora da solidão. Ao cessar de buscar o prazer, o ente sensível atinge a austeridade da compreensão e da lucidez. O prazer faz parte do requinte e este depende da educação, da cultura e do ambiente. Não há fim para o processo do refinamento; por resultar da escolha, do conflito e do sofrimento, existe sempre aquele que seleciona, a entidade que busca requintar-se, o ser que discrimina e exclui, nascendo daí a eterna dor. O refinamento leva ao isolamento, à indiferença e à fragmentação, frutos da atividade intelectual. Ainda que tenha elevado valor estético e moral, o requinte decorre do egocentrismo. Fútil e superficial, ele pode ser motivo de prazer e satisfação, mas falta-lhe a genuína alegria e profundidade. De fato, sensibilidade e refinamento em nada se assemelham; enquanto este conduz à morte pelo isolamento, aquela é a dádiva da vida plena.

26 de outubro

Defronte da varanda existe uma árvore, com densa folhagem coberta de amplas flores vermelhas; soberbas na forma e na cor, elas contrastavam vivamente com o vigor e a intensidade do verde, mais vibrante após as chuvas recentes. O laranja-avermelhado das flores, o verde da folhagem e a montanha rochosa pareciam engolir a terra e preencher aquele espaço matinal. A beleza da manhã cheia de nuvens filtrava a luz que fazia vibrar todas as cores. Folha alguma se mexia, à espera talvez de mais chuva; o sol queimava e a terra ansiava por mais água. O leito ressequido dos rios estava, agora, coberto de vegetação; faltava água por toda parte e pouco restava nos poços, o que vinha causando apreensão aos moradores da aldeia. Mas, as nuvens negras sobre os montes enchiam seus corações de esperança. De longe, vinha o som do trovão e o clarão do relâmpago, seguidos de forte aguaceiro. Apesar de sua curta duração, havia a promessa de mais chuva e, no momento, a terra estava contente.

Na descida da estrada e atravessando a ponte sobre a areia vermelha do rio ressecado, deparavam-se-nos, à luz vespertina, os morros soturnos e a fantástica beleza das luxuriantes plantações de arroz. O colorido escuro de algumas árvores destacava-se no meio do arrozal que

se estendia, para o Norte, em direção aos montes violáceos. O vale expunha-se todo à contemplação do céu. As cores estavam todas ali presentes, naquele entardecer que revelava as mais sutis variações do arco-íris; e cada folha, cada pé de arroz explodia no sublime êxtase da cor. Sem ser suave ou delicada, ela era divina. Relampejava, iluminando as nuvens escuras e pesadas sobre os morros distantes e silenciosos, onde já havia começado a chover. Logo a chuva viria, abençoando a terra estiolada.

Após o leve jantar, falávamos de diversos assuntos relacionados com a escola, das suas necessidades, da dificuldade de se encontrarem bons professores, da seca e de outras coisas. Enquanto a conversa prosseguia, a imensidão daquela bênção surgiu inesperadamente à nossa frente; imobilizados por sua força devastadora, nossos olhos eram capazes de vê-la, o corpo de senti-la e o cérebro de percebê-la sem a interferência do pensamento. Em meio àquele ambiente descontraído, algo de extraordinário acontecia, que se prolongaria por toda a noite, mesmo após a hora de nos deitarmos. Bênção arrazadora, aquele raro fenômeno simplesmente existia, indiferente a qualquer forma de crítica ou avaliação. Fato inédito, sem conexão, no passado ou no futuro, era inacessível ao pensamento e nada representava em termos de ganho ou de lucro pessoal. Mas, por ser gratuita, dela jorrava a imensidão do amor e da beleza. Assim como a chuva é indispensável à terra, sem aquela bênção, nada existe.

O tempo é uma ilusão; mas não o tempo cronológico, que é uma realidade. Por depender do tempo para efetivar a transformação interior, o pensamento enreda-se num círculo vicioso, porque, então, realmente não ocorre transformação nenhuma, já que a transformação por ele projetada é apenas a continuidade modificada do que existiu. Desta maneira, o pensamento se torna lerdo, indolente, protelando sempre a ação, por acreditar no processo gradual do tempo e nos ideais. O tempo deve simplesmente findar para que ocorra a mutação. Ela só se realiza ao negarmos o hábito, a tradição, as reformas, os ideais e todas as coisas transitórias. Vem a mutação ao negarmos completamente a idéia do tempo. Refiro-me à verdadeira mutação, não à mera troca de padrões ou a pequenas alterações introduzidas nos moldes existentes. Sem dúvida, o tempo é necessário, por exemplo, ao aprendizado de uma técnica. E seria absurdo negar a necessidade do tempo para irmos de um lugar para outro, mas todas as suas outras modalidades são ilusórias. O estado de atenção, como fator essencial da mutação, gera uma ação nova, que

não se transforma em hábito, na repetição de uma sensação, de uma experiência, ou de um conhecimento; tudo isto embota o cérebro, tornando-o insensível e incapaz de sofrer uma mutação. A virtude não é conseqüência da escolha de determinado hábito, ou de uma conduta mais correta. Livre de restrições, ela é despojada de qualquer padrão de respeitabilidade e nega toda forma de ideal. De ação revolucionária, a virtude é o risco constante, a força devastadora do amor, a consciência livre e plena.

27 de outubro

Muitos de nós cantávamos e entoávamos cânticos, na tentativa de aprender novas canções. Da sala via-se o jardim, que era mantido com enorme dificuldade em conseqüência da escassez de água. Pequenas latas de água eram utilizadas para regar as plantas e os arbustos. Não obstante a beleza do jardim, repleto de flores, as frondosas árvores predominavam, com suas atraentes formas e, dependendo da estação, floridas; no momento, apenas uma das árvores exibia lindas flores, de colorido laranja-avermelhado, que sobressaía pelo tamanho de suas pétalas. As demais árvores, do tipo mimosa, exibiam em profusão pequenas e delicadas folhas. Os pássaros existentes no jardim estavam molhados e sujos de lama, em conseqüência das fortes chuvas que caíram. Um deles, amarelo, de asas pretas, era maior do que o estorninho e quase do tamanho do melro; sua cor amarela contrastava vivamente com o verde escuro da folhagem e seus olhos brilhantes e oblíquos estavam atentos ao mais leve movimento no meio das folhas e ao vôo das demais aves. Dois pássaros negros, um pouco menores do que o corvo, com as asas encharcadas, pousaram próximo ao pássaro amarelo; com as penas de suas caudas estendidas, sacudiam as asas para secá-las. Inúmeros pássaros, de diferentes tamanhos, pousaram sobre a mesma árvore, todos em paz entre si, todos extremamente atentos. Era baixo o nível de água nos poços existentes no vale, há muito assolado pela seca, e estavam vazios os tanques de reserva da cidade. Esperava-se que eles voltassem a seu nível normal com as chuvas que, então, caíram. O vale renascera, belo e verdejante, de impressionante frescor. Lavados de chuva, os rochedos estavam frios, e os definhantes arbustos, que cresciam à sua volta, pareciam contentes. Os rios como que ressuscitaram, e a terra sorria novamente.

O canto prosseguiu naquele aposento simples, sem móveis, onde o máximo do conforto era sentar-se no chão. Súbito, em meio a uma canção, aquela estranha presença invadiu a sala, unindo a terra ao espaço celestial. Todos se calaram, inconscientes do motivo que os levara a silenciar. Servem as palavras para comunicar impressões a respeito de questões banais do cotidiano; mas, elas são impotentes para transmitir o inexprimível. Impossível é verbalizar sobre o amor, que jamais é a palavra e emerge transfigurado quando cessam as ridículas especulações a seu respeito. Não sendo uma experiência, uma projeção do pensamento ou da consciência, nem o reconhecimento de uma ocorrência do passado, aquele acontecimento extraordinário não havia sido contaminado pelo tempo. Ao transcender todas as coisas transitórias, sua presença definitiva dispensava qualquer forma de justificativa perante o universo.

Toda prece é uma forma de súplica que se torna desnecessária perante a lucidez do coração aberto. Instintivamente, em época de crise, uma súplica assoma aos lábios, para superar um problema, uma dor ou para obter uma vantagem qualquer. Dirigida a um deus terreno ou aos deuses concebidos pela mente, uma prece pode ser, às vezes, atendida por acaso ou por uma estranha coincidência. Servindo de base às crenças e religiões, aquele incidente é em geral tomado como prova da existência de deus. Concebidos pelo homem em busca de abrigo, de conforto e preenchimento de seus desejos nobres ou mesquinhos, essas projeções são consideradas como divinas. É grande o número de divindades e cada igreja, cada templo ou mesquita venera seus próprios deuses. Mais poderosos e de ação imediata, os deuses terrenos são os representantes políticos de cada governo. Mas, apesar das preces e súplicas, o homem continua a sofrer. O poder da compreensão pode extirpar o sofrimento, mas o homem prefere o caminho mais fácil da respeitabilidade e do conformismo. No entanto, o sofrimento esgota o cérebro e o corpo, tornando-os embotados, insensíveis, e sem energia. A compreensão vem do autoconhecimento, do constante aprender sobre nós mesmos. Belo e grandioso justamente por ser infinito, o autoconhecimento ocorre de instante a instante, sempre no presente, não podendo ser acumulado na forma de saber. A compreensão não tem continuidade, nem procede do hábito e não é processo mecânico do pensamento. O que tem continuidade é o hábito.

28 de outubro

Do ponto em que estávamos sobre a varanda, via-se apenas uma única flor vermelha, no meio da folhagem verde. Os morros, os rios de areia vermelha, o imenso fícus e vários pés de tamarindo estavam lá, mas só se via aquela flor, cheia de vida e luminosidade. Era como se nenhuma outra cor existisse; o azul celeste, a luz fosforescente das nuvens, os montes violáceos e o deslumbrante verde do arrozal desapareciam perante o maravilhoso colorido daquela flor. Seu breve encanto atingia o céu e espalhava-se por todo o vale, para, em seguida, fenecer, tão efêmera. Mas, no momento, seu fascínio era eterno, na transcendência do tempo e do pensamento. Feito de amor e êxtase, ele permanecia alheio aos absurdos do romantismo e da sentimentalidade. Original na forma e na cor e prestes a morrer ao anoitecer, a flor continha o universo. Real como os montes distantes e concreta como o som daquelas vozes, aquela coisa não era produto de uma mente desequilibrada. A ilusão surge quando a realidade perde o seu significado, quando a mente, embotada e insensível, por ter sucumbido às influências e aos hábitos e por estar sempre em busca de segurança, torna-se indiferente perante a real beleza do mundo que nos cerca. A busca de segurança através da fama, das relações ou do conhecimento destrói a sensibilidade e concorre para a deterioração. A flor, os montes e o mar revolto, bem como as bombas nucleares, são alguns dos desafios da existência, e apenas a mente sensível é capaz de responder com precisão às questões fundamentais da vida. Esta resposta tem de ser completa e definitiva para que desapareçam as marcas do conflito.

Os chamados santos e "sanyasis" muito têm concorrido para empobrecer a mente e para destruir a sensibilidade. É possível requintar ou aperfeiçoar os hábitos, os padrões repetitivos do pensamento, os ritos, fortalecidos pela crença e pelo dogma, e as reações sensoriais, mas a lucidez e a sensibilidade fogem ao critério estabelecido pela tradição. Sem sensibilidade é impossível haver o movimento penetrante da compreensão dos mais íntimos recessos da consciência. Esse movimento não exprime uma reação ao impulso de exteriorizar. A exteriorização e a interiorização formam um só e inseparável processo. Fragmentá-lo é gerar insensibilidade. Sendo natural conseqüência uma da outra, a interiorização possui uma ação própria e esta, ainda que se manifeste externamente, não é reação da exteriorização. A sensibilidade consiste na lúcida percepção desses fatos.

29 de outubro

Noite de incomparável beleza. A chuva intermitente, que caíra durante todo o dia, mantivera-nos presos entre quatro paredes, ocupados com os debates e atendimento a diversas pessoas. Já não chovia à hora em que saímos, aliviados, para dar um passeio. No Oeste, nuvens escuras, quase negras, pendiam ameaçadoras sobre os montes, pressagiando tempestade. O sol era tragado pelas nuvens em tumultuada fúria. Mas, no Leste, nuvens luminosas explodiam em mil brilhos e formas; imensas e de extraordinário vigor, elas pairavam sobre os montes, projetando-se no infinito. Era tão intenso o colorido azul do céu e tão delicada a sua tonalidade verde, que se volatizavam na luminosa efervescência de nuvens. Os montes tinham a nobreza das coisas eternas; um deles, de estranha e diáfana transparência, parecia emitir luz própria, o que lhe dava um ar de fantástica artificialidade. Havia um outro morro, de aspecto sombrio e solitário, cujas formas, esculpidas em granito, evocavam as catedrais de todos os tempos. Cheios de vida e como que eternos, os montes contribuíam para o esplendor daquela noite silenciosa.

De início, caminhando juntos, lado a lado, estávamos agora mudos e distantes um do outro. A íngreme estrada atravessava o vale passando pelos rios secos, de areia vermelha, em cujos leitos escorria um filete de água. A uma curva do caminho, tomava-se o rumo do Oeste. Mais ao fundo do vale, havia uma fazenda cercada de árvores, entre as quais uma de proporções gigantescas sobressaía entre as outras. Quanto encanto e mistério encerrava aquela paisagem, tão doce e serena! A casa erguia-se silenciosa, em meio ao luxuriante verde dos arrozais, a quilômetro e meio dali. Era uma cena bastante familiar aquela no ponto em que a estrada ultrapassava o único acesso ao vale. Não era a primeira vez que descortinávamos dali a bela paisagem; mas, naquela noite, era completamente diferente o efeito de sua presença, o sentimento que ela nos provocava. A força do desconhecido espraiava-se, suavemente, por todo o vale, como um véu transparente de chuva ou o sopro da brisa fresca. Sem ser um produto do pensamento ou da imaginação, ou um sentimento, era um estado que extravasava do íntimo para o mundo exterior, no fluxo incessante de renovado vigor e surpreendente alegria. Aquela imensidão transcendia os limites do conhecido, que deve cessar para que exista o desconhecido. Tampouco se tratava de uma experiência, pois o ato de experimentar emana do conhecido. Claro indício de imaturidade, só se pode classificar de experiência ou vivenciar algo que já tenha sido vivido. Mas era impossível experimentar o incognoscível, que floresce do absoluto vazio da consciência. Ausente o processo mecânico do

pensar e sentir, há o natural esvaziamento de todo o conteúdo cerebral. E lá estava a bênção, dentro e fora de nós, inundando o vale, os montes e a terra!

Escuro ainda, àquela hora matinal, após uma longa noite de tempestade. As janelas abriam e fechavam com estrondo e a chuva invadia o quarto. O céu estava carregado de nuvens, densa névoa envolvia os montes e chovia torrencialmente. Ao acordarmos no meio da noite, a chuva havia cessado. Meditar não é seguir um padrão rígido de comportamento ou a prática de um método ou sistema; esse eterno movimento dentro dos limites do tempo conduz à deterioração da mente e é fonte de desespero e ilusão. Na total quietude da madrugada, os pássaros não haviam ainda acordado e as folhas do arvoredo nem sequer se moviam. A meditação brotava do desconhecido e prosseguia cada vez mais pujante e veloz; tornava o cérebro silencioso, esvaziando-o de todo pensamento e sentimento, varrendo qualquer vestígio do passado. Dir-se-ia uma intervenção cirúrgica sem a presença do cirurgião; ela prosseguia com a presteza do bisturi que busca extirpar o câncer maligno, eliminando o tecido contaminado para que não se alastre a moléstia por todo o organismo. Prolongando-se por exatamente uma hora, a meditação era destituída de um centro avaliador que não cessa de interferir com sua ignorância e vaidade, com sua ambição e avidez. E este núcleo é o próprio pensamento nascido do conflito e da dor. O fim do pensamento é o princípio da meditação.

30 de outubro

O silêncio estava em toda parte; impressionante quietude em que a imobilidade dos montes envolvia também as árvores e os rios, cujo leito havia secado; os pássaros dormiam em seus abrigos e até mesmo os cães da aldeia tinham silenciado. Após a chuva, as nuvens pairavam imóveis no céu. Na amplidão do silêncio que se tornava cada vez mais vasto e profundo, a realidade do mundo exterior confundia-se com o universo interior. Tendo percebido o silêncio dos montes, dos campos e dos bosques, o cérebro aquietara-se. Por haver perscrutado atentamente seu interior, era natural e espontânea a quietude do cérebro. Ainda que estivesse sempre pronto a investigar profundamente, ele ainda não havia abandonado os seus mais íntimos recantos. Como o pássaro que encolhe as asas em seu vôo, o cérebro fechou-se sobre si mesmo, sem demonstrar

sono ou letargia, pois, ao fazê-lo, ele transcendia seus próprios limites. De caráter essencialmente superficial, as atividades do cérebro são destituídas de profundeza, sendo quase mecânico; suas ações e reações visam a resultados imediatos, mesmo que este imediatismo esteja projetado no futuro. Seus pensamentos e sentimentos não vão além da superfície, ainda que se estendam ao passado ou ao futuro. A experiência e a memória têm a medida de seu estreito limite, mas, ao debruçar-se sobre si mesmo, o cérebro já não buscava experimentar, no nível interior ou exterior. A consciência, formada pelos fragmentos de todas as experiências, compulsões, medos, esperanças e desesperos, tanto do passado como do futuro, dos conflitos raciais e de suas atividades egocêntricas, estava ausente. Absolutamente tranqüilo e sensível, aquele ser pôde alcançar uma profundidade inacessível ao pensamento, ao sentimento e à consciência. Incapaz de penetrar na esfera do desconhecido, o cérebro, perante aquela imensidão, era destituído de observador. Apesar de imóvel, cada partícula de nosso ser estava alerta e sensível. Em ondas de contínua expansão, esta incrível profundidade transcendia o tempo e o espaço.

31 de outubro

A beleza do entardecer refletia-se na limpidez do céu e no colorido azul, violeta e purpurino dos montes; o arrozal, completamente alagado, exibia seu rico e verde colorido que variava do tom mais claro, do metálico, ao extremo fosforescente; algumas árvores, soturnas e silenciosas, já se haviam recolhido para a noite, enquanto outras estavam ainda despertas, irradiando a luz do dia. Nuvens escuras movimentavam-se sobre os montes ocidentais, mas, no Leste e ao Norte, as nuvens refletiam o sol do entardecer que se pusera por trás dos pesados montes purpurinos. A estrada estava deserta e densas nuvens aglomeravam-se no céu vespertino. Apesar do aparente silêncio, tudo parecia palpitar de vida: as pedras, os rochedos, o leito de rio seco, os arbustos, à luz tênue do entardecer. A meditação, ao longo daquela estrada deserta e silenciosa, surgiu como o orvalho que se derrama sobre os montes. Natural como o anoitecer, ela era destituída de qualquer esforço ou concentração, de toda forma de busca e repressão, do ato de negar, ou aceitar e de todo o passado. Consciente do ambiente que o cercava, o cérebro permanecia imóvel, sem reagir aos estímulos externos. Na absoluta quietude do cérebro, as palavras dissiparam-se com o pensamento, dando lugar àquela estranha energia, — não importa que nome se lhe dê, —

profundamente ativa, sem motivo ou propósito algum. Era a verdadeira e destruidora criação, sem a tela do pintor ou o mármore do escultor; não se tratava de um produto do cérebro humano, da expressão e da decadência. O pensamento e o sentimento não serviam de instrumento para a compreensão daquela extraordinária e inatingível força, indiferente a qualquer análise ou definição. Na completa solidão de sua infinita amplitude, ela desconhece laços ou raízes que a aprisionem. Ao caminharmos por aquela estrada, ao anoitecer, envolvia-nos o êxtase do impossível; não da conquista, do êxito, da realização e de todas as demais ânsias e buscas, plenas de imaturidade, mas o êxtase oriundo da completa solidão do impossível. São mecânicas as coisas possíveis, e o impossível pode ser concebido, perseguido e até mesmo alcançado, tornando-se desta maneira mecânico. Mas, o êxtase era gratuito, sem motivo, simplesmente existia como um fato e não como uma experiência a ser aceita ou não, a ser alvo de análise ou disputa. Toda forma de busca deve cessar para que o êxtase se concretize mediante a ação devastadora do amor e da morte.

Extenuado, maltrapilho e miserável, o trabalhador retornava à casa, acompanhado de uma vaca esquelética.

1.º de novembro

O céu ardia no colorido fantástico das chamas de um incêndio espetacular; ao Sul, as nuvens eram labaredas que explodiam em fúria de cores extraordinárias. O poente não denunciava o belo e sereno entardecer, pois o monte descolorido, em forma de esfinge, ofuscava a luminosidade do sol. Mas, o Leste e o Sul continham toda a grandiosidade do dia que findava. O azul do nascente exprimia a glória do amanhecer, flor delicada cujas pétalas frágeis e transparentes sucumbiriam à mais leve pressão; era um azul profundo com incríveis reflexos de verde-claro, roxo e branco, que cruzavam o céu em todas as direções. E o Sul abrigava agora a chama ardente e inesgotável de um incêndio devastador. O canavial em flor atravessava o rico e verde arrozal, com sua frágil beleza que evocava a penugem ligeiramente lilás e ocre de um pombo triste. Destacando-se no meio da luxuriante plantação de arroz, com suas alongadas folhas banhadas de luz vespertina, o canavial estendia-se até os montes, cujo colorido semelhava o seu. Em harmonia com a flor, com a terra vermelha e com o céu do escurecer, os montes não cabiam

em si de contentamento perante o êxtase daquela tarde. Brilhantes estrelas cintilavam no céu sem nuvens. De madrugada, as Três Marias contemplavam, do alto, os montes silenciosos. Do lado oposto do vale, o pio enrouquecido de uma coruja alternava com o som estridente do pio mais agudo de uma outra; na quietude da atmosfera transparente elevava-se nítido o som distante do pipiar das duas aves. Tornando-se cada vez mais claro e sonoro, pareceu extinguir-se no meio de um arvoredo próximo; súbito, as corujas voltaram a piar, até que se ouviu o grito de um homem e o latido de um cão.

Meditava-se no vazio imensurável do nada. Incapaz de acompanhar o seu movimento avassalador, o pensamento não ia além do estreito limite do tempo. Livre do sentimento, que desfigura o amor, era o vazio da ausência de espaço. Imóvel, o cérebro não participava do processo da meditação; apesar de quieto, ele se movia para dentro e para fora de si mesmo, sem penetrar na vastidão daquele vazio. Ainda que a mente captasse aquele extraordinário acontecimento, não se tratava de alguma coisa alheia ou estranha. Toda forma de pensamento é dissipação de energia, e para que haja energia, é preciso cessar de pensar e sentir. Ainda que seja uma barreira ao ato de meditar, o pensamento só deixa de existir com a meditação.

2 de novembro

Denso nevoeiro cobria os montes e pesadas nuvens espalhavam-se por toda parte. Chuviscava à hora em que o sol se pusera no céu escurecido do poente e as árvores pareciam alheias e distantes. O único ponto de luz, ainda que tênue, vinha de uma velha palmeira que emergia das sombras do crepúsculo. Os rios, de areia vermelha, já haviam silenciado o seu rumorejar; silenciosos, os pássaros buscavam abrigo no meio da densa folhagem verde. A brisa que soprava do Nordeste trazia consigo mais garoa e nuvens escuras, mas a furiosa tempestade só desabaria mais tarde. Deserto àquela hora, o áspero caminho de areia vermelha contornava os montes soturnos e constituía um belo espetáculo à parte; ele servia de passagem aos camponeses que, com carroças puxadas a boi, iam de um lugarejo a outro; sujos, maltrapilhos e famintos, eram, no entanto, fortes e resistentes. Vivendo assim há séculos, governo algum seria capaz de modificar esta situação da noite para o dia. Ainda que

o olhar fosse de extremo cansaço, um sorriso iluminava o rosto dessa gente, pronta a dançar após um dia de muito trabalho. A chama vital ardia no íntimo daqueles seres que não estavam ainda irremediavelmente destruídos. Após longo período de seca, aquele ano parecia acenar com fartura para todos. E a trilha prosseguia até encontrar a estrada principal, junto da embocadura do vale, por onde trafegavam carros e ônibus. Essa estrada ia dar nas cidades com sua imundície, com suas indústrias poluidoras, com suas ricas mansões, com seus templos e com seus habitantes de mente embotada. Mas aqui, na amplidão dessa estrada, havia solidão e a presença secular dos montes.

Através da meditação, a mente esvazia-se do pensamento e do sentimento que, com suas atividades mecânicas e repetitivas, dissipam toda a energia vital do indivíduo. Apesar de sua relativa importância no cotidiano, as atividades do pensamento e do sentimento constituem mero fragmento, ao qual é vedado penetrar na imensidão da vida. Para tanto, é necessária a adoção de uma postura completamente diferente da que tradicionalmente se adota, isto é, o abandono de toda forma de hábito e repetição de fórmulas conhecidas. Meditar é libertar a mente do conhecido. Toda forma de pensamento, de ânsia, de desejo, de súplica, a busca de auto-esquecimento por meio de palavras, imagens ou esperanças e as demais futilidades devem extinguir-se, naturalmente e sem esforço, na chama da lucidez.

Ao caminhar por aquela estrada, achava-se o cérebro no vazio total e a mente livre da experiência e de todo o passado. Com o cessar do tempo, que é a essência do pensamento, extinguia-se toda forma de movimento; deixava de existir a ação de ir, de vir ou de permanecer imóvel. O cálculo, a avaliação, a distância e a medida nada representavam. Ainda que consciente da ponte e da pessoa que por ali transitava, qualquer tipo de relacionamento findara, esvaziando-se a mente, que contém o cérebro com seus pensamentos e sentimentos. E desse vazio brotava abundante e inesgotável energia. Toda forma de comparação e medida pertence ao pensamento e, portanto, ao tempo. Como o sopro da infinita pureza, aquele estado desconhecido era a própria mente liberta do jugo do tempo. As palavras não exprimem a realidade; elas são mero veículo de comunicação destituídas da transcendência do imensurável. Aquele vazio era a própria solidão.

3 de novembro

Fora um dia de atmosfera densa e pesada e as nuvens carregadas resultaram em violento temporal. Ainda que corresse água nos leitos dos rios, não era o suficiente para encher os poços, os reservatórios e os tanques de captação da cidade. Não choveria, durante os meses seguintes, e a terra iria arder sob um sol abrasador. Necessitava-se, urgentemente, de água naquela região do país, onde cada gota de chuva era bem-vinda. Como agradava sair para dar uma volta, após um dia inteiro de confinamento! Chovia a cântaros; as estradas estavam inundadas de chuva e lama e uma poça de água se formara ao redor de cada tronco de árvore encharcada. À luz do anoitecer, era visível o contorno dos negros montes recortados contra o céu escuro; imóveis e silentes, as árvores fecharam-se em si mesmas, alheias ao mundo exterior. Súbito, tomava-se consciência daquela estranha imensidão, cuja presença, ainda que constante, nos passara despercebida; ocupados com as palestras, com o atendimento às pessoas e com as demais atividades do dia, nosso corpo estivera excessivamente cansado para perceber aquela estranha força. Mas, agora, ao sairmos, lá estava ela em toda a sua plenitude, envolvendo-nos com o inesperado furor da beleza. Parte integrante de nós mesmos, a imensidão do desconhecido não constituía uma entidade isolada, uma qualidade a ser observada, analisada ou uma experiência a ser lembrada. Na ausência do pensamento, cessava o ato mecânico de experimentar, que leva ao isolamento e à deterioração. Nova a cada aparição, aquela força extraordinária de inconcebível beleza não tinha laços com o conhecido, com o passado. Sua beleza transcendia todo pensamento e sentimento.

Nem mesmo o pio da coruja perturbava o silêncio do vale, àquela hora tão prematura, em que o sol tardaria muito a nascer. Não fora o céu nublado, as Três Marias estariam na direção do poente, do lado de cá da casa, mas tudo era silêncio e trevas. O hábito e a meditação nada têm em comum; incapaz de transformar-se em hábito, a meditação jamais segue um padrão mecânico de comportamento, concebido pelo pensar, dando origem ao hábito. A meditação é a destruição do próprio pensamento, e não o produto do pensamento, enredado em suas mesmas e infrutíferas buscas, complexidades e visões. Estilhaçando-se no confronto com a sua própria nulidade, o pensamento finda na explosão da meditação, cujo movimento é livre e espontâneo. E no silêncio daquele quarto, no silêncio específico que vem com as nuvens baixas, quase roçando no topo das árvores, a meditação consistia no esvaziamento e na tranqüilidade do cérebro. Era um processo mental integrado, que emergia do infinito vazio do nada. O pensamento é matéria limitada pelo tempo

e desconhece o frescor do novo ou a liberdade. Toda experiência fortalece os laços da prisão e intensifica o sofrimento. Incapaz de libertar o pensamento, a experiência o torna cada vez mais sagaz e requintado. Mas, o refinamento não elimina o sofrer. Ainda que astuto, ainda que experimentado, ainda que conheça bem o movimento da fuga, o pensar é incapaz de conter a marcha do sofrimento. Este só termina com o findar do pensamento. Mas, é impossível acabar com o pensamento; nem mesmo seus próprios deuses, seus próprios ideais, suas crenças ou dogmas serão capazes de fazê-lo. É estreita e limitada a reação do pensamento em face do tremendo desafio da imensidão da vida; sábio ou medíocre, o pensamento é incapaz de eliminar o sofrer. Por ser mecânico, o pensar jamais conhecerá a liberdade; somente em liberdade haverá um termo para o sofrimento. No findar do pensamento está o fim da dor.

4 de novembro

Em vão ameaçara chover; pesadas nuvens cobriam os montes azulados; sem se deterem em nenhum deles, as nuvens mudavam constantemente de forma e proporção. Uma delas, que vinha do Leste, com seu formato alongado, de colorido levemente cinza, parecia brotar dali, daquele lado da colina; em sua trajetória na direção do poente, irradiava a luz intensa do ocaso. A superfície branca e cinza de sua maciez ocultava tons purpurinos e violáceos e parecia carregar consigo os montes a seus pés. À medida que o sol sumia lentamente por trás das nuvens em revolta, sombras escureciam os montes e as árvores refugiavam-se no silêncio noturno. Erguendo-se à beira do caminho, aquele fícus gigantesco não fora afetado pelo tempo; magnífico, colossal, vital, com a serena nobreza de seu porte, elegia-se o rei absoluto dos montes, da terra e dos rios, e sua majestosa presença ofuscava o brilho das estrelas. Um camponês, acompanhado da esposa, passara por nós, na estrada; parecendo mais prósperos do que as outras pessoas da região, o homem vinha na frente e a mulher atrás, sem olhar para os lados. Ao nos aproximarmos dela, reparamos o quanto era miúda, de olhar fixo no chão; aparentava desleixo, estando com a roupa suja e manchada de suor. Trajando um *sári* verde e uma blusa cor de salmão, ela trazia uma flor nos cabelos oleosos e seus pés estavam descalços. O moreno rosto denotava profunda tristeza. Seu andar, cheio de graça e firmeza, não parecia afetado por

sua dor; cada um tinha vida própria, uma existência independente. Mas, percebia-se, de imediato, o quanto estava triste; de uma tristeza definitiva, irremediável, que nada poderia abrandar. Estava ali para sempre. Ainda que caminhasse a poucos passos de distância, parecia intocável. Caminhamos lado a lado por instantes e, daí a pouco, ela atravessou o leito do rio arenoso, indo na direção de sua aldeia, sempre acompanhando o marido, que nem sequer olhava para trás. Pouco antes de mudar o rumo, deu-se um fenômeno curioso; a pequena distância, que nos separava, desaparecera e, com ela, desapareceram também as duas entidades isoladas; somente existia aquela mulher com sua impenetrável dor. Não nos identificávamos com ela; tampouco se tratava unicamente de profunda afeição e simpatia. Aquele fenômeno em que as duas entidades cessavam de existir bania qualquer forma de identificação, pois esta, ainda que profunda, conserva a divisão e a separação entre dois seres. O processo, consciente ou inconsciente, de identificação mediante o afeto ou o ódio, não elimina o isolamento e qualquer tipo de esforço. Mas, nada disso existia. A presença daquela mulher anulava a presença do "outro". Sem ser uma ilusão ou produto da imaginação, tratava-se de um simples fato, alheio a qualquer análise ou teorização. E, mesmo quando a mulher abandonou aquela estrada, enveredando por um diferente caminho, o "outro" continuava ausente por longo tempo. Mais tarde, percebeu que caminhava ao longo de um monte de pedras destinadas às obras de reforma da estrada.

E, ao passarmos pela garganta do vale, ao sul, tão grande foi o arrebatamento suscitado por aquela bênção que nos foi difícil continuar de pé e caminhando. Tinha o furor da tempestade, sem seu ruidoso vento. Sempre nova e surpreendente, toda vez que surge, o faz de maneira diferente e original. Aquela bênção nada tem de extraordinário ou enigmático, mas o seu mistério consiste no fato de transcender o tempo e o pensamento. Influenciada pelo tempo e pensamento, a mente torna-se incapaz de perceber aquela imensidão. Incompreensível e inexplicável, como o amor, essa bênção é também fundamental para a existência; ausente aquela paixão criadora da atividade humana, a vida se torna um fardo doloroso e sem sentido. Nela nada há de fatalismo, mas exprime o absoluto; energia plena, livre e gratuita, ela não representa a força derradeira, mas é, em si, a energia universal. Toda atividade do homem deve cessar para que aquela bênção possa florescer, livre e espontânea, como princípio e fim de toda ação. Emergindo da morte e do aniquilamento do conhecido, com sua busca de segurança, ela não se limita

a promover uma revolução superficial, mas depende, para existir, do vazio absoluto e criador. E esse vazio não pode ser cultivado, negociado, nem alcançado através do processo evolutivo, pois o tempo é produto do próprio tempo. Nenhum método ou processo pode destruir o tempo, pois ambos apenas o perpetuam. Ao findar o tempo, cessa o próprio ato de pensar e sentir.

5 de novembro

A beleza é impessoal. O azul profundo dos montes irradiava a luz vespertina. Chovera muito, mas, depois, amplos espaços coloridos se abriam no céu. Fagulhas coloridas se desprendiam daquele cenário azul, contrastando com as nuvens brancas que o envolviam. Tinha o aspecto da inocência infantil, cujo fulgor se refletia no olhar de lágrimas esquecidas. E os tons azulados se desmanchavam no verde pálido das tenras folhas da primavera, vendo-se, mais adiante, o vermelho incandescente de uma nuvem prestes a atravessar os montes. Pesadas nuvens escuras pendiam, imóveis, sobre o topo das montanhas; havia grande quantidade delas no Oeste e o sol interpunha-se entre os montes e aquelas nuvens. O chão de terra vermelha mantinha-se encharcado, a vegetação gotejava de umidade e folhas novas cobriam os galhos das árvores. Distinguia-se a tenra folhagem castanho-avermelhada, de formato alongado, da mangueira, as pequeninas folhas de colorido amarelo vivo do tamarindo e o reduzido número de brotos, ligeiramente verdes, do chorão. Após meses seguidos de longa espera e sol impiedoso, a chuva era um bálsamo para aquela terra tão castigada. Numerosas crianças brincavam alegremente na aldeia fétida, imunda e miserável. Pareciam indiferentes a tudo, exceto aos próprios folguedos. E, no entanto, seus pais aparentavam abandono, cansaço e tristeza; jamais conheceriam o asseio, o conforto e o repouso; só conheciam a fome, muito trabalho e mais fome. Embora sorrissem com facilidade, os semblantes eram sombrios e os olhares revelavam irremediável sofrimento. A beleza estava em toda parte, na grama, nos montes e no céu repleto de nuvens; ouvia-se o canto dos pássaros e, no alto, uma águia sobrevoava o vale, formando círculos. Cabras descarnadas devoravam tudo que havia naqueles montes; sua fome era insaciável e os filhotes saracoteavam de pedra em pedra. Fofo e macio, o pêlo luzidio era limpo e saudável. Sentado sobre uma das pedras, o menino que as vigiava cantarolava e, de vez em quando, chamava a si os animais.

O cultivo deliberado dos prazeres oriundos da beleza faz parte da atividade egocêntrica, que conduz à insensibilidade.

6 de novembro

O intenso brilho das estrelas realçava o encanto do amanhecer no vale silencioso. Estavam escuros os montes, mais escuros do que o céu, e a brisa fresca que soprava prenunciava chuva e as cheirosas folhas e o perfume do jasmim em flor enchia a atmosfera. Nada se movia na absoluta tranqüilidade daquele mágico amanhecer; era a beleza da terra, do céu e do homem, dos pássaros adormecidos e do claro regato em leito de rio seco. Exprimindo qualidade impessoal, havia nela certa austeridade, um ar de simplicidade não proveniente do medo e da renúncia, mas da incorruptível integridade e pureza. De pé sobre a varanda e mirando as estrelas do céu, sentimos o furor daquela beleza demolir os muros de defesa interior erigidos pelo tempo. Naquele estado de meditação que transcende os estreitos limites do tempo, a beleza do céu cintilante de estrelas e da terra silenciosa não emanava da busca individual de prazer; a beleza não reside nas coisas construídas, nas coisas conhecidas, ou nas desconhecidas imagens e visões intelectuais, com seus pensamentos e sentimentos. A beleza é desvinculada das emoções e da sensação agradável suscitada pela audição de um concerto, por um quadro ou por um espetáculo de futebol; ainda que seja mais requintado, o prazer extraído da audição de um concerto ou da leitura de um poema, o prazer que se sente ao assistirmos a um jogo de futebol não difere daquele que se experimenta ao assistirmos a uma missa na igreja, ou a uma cerimônia no templo. Trata-se de uma beleza atemporal e que supera as dores e os prazeres do pensamento. O tempo e o sentimento são fatores de dissipação de energia e isso impede a percepção da beleza. Abundante e apaixonada energia é necessária para captar a beleza inacessível ao mero olhar. Ela desaparece na presença do observador, daquele que observa.

E ali, naquela varanda perfumada, no completo silêncio da noite, a beleza era a essência de tudo. Impossível experimentá-la; toda forma de experiência deve cessar, pois serve apenas de reforço ao conhecido. E este jamais contém a verdade. No entanto, a meditação não é somente o findar da experiência, porque também significa penetrar no mundo da verdade e acender a chama que destrói todas as coisas não essenciais, sem deixar vestígios. Nós somos esses vestígios, os conformistas de tantos

séculos, a eterna repetição de intermináveis memórias, da escolha e do desespero. A fama e o anonimato constituem o padrão da existência e esta, por sua vez, são formas de pensamento que geram eterno sofrer. Por negarem o amor, o pensamento e o sentimento se consomem na chama da meditação. Não existe a separação entre a verdade e o amor; sem ele, restam as cinzas que servem de base para a nossa existência. O amor nasce do vazio.

7 de novembro

Cedo, esta manhã, as corujas trocavam gritos agudos. A princípio distantes uma da outra – uma estava ao norte, a outra, a oeste – seus pios destacavam-se nítidos e claros no silêncio da noite. À medida que se aproximavam mutuamente, o pio das aves foi enrouquecendo e se tornando cada vez mais freqüente, insistente e grave. Apesar de invisíveis, no meio da escuridão davam a impressão de serem aves de grande porte. E quando, finalmente, se achavam bem próximas uma da outra, sobre a mesma árvore, o tom e a qualidade de seu pio já não era o mesmo. Pareciam travar um diálogo tão sério e profundo que era quase impossível ouvi-lo, e aquele colóquio se prolongou até o amanhecer. Então, lentamente, uma série de ruídos anunciava o despertar de mais um dia: o latido de um cão, vozes humanas, o espocar de fogos de artifício – há dois dias já que havia festejos na região – e o barulho de porta se abrindo. Com a luz, recomeçava a rotina diária.

Fundamental é o ato de negar. Negar o hoje sem saber o que nos traz o amanhã é estar desperto. Negar o padrão sócio-econômico e religioso é estar só, o que significa ser sensível. A incapacidade de negar de maneira total é a marca da mediocridade. Aceitar a ambição com tudo que ela representa é o mesmo que aceitar o padrão de vida que gera o conflito, a confusão e a dor. Libertamo-nos do medo ao virarmos as costas ao político, ao negarmos o político existente em nós mesmos, ao abandonarmos o imediatismo e a estreita visão da vida. Ao negarmos o todo, negamos também o pensar positivo, o desejo de imitar e de conformar-se, o que em si é uma ação positiva por não tratar-se de uma reação. Ao negarmos o padrão aceito de beleza, do passado bem como do presente, descobrimos a beleza que trascende o pensamento e o sentimento; e, para descobri-lo, necessitamos de abundante energia nascida da ausência de conflito, de contradição e de fragmentação.

8 de novembro

A humildade é a essência da virtude e é impossível cultivá-la. O padrão moral de respeitabilidade de qualquer sociedade é mero ajustamento aos valores estabelecidos pelo meio ambiente sócio-econômico e religioso. Mas, essa moralidade do eterno ajustamento não é virtude. O conformismo e a tradicional busca de segurança individual, que fazem parte desta moral estabelecida, negam a virtude. A ordem não é um estado contínuo; ela tem de ser diariamente mantida, como o quarto que precisa ser arrumado todos os dias. É preciso restabelecer a ordem a cada novo dia, de momento a momento. E esta ordem não é uma questão de ajustamento pessoal a um conjunto de reações condicionadas de agrado ou desagrado, de prazer ou de dor. Não se trata daquela ordem que serve de fuga ao sofrimento; a compreensão e o término da dor dependem da virtude, geradora da ordem. A ordem não é um fim em si; sempre que é vista como tal, desemboca no beco sem saída da respeitabilidade, que significa decadência e deterioração. Pode-se aprender de tudo e de todos, e no ato de aprender está a própria essência da humildade. No aprendizado não existe a hierarquia. Toda autoridade nega o aprender e um seguidor jamais aprenderá.

Havia uma única nuvem no céu que refletia o intenso fulgor do poente; nem mesmo a mais rica imaginação poderia conceber um espetáculo tão grandioso. Era a síntese de todas as formas que arquiteto algum poderia ter criado. Fora plasmada pela ação do vento, pela sucessão incontável de dias e noites e decorria de muita tensão e luta. As demais nuvens eram foscas e achatadas, mas aquela abalava o espaço, ofuscava a força e o vigor do monte a seu lado e absorvia o essencial e pujante silêncio dos morros. A nuvem altaneira sobranceava o verdejante vale recém-lavado pela chuva e esta realçava o brilho e a beleza dos campos coloridos e da terra vermelha. A luminosidade daquele dia claro e transparente tornava mais vívido o colorido vermelho, azul, cinza e violáceo dos montes.

A serena quietude daquele ambiente de puro deleite e percepção era partilhada pelas pessoas espalhadas pelo chão e pelas cadeiras do salão. Um homem tocava um instrumento de oito cordas. De olhos cerrados, o músico sentia tanto deleite quanto sua pequena audiência. A pureza daquele som nos transportava a regiões cada vez mais profundas, tornando infinita aquela viagem; e o que importava era o som, não o instrumento ou o ser que o tocava, tampouco a reduzida audiência. Ele

eliminava todos os demais ruídos, até mesmo a explosão intermitente de fogos de artifício. Ouvia-se o estouro dos foguetes, mas aquilo fazia parte do som universal: o canto das cigarras, o riso dos meninos, o grito de uma garotinha e o som do silêncio. Aquilo deve ter-se prolongado por mais de meia hora e o arrebatamento que a música provocara em nós persistia; não se tratava do enlevo produzido pela imaginação, pelo pensamento ou pelo delírio emocional. Estas sensações de prazer são fugazes e superficiais. Mas, ali naquela sala, nada suscitava o prazer. Somente o som existia, sem interferência do pensamento e do sentimento. Ao ouvi-lo, éramos transportados para além dos limites do tempo e com ele penetrávamos na grandiosa imensidão do vazio, do qual não havia retorno. O que volta sempre é a memória, aquilo que foi; mas ali não havia experiência nem memória, pois o fato jamais projeta a sombra da recordação.

9 de novembro

Na quietude do entardecer claro e sem nuvens, as folhas do arvoredo estavam imóveis e o sol desaparecia detrás dos montes; a luz do dia que findava parecia conter todas as coisas. O brilho do crepúsculo refletido na água, à beira da estrada, irradiava incrível êxtase e vigor, e a pequenina flor silvestre, à beira do caminho, era a própria vida. O monte de aspecto secular, solene como os templos antigos, era soberbo em seu colorido purpurino, mais escuro do que o roxo, irradiando luz própria sem projetar sombras. Cada arbusto, cada pedra ou rochedo palpitava de vida. Uma pesada carroça puxada por bois vinha pela estrada, carregada de feno; ela vinha rangendo muito sob o peso de sua carga, que incluía um menino sentado sobre o feno e o cocheiro na boléia. Suas formas sobressaíam nítidas contra o céu, principalmente o contorno do rosto infantil; de perfil suave, bem delineado, sua expressão, no entanto, era tosca e rude, sem refinamento, dando a impressão que assim se manteria para sempre; a inocência de seu sorriso revelava alegre despreocupação e irresponsabilidade. O rosto refletia a claridade do céu. Ao caminharmos por aquela estrada, a meditação veio de maneira natural e espontânea, atraída pelo clima de fervor e lucidez. Pensar e sentir é desperdiçar energia. Ambos produzem a distração e a concentração, forma defensiva de auto-esquecimento, tal como a criança absorta em seu brinquedo, objeto fascinante e arrebatador, cuja ausência a deixa

agitada e inquieta. O mesmo ocorre com os adultos, cujos brinquedos são suas inúmeras fugas. Ali, naquela estrada, o pensar e o sentir já não buscavam o esquecimento e, por não gerarem energia, deixavam de existir. Com isso, o cérebro tornava-se plácido como as águas tranqüilas de um dia sem brisa. Era a quietude que precede a criação. E bem próximo dali, naquele morro, uma coruja piava baixinho e, súbito, calou-se; bem alto no céu, uma águia marrom cruzou o vale. Não se tratava da tranqüilidade induzida, que é mera estagnação, nem daquela adquirida como mercadoria sem valor; tampouco se tratava da quietude oriunda do controle, da disciplina ou da repressão, produtoras do desespero. Ruído algum perturbava a serenidade do vale e da mente, mas esta transcendia o tempo e o vale. Dali não havia retorno, pois não houvera movimento algum naquela direção. O silêncio é a essência do vazio.

Na curva do caminho, antes de alcançar o outro lado do vale, a estrada segue por um leve declive e passa por duas pontes sobre leitos de rio secos. Foi por ali que enveredou a carroça de bois e era por lá que vinham os camponeses, entre tímidos e silenciosos; crianças brincavam sobre o leito do rio e ouvia-se o canto insistente de um pássaro. Assim que a estrada tomou o rumo do nascente, aquela imensidão se fez sentir em ondas avassaladoras de profunda bênção. Era como se o céu se abrisse para que, do infinito, viesse o inexprimível; mas, o extraordinário daquele acontecimento era o fato de ser ele o clímax de uma série de ocorrências de todo um dia e não apenas um incidente isolado; e isso só percebemos repentinamente, naquele exato instante em que caminhávamos sozinhos, a alguma distância dos demais. E a luz estava presente; não a luz do poente ou de um poderoso refletor, as quais projetam sombras, mas aquela que tudo clareia e ilumina sem projetar sombras.

10 de novembro

O som grave do pio da coruja vinha dos montes e, ao penetrar no interior daquele quarto, aguçava-nos o ouvido. No mais, tudo era silêncio; nem mesmo o coaxar do sapo ou o furtivo movimento de um animal perturbavam aquela quietude. Os pios procedentes das colinas mais ao sul realçavam o silêncio e ecoavam por todo o vale e montanhas em ondas cadenciadas de som. A resposta, que se fez esperar por longo tempo, veio do extremo oeste do vale; nos intervalos, o que existia era o silêncio e a beleza da noite. A aurora já se anunciava no meio das trevas, permi-

tindo a visão do contorno do morro e daquele gigantesco fícus. O brilho da Plêiade e das Três Marias se extinguia no céu claro, sem nuvens. O perfume de árvores centenárias, da chuva, de flores e dos montes seculares impregnava a brisa fresca que soprava após uma breve pancada de chuva. O mundo exterior e o mundo interior estavam unidos num movimento único, indivisível, da meditação. Os diversos métodos ou sistemas de meditação aprisionam a mente e a padronizam mediante fugas e sensações espetaculares; somente os imaturos se comprazem com esse tipo de coisa. Sem o autoconhecimento, toda forma de meditação conduz ao desengano e à ilusão, efetivas ou imaginárias. A meditação gerava intensa energia que desconhece o conflito. Causando dissipação e distorção de energia, o conformismo e os ideais também produzem conflito. Apesar de ausentes o pensamento e o sentimento, intenso vigor e sensibilidade emanavam do cérebro. Toda ação ou gesto decorrente de um motivo é, na verdade, inação; e é esta inação que corrompe e deturpa a energia. Tendo um motivo, o amor deixa de ser amor; porque existe o amor sem motivo. Ainda que o corpo estivesse imóvel e o cérebro silencioso, ambos estavam plenamente conscientes de tudo, sem interferência do pensamento ou da ação. Não se tratava de um estado hipnótico ou induzido, pois não havia a busca de recompensa, de sensações, visões e outras tolices. Era um fato real e o fato é destituído de prazer ou dor. Meditar era penetrar no desconhecido.

Com a aurora veio a bênção, que é a essência da meditação. Um cão latiu e mais um dia começava.

11 de novembro

Somente existe o fato e não diferentes formas de fato. Jamais compreenderemos o fato, "aquilo que é", se o considerarmos com opiniões ou julgamentos. Estes tomam o lugar do fato, cuja compreensão objetivamos. Na investigação do fato, na sua observação, o fato, "o que é", serve de ensinamento, sem se tornar jamais mecânico. Um estado de plena atenção, livre de qualquer motivo, é necessário ao aprendizado. Todo e qualquer motivo é fonte de dissipação e distorção de energia e toda ação baseada em motivo é inação, origem da angústia e da desordem. O sofrimento é fruto do pensamento e este, absorto em si próprio, cria o "eu" e o "meu". Assim como se aciona uma máquina, também movimentamos o processo dualístico do "eu" por meio do pensamento e do sentimento. Mas, o fato destrói esse mecanismo.

São absolutamente desnecessários a crença e o ideal. Ambos dissipam a energia indispensável à investigação de um fato, daquilo "que é". Tanto um como outro servem de fuga ao fato, à realidade, e a fuga é eterno sofrer. A dor, o sofrimento, só terminam mediante a compreensão do fato a cada instante. Nenhum método ou sistema nos dará a compreensão, mas sim a clara e espontânea consciência do fato. Ao meditarmos de acordo com um sistema, evitamos o confronto com o fato daquilo que somos; a compreensão de nós mesmos, das constantes e íntimas mudanças, é muito mais importante do que meditar em busca de deus, em busca de visões, sensações ou outra qualquer distração.

Protegido por espessa folhagem, o corvo grasnava como louco. Era impossível vê-lo; outros corvos iam e vinham, mas aquele não parava de crocitar, emitindo um som agudo e penetrante. Parecia furioso ou queixar-se de alguma coisa. Enfurecido, sacudia as folhas à sua volta e nem a chuva miúda o detinha. Parecia completamente absorto no motivo de sua perturbação. Súbito, saiu de seu esconderijo, sacudiu-se e desapareceu; dali a instantes, retomava o seu triste queixume; mas, pouco depois, o corvo, cansado, silenciava. E, aquela mesma ave, apoiada sobre o mesmo galho de árvore, emitiu um som diferente, mais suave, algo amigável e convidativo. Havia ali inúmeros pássaros, como, por exemplo, o cuco indiano, ou um pássaro amarelo de asas negras, ou ainda aquele bem gordo, de colorido cinza-prateado, que, entre outros, arranhava a base do tronco daquela árvore. De repente, um pequeno esquilo malhado subiu também pelo tronco. Estavam todos ali reunidos sobre aquela árvore, mas o canto daquele corvo era o mais agudo e persistente. O sol surgiu por trás das nuvens e a árvore projetou pesada sombra atrás de si; súbito, o som estranho e comovente de uma flauta cruzou os ares.

12 de novembro

Não obstante as pesadas e escuras nuvens, que cobriam o horizonte, não chovia ainda. Se esta situação persistisse, todos iriam sofrer com a aridez da terra e dos rios; o sol abrasador tornaria a terra sem vida e destruiria o verde que, com tanta dificuldade, havia desabrochado. Seria isso desastroso para todos da redondeza, apesar de estarem acostumados a conviver com a calamidade, a escassez e as privações. Se não chovesse logo, o período de seca se prolongaria por mais seis meses, deixando

aquela terra mais árida ainda, mais cheia de areia e de rochas. A água dos poços teria de ser utilizada para a irrigação dos arrozais, com o risco de se consumirem as reservas da aldeia. Era brutal, dura e sem nenhum atrativo aquela existência. Testemunhas de tantas gerações de dor e sofrimento, os montes tornaram-se indiferentes; mudos e silenciosos perante aquilo tudo, os velhos montes sabiam que nada podiam fazer. Para viver, o homem devastou suas florestas, transformou suas árvores em lenha e as cabras consumiram seus arbustos. Com a maior indiferença, os montes, em seu despreendimento, jamais seriam afetados pela dor, pois, apesar de próximos, mantinham-se distantes. Naquela manhã, seu colorido era azul-esverdeado, com ligeiro toque de cinza e violeta em alguns montes isolados. Nenhuma ajuda adviria deles, a não ser a sensação de paz que sua vigorosa beleza transmitia; falamos da paz que vem sem esforço, sem nenhum impulso interior, livre de raízes. Mas, caso não chovesse, não haveria fartura nem paz. Como era terrível depender da chuva para se ser feliz; e os rios e os canais de irrigação estavam distantes, enquanto os governos se ocupavam dos esquemas políticos. Havia necessidade de água, clara e cristalina e que está em incessante movimento, e não de vãs esperanças e palavras. Através da chuva miúda entrevia-se a fantástica delicadeza do arco-íris, pouco acima do monte; seu arco passava por cima das árvores indo terminar nos montes, ao norte. Aquele espetáculo teve curta duração, pois a chuva cessou logo; as gotas de água ainda cobriam as folhas daquela frondosa árvore. Sempre perto da folhagem, três corvos tentavam banhar-se naquelas minúsculas gotas de orvalho, sacudindo suas asas negro-acinzentadas no afã de umedecer a parte inferior de suas asas e de seus corpos; demonstrando prazer e satisfação, as aves grasnavam alegremente, saltando de galho em galho em busca de mais água. Seus olhos faiscantes não nos perdiam de vista, e os bicos negros eram afiados; um fio de água escorria por entre o leito do rio e o vazamento de uma torneira, nas proximidades, formava uma poça onde os pássaros se iam refrescar; no entanto, os corvos pareciam particularmente atraídos por aquele banho extravagante no meio das folhas úmidas e refrescantes. Era uma árvore bela e frondosa, que abrigava inúmeros pássaros ao meio-dia. Ali havia sempre algum pássaro, ora piando, ora chilreando, ora se lamentando. Belas na vida como na morte, as árvores, em seu eterno processo de rejuvenescimento, vivem sem jamais pensar na morte.

Como é fácil degenerar em todos os sentidos, permitir o desgaste do corpo através do desleixo e da indolência; ver fenecer os sentimentos e a mente tornar-se embotada, estreita e medíocre. Por ser sagaz, a mente

estreita e limitada é incapaz de renovar-se e declina em sua própria amargura; e o constante exercício de sua própria sagacidade leva a mente à decadência. Cada pensamento a condiciona de acordo com o conhecido; são supérfluos e de efeito destruidor os sentimentos e as emoções, mesmo que expressem acentuado grau de refinamento; torna-se insensível o corpo cultivado pelo pensamento e sentimento. E não basta a energia física, ainda que necessária, para romper esse estado de penosa apatia e insensibilidade. Tampouco o entusiasmo ou o sentimento concorrem para despertar a sensibilidade de alguém; ambos corrompem o ser. O pensamento é um fator de desintegração, pois ele tem suas raízes no conhecido. É mecânica a vida baseada no pensamento ou em suas diferentes atividades; ainda que agradável, trata-se de uma ação mecânica e toda ação baseada em motivo dissipa a energia e causa desintegração. Os motivos, conscientes ou inconscientes, vêm do conhecido, e a vida baseada no conhecido, ainda que este se projete no futuro, na forma de desconhecido, é decadência e morte, por falta de renovação. Do pensamento jamais nascerá a inocência e a humildade e, no entanto, delas depende a eterna juventude, a pureza, a sensibilidade da mente. Finda o pensamento quando nos libertamos do conhecido; e para que se realize esta liberdade, urge morrer, de momento a momento, para todo pensamento. E é nessa morte que está o fim da decadência.

13 de novembro

O imenso rochedo, que se destacava das colinas do Sul, de hora em hora mudava de cor; como a flor multicolorida, seus matizes variavam de instante a instante, passando da cor rubra para a rosa profunda, que evocava o mármore polido, e daí para o vermelho-fosco do tijolo, terminando no marrom-queimado e no verde-musgo; havia momentos também em que era simplesmente um bloco de pedra inerte. O rochedo tinha, igualmente, o brilho intenso da chama viva, que ardia no meio da folhagem verde, naquele belo amanhecer. De humor inconstante, como o da criança mimada, sem ser sombrio ou ameaçador, o seu colorido, ora flamejante ora discreto, podia torná-lo berrante ou suave, atraente ou inefável. Ainda que adorado como um objeto sagrado, o rochedo vibrava de cor e extrema dignidade. Um elo especial parecia unir todas aquelas colinas; nenhuma excedia a outra em estatura e todas se tinham endurecido em contato com o clima rigoroso da região, dando a impressão de esculturas a explodir

de beleza e vigor. Combinavam, em colorido e tamanho, com aquele vale, tão distante dos centros urbanos e do tráfego ruidoso, cuja beleza estava nas árvores e nos verdes arrozais. Algumas eram sólidas e volumosas, de tronco largo e frondosas: árvores realmente esplêndidas na forma. Algumas, de crescimento lento e difícil, pareciam em muda expectativa perante as nuvens, que não prenunciavam chuva, e havia outras ainda de rica folhagem e sombra generosa. Ainda que poucas resistissem à aridez do clima, as que sobreviviam eram sobremodo belas. O colorido vermelho da terra, em contraste com o verde das árvores, cujos galhos vinham até o chão, constituía um lindo espetáculo. Sobreviventes daquele clima excessivamente árido e seco, o entusiasmo das árvores, por ocasião das chuvas, abalava a quietude do vale; explodindo de cor e de vida, as árvores transbordavam de alegria e os montes participavam, junto com a terra, da glória daquele esplendor.

Nenhum som perturbava a paz noturna do vale, envolto em densa escuridão; as folhas não se moviam e a aurora tardaria a romper. A meditação não é auto-hipnose, oriunda do emprego de palavras ou do pensamento, nem da repetição ou utilização de imagens. A imaginação deve ser posta de lado, pois conduz à ilusão. O importante é a compreensão dos fatos e não as teorias, não a busca de certezas e a necessidade de ajustamento, e não a procura de falsos ideais. Tudo isto deve ser abandonado para que, mediante a meditação, mediante a compreensão desses fatos, seja transcendido. O princípio da meditação é o autoconhecimento, sem o qual a meditação nada significa. O vale dormia àquela hora matinal. Ao despertarmos, a meditação era a seqüência de um processo em andamento; apesar de não ter sido imobilizado, o corpo estava imóvel; ausente o pensamento, o cérebro a tudo observava, sem disso extrair nenhuma sensação; não existia nem o pensamento nem o sentimento. E, com isso, desencadeara-se o movimento intemporal. Por pertencer à esfera do tempo, a palavra implica espaço; a palavra é sempre do passado ou do futuro, pois é impossível definir a ação no presente. A palavra pode simbolizar a morte, jamais a vida. Ela, que serve para transmitir coisas vivas, nega a própria vida. Era um movimento que permeava as diversas camadas do cérebro, sem estabelecer nenhum contato entre elas, pois o cérebro tornara-se incapaz de buscar ou de reconhecer. Tratava-se de alguma coisa que não pertencia à esfera do conhecido; o cérebro poderia acompanhar o conhecido, mas, ali, toda forma de reconhecimento era impossível. O movimento possui sempre uma direção, mas aquele não a tinha, embora não fosse estático. Por ser sem direção, representava ele

a essência da ação. Toda direção resulta de uma influência ou de uma reação. Mas, a ação isenta desses parâmetros é energia total, que, como o amor, possui movimento próprio. Todavia, a palavra amor, que é da área do conhecido, não é amor. Somente existe o fato que é a liberdade das coisas conhecidas. A meditação era a ação explosiva do fato.

Nossos problemas se multiplicam e se perpetuam e, com isso, a mente se corrompe e se perverte. Todo problema equivale a conflito, a uma questão que não foi devidamente compreendida. Disso decorrem as lesões que ferem a inocência. Todo conflito deve ser compreendido e eliminado. Um dos fatores da decadência é a persistência de um problema; cada problema gera outro e a mente, atingida por problemas, pessoais ou coletivos, sociais ou econômicos, se deteriora.

14 de novembro

Sensibilidade e sensação são duas coisas distintas. As sensações, as emoções e os sentimentos sempre deixam resíduos, cujo acúmulo acaba por deformar e embrutecer a mente. Por serem contraditórias, as sensações sempre produzem conflito, e este, por sua vez, embota a mente e distorce a percepção. Apreciar a beleza das coisas em termos de sensação, de gostar ou não gostar, é o mesmo que estar insensível ao belo; a sensação distingue o belo do feio; mas, a divisão é incapaz de perceber a beleza. Para eliminar o conflito, gerado pelas sensações e pelos sentimentos, foi inventada a disciplina do controle e da repressão; mas, tudo isso serve apenas para criar a resistência que, mais uma vez, intensifica o conflito, o embotamento e a insensibilidade. O santificado controle e a repressão constituem a santificada insensibilidade e brutal apatia, motivo de tanta admiração e respeito no mundo. Criam-se e espalham-se ideais e conclusões, que só servem para tornar a mente mais estúpida e insensível. Qualquer tipo de sensação, por mais requintada ou vulgar que seja, cria a resistência, o que é de efeito mortal. Ser sensível é morrer a cada resíduo da sensação; ser sensível, de maneira absoluta e contundente, a uma flor, a uma pessoa ou a um sorriso, é estar livre das marcas da memória, responsáveis pela destruição da sensibilidade. Estar consciente de todo o processo das sensações, dos sentimentos e das demais manifestações do pensamento, impede a formação de marcas e cicatrizes. As sensações, os sentimentos e os pensamentos são sempre fragmentados, parciais e, portanto, de efeito destruidor. A sensibilidade é a síntese do corpo, da mente e do coração.

O conhecimento atua mecanicamente; o conhecimento, quando utilizado como prova de prestígio, gera conflito, antagonismo, inveja. Cozinhar ou governar são meras funções mecânicas, que, ao simbolizarem o *status* social, se transformam em motivo de disputa, de esnobismo e da idolatria de cargos, posições e poder. O poder é o mal que avilta a sociedade. A importância psicológica que se atribui à função cria a hierarquia do prestígio social. Negar esta hierarquia é negar o *status;* existe a hierarquia da função, mas não do *status.* As palavras são de reduzido significado, já o fato é de plena importância. O fato jamais traz sofrimento, mas as palavras, encobrindo o fato e buscando a fuga, ocasionam indizível conflito e dor.

O gado se alimentava do pasto verdejante; de colorido marrom, de diferentes matizes, toda vez que se movia era como se a terra se mexesse. Eram animais de grande porte, indolentes e infestados de moscas; gado bem tratado, bem alimentado, diferente do da aldeia que era descarnado, franzino, de baixa produção, de odor desagradável e de aparência faminta. Este sempre vem acompanhado de algum menino ou menina, que gritam ou o repreendem. A vida é dura em toda parte e a enfermidade e a morte são uma constante, como para aquela mulher, por exemplo, que passa sempre carregando um pote de leite ou outro alimento qualquer; de tímida aparência e sem dentes, as roupas são sujas e a miséria está estampada em seu rosto; seu eventual sorriso é forçado e sem graça. Ela mora na aldeia vizinha e anda sempre descalça; seus pés são surpreendentemente pequenos e rijos, mas, em seu íntimo, arde a chama da vida; é uma senhora forte e resistente. Seu andar manso nada tem de delicado. A miséria e o sorriso falso estão em toda parte. Os deuses se foram e os poderosos da terra nem sequer se dão conta daquela mulher. Mas, havia chovido muito e pesadas nuvens cobriam os montes. As árvores pareciam acompanhar as nuvens, que vinham sendo seguidas pelos morros, deixando o homem para trás.

15 de novembro

De madrugada, as nuvens envolviam os montes, os pássaros cantavam, chilreavam e guinchavam, uma vaca mugia e um cão uivava. Atrás dos montes e das nuvens o sol filtrava uma luz suave que embelezava o amanhecer. O som de uma flauta, acompanhada de pequeno tambor, vinha de um imenso fícus centenário. Emitindo acordes suaves, que pareciam pene-

trar em nosso ser, o som daquela flauta se espalhou por toda a região. A música era ouvida com nitidez, apesar da interferência de outros sons; as vibrações do pequeno tambor acompanhavam a melodia da flauta, juntamente com o grasnido rouco de um corvo. Todo som é penetrante: a alguns nós resistimos, a outros nos entregamos com deleite, distinguindo o agradável do desagradável e, com isso, sempre saímos perdendo. O grasnido do corvo veio com o rufar abafado do tambor, servindo de fundo aos acordes delicados da flauta; deste modo, aquele conjunto de sons transcendia toda forma de resistência ou busca de prazer. E, nisto, havia incrível beleza, não a beleza cultivada pelo pensamento e sentimento. E com aquela música surgia repentinamente a meditação, contendo em si todas as coisas do universo, ampliando e aprofundando cada vez mais aquela explosão. Toda explosão é em si destruidora e a destruição faz parte da terra e da vida, que é o próprio amor. A nota emitida pela flauta teria o efeito de uma explosão se nós não preferíssemos levar uma vida sem riscos, mas que, por isso mesmo, se torna um enfadonho fardo. Entediados com a existência que nós mesmos criamos, tentamos inutilmente dar um significado àquela feiúra revestida de vulgar beleza. Dessa maneira, a música passou a ser cultivada como fonte de emoção, como o futebol ou uma missa religiosa. De ação ruinosa, a emoção e o sentimento se transforma facilmente em ódio. Mas, o amor não é mera sensação ou sentimento. Na completa atenção, sem resistência, sem nenhuma barreira, está o milagre daquela explosão, que destrói as coisas conhecidas; atentar, de maneira espontânea e natural, para aquela explosão é penetrar em regiões intangíveis e inacessíveis ao pensamento e ao tempo.

O vale media cerca de quilômetro e meio, no seu ponto mais estreito, onde os montes se encontravam, para, depois, tomar o rumo do leste e do oeste; ali, dois ou três morros bloqueiam os demais, todos situados mais junto do poente; mas, no nascente, amplo espaço separava as colinas. De contorno bem definido, os morros tinham aquele estranho colorido roxo-azulado que só vem com muita idade e muito sol. Soberbos à luz do entardecer, os montes pareciam extremamente irreais. O colorido do poente, ao refletir-se sobre o céu do nascente, dava a impressão de ser ali o ocaso. Anoitecia, e as nuvens rosadas iam empalidecendo, tornando-se escuras. E, no instante em que saíamos daquela casa, conversando com alguém sobre assuntos variados, surgiu-nos aquela estranha e desconhecida bênção. Presença inesperada e premente, surpreendeu-nos no meio de uma conversa séria que se extinguiu de maneira espontânea e natural. A outra pessoa não havia notado a alteração que se dera na atmosfera

e prosseguiu dizendo algo que não exigia resposta. Transpusemos o percurso de quilômetro e meio praticamente mudos, envoltos por aquela "coisa", totalmente dominados por ela. Era algo inteiramente novo, ainda que ressurgisse de tempos em tempos; o processo do reconhecimento cessara, pois este ainda faz parte do conhecido. Aquela energia encerrava abundante beleza, força e vigor, essência do amor.

16 de novembro

Na paz do anoitecer, as nuvens se juntavam em torno do poente. Agitadas com a brisa do entardecer, as árvores se preparavam para recolher-se, e os pássaros procuravam abrigar-se no meio da espessa folhagem das árvores mais frondosas. Duas pequenas corujas, de olhos fixos e bem abertos, pousaram no alto dos cabos elétricos e, como de costume, os montes olímpicos e solitários mantinham-se imperturbáveis; obrigados a tolerar, de dia, os ruídos do vale, eles agora se esquivavam a qualquer contato, deixando-se envolver pelas brumas da noite mal iluminada por débil luar, oculto por vaporoso véu de nuvens. Tudo na natureza parecia recolher-se, exceto os montes, que não dormiam jamais, eternamente vigilantes, em muda expectativa e infinita comunhão entre si. E as duas corujinhas faziam um ruído chocalhante, como pedras batendo de encontro às paredes de uma caixa de metal; era estranho que com seus corpos tão pequenos, do tamanho de punhos cerrados, fizessem tamanho barulho; à noite, podia-se ouvir-lhes o vôo, de árvore em árvore, tão silencioso quanto o das aves maiores. Ao abandonarem o fio elétrico sobre o qual haviam pousado, voaram baixo por cima dos arbustos, indo pousar nos galhos inferiores da árvore, de onde passaram a observar, atentos. Mas, o seu interesse não duraria muito. Uma coruja bem grande havia pousado sobre o poste torto, colocado mais adiante; de colorido marrom, seus olhos eram imensos e tinha um bico afiado que parecia saltar por entre aqueles dois olhos arregalados. O pássaro afastou-se dali em vôo curto, denotando tamanha suavidade e determinação que nos fazia duvidar da estrutura e da potência daquelas asas tão graciosas; voando na direção dos montes, perdeu-se na escuridão noturna. Com certeza era a coruja que, com sua fêmea, piava à noite! Na véspera, elas devem ter voado na direção de outros vales, situados atrás dos montes; mas, não tardariam a voltar, pois abrigavam-se num dos montes próximos de onde poderíamos ou-

vir-lhes os gritos vespertinos, se por ali passássemos sem fazer barulho. Terras mais férteis cobertas de luxuriantes arrozais, estendiam-se para além daquelas colinas.

O ato de questionar é mera revolta, uma reação ao que é, e as reações são destituídas de significado. Os comunistas estão em revolta contra os capitalistas, o filho contra o pai; e há os que se recusam a aceitar a norma social, aqueles que buscam eliminar a opressão econômica da sociedade. É possível que esse tipo de revolta seja necessário, mas, em verdade, é muito superficial; substituindo velhos padrões por outros mais novos, a mente continua presa a sistemas repetitivos que a destroem. A constante revolta dentro dos muros da prisão faz parte da reação do imediatismo perante as questões fundamentais da existência; preocupados com a decoração do interior dessa prisão, o que nos traz enorme satisfação, esquecemo-nos da tarefa primordial de demolir-lhe os muros. O descontentamento superficial faz parte da prisão e não nos leva muito longe; é capaz de nos levar à lua ou à bomba atômica, mas tudo isso continua dentro dos limites do sofrimento. Mas, questionar a própria estrutura do sofrimento e transcendê-lo já não significa fugir. Trata-se de algo mais fundamental e urgente do que ir à lua ou ao templo; e é este questionar que destrói aquela estrutura e não a construção de uma prisão mais moderna e sofisticada, com seus deuses e redentores, com seus economistas e líderes políticos. Esta investigação é que elimina o mecanismo do pensamento e não a mera substituição de um pensamento por outro, de uma conclusão por outra, de uma por outra teoria. Neste tipo de investigação, questiona-se a validade da autoridade como um todo, da autoridade da experiência, da palavra e do poder, esse mal tão respeitado. Tal contestação, não oriunda da reação, da escolha e do motivo, aniquila a atividade egocêntrica dos moralistas e dos adeptos da respeitabilidade. E é justamente esta atividade egocêntrica que, em vez de ser completamente eliminada, continua passando por intermináveis reformas, dando origem ao perene sofrer. Tudo aquilo que possui causa e motivo conduz, inevitavelmente, à agonia e ao desespero.

Tememos o total aniquilamento do conhecido, que é a base do ego, do "eu", do "meu"; damos preferência ao conhecido com toda a sua confusão, conflito e miséria; com a liberdade das coisas conhecidas, corremos o risco de perder aquilo que denominamos amor, relações, felicidade e tudo o mais. A questão explosiva, fundamental, de nos libertarmos do conhecido, o que não é mera reação, põe fim ao sofrimento e o amor transcende, então, o pensamento e o sentimento.

Como são frívolas e vazias as nossas vidas! Nossas atividades e pensamentos são mesquinhos e, incapazes de libertar-nos do conflito e da dor, movimentamo-nos sempre dentro daquilo que conhecemos, na eterna busca de segurança psicológica. Mas, não existe a segurança no conhecido. A segurança é tempo, e o tempo psicológico, o tempo subjetivo, não existe; como toda ilusão e mito, gera o medo. Nada é permanente na vida. Através da correta observação e do questionamento destruímos o padrão erigido pelo pensar e sentir, o padrão do passado, o padrão estabelecido. Cessa o conhecido através do autoconhecimento, da profunda compreensão da totalidade do pensamento e sentimento, da total consciência de cada movimento do pensamento e sentimento. O conhecido só nos faz sofrer, e o amor surge com a libertação do conhecido.

17 de novembro

O colorido da terra confundia-se com o do céu; os montes, os verdes arrozais em maturação, as árvores e o leito do rio arenoso e seco tinham a cor celestial; as pedras daqueles morros e até mesmo os rochedos misturavam-se com as nuvens. O sol do poente inverteu todas as posições, transformando o céu na terra e esta no céu. O esplendor do incêndio celestial refletia-se em cada faixa de nuvem, em cada pedra, em cada lâmina de capim, em cada grão de areia. A fúria da chama colorida ardia no céu resplandecente. Uma enorme pincelada dourada acentuava o contorno vermelho do morro; mais ao sul, o que se via era uma mescla ardente de verde-claro e azul-esmaecido; porém, no nascente, o antipoente tinha o fulgor do escarlate, do ocre-queimado, do carmim e do roxo-desvanecido. Magnífico espetáculo de luz e cor, em que tanto o nascente como o poente brilhavam intensamente. As nuvens, que rodeavam o sol do ocaso, tinham a pureza da chama eterna, cujo ardor penetrava todas as coisas e varava a terra, unindo os elementos da natureza. E o universo palpitava de vida e explodia em cores, exprimindo assim a própria divindade, não o deus do homem. Na transparência colorida dos montes, as pedras e rochedos pareciam flutuar, sem peso, e os morros distantes eram azuis, o azul de todos os mares e de todos os firmamentos. Saltava aos olhos o colorido intensamente rosa e verde dos arrozais maduros. E a estrada branca e purpurina, que cruzava o vale, se refletia no céu em raios de luz. Nós éramos aquela luz ardente, impetuosa que explodia

em todas as direções, sem projetar sombras, sem criar raízes, sem emitir palavras. À medida que o sol se punha no horizonte, nós nos perdíamos no colorido mais intenso e violento do ocaso. Era um anoitecer impossível de ser lembrado.

Todo pensamento e sentimento deve florescer para que se complete o ciclo da vida e da morte; é preciso que tudo em nós floresça: a ambição, a avidez, o ódio, o regozijo, a paixão, para que de seu findar surja a redenção. Somente em liberdade pode alguma coisa vicejar, jamais na repressão, no controle e na disciplina, base de toda corrupção e perversão. O florescimento e a liberdade constituem a essência da bondade e da virtude. Não é fácil, por exemplo, deixar florescer a inveja; em geral, a condenamos ou a exaltamos, mas nunca a deixamos crescer livremente. E a liberdade é fundamental para que o fato da inveja se revele em toda a sua plenitude, expondo as sutis variações de sua forma, de sua intensidade e de quanto a caracterize. Em clima de repressão, a inveja dificilmente virá à luz. Mas, ao se expor dá-se a sua natural extinção; e ao desaparecer a inveja nós nos defrontamos com o fato do vazio, da solidão e do medo. À medida que cada um desses fatos floresce em liberdade, cessa o conflito entre o observador e a coisa observada; ao desaparecer o censor, resta unicamente o ato de observar e ver. A liberdade nasce da ação total, jamais da repetição, da repressão, ou da sujeição a um dado padrão de pensamento. E só existe a perfeição da completa integridade no florescer e no morrer; se uma coisa não terminar, nunca poderá florescer. Aquilo que tem continuidade é o pensamento através do tempo. Ao florescer, o pensamento deixa de existir, pois é somente na morte que surge o novo. Para que o novo surja é preciso que cesse todo conhecido. O novo não nasce do pensamento, do que é velho; ele deve morrer para que desponte o novo. Tudo o que floresce deve necessariamente findar.

20 de novembro

No meio da noite escura, as estrelas faiscavam no céu sem nuvens e o ar puro da montanha estava frio. Súbito, os faróis do carro iluminaram os cactos que pareciam de prata polida; gotas de orvalho brilhavam sobre sua superfície lisa; plantas menores resplandeciam à luz artificial dos faróis, que revelava um verde diferente daquele que se via à luz do dia. Denso mistério e uma atmosfera de sonho envolviam aquelas árvores tão inacessíveis e silenciosas. Órion e Plêiades já haviam desaparecido

por trás dos montes escuros e até mesmo as corujas mantinham-se distantes e silenciosas. A natureza dormia. Os bacuraus, de olhos vermelhos faiscantes, surpreendidos pela luz dos faróis, no meio da estrada, saíam voando, trêmulos de espanto. As aldeias não haviam ainda despertado àquela hora matinal; algumas pessoas, agasalhadas, vinham a pé pela estrada, deslocando-se de uma aldeia para outra, dando a impressão de terem caminhado a noite toda; outras se aqueciam em torno da fogueira que projetava sombras longilíneas sobre a estrada. Um cão se coçava no meio do caminho, obrigando o carro a desviar-se dele. Súbito, despontou no céu a estrela matinal; do tamanho de um pires e brilhando intensamente, a estrela parecia dominar o nascente. À medida que subia, o planeta Mercúrio surgiu a seu lado, pálido e vitorioso. Um tênue clarão anunciava a aurora distante. A estrada era cheia de curvas e as árvores, às margens do caminho, impediam que se enveredasse erroneamente pelos campos. Amplos canais de irrigação aguardavam o verão, época em que haveria escassez de água. As aves dormiam ainda, mas, assim que começou a clarear, todas acordaram, assim como os corvos, os abutres, os pombos e os inúmeros pássaros menores. Ao atingirmos o topo de uma ladeira, enveredamos por uma extensa trilha montanhosa, que atravessava o bosque; nenhum animal selvagem ousava aproximar-se daquele caminho, mas era grande o número de macacos, ali, àquela hora. Um deles, bem grande, instalado aos pés do tamarindo, continuou impassível diante de nós, enquanto os demais fugiam, assustados, em todas as direções. E havia um, bem pequeno, com poucos dias de vida, agarrado ao ventre da mãe, que parecia bastante amolada com tudo aquilo. A aurora cedia lugar ao dia e os caminhões, que passavam com estardalhaço, apagaram os faróis. As aldeias haviam despertado e as pessoas já varriam as casas e atiravam o lixo no meio da estrada; cães esquálidos dormiam profundamente bem no meio do caminho; pareciam preferir justamente o centro da estrada, obrigando carros, caminhões e gente a deles se desviarem. As mulheres, seguidas dos filhos menores, carregavam água do poço para suas casas. O sol estava cada vez mais quente e vivo, os montes tornavam-se áridos e rudes, de vegetação cada vez mais escassa; à medida que nos afastávamos das montanhas, em direção ao mar, penetrávamos numa região plana e aberta. E, ao nos aproximarmos daquela grande cidade,* densamente povoada e suja,

* MADRASTA. Krishnamurti hospedara-se na sede de uma fazenda. Ocupando uma área de 7 acres, a fazenda fica às margens do rio Adyar, que deságua na baía de Bengali, ao sul de Madrasta.

o ar tornava-se cada vez mais úmido e quente, distanciando-se ainda mais das montanhas.

O carro corria veloz pela estrada e o momento era propício à meditação. Precisamos libertar-nos da palavra, colocá-la em seu devido lugar, sem atribuir-lhe excessiva importância; cumpre ver que a palavra não é a coisa e que esta jamais será a palavra; atentar para os perigos contidos nas diversas modalidades da palavra, sem contudo negligenciar seu emprego consciencioso e correto. É necessário ser sensível às palavras sem se deixar dominar por elas; ser capaz de romper a barreira verbal ao considerarmos um fato; e ter condições de neutralizar o efeito venenoso das palavras sem se tornar insensível à sua beleza. Importa abandonar toda identificação com a palavra e estar apto a analisá-las de modo isento para escapar à cilada e ao engodo que elas encerram. São elas meros símbolos, nunca a coisa real. O véu das palavras serve de abrigo à mente fraudulenta, leviana e preguiçosa. A escravização às palavras é o princípio da inação que só é ação na aparência; a mente atrelada ao símbolo não vai muito longe. Cada palavra, cada pensamento influencia a mente, e esta, quando não compreende o processo do pensar, torna-se escrava das palavras, dando assim início ao sofrimento. As conclusões e as explicações de nada servem para libertar-nos do sofrimento.

A meditação não é um meio para se atingir um fim, pois a meta, o objetivo, não existe; a meditação é uma viagem para dentro e para fora do tempo. Todo método e sistema condicionam o pensamento ao tempo; mas, o estado de plena consciência perante cada manifestação do pensamento e do sentimento, permitindo o seu florescimento, é o princípio da meditação. Quando o pensamento e o sentimento desabrocham e fenecem, a meditação é o movimento da transcendência do tempo. Disso advém o êxtase. O amor é o vazio absoluto, do qual emanam a criação e a destruição.

21 de novembro

A escolha está sempre presente na vida; mas, na solidão, não existe escolha. Toda forma de escolha traz conflito e sempre acarreta a contradição, que origina confusão e sofrimento. O desejo de escapar ao sofrimento transforma em obsessão toda e qualquer atividade humana, seja ela a busca de um deus, seja uma crença, seja a defesa do nacionalismo. Ao servirem de fuga, tais atividades adquirem total importância; mas, em verdade, a fuga leva sempre à ilusão, origem da ansiedade e do medo.

A amargura e o desespero são a essência da escolha. A escolha ou a seleção terá de existir enquanto houver a entidade que escolhe e o acúmulo de memória da dor e do prazer; o ato de experimentar o objeto de nossa escolha serve apenas para fortalecer a memória que passa a reagir na forma de pensamento e sentimento. A memória tem uma função específica e mecânica, da qual nasce a escolha. Nela não há liberdade. Escolhemos conforme o meio em que fomos educados e consoante os condicionamentos econômicos, religiosos e sociajs. E a escolha intensifica sempre estes condicionamentos, cuja implacável ação engendra mais sofrimento.

As nuvens, que envolviam o sol, na linha do horizonte, pareciam as chamas de um incêndio. As escuras palmeiras contrastavam com o céu incandescente; distinguiam-se altaneiras no meio do verde e dourado arrozal, que se perdia de vista. Uma delas erguia-se solitária naquele campo verde-amarelado de arroz; ainda que parecesse abandonada, alheia a tudo e profundamente infeliz, a palmeira não estava só. Do mar vinha uma suave brisa e algumas nuvens apostavam corrida entre si, deslocando-se com maior rapidez do que o vento. As chamas se extinguiram e a iluminação da lua veio acentuar as sombras do anoitecer. Espalhadas por toda parte, elas sussurravam baixinho entre si. A luz brilhava no céu, projetando densas e traiçoeiras sombras sobre a estrada, podendo encobrir a passagem de uma cobra-d'água, no encalço de uma rã; o arrozal estava alagado e repleto de rãs, cujo coaxar era ritmado. Ocupadas em perseguirem-se umas às outras, as rãs deixavam entrever suas cabeças acima das águas do estreito canal, à margem do caminho; de tempos em tempos, elas assomavam à superfície para desaparecerem logo em seguida. A superfície prateada da água faiscava; morna ao contato da mão, ela encerrava em si incontáveis mistérios. Carros de boi, transportando lenha para a cidade, vinham pela estrada; ouviu-se o tilintar da campainha de uma bicicleta, um caminhão, com imensos e luminosos faróis, pedia passagem e as sombras permaneciam imóveis. Esplêndido anoitecer, em que ali, naquela estrada, às portas da cidade, havia profundo silêncio; nenhum ruído perturbava aquela paz, nem mesmo o caminhão e a luz. Era um tipo de silêncio que nem a palavra ou o pensamento poderiam tocar; era um silêncio que vinha com as bicicletas e as rãs, um silêncio que vinha com a pessoa; um silêncio que nos envolvia, que podíamos respirar e ver. Nada tinha de tímido ou acanhado aquele silêncio cálido e envolvente. Ultrapassava-nos projetando-se na vastidão do imensurável; esquecidos de nós mesmos, confundindo-nos com as rãs, nas águas do canal, na absoluta ausência do pensamento e sentimento, podíamos acompanhar seu veloz movimento. Já não im-

portavam os pensamentos e os sentimentos, que facilmente esqueceríamos, para serem, mais tarde, retomados, se assim o desejássemos. Quanta beleza naquele límpido anoitecer, cheio da alegria efêmera de um sorriso fugaz!

Toda escolha gera a desgraça e o sofrimento. Ao observá-la, vemos como permanece de tocaia, à espreita, exigente, insinuante, insistente; sem que o percebamos, vemo-nos presos nas malhas intransponíveis do desespero, dos deveres e das responsabilidades. É só olhar para ver o fato. Basta estarmos conscientes do fato; impossível é modificar o fato; podemos encobri-lo ou evitá-lo, mas não podemos modificá-lo. Ele simplesmente existe. E se o deixarmos em paz, se não interferirmos com as nossas vãs esperanças e opiniões, com a nossa astúcia e avaliação, o fato florescerá para revelar tudo isso e mais alguma coisa. Para tanto, precisamos estar plenamente conscientes de seu significado, sem precipitações. Veremos, então, que ao florescer a escolha, ela morre dando lugar à liberdade; não que estejamos livres de alguma coisa, mas existirá, então, a liberdade. Nós, que fizemos da escolha o nosso modo de viver, já não escolhíamos. Nada havia a escolher. E é deste estado, livre de escolha, que brota a infinita solidão da morte. De seu constante florescimento nasce o que é sempre novo. Estar só é morrer para o conhecido. A escolha se baseia nas coisas conhecidas, e são elas que produzem a dor. Cessa o sofrimento na plenitude da solidão.

22 de novembro*

As três pétalas rosadas de uma flor sobressaíam na massa de cor da densa folhagem de um comprido arbusto. Dando a impressão de espantar-se com sua própria beleza, não lhe era fácil sobreviver no meio de tanto verde; espremida entre inúmeros outros arbustos, todos lutando pela sobrevivência, ela tinha ainda de enfrentar a imensa árvore sobranceira, que lhe tolhia o crescimento. Inúmeras flores vicejavam no arbusto, mas aquela estava inteiramente só, o que explicava o seu fascínio. Uma brisa suave brincava no meio das folhas sem atingir aquela flor; ela estava só e imóvel, e, por estar só, tinha a singular beleza da estrela solitária no céu imaculado. O escuro tronco da palmeira destacava-se no meio da folhagem verde; sem ser completamente negro, lembrava a tromba do elefante. Súbito, o seu colorido escuro adquiria um tom levemente aver-

---

* Data da primeira de uma série de oito conferências proferidas em Madrasta, que se prolongaram até 17 de dezembro.

melhado, por estar exposto ao sol do entardecer, que parecia incendiar o topo das árvores imóveis. A brisa arrefecera e o poente refletia-se nas folhas do arvoredo. Uma ave pequenina ajeitou-se sobre o galho para limpar as penas. Após dar rápida olhada à sua volta, alçou vôo na direção do sol. Estávamos sentados de frente para os músicos que contemplavam o ocaso; perante uma audiência reduzidíssima, o intérprete tocava o pequeno tambor com rara habilidade e prazer; era realmente extraordinário o desempenho daqueles dedos. O músico nem sequer olhava para as mãos; parecendo ter vida própria, elas se moviam com incrível firmeza e rapidez, ao golpearem, com precisão, a pele esticada do tambor. Era impossível à mão esquerda saber o que faria a mão direita, pois cada qual executava seu ritmo próprio, sem prejudicar a harmonia musical do conjunto. Jovem, talentoso e sério, os olhos do músico faiscavam de contentamento ao tocar perante a reduzida, porém seleta, audiência. A seguir, um instrumento de cordas se fez ouvir e o pequeno tambor não tardou a acompanhá-lo. Ele já não estava só.

O poente tingia de rosa-pálido as nuvens que o rodeavam; àquela altitude, não havia crepúsculo e a lua quase cheia brilhava no céu sem nuvens. Sentia-se a bênção ao caminharmos ao longo daquela estrada, contemplando o reflexo da lua sobre as águas e escutando o incessante coaxar das rãs. Era estranho perceber o quanto estávamos distantes do mundo e a que incríveis profundezas havíamos penetrado. Os postes telegráficos, os ônibus, as carroças de boi, e os miseráveis aldeões estavam ali, a nosso lado, mas nós estávamos longe, tão longe que o pensamento não nos podia acompanhar; e os sentimentos permaneciam distantes. Prosseguíamos em nossa caminhada, conscientes de tudo quanto acontecia à nossa volta, da lua encoberta por densas nuvens, da campainha da bicicleta e, ao mesmo tempo, longe dali, na vasta imensidão do desconhecido. Aprofundando-nos mais ainda para dentro de nós mesmos, naquele estado de incrível percepção transcendíamos o tempo e os limites do espaço. Era inacessível à memória e representava a liberdade absoluta, sem raízes ou direção. E, bem no fundo, lá onde o pensamento não podia alcançar, havia abundante energia e êxtase, palavra tão grata ao pensamento, mas que ele jamais consegue apreender. Árido e vazio por natureza, o pensamento é incapaz de acompanhar ou de comunicar-se com o intemporal. Ofuscados pelos faróis daquele ônibus imenso, quase fomos atirados para fora da estrada, nas águas tremulantes do rio.

A repressão é a essência do controle. O ver puro e simples põe fim a toda forma de repressão; o ato de ver é infinitamente mais sutil do que

o mero controle. É relativamente fácil exercer o controle sobre as coisas, pois não requer muita compreensão; o conformismo a um dado padrão de comportamento, a obediência à autoridade estabelecida, o medo de não estar agindo corretamente, o desejo de bom êxito e fama, tudo isso concorre para o recalque daquilo que é, ou para a sua sublimação. O simples ato de ver "o que é", qualquer que seja o fato, significa compreendê-lo e isso serve de base à mutação.

25 de novembro

O sol estava por trás das nuvens e as extensas planícies confundiam-se com o horizonte vermelho-ouro e marrom. Atravessava-se um estreito canal antes de seguirmos por entre as plantações de arroz que, douradas e verdes, espraiavam-se às margens da estrada, na direção do mar e do sol poente. Havia algo de extraordinariamente belo e pungente naquele espetáculo em que a negra silhueta das palmeiras, erguendo-se acima dos arrozais, recortava-se contra o céu ardente do entardecer. Não que a cena fosse romântica ou sentimental, ou que se assemelhasse a uma estampa. Podia até sê-lo, mas, ainda assim, era incrível o ar de dignidade, o vigor e o êxtase, que nos era transmitido da própria terra e das coisas simples do dia-a-dia. O canal, uma longa e estreita faixa de água, como lava derretida, percorria de norte a sul o arrozal, em completo silêncio e solidão. O seu reduzido tráfego era constituído de rústicos saveiros a vela, transportando areia ou lenha, dirigidos por homens de aspecto grave e sizudo. Livres e despreocupadas, impelidas pelo vento e queimadas pelo sol, as palmeiras impunham-se com sua majestosa presença, perante a extensa planície verde. Grandes pássaros brancos sobrevoavam, indolentes, o amarelo-ouro dos arrozais maduros, dirigindo-se para o poente, com suas longas patas esticadas para trás. Rangendo ao peso de sua carga, uma extensa fileira de carros de boi, que conduziam lenha de casuarina para a cidade, vinha vagarosamente pela estrada, seguida de homens a pé. Mas, o encanto do anoitecer não estava em nenhuma destas cenas habituais; elas faziam parte do crepúsculo, com seus ônibus barulhentos, com suas bicicletas silenciosas, com o coaxar das rãs e o perfume da noite. Lá estava o intenso e profundo fulgor do iminente clarão daquela coisa desconhecida, de incorruptível força e pureza. O que era belo atingiu o auge do esplendor, glorificando tudo e se desfazendo em êxtase e riso,

que não só penetrava no âmago de nosso ser, mas também se espalhava por entre as palmeiras e o arrozal. Ainda que raro, o amor estava presente naquela cabana, à luz do candeeiro; e havia amor na mulher envelhecida com sua carga pesada sobre a cabeça, no menino nu que fingia soltar fogos de artifício ao balançar um pequenino pedaço de madeira faiscante na ponta de um barbante. O amor estava em toda parte, tão abundante que se podia surpreendê-lo sob a folha seca caída ao chão, ou entre as folhas do jasmineiro, ao lado da casa em ruínas. Mas, estavam todos ocupados, absortos em seus afazeres e perdidos em seus problemas. Aquele êxtase transbordava do coração, enchia a mente e preenchia o espaço celestial, sem jamais nos abandonar. Porém, seria preciso morrer para todas as coisas, sem derramar lágrimas e sem nutrir remorsos. Somente, então, com alguma sorte e se tivéssemos cessado de buscá-lo, entre esperançosos, súplices ou queixosos, o êxtase viria a nós sem ser chamado. Livres do apego, livres da infelicidade e do pensamento, seríamos capazes de percebê-lo ali, sobre aquela estrada escura e poeirenta.

A meditação floresce na bondade. Sem ser a virtude, cujo lento cultivo exige tempo, sem exprimir a respeitabilidade social e sem representar a chancela da autoridade, a beleza da meditação é o perfume de seu desabrochar. Como poderá haver alegria na meditação, se ela provém do desejo e do sofrimento? Como poderá florir, se a estivermos buscando através do controle, da repressão e do sacrifício? Como poderá desabrochar das sombras do medo ou na venal ambição e desejo de fama? Como poderá florescer à sombra da esperança e do desespero? Tudo isso tem de ser abandonado de maneira espontânea, natural e sem remorsos. A meditação não pretende levantar muros de defesa e resistência para, em seguida, fenecer; tampouco foi ela talhada segundo um método ou sistema. Qualquer sistema padroniza o pensamento e o conformismo impede o florescer da meditação. Para que ela desabroche é preciso haver liberdade e a morte daquilo que é. Sem liberdade não há autoconhecimento e sem o autoconhecimento não existe a meditação. Por mais longe que o pensamento alcance, em sua busca de conhecimentos, ele continua estreito e medíocre. A meditação não está no processo aquisitivo e expansivo do saber. Ela viceja em total liberdade, e fenece no conhecido.

26 de novembro

Aquela antiga palmeira destacava-se solitária no meio do arrozal. A extrema nobreza de seu porte esguio e elevado não conseguia esconder

a fútil agitação da respeitabilidade. Ela existia em completa solidão. Sem jamais ter conhecido outra realidade, permanecia solitária até a hora de sua morte ou de seu completo aniquilamento. Súbito, ao depará-la na curva da estrada, causava-nos espanto sua majestosa presença no meio do viçoso arrozal e do córrego indolente de águas tranqüilas. O imperceptível e murmurante colóquio entre os verdes campos e o claro regato, desde tempos imemoriais, não chegava até aquela palmeira; estava só perante a vastidão do céu de nuvens cintilantes. Completa e desprendida em sua solidão, ela jamais seria outra coisa. O espelho de água faiscava à luz vespertina e na direção do poente via-se a palmeira e os extensos arrozais; para a alcançarmos era preciso transpor o barulho, a poeira e a sujeira daquelas ruas cheias de crianças, cabras e gado; os ônibus levantavam nuvens de poeira à sua passagem, o que não parecia perturbar ninguém, e cães esquálidos perambulavam pela estrada. Ao desviar-se da via principal, que prosseguia entre pequeninas casas e jardins e entre imensos arrozais, o carro dobrou à esquerda e seguiu por entre luxuosos portais; mais adiante, na amplidão dos campos, um bando de veados pastava. Havia ali duas ou três dúzias de animais, sendo que alguns já exibiam pesada armação, enquanto que outros, mais jovens, eram uma expressiva amostra do que viriam a ser; muitos tinham manchas brancas no pelo e todos pastavam, apreensivos, sacudindo nervosamente as enormes orelhas. Alguns, mais afoitos, cruzavam a estrada de chão vermelho, em busca de pasto melhor, mas a maioria permanecia na expectativa no meio do matagal; assim que o pequeno carro se deteve, eles se precipitaram na direção dos companheiros. No lusco-fusco do anoitecer, estrelas brilhantes despontavam no céu. As árvores já se haviam recolhido para a noite e a balbúrdia dos pássaros chegara ao fim. A luz do crepúsculo refletia-se sobre as águas.

Era cada vez mais intenso o êxtase que nos assaltara, inesperadamente, ao longo daquela estrada estreita e tortuosa, à luz do anoitecer. Ele surgiu ao observarmos a minúscula aranha saltar ágil sobre as moscas, agarrando-as com ferocidade; veio-nos da observação de uma única folha trêmula no meio da folhagem imóvel e ao observarmos o pequeno esquilo mal-humorado com sua longa cauda balançando para cima e para baixo. Era sem motivo o êxtase, ao passo que a alegria, por ser o resultado de alguma coisa, é fútil e varia conforme as circunstâncias. Esse estranho e inexplicável êxtase crescia sempre de intensidade e o que é intenso jamais se brutaliza; ainda que dócil e flexível, era extremamente apaixonado. Não se trata do arrebatado vigor da energia física concentrada, nem de um produto do pensamento em busca de um ideal, ou absorto em si

mesmo; tampouco se refere a um sentimento elevado, pois este não está isento da causa ou da finalidade. Era um êxtase gratuito, livre da concentração, que é a única barreira da energia total. De origem e evolução espontânea, parecia uma força alheia ao nosso controle e desejo; não podíamos opinar sobre a matéria. Havia incrível delicadeza naquela crescente energia. A palavra delicadeza está deturpada; sugere fraqueza, pieguice, hesitação, incerteza, timidez, um certo medo e assim por diante. Mas, não era nada disso; sua força e vigor estavam isentos de defesas e, portanto, havia intensidade naquele êxtase. Impossível cultivá-lo, ainda que o quiséssemos; tratava-se de um estado que não pertencia à categoria do forte e fraco. Vulnerável como o amor, aquele êxtase tão delicado crescera tanto que era como se nada mais existisse. O ir e vir das pessoas, a viagem de automóvel e a conversa, o veado e a palmeira, as estrelas e os arrozais lá estavam em todo o seu esplendor; mas, tudo isso se confundia com aquele supremo êxtase. Uma chama tem linha e forma, mas no interior da chama o que existe é intenso calor, sem linha ou forma.

27 de novembro

Forte ventania impelia as nuvens na direção do sudoeste, magníficas nuvens, grandes vagas cheias de fúria e amplidão; seu colorido branco e cinza-escuro prenunciava chuva. As árvores, embora desejassem a chuva, pareciam zangadas com aquelas nuvens e com o vento que soprava, pois não queriam ser perturbadas; precisavam de um banho que as livrasse da poeira e para que suas folhas voltassem a brilhar, mas, como os velhos, elas desejavam sossego. O jardim estava repleto de flores multicoloridas que dançavam sem parar ao vento; e cada folha do arvoredo fremia e até mesmo cada talo de capim do pequeno gramado se agitava.

Duas mulheres magras e idosas capinavam o pequeno gramado; eram idosas, precocemente envelhecidas, magras e completamente gastas. Agachadas sobre a relva, tagarelavam enquanto trabalhavam sem pressa; elas pareciam ausentes, longe dali, nas asas do pensamento, ainda que continuassem a capinar e a conversar. Pareciam inteligentes, com um brilho no olhar, mas a grande quantidade de filhos por elas gerados e uma dieta deficiente devem ter sido a causa de seu desgaste. Formávamos uma coisa só, não havia nenhuma separação entre nós e aquelas mulheres, entre nós e a grama e as nuvens. Não se tratava de uma ponte imaginária de nossa criação, nem de um vago sentimento de pena ou de um outro indefinido sentimento; nada pensá-

vamos ou sentíamos. Nada nos separava, pois o tempo e a distância haviam cessado de existir. Assim que o carro e o motorista chegaram, retornamos ao mundo da realidade. Embora fossem nossos o sorriso tímido e a saudação, não sabíamos a quem se dirigia aquele sorriso e o cumprimento; sentíamo-nos sem jeito, estranhos àquele sentimento de estarmos juntos. As duas mulheres e o chofer éramos nós e nós eles; a barreira por eles erigida já não existia e, com a passagem das nuvens, tudo parecia fazer parte de um só movimento de rotação universal, que incluía tanto aquela estrada imunda quanto o céu esplendoroso e o homem que por ali passava. Nada tinha em comum com o pensamento, essa coisa tão sórdida, e tampouco havia nele qualquer vestígio de sentimento. Tinha o efeito da chama que ardia sem formar cinzas; não era como a experiência com suas memórias e eterna repetição. Elas eram nós e nós éramos elas, e esta percepção morria com a mente.

Como é estranho o desejo de se exibir ou de ser alguém! Invejar é odiar, e a vaidade corrompe. Como é difícil a simplicidade e a autenticidade! A autenticidade é, em si, uma tarefa das mais árduas, ao passo que o desejo de se tornar alguém oferece pouca dificuldade. É muito fácil fingir ou representar, mas é extremamente complexo sermos aquilo que somos; e isto, porque estamos sempre mudando; nunca somos os mesmos e cada instante revela uma nova faceta, uma nova dimensão e profundidade. Não podemos ser todas estas coisas ao mesmo tempo, pois cada instante traz consigo algo novo. Portanto, se formos inteligentes, abriremos mão da pretensão de sermos alguém ou alguma coisa. Podemos estar certos de que somos muito sensíveis e eis que um incidente ou um pensamento fugaz nos mostra o contrário; ou, então, podemos considerar-nos talentosos, cultos, de agudo senso estético e dignos, mas, de repente, ao dobrarmos uma esquina, percebemos o quanto somos ambiciosos, invejosos, carentes, brutais e ansiosos. Somos tudo isto, de momento a momento, e, no entanto, desejamos a continuidade e a permanência daquilo que nos traga lucro e prazer. E enquanto buscamos o lucro e o prazer, todas as demais formas de nosso ego não cessam de exigir preenchimento. Tornamo-nos, assim, um campo de batalha onde a ambição, trazendo prazer e dor, sai vitoriosa, com sua inveja e medo. A palavra amor serve para manter as aparências, para garantir a respeitabilidade e a instituição familiar; porém, nós nos vemos enredados em nossos próprios compromissos e atividades, isolados, ansiando por reconhecimento e fama, nós e a nossa pátria, nós e o nosso partido, nós e nossos misericordiosos deuses.

Portanto, é extremamente difícil sermos o que somos; se estivermos despertos, sabemos o quanto isto é doloroso e verdadeiro. Ao percebermos este fato, entregamo-nos ao trabalho, a uma crença, a nossos fantásticos ideais e meditações. Àquela altura, já estamos velhos e prontos para morrer, se é que ainda não morremos interiormente. Deixar tudo isto de lado, libertando-nos da contradição e do eterno sofrimento e renunciar a qualquer forma de preenchimento ou realização pessoal, é o que de mais natural e inteligente nos cumpre fazer. Mas, para que procedamos assim, para que deixemos de ser alguém, é preciso desvendar a nossa face oculta, expô-la sem medo, a fim de a compreendermos. A compreensão de nossas ânsias e desejos ocultos vem da plena consciência deles, o que é também indispensável perante a morte; desta forma, o puro ato de ver destrói aquela estrutura psicológica, libertando-nos do sofrimento e do desejo de ser alguém. Não ser alguém não significa um estado interior negativo; o próprio ato de negarmos aquilo que somos é uma atitude realmente positiva, e não uma reação, que, em verdade, é inação; é desta inação que se origina o sofrimento. Em tal negação reside a própria liberdade. Desta ação positiva nasce incrível energia; idéias e pensamentos dissipam energia. Idéia é tempo, e viver no tempo é viver na desintegração e no sofrimento.

28 de novembro

Havia uma ampla clareira no meio do denso bosque de casuarinas, bem ao lado de uma trilha silenciosa; deserto àquela hora do anoitecer em que não havia mais luz, a paz daquele amplo espaço aberto era um convite aos céus. Mais adiante, via-se um barraco de paredes finas com um telhado de folhas de palmeira trançadas; em seu interior, mal iluminado por um candeeiro, um homem e uma mulher, sentados no chão, jantavam, falando alto e rindo de vez em quando. Dois homens vinham por um caminho estreito que separava os arrozais e servia de represa para as águas do canal. Conversavam animadamente e traziam um volume qualquer sobre a cabeça. Um grupo de camponeses riam estridentemente enquanto falavam em altos brados, e gesticulavam muito. Um bezerro, recém-nascido, acompanhado da presença carinhosa da mãe, era conduzido por uma mulher e um bando de pássaros brancos, de longas patas, voavam para o norte, no movimento lento e ritmado de suas asas. Um raio de luz rosada cruzou o céu claro do poente, de horizonte a horizonte. Quanta

paz naquele anoitecer em que as luzes da cidade faiscavam à distância! Aquela pequenina clareira, no meio do bosque de casuarinas, retinha o crepúsculo e ao passarmos por ali sentíamos enorme tranqüilidade, com o brilho e a luminosidade do dia extinguiu-se também a pressa e a agitação dos homens. A quietude estava no denso arvoredo e na luz tênue do entardecer; quietude repleta de alegria, a alegria da desmedida solidão; e com ela veio aquela coisa singular, como a onda que invade o coração e a mente, na plenitude de sua beleza e lucidez. O tempo havia cessado e o instante seguinte era sem princípio ou fim. Só do vazio nasce o amor.

A meditação não é uma atividade da imaginação. Toda forma de imagem, palavra, símbolo deve cessar para que floresça a meditação. A mente necessita libertar-se das palavras e suas reações. O pensamento está ligado ao tempo; o domínio do símbolo sobre o pensamento precisa findar. Com isso, o pensamento deixa de ter continuidade e passa a existir de momento a momento, pois perde a sua característica mecânica e repetitiva; ao deixar de influir sobre a mente, o pensamento já não a aprisiona num padrão de idéias, nem a condiciona aos valores sociais e culturais da sociedade em que vive. Devemos libertar-nos não da sociedade, mas da idéia; então, aquele tipo de relacionamento, de sociedade, deixam de condicionar a mente. A consciência representa, em sua totalidade, o que é velho, a mudança, a reforma, o conformismo, mas a mutação só é possível quando o tempo e a idéia findam. O findar não é uma conclusão, uma palavra a ser destruída, uma idéia a ser aceita ou contestada. É preciso compreendê-lo através do autoconhecimento; o saber não equivale ao aprender, pois ele depende do processo de reconhecimento e do acúmulo de conhecimentos que impedem o aprendizado. O aprender é de momento a momento, pois o ego, o "eu", é inconstante e variável. Toda forma de acúmulo e de conhecimento subverte e anula o ato de aprender. Ao ampliarmos os nossos conhecimentos, por mais vastos que sejam seus domínios, agimos de forma mecânica, e toda mente mecânica desconhece a liberdade. O autoconhecimento liberta-nos do conhecido; passar a vida no âmbito do conhecido é o mesmo que viver no eterno conflito e dor. A meditação não é uma realização pessoal, ou uma busca individual da verdade; poderá vir a sê-lo quando limitada por métodos ou sistemas, tornando-se a causa de desenganos e ilusões. Ela liberta a mente da existência estreita e limitada, inaugurando uma vida plena, atemporal e em eterna expansão.

29 de novembro

Não havendo sensibilidade, não pode haver afeto; o amor-próprio não indica sensibilidade; podemos ter sensibilidade em relação às nossas famílias, nossas realizações, nosso nível social e nosso talento, mas isto não quer dizer que sejamos sensíveis. Trata-se de estreita e limitada reação, que conduz à deterioração. Ser sensível não é ter bom gosto, pois este é uma qualidade pessoal, e a percepção da beleza está justamente no libertar-nos de toda reação. Se não soubermos apreciar e sentir a beleza, não poderemos amar. Sentir a natureza, o rio, o céu, as pessoas, a estrada imunda, faz parte da afeição, cuja essência é a própria sensibilidade. Mas, a maioria das pessoas teme a sensibilidade, e isso porque não querem sofrer; para evitar o sofrimento, preferem embrutecer-se, mas nem assim ele desaparece. Inconformados, buscam o divertimento, a igreja, as crenças, as intrigas, o cinema e as reformas sociais como forma de evasão. Mas, nada disso funciona. A sensibilidade não é uma qualidade pessoal, e se fosse, conduziria inevitavelmente ao sofrimento. Amar é romper com esta cadeia interminável de reações individuais; não há barreiras para o amor; ele não se limita a um ou a vários objetos do amor. Para que haja sensibilidade é preciso que todos os sentidos estejam plenamente despertos e atuantes; o medo de nos escravizarmos aos sentidos é mero desejo de escapar da realidade. Ao tomarmos consciência do fato, libertamo-nos da servidão; é justamente o medo do fato que nos aprisiona. O pensamento emana da esfera dos sentidos e é responsável por inúmeras limitações, mas nem por isso nós o tememos. Pelo contrário, procuramos enobrecê-lo, através da respeitabilidade, o dignificamos e exaltamos mediante o cultivo da vaidade. A lúcida observação do pensamento, do sentimento, do mundo em derredor, de nosso local de trabalho e da natureza, significa vibrar a cada instante na afeição. Sem afeto, toda ação é mecânica, a qual oprime e conduz inevitavelmente à decadência.

Manhã chuvosa, de nuvens negras em tumulto no céu encoberto; do meio das folhas das árvores podia ouvir-se o ruído da chuva que caía desde o amanhecer. Pássaros de diferentes formas, tamanho e colorido invadiam alegremente o gramado; uns grandes, outros pequenos, de colorido cinza-claro, olhos amarelos sobre um fundo marrom, grandes corvos negros, outros bem menores, menores mesmo do que as andorinhas, todos se coçavam, se mexiam, arrancavam algo da terra para comer e chilreavam sem parar, ora alegres, ora pesarosos. Pareciam indiferentes à garoa, mas, quando a chuva se intensificou, todos debandaram em ruidosa revoada. Porém os arbustos e as velhas árvores exultavam com a chuva, dado o ensejo de ver suas folhas livres da poeira de muitos dias.

Gotas de chuva aderiam às extremidades das folhas; toda vez que uma caía ao chão, outra se formava para cair logo em seguida; cada gota de água continha a chuva, o rio e o mar. De brilho intenso, eram mais preciosas e ricas do que os próprios diamantes; beleza transfigurada em minúscula gota de água, ela se esvaía por entre os sulcos da terra sem deixar vestígios. Era uma estranha e interminável procissão, que parecia desaparecer ao tocar no solo. Chovia e a terra armazenava líquido para enfrentar o calor de muitos meses. Com o sol encoberto por densas nuvens, a terra podia repousar do forte calor. A estrada estava em péssimas condições, cheia de buracos, lama e água barrenta e nem sempre o pequeno carro conseguia contorná-los; mesmo assim, seguia em frente. A chuva tornava, agora, mais suave e delicado o colorido rosa das flores de uma trepadeira que se enroscava nas árvores, nas cercas de arame farpado e nos arbustos. As flores pareciam estar em toda parte. A estrada passava por uma aldeia imunda, com lojas e restaurantes também imundos e, logo após, havia um arrozal cercado de palmeiras. Elas pareciam cingir a plantação como que protegendo-a contra a ação demolidora do homem. Seguindo a linha sinuosa das palmeiras, o arrozal terminava próximo à plantação de bananeiras, cujas imensas e faiscantes folhas destacavam-se no meio da vegetação. O encanto daquele arrozal, tão verde e luxuriante, inebriava-nos a mente e o coração. Vê-lo era desaparecer para nunca mais voltar a ser o mesmo. Aquela cor era o próprio deus, era música, era o amor da terra; os céus envolviam as palmeiras e a terra. O arrozal representava a bênção da eternidade. E a estrada seguia em direção ao mar verde-pálido, cujas imensas ondas se quebravam na areia da praia; eram ondas assassinas, que extravasavam a fúria contida de inúmeras turbulências; apesar da aparente calma do mar, as ondas eram perigosas. Não se via nenhum barco navegando; nem mesmo as frágeis e delicadas jangadas, de precária construção; os pescadores se abrigavam nos barracos escuros e revestidos de folhas de palmeiras, ali mesmo sobre a areia e bem junto ao mar. E as nuvens avançavam, impelidas por leve brisa, prenunciando a almejada chuva.

Para os pretensamente religiosos, a sensibilidade é sinônimo de pecado, mal próprio de pessoas mundanas. Para elas, ser religioso é resistir à tentação do belo, esse mal que desencaminha seus seguidores. A boa ação não substitui o amor e, sem o amor, toda ação conduz ao sofrimento. A sensibilidade é a essência do afeto e, sem ela, toda idolatria é fuga ao real. O monge e o "sanyasi" temem os sentidos, mas não o pensamento, que serve ao deus de sua escolha. Todavia, o pensamento pertence aos

sentidos. O tempo é criação do pensamento, que transforma a sensibilidade em pecado. A virtude surge ao transcendermos o pensamento, virtude que é extrema sensibilidade, e o próprio amor. Amemos, porquanto no amor não há pecado; amemos, e estaremos livres do sofrimento.

30 de novembro

Como é triste o campo sem um rio que o atravesse! Tratava-se de um rio de pequenas proporções, que nem rio parecia ser. Atravessava-o, porém, uma ampla ponte de pedra e tijolos;* estreita demais para dar vazão ao volume intenso de tráfego, ela obrigava os carros e os ônibus a reduzirem sua marcha, na disputa por espaço com os pedestres e as inevitáveis bicicletas. Riacho a maior parte do ano, o volume de suas águas chega a impressionar na época das chuvas; mas, agora, período de seca, forma, apenas, um lençol de água em volta de uma enorme ilha coberta de vegetação. Suas águas, em geral, correm céleres para o mar, em direção ao poente, com grande alegria e animação. Mas, existia ali um enorme banco de areia e só lhe restava aguardar o próximo período de chuvas. O gado vadeava na direção da ilha e pescadores tentavam pescar; os peixes eram mínimos, do tamanho de um polegar, e exalavam um odor fétido ao serem vendidos à sombra das árvores. Ao anoitecer, uma imensa garça, imóvel, parecia petrificada no meio das águas mansas do rio. Àquela hora, era a única ave ali presente; normalmente, os corvos e demais pássaros estariam sobrevoando o rio, mas, surpreendentemente, a garça estava só. Era impossível deixar de vê-la, branca e estática perante o céu claro do poente. O colorido amarelo do sol e o verde-claro do mar estavam ainda distantes, mas, à medida que se iam tornando mais nítidos, três enormes palmeiras separavam o rio do mar. Elas refletiam a luz do crepúsculo, entrevendo-se, mais adiante, o mar agitado, perigoso e totalmente azul. Da ponte, o céu parecia infinitamente vasto e imaculado; estava longe do aeroporto. Mas, naquele instante, nada mais existia além daquela garça solitária e daquelas três palmeiras; o tempo ausentara-se e a vida era o presente. A meditação florescia livre no eterno findar. Negar faz parte do maravilhoso movimento da vida, mas aceitar é mera reação ou resistência perante o viver. Onde há resistência, só existe o medo que resulta

---

* Ponte de Elphinstone sobre o rio Adyar. A casa onde se hospeda Krishnamurti situa-se a noroeste da ponte.

em mais medo e degeneração. Mas, da morte floresce o novo; a meditação é o findar do conhecido.

É estranho como ninguém jamais diz: "não sei". Para que possamos realmente dizer e sentir isto é preciso haver humildade; mas ninguém admite o fato de nada saber. É a vaidade que busca o conhecimento. Estranha doença esta que nos faz oscilar entre a esperança e o desalento. Porém, ao reconhecermos a nossa ignorância a respeito de alguma coisa, interrompemos o processo mecânico do saber. Existem inúmeras maneiras de se dizer: "não sei"; uma delas vem do desejo de alcançar o poder e a fama, mediante o emprego de métodos sutis e fraudulentos; dizemos também "não sei" quando queremos ganhar tempo para descobrir algo ou, então, quando não sabemos e não temos a preocupação de chegar a algum ponto. Aquele que adota o primeiro caminho jamais aprende, pois só é capaz de acumular conhecimentos; ao adotar o segundo, porém, ele se acha em permanente estado de aprendizado. É necessário haver liberdade no aprender para que a mente se conserve jovem e pura; toda forma de acúmulo faz com que a mente feneça na decadência e na senilidade. Não é a inexperiência a marca da pureza, senão o fato de estar livre da experiência; para tanto é preciso morrer para qualquer tipo de experiência, a fim de que ela não crie raízes no fértil solo do cérebro. A experiência faz parte da vida, mas esta não pode florescer num solo repleto de raízes. A humildade, porém, não vem com o abandono consciente do conhecido, pois este decorre da vaidade da realização; a humildade é o estado do não saber, oriundo do constante findar. O medo da morte vem sempre do saber, jamais do não saber. Impossível temer o desconhecido; só existe o medo na mudança ou no término do conhecido.

O hábito da palavra, o seu conteúdo emocional, seus diferentes sentidos nos escravizam a ela, às conclusões e às idéias. Vivendo de palavras, o homem torna-se insaciável em sua fome interior, o que o impele a cavar incessantemente, sem jamais colher frutos. Passa, então, a viver no mundo da irrealidade, do faz-de-conta, do inútil sofrimento. Toda crença é mero verbalismo, uma conclusão do pensamento, um conjunto de palavras que corrompe e avilta a beleza espiritual. Destruir a palavra é o mesmo que demolir a estrutura interna da busca de segurança, que é sempre vã. O auge do sentimento de segurança nasce daquele estado de insegurança, bem diferente da súbita e violenta privação de segurança, origem de inúmeros estados patológicos; viver na insegurança é ter a força da humildade e da inocência, inacessível aos arrogantes.

1.º de dezembro de 1961

As marcas de pneus formavam profundos sulcos sobre aquela estrada lamacenta e movimentada, nos arredores da cidade, onde pouco a pouco se formava um subúrbio; era impressionante a sujeira daquele local cheio de buracos, em que se movimentavam cães, cabras, várias cabeças de gado, ônibus, bicicletas, carros e uma multidão de transeuntes; bebidas coloridas em garrafas estavam à venda nas lojas, que também ofereciam tecidos, comida e lenha; igualmente, havia ali um banco, uma oficina de conserto de bicicletas, outras lojas de comida, cabras e mais gente. Sobrava um pouco de campo de cada lado dá estrada, onde se viam ainda algumas palmeiras, plantações de arroz e enormes charcos. O sol estava no meio das nuvens por trás das palmeiras, eclodindo em cores e sombras; a superfície das águas do pântano refletia a luz incandescente do sol e o arvoredo contemplava em mudo espanto o céu infinito. Enquanto os bodes e as cabras pastavam, as mulheres lavavam suas roupas junto da bica e as crianças brincavam; todos estavam tão ocupados que não viam o céu ou aquelas nuvens coloridas; pareciam indiferentes a mais um dia que se extinguia para sempre. Importava-lhes apenas o imediato, o imediato que é capaz de se prolongar indefinidamente. A visão global contém o imediato. O ônibus vinha em alta velocidade, não cedendo lugar a ninguém, abrindo caminho à força, mas um imenso búfalo o deteve; locomovia-se pesadamente bem no meio da pista, indiferente à buzina exasperada do motorista do ônibus. No fundo, todo mundo é igual ao político, que só se preocupa com o imediato e que tenta reduzir a vida àquele nível estreito. Para escapar ao sofrimento o homem criou a droga, a bebida, a igreja e a família. Visando findar com toda essa agonia, passamos a crer ardentemente em alguma coisa, mergulhamos no trabalho ou adotamos um padrão qualquer de pensamento. Tudo isso foi tentado em vão, pois nosso coração continuou tão vazio quanto nossa mente e, ao buscarmos um outro caminho, nos perdemos no imediatismo. O sol era uma pálida mancha de luz no céu nublado. E a estrada seguia por entre as palmeiras, as casuarinas, os arrozais e a interminável sucessão de barracos; súbito, a inesperada presença daquela bênção purificadora invadiu-nos o coração; inacessível ao mais ardiloso dos pensamentos e ao mais delirante dos espíritos, aquela coisa misteriosa nos fazia mergulhar no completo êxtase do infinito. Imóvel, porém sensível, o cérebro observava tudo. Intimamente ligado ao tempo, que havia cessado, o cérebro estava impossibilitado de experimentar o vazio intemporal; experimentar é reconhecer,

e todo reconhecimento implica tempo. Portanto, só lhe restava permanecer imóvel, sossegado, sem nada reivindicar ou buscar. O amor, — ou como quiserem chamá-lo, não importa a palavra, — se derramou por toda parte e se perdeu. Cada coisa tem seu próprio espaço e dimensão, mas não aquela estranha energia que não se acha em parte alguma; é inútil procurá-la. Ela não está à venda no mercado, nem tampouco à disposição de fiéis seguidores de alguma religião; quando tudo for destruído, quando não houver pedra sobre pedra, quando for varrido todo vestígio do passado, dando lugar ao imenso vazio, então, aquela desconhecida bênção poderá emergir do infinito. E lá estava ela, sem remorsos, com indescritível beleza.

É inútil qualquer intenção de mudança, pois ela visa a um motivo, um objetivo, ou direção, sendo, assim, mera continuidade modificada do que foi. Essa atividade é fútil e sem sentido; é como ficarmos trocando a roupa de uma boneca até o dia em que, cansados dessa atividade mecânica e sem vida, o brinquedo se quebra e o jogamos fora. A morte é o fim inevitável de toda mudança; a revolução econômica e social equivale à morte de um dado padrão de mudança. Esta, porém, sem ser uma revolução, é mera continuidade modificada do passado. Ocorre a mutação, a revolução total, quando percebemos a falsidade do processo de mudança, do padrão do tempo; então, no total abandono do velho molde do pensamento, se realiza a mutação.

2 de dezembro

O mar estava agitado e vagas gigantescas avançavam de longe em direção à praia; perto dali, havia um imenso açude circular de águas profundas — o tanque, como era chamado — e uma igreja em ruínas, que servia de núcleo ao vilarejo. A água do tanque tinha um tom esverdeado e existiam degraus de todos os lados que a ela conduziam. Era uma aldeia suja e abandonada, quase sem nenhum acesso; algumas casas se aglomeravam em torno do tanque, não muito distante da velha igreja em ruínas e de uma mais nova, com as paredes riscadas de vermelho; apesar da extrema pobreza das habitações, a aldeia tinha algo de agradável e aconchegante. À margem do caminho, que levava à praia, um grupo de mulheres discutia, aos berros, por causa de alguns peixes; havia um clima de euforia no ar; devia ser a noite de folga do pessoal pois muitos riam alegremente. Completava o cenário o lixo, recolhido da estrada, bem

como os cães famintos a revolvê-lo em busca de alimento, e, mais adiante, uma loja cheia de garrafas de bebida e comestíveis, em cuja frente a mulher maltrapilha, com uma criança ao colo, pedia esmola. Não distante dali, o mar rugia enfurecido e, ultrapassando os limites da aldeia, o sol do entardecer iluminava o exuberante verde dos arrozais. Nuvens vinham cruzando, sem pressa, sobre o mar, refletindo a luz do sol, mas ninguém as notava, porquanto estavam todos ocupados, incapazes de olhar para o céu. O peixe morto, o grupo ruidoso, as verdes águas fundas do charco, as paredes manchadas da igreja, tudo parecia conter o poente. Ao caminharmos por aquela estrada, que atravessa o canal e segue por entre os campos de arroz e os bosques de casuarinas, encontramos diversos habitantes da região; eram todos conhecidos e muito afáveis, pois costumavam parar para nos falarem, para nos convidarem a morar em sua companhia, com a promessa de bem cuidar de nós; e eis que anoitecia, o céu havia escurecido, o verde dos arrozais havia cedido lugar ao brilho intenso das estrelas.

Ao seguirmos o nosso caminho por aquela estrada escura, deixando para trás as luzes da cidade, sentimo-nos assombrados perante o ímpeto e a pujança daquela força invulnerável. Ela era a própria vida. Não se tratava do poder da vontade, nem do poder das defesas e das resistências; não era o poder da coragem nem o poder do ciúme e da morte. Ainda que nenhum adjetivo pudesse descrevê-lo, sua presença era tão concreta quanto a dos montes distantes e das árvores à beira do caminho. Dada a sua grandiosidade, o pensamento não ousava dela se aproximar. Era uma força sem causa e, portanto, intocável. Força incognoscível, inatingível, sem forma ou dimensão. Saber é reconhecer, mas aquela energia é sempre nova, imensurável, intemporal. Imperceptível como um sussurro, durante grande parte do dia, sua presença se impunha, então, de maneira premente e sem restrições. Como as palavras se desvirtuaram e se vulgarizaram! A palavra amor foi reduzida a uma mercadoria de maior ou menor valor, mas ali, na solidão daquela estrada deserta, ela adquiria um outro significado. Era a indivisível força do amor, inseparável como a cor da pétala o é da própria flor. Aquela força, o amor, inundava-nos o cérebro, o coração e a mente a ponto de nada mais existir. No entanto, continuávamos conscientes da passagem ruidosa dos ônibus, do vozerio das pessoas e da Plêiade, que despontava no horizonte. Por toda a noite permanecemos sob o efeito daquele estado abençoado — estivéssemos sós ou acompanhados — até o sol raiar no meio das palmeiras. E lá estava a estranha força a murmurar baixinho entre as suas folhas.

Coisa extraordinária é a meditação! No entanto, qualquer tipo de repressão ou esforço no sentido de ajustar ou condicionar o pensamento, torna a meditação um pesado fardo. O tão desejado silêncio cessa de ser revelador; se estivermos em busca de sonhos e sensações, ela só nos proporcionará o mito e a ilusão. O único sentido da meditação é provocar o florescimento e o findar do pensamento; este só pode florescer em liberdade, jamais nos diferentes padrões de conhecimento. O saber pode suscitar novas experiências e sensações cada vez mais excitantes, mas toda mente que busca experiências é imatura. Ser amadurecido é estar livre de qualquer experiência; é quando a mente se acha livre de toda e qualquer influência, no sentido de ser ou não ser. Atinge-se a maturidade na meditação, ao libertar-se a mente da influência do saber, que molda e condiciona toda e qualquer experiência. A mente, que é a sua própria luz, não necessita experimentar. Ser imaturo é ansiar por experiências cada vez mais amplas e abrangentes. Meditar é passar pelo mundo do saber e, em liberdade, penetrar no desconhecido.

3 de dezembro

Havia pessoas discutindo no interior do barraco, à luz do lampião, à beira daquela aprazível estrada. A mulher, com sua estridente voz, queixava-se, aos gritos, da falta de dinheiro para a compra de alimentos; o homem balbuciava qualquer coisa num tom baixo e constrangido. A voz dela nos acompanhou a uma distância considerável e só foi abafada pelo ruído do ônibus repleto de passageiros. As palmeiras mantinham-se imóveis e até o suave movimento das folhas do alto das casuarinas havia cessado. Há pouco, o sol se pusera no meio das nuvens e, agora, a noite estava escura e sem lua. Inúmeros carros e ônibus traziam de volta os visitantes de um templo antigo, à beira do mar; passado o cortejo, a estrada retornou à calma, isolada e distante. Alguns habitantes da aldeia vinham por ali, em silêncio, exaustos após um dia de trabalho. De novo, surgiu-nos aquele estranho estado, banhando-nos de suavidade e ternura. Frágil como a tenra folha da primavera, lá estava aquela coisa singular, cuja imorredoura força residia justamente em sua extrema vulnerabilidade. Então, cessavam de existir o pensamento e o sentimento e toda forma de reconhecimento se extinguia.

É estranha a importância que se atribui ao dinheiro; todos o valorizam, tanto quem o dá como quem o recebe, seja rico e poderoso, seja pobre e miserável. Ou falamos sem cessar do dinheiro, ou, por educação,

evitamos mencioná-lo, sem, no entanto, perdê-lo de vista. Dinheiro para as obras sociais, dinheiro para uma festa, dinheiro para a igreja, ou dinheiro para simplesmente comprar arroz. Mas, tenha você dinheiro ou não, o sofrimento e a aflição existem. O valor de uma pessoa é proporcional ao cargo que exerce, aos certificados que acumula, à sua capacidade profissional, à sua eficiência e ao salário que percebe. E há a inveja do rico e a inveja do pobre, e o espírito de competição motivado pelo desejo de aparecer, de exibir roupas, sabedoria e brilho intelectual. Todo mundo deseja impressionar alguém e, quanto maior a platéia, tanto melhor. Porém, mais importante do que o dinheiro, só o poder. Os dois juntos formam uma dupla perfeita; ainda que não tenha dinheiro, o santo influi tanto sobre os ricos quanto sobre os pobres. Os políticos se aproveitam do povo de um país, do santo, dos deuses, de tudo quanto necessário, para vencer e para transmitir aos demais o absurdo da ambição e a brutalidade do poder. Não há limite para o dinheiro nem para o poder; quanto mais possuímos, mais queremos possuir e isto não tem fim. Todavia, nem mesmo todo o dinheiro e poder do mundo eliminam o sofrimento; por mais que você tente escapar dele ou esquecê-lo, ou racionalizá-lo, ele estará sempre lá, como uma ferida profunda e incurável.

Ninguém quer libertar-se do sofrimento, pois é extremamente difícil compreendê-lo; está tudo nos livros e nestes as palavras e as conclusões adquirem primordial importância. Mesmo assim, persiste o sofrimento, ainda que encoberto por idéias. A fuga torna-se, então, de extrema importância; mas, ela é a essência da superficialidade, mesmo se tiver um aspecto de seriedade. É difícil escapar do sofrimento. Para eliminá-lo, temos de atingir-lhe o âmago. Cabe-nos penetrar até o fundo de nós mesmos, desvendando os mais íntimos recessos da nossa consciência. É necessário perceber, sem criticar ou julgar, o mais leve vestígio ou inclinação do astuto pensamento, todo e qualquer sentimento ou determinada reação. É o mesmo que seguir a trilha de um rio até a sua origem; o próprio rio se encarrega de fazê-lo. Cumpre-nos acompanhar todas as pistas conducentes ao âmago do sofrimento. Para isto, basta observar, ver e ouvir, pois tudo está às claras. Precisamos empreender uma longa viagem, não em direção à Lua nem em busca de um deus, mas para dentro de nós mesmos. Ou damos um salto nesta direção e de pronto acabamos com o sofrimento, ou a viagem se tornará mais longa, morosa, fútil e desapaixonada. Enquanto existir a fuga, seremos incapazes de sentir paixão e, sem ela, é impossível acabar com o sofrimento. Surge a paixão quando deixamos de fugir.

4 de dezembro

Havia paz à sombra do arvoredo, repleto de pássaros a cantar, a piar, a tagarelar e a ciscar incessantemente. Os polidos galhos daquelas árvores impressionavam por seu tamanho descomunal, pela beleza de suas formas, cujas graça e beleza nos emocionavam até as lágrimas, extasiados perante o maravilhoso espetáculo da terra. Uma árvore é o que existe de mais belo na natureza; nem mesmo ao morrer deixa ela de ser bela, com seus galhos nus, descorados pelo sol, investindo contra o céu e servindo de abrigo aos pássaros. A profunda cavidade de seu tronco servirá de abrigo para as corujas, e os alegres e ruidosos papagaios farão seus ninhos no alto de seu galho oco; virão também os pica-paus, com os penachos vermelhos, para perfurar seu tronco; é lógico que não faltarão os esquilos malhados, pulando de galho em galho, em sua incansável curiosidade; e uma águia branca e vermelha, pousada no topo daquela árvore inerte, estará observando a terra do alto de sua dignidade e solidão. Haverá inúmeras formigas negras e vermelhas, cuja picada é dolorosa, subindo e descendo, apressadas, ao longo de seu tronco macio. Mas, por enquanto, aquela árvore maravilhosa estava plena de vida e a sombra por ela projetada protegia-nos do sol abrasador; gostaríamos de ali permanecer por longo tempo, atentos a tudo quanto vivia e morria dentro e fora de nós. Não podemos perceber o mundo exterior sem sermos impelidos a vagar pelo mundo interior. Na verdade, o externo é o interno e o que está dentro está fora e é quase impossível estabelecer uma distinção entre esses dois universos. Ao olharmos para aquela árvore esplendorosa já não sabíamos quem observava e o que observava e, logo em seguida, o observador deixava de existir. Tudo vibrava tão intensamente que nada mais restava senão a vida, perante a morte definitiva do observador. Já não existia a linha divisória entre a árvore, os pássaros e aquele homem ali sentado sobre aquela terra tão fértil. Lá estava a virtude sem o pensamento e, portanto, ali havia ordem. Sem ser um estado permanente, a virtude vem de momento a momento, e com o sol do entardecer, surgiu aquela bênção tão livre e despreocupada. Com a proximidade da noite, os pássaros se aquietaram e a natureza buscava o recolhimento. Também o cérebro, aquela coisa tão maravilhosa, sensível e vital, tornava-se imóvel, limitando-se a observar, sem reagir, sem fixar, sem gravar, sem experimentar, porém extremamente lúcido e atento. Com aquela coisa abençoada vem a força demolidora do amor. Tudo isto são meras palavras, e como aquela árvore morta, apenas um símbolo daquilo que foi

e que já não existe. A bênção se foi, deixando a palavra para trás; e a palavra morta jamais poderá captar o movimento ágil e fugaz do nada. Mas é daquele vazio que brota a infinita pureza do amor. Como pode o cérebro captar o amor, ele que é tão ativo, tão sobrecarregado, tão saturado de saber e de experiência? É preciso negar tudo para que o amor exista.

O hábito, ainda que conveniente, destrói a sensibilidade; com o hábito vem a sensação de segurança, que é uma barreira para a sensibilidade e a lucidez; mas, isto não quer dizer que o estado de insegurança seja sinônimo de plena consciência. É incrível a rapidez com que o hábito se instala, dando origem ao prazer e à dor, bem como ao tédio e àquela coisa estranha chamada lazer. Habituamo-nos a trabalhar durante quarenta anos, após o que buscamos o lazer; ou, ao fim de um dia de trabalho, temos o lazer. Primeiro, é o hábito do trabalho, depois, é a vez do lazer, que também se transforma em hábito. Se não houver sensibilidade, não haverá afeto nem aquela integridade, que não é a reação condicionada de uma existência contraditória. O hábito origina-se do pensamento, que está sempre em busca de segurança, ou de um estado imperturbável. E é exatamente esta busca de um estado permanente que nega a sensibilidade. A sensibilidade jamais causa sofrimento; este vem das diferentes formas de fuga. Ser sensível é estar plenamente vivo, de onde nasce o amor. Mas, com sua astúcia, o pensamento ilude o indivíduo que busca, e essa ilusão em si é um pensamento; um pensamento não pode seguir outro pensamento. O que se percebe e vê é o florescimento do pensamento; e tudo aquilo que desabrocha em liberdade tem um fim, morre sem deixar marcas.

5 de dezembro

O cuco, que piava desde a madrugada, era menor do que a gralha, tinha a penugem mais cinzenta, uma cauda longa e seus olhos vermelhos faiscavam; meio escondido pelas folhas de uma pequena palmeira, emitia sons límpidos e suaves; só se via a cauda e a cabeça, e seu canto se dirigia ao companheiro, que estava numa árvore próxima. Este era menor, mais tímido e mal aparecia. Pouco depois, o macho voou para junto da fêmea, que, só então, saiu de seu esconderijo e pousou sobre um galho descoberto. Ficaram ali por alguns instantes e logo desapareceram. Havia nuvens no céu e uma brisa fresca e suave agitava as folhas das árvores; as pesadas

folhas das palmeiras estavam imóveis, pois mais tarde, ao anoitecer, seria a vez de se agitarem ao vento; portanto, não tinham pressa de sair do seu estado de letárgica indiferença. Deve ter chovido à noite, pois o chão estava molhado e a areia quebradiça; àquela hora matinal, o jardim estava ainda sossegado; as velhas árvores mostravam-se sonolentas, mas as mais jovens estavam despertas e dois esquilos se divertiam pulando de galho em galho. A neblina do amanhecer dava lugar às nuvens diurnas e as casuarinas tremulavam ao vento.

A meditação nunca é a mesma; nela existe sempre um sopro novo, um novo abalo; ela não visa destruir um determinado padrão, pois não se cogita de um outro padrão ou de um novo hábito para substituir o antigo. Todo hábito, por mais recente que seja, tem o ranço do velho, pois eles nascem do velho; porém, a meditação não destrói o velho por estar em busca de um padrão mais novo. Ela é o próprio e avassalador efeito do que é original; sem ser o oposto do velho, área que lhe é totalmente desconhecida, a meditação é o próprio aniquilamento. De sua intrínseca e demolidora ação cria-se o novo.

A meditação não comporta brincadeiras, que sirvam de entretenimento. Pelo contrário, o que existe na meditação é a destruição de todo brinquedo, das visões, das idéias e das experiências em geral. Precisamos construir as bases da verdadeira meditação, senão ficaremos enredados em inúmeras formas de ilusão. Meditar é negar, sem reagir. Negar e seguir contestando é agir sem motivo, e isto significa amar.

6 de dezembro

Sem nenhuma timidez, expondo-se à nossa curiosidade, uma ave cinzenta cheia de manchas, do tamanho de uma gralha, comia, sem pressa, de um cacho de frutas verdes e prateadas. Pouco depois, duas aves do mesmo tamanho vieram também utilizar-se dos cachos que pendiam generosos dos galhos. Eram os mesmos cucos do dia anterior; já não se ouviam os doces arrulhos, pois todos estavam muito ocupados em comer. Geralmente tímidos, os cucos não pareciam importar-se com a presença próxima do observador. A seguir, com a chegada do esquilo malhado, os pássaros se foram, assustados, mas ele se pôs a comer avidamente; nisto, surgiu um corvo que grasnava, afugentando o esquilo. O corvo, este não tocou nas frutas mas devia detestar ver alguém a divertir-se. Manhã fria em que o lento despontar do sol, por trás das árvores espessas,

projetava sombras longilíneas sobre o gramado úmido de orvalho, e, no pequeno lago, dois lírios azuis expunham as corolas douradas; elas contrastavam vivamente com o azul límpido das pétalas e com o verde intenso de folhas circulares e flutuantes, que abrigavam um pequenino sapo imóvel, de olhar penetrante. Aqueles dois lírios constituíam a delícia do jardim e nem as árvores mais frondosas ousavam projetar sua sombra sobre as flores; frágeis e aveludadas, elas permaneciam imperturbáveis no lago. Ao olharmos para as flores, cessávamos de reagir, de pensar ou sentir, e o que existia era apenas aquela beleza pura e serena; tinham a intensidade de todas as coisas vivas, exceto do homem, eternamente preocupado consigo mesmo. Ao observarmos aquelas flores coloridas, o mundo se transfigurava, não em uma ordem social mais justa, com menos opressão e miséria, mas no mundo livre da angústia e do sofrimento, sem a eterna presença da ansiedade e do tédio; tudo se transformava com a presença daquelas duas flores tão azuis de corolas douradas. Era o milagre da beleza.

Aquela estrada já se nos tornara familiar: o camponês, a longa fileira de carros de boi, cada um com seu dono, cerca de vinte, formando uma fila extensa, os cães, as cabras e os arrozais prestes a amadurecer; esplêndido crepúsculo, em que o céu parecia tocar na terra. Escurecia à medida que a noite se fechava sobre a estrada iluminada pela luz das estrelas. A meditação não vem através do esforço, pois este faz parte da contradição e da resistência; o esforço e a escolha são a raiz do conflito e a meditação passa a ser, então, mera fuga do fato, daquilo que existe. Mas, ali, na estrada deserta, a meditação desabrochava naquela coisa singular que apaziguava ainda mais o tranqüilo cérebro. Ao ultrapassar o cérebro, como a passagem de um rio turbulento por um desfiladeiro, aquela estranha energia se movia para fora do tempo e sem nenhuma direção.

7 de dezembro

Da janela se descortinava uma nova palmeira e uma árvore coberta de imensas flores de pétalas rosadas entre as folhas verdes. Pesadas e desajeitadas, as folhas das palmeiras se mexiam em todas as direções, mas as flores permaneciam imóveis. De longe, vinha o ruído incessante do mar, cujo som grave e penetrante ouviu-se por toda aquela noite; som pesado, imutável e contínuo, que transmitia ameaça, turbulência

e brutal vigor. Ao amanhecer, o rugido do mar esmoreceu, superado pelos habituais ruídos do dia, pelo gorjeio dos pássaros, pelo barulho dos carros e pelo rufar do tambor. A meditação era a chama em que desaparecia o tempo e o espaço, a experiência e a realização. Nada mais existia senão o vasto e ilimitado vazio, carregado de intenso movimento e criação. O pensamento não pode criar; pode pintar um quadro, esculpir formas em pedra, agrupar palavras ou construir um extraordinário foguete; mas, ainda que requintado, o pensamento é limitado pelo tempo e espaço, incapaz de transcender seus próprios limites. O pensamento não pode purificar-se nem perseguir a si próprio; ele só pode florescer em total liberdade e findar. Todo sentimento é sensação, de que nasce a experiência; sentindo e pensando a consciência constrói os limites do tempo.

9 de dezembro

À distância, vinha o ruído incessante das ondas do mar; quanta fúria, perigo e ameaça naquele contínuo movimento! O mar parecia calmo e sonhador, mas o tamanho das ondas revelava impaciência e terror. As pessoas eram arrastadas pela forte correnteza e ali morriam afogadas. As ondas nada tinham de delicado; de longe, o magnífico desenho de suas curvas deleitava-nos, mas elas continham cruel e brutal vigor. As pequenas e frágeis jangadas, conduzidas por homens morenos e esquálidos, cortavam as ondas com indiferença e destemor; iam afastar-se muito da praia, na direção do horizonte, e voltariam ao entardecer, com sua pesada carga. Mas, àquela noite, era inusitada a violência das ondas e ensurdecedor o ruído que faziam ao arrebentarem sobre a areia da praia; a beira-mar se estendia para o norte e para o sul, com extensa faixa de areia limpa, amarelada, ligeiramente dourada pelo sol. E o sol tampouco era delicado; ele ardia intensamente e só bem cedo, pela manhã, logo ao nascer do fundo do mar, ou ao morrer entre as nuvens do entardecer, é que ele se mostrava suave e generoso. O mar furioso e o sol ardente fustigavam aquela terra árida onde havia fome e pobreza; a miséria era uma presença constante e, por ser ali muito mais fácil morrer do que nascer, as pessoas estavam entregues à indiferença e à decadência. Os ricos também eram indiferentes, embotados e só saíam do seu estado de apatia quando se tratava de ganhar mais dinheiro, de buscar o poder ou de construir uma ponte; nisso, exibiam extrema habilidade, querendo sempre mais — mais saber, mais eficiência — mas saíam sempre perdendo, pois tudo termina

na morte. E isto é tão definitivo que nada pode desviar-nos dela, pois a morte é inevitável. É impossível escapar da morte, mas da vida, sim; podemos ludibriá-la, podemos dela fugir, freqüentar igrejas, seguir gurus, projetar uma viagem à lua; na vida, tudo é possível, mas a dor e a morte estão sempre presentes. Podemos evitar o sofrimento, mas jamais escaparemos da morte. Mesmo àquela distância podia-se ouvir o estrondo das ondas do mar; e as palmeiras recortavam-se contra o rubro céu do entardecer. A superfície das águas dos charcos e do canal refletia a luz do poente.

Qualquer motivo nos impele a agir e não há ação sem motivo; daí sermos destituídos de amor. Tampouco existe amor naquilo que fazemos. Pensamos ser impossível agir, viver, existir sem um motivo e com isto nossa vida passa a ser uma atividade enfadonha e sem sentido. A função é, para nós, um meio de alcançar o *status*, ou outra coisa qualquer. O amor em si não existe e eis por que é tudo tão falso, tão insignificante, e daí serem terríveis as nossas relações. O apego serve apenas para encobrir nosso próprio vazio, nossa solidão e insuficiência interior; da inveja nasce o ódio. O amor é sem motivo e, quando o amor está ausente, toda sorte de motivos se instalam. É tão simples viver sem motivos; basta ser íntegro, sem jamais se conformar com idéias ou crenças. Ser íntegro é ter autocrítica, é estar consciente de si próprio de momento a momento.

10 de dezembro

De tão débil, a lua parecia pender entre as palmeiras, mal visível no firmamento. Dando a impressão de se esconder, tímida e esquiva, por trás das nuvens, era apenas um risco, uma linha sinuosa, fina e delicada, cor de ouro, formando, com as escuras e solenes palmeiras, um cenário fascinante. As nuvens acorriam para protegê-la, mas lá estava ela em todo seu esplendor de ternura e delicadeza. As palmeiras em sua rude austeridade e os arrozais iam mudando de cor. O sussurro das folhas e o estrondo do mar, a quilômetros dali, enchiam de sons aquela noite. Os moradores da região já não percebiam aquela beleza noturna, acostumados como estavam a vê-la diariamente; aceitavam passivamente a sua pobreza, a fome, a poeira, aquela sórdida existência e o céu nublado. Nós nos habituamos com qualquer coisa, tanto com o sofrer quanto com a felicidade; se não nos acostumássemos tão facilmente, seríamos

mais infelizes e perturbados. Julgamos ser melhor tornar-nos insensíveis e embotados do que termos de enfrentar maiores problemas; é menos doloroso ir morrendo aos poucos. Podemos tentar explicar o fenômeno invocando razões econômicas ou psicológicas, mas o fato permanece: tanto os ricos quanto os pobres preferem ir levando, trabalhar no escritório ou na fábrica durante mais de trinta anos e aceitar o tédio e a futilidade de uma vida inútil; temos de viver, dizem, temos responsabilidades e, portanto, é mais seguro aceitar as coisas como são. Nós nos acostumamos com o amor, com o medo e com a morte. O hábito se transforma em bondade, em virtude e até mesmo nas fugas e nos deuses. Mas, é fútil e estúpida a mente que vive no hábito.

11 de dezembro

O amanhecer surgia lentamente; as estrelas ainda faiscavam no céu e as árvores não haviam despertado; não se ouvia o canto dos pássaros, nem mesmo o pio das pequeninas corujas, que por ali costumavam ficar a noite toda, saltando de galho em galho. O estranho silêncio da madrugada só era quebrado pelo bramido distante do mar. Forte perfume de flores impregnava a atmosfera imóvel, que também exalava leve odor de folhas secas e de barro úmido. Em postura de paciente expectativa e estranha imobilidade, era como se a terra aguardasse a chegada da aurora e de mais um dia. E a meditação prosseguia naquela quietude, que era o próprio amor. Não o amor a alguma coisa ou a alguém, o amor da imagem e do símbolo, da palavra impressa ou do retrato na parede, mas, simplesmente, o amor destituído de sentimentalidade e de emoção. Nada faltava àquela energia plena, despojada e poderosa, livre de amarras ou direção. O canto de um pássaro distante era a expressão do amor; englobando a meta e a distância, o amor transcendia o tempo e a palavra. Não se tratava de cruel e efêmera emoção; o símbolo, a palavra podem ser substituídos, mas não a coisa em si. Em sua completa nudez, o amor era extremamente vulnerável e, portanto, indestrutível. Tinha a incomparável força daquela bênção, do incognoscível, que se infiltrava por entre as árvores e do além-mar. A meditação estava no canto insistente do pássaro e no estrondo do mar, cujas ondas arrebentavam na areia da praia. O amor só existe no vazio total. A pálida aurora emergia do horizonte tornando mais forte o colorido escuro do arvoredo. Meditar não é cair no hábito ou na repetição; pelo contrário, é quando se dá a morte

de todo o conhecido e o desabrochar do desconhecido. A luz das estrelas se extinguiu e as nuvens despertaram com a chegada do sol.

A experiência, a sensação ou a reação a qualquer estímulo destrói a lúcida percepção das coisas e a capacidade de compreender. Damos o nome de experiência a uma sensação ou a uma reação a algum estímulo; qualquer experiência, seja ela mesquinha ou não, engrossa os muros do isolamento. Ainda que útil e até mesmo indispensável no nível prático da vida, o processo de acumular conhecimentos é tão mecânico quanto outro qualquer de fins acumulativos e jamais transcende os limites do tempo. É insaciável o desejo de experiência e de sensação. A sensação de poder, que emana da experiência e a fortalece, torna cruéis os ambiciosos, cuja eficiência os torna também brutais. Mas, não é da experiência que advém a humildade, essência da virtude. E, sem ela, nada se aprende, pois aprender não significa acumular conhecimentos.

O corvo com seu grasnido desencadeou a série de ruídos matinais; a seguir, o canto dos pássaros invadiu o jardim e, de repente, todas as coisas pareciam vivas e despertas. A brisa agitou as folhas do arvoredo e havia esplendor por toda parte.

13 de dezembro

A extensa faixa de nuvens negras, que ocultava o horizonte, contrastava vivamente com a branca espuma das ondas do mar em ressaca; a chuva torrencial, que caía ao norte, aproximava-se pouco a pouco do sul e, da ponte sobre o rio, divisava-se o escuro horizonte a realçar a alvura das ondas. Grande número de ônibus, carros, bicicletas e pés descalços cruzava a ponte, ao mesmo tempo em que a tormenta estava prestes a desabar. Com a superfície de suas águas tão escuras quanto o céu, o rio estava deserto àquela hora, aliás como de costume; nem mesmo aquela formosa garça havia aparecido. Do outro lado da ponte ficava parte da grande cidade, superpovoada, barulhenta, suja, com sua ostentação e prosperidade; mais adiante, à esquerda, havia barracos imundos, prédios em ruínas, lojas acanhadas, uma pequena fábrica e uma estrada suja e poeirenta, de intenso movimento, com uma vaca estendida bem no meio da pista. Riscos vermelhos cobriam o céu, no poente, que se dissipavam com a aproximação da chuva. Logo depois da Delegacia de Polícia, passando por uma ponte estreita, havia uma estrada no sentido sul, na direção dos verdes arrozais, longe daquela cidade, suja e barulhenta. A seguir,

começou a chover torrencialmente, formando logo poças de lama na estrada e uma enxurrada alagou a terra seca; a fúria explosiva da chuva tinha o poder de lavar, de limpar, de purificar a terra. Embora molhados até os ossos, os aldeões não pareciam incomodar-se, pois seguiam rindo e conversando, com os pés descalços na lama. O teto do casebre, à luz do candeeiro, vazava água, os ônibus passavam atirando lama em todas as direções, e as bicicletas, com seus débeis faróis e leve tilintar de campainha, seguiam vagarosamente sob o aguaceiro.

Todas as coisas, tanto do passado quanto do presente, purificavam-se e, com essa purificação, o tempo e o futuro deixavam de existir. Cada passo que se dava era uma eternidade e o pensamento, produto do tempo, havia cessado; incapaz de avançar ou de retroceder, o passo já não existia. E cada gota daquela chuva torrencial continha as águas do rio, do mar e as eternas geleiras. Fez-se total vazio, em que havia criação, amor e morte. Precisávamos de ter cuidado ao andar, pois os ônibus passavam bem junto de nós.

15 de dezembro

As nuvens que se aglomeravam no poente e algumas, isoladas, intensamente coloridas, que deixavam entrever um pálido luar, contribuíam para a beleza do crepúsculo. A suave beleza da casuarina e da palmeira amenizava a fúria da arrebentação. As esguias palmeiras se erguiam negras contra o rosa ardente do céu e um bando de pássaros aquáticos rumava para o norte, com suas finas patas esticadas para trás e com o lento movimento de suas asas. Extensa fileira de carros de boi carregados de troncos e galhos de casuarina seguiam, rangendo, para a cidade. A estrada, normalmente bem movimentada, ia ficando cada vez mais deserta à proporção que nos distanciávamos e que escurecia. Assim que o sol desapareceu no horizonte, um estranho e singular sentimento de paz, de suavidade e de purificação se alastrou pela terra. Sem ser uma reação, era algo de real que havia no meio da cidade sórdida e barulhenta, cheia da labuta e da agitação dos homens. Isso ocorria também naquele minúsculo terreno abandonado, no meio da árvore cujas folhas aprisionavam uma pipa colorida, na rua deserta fronteiriça à igreja; sentia-se aquilo em toda parte, bastando para tanto nos desfazermos do fardo do dia. E ao cair a noite sobre a estrada, aquela presença doce e envolvente atraía-nos com sua sedução para longe de tudo e de todos e, quanto

mais densa a noite, mais belo e profundo era o sentimento. Inúmeras estrelas preenchiam os espaços entre as palmeiras, com destaque para as Três Marias, que emergiam do fundo do mar, e para a Pleiade, que já havia percorrido três quartos da sua trajetória. Os moradores da região tentavam aproximar-se, para conversar, procurando convencer-nos a comprar um terreno para ali ficarmos para sempre. Quando a noite já ia alta, aquela avassaladora bênção desabou sobre nós com a força de uma explosão, paralisando-nos o cérebro, que se tornava tão imóvel quanto as folhas do arvoredo. Era uma energia que transfigurava todas as coisas, dando realce às cores e às formas e, à luz tênue do luar, as poças da sarjeta pareciam conter a imensidão do oceano. É preciso que tudo desapareça e que nada reste, não para desfrutar aquele sentimento, mas para que o cérebro, livre e desimpedido e, portanto, imóvel e sensível, possa observar e ver. Como a súbita torrente que inunda a terra árida e seca, o êxtase e a luminosa claridade daquela bênção vieram para ficar.

17 de dezembro*

O grito agudo de um pássaro abalou por instantes a paz noturna, extinguindo-se logo a seguir, como o clarão fugaz de um raio luminoso. As árvores, porém, imóveis e sombrias, diluíam-se na atmosfera; quanta paz e tranqüilidade naquela noite tão viva, de incessante movimento; apesar do profundo silêncio, todas as coisas vibravam intensamente. Até mesmo os cães da aldeia vizinha haviam silenciado. Estranho silêncio aquele, tão poderoso e vital que trazia em si o germe da destruição. Tamanha era a sua vital quietude que não ousávamos mover-nos; com o corpo paralisado, o cérebro, que havia despertado com o grito agudo do pássaro, tornava-se quieto e sensível. O céu estrelado e sem nuvens brilhavam intensamente; as estrelas, de tão próximas, davam a impressão de roçar sobre o topo das árvores. Noite de absoluta calma. A meditação é intemporal. O tempo é incapaz de provocar a mutação, pois ele só acarreta mudanças ou meras reformas; a meditação oriunda do tempo é destituída de liberdade e engendra o círculo vicioso da escolha e do conflito.

---

* Data de sua última conferência.

18 de dezembro

No alto das montanhas, protegida pelos áridos rochedos, destituídos de qualquer tipo de vegetação, havia uma rocha maciça da qual escorria um filete de água. A princípio um córrego, formava, mais adiante, uma pequena cachoeira, que era um simples sussurro. Ele seguia descendo até o vale, onde já se vangloriava de sua força, do caminho longo que tinha a percorrer, das cidades por onde passaria, dos vales, das florestas e dos amplos espaços abertos. Aquele riacho iria transformar-se num rio avassalador de irresistível correnteza, que se purificava à medida que ia deslizando por entre as margens e que se debatia contra os rochedos, no seu fluxo incessante em direção ao mar.* Não era o fato de estar-se dirigindo para o mar que importava, mas por ser um rio maravilhoso e de tamanha amplidão, profundidade e riqueza; ele não tardaria a ser tragado pelas águas do mar, mas isso ainda estava longe de acontecer, a quilômetros de distância dali; por enquanto, era só vida, beleza e contentamento; nada podia acabar com isso, nem mesmo a poluição das fábricas ou as represas. Na verdade, era um rio extraordinário, de rara beleza e amplitude, que banhava inúmeras cidades, completamente livre e desimpedido e sem jamais desviar-se de seu curso. Sobre as suas margens havia de tudo: plantações, florestas, casas solitárias, morte, amor e aniquilamento; pontes imensas o atravessavam, algumas graciosas, outras gastas pelo tempo. Muitos afluentes, maiores ou menores, despejavam nele suas águas, mas este rio era a mãe de todos. Sempre generoso, no constante processo de purificação, constituía uma bênção contemplar a superfície dourada de suas águas a refletir o denso colorido das nuvens do céu. Mas, o pequeno fio de água tão distante, escorrendo por entre as gigantescas rochas que o produziam, era o princípio da vida e seu fim transcendia seus próprios limites e ultrapassava a imensidão dos oceanos.

A meditação era semelhante ao rio, só que não tinha princípio nem fim. No seu movimento livre e espontâneo estava a sua renovação. Jamais envelheceria, pois nada retinha em seu fluxo constante, e ima-

---

* Krishnamurti encontrava-se, então, em Benares, recordando-se da fonte do rio Ganges, onde estivera um dia. Fora visitar Rajghat, um pouco ao norte de Benares, às margens do rio Ganges, local em que funciona uma das escolas de Krishnamurti. Os hindus se referem a Benares como Banaras ou Varanesi.

culada era a sua pureza, por não pertencer à esfera do tempo. Como é bom meditar sem nenhum esforço, começando com um pequeno filete e transcendendo os limites do tempo e do espaço, lá onde o pensamento e o sentimento nada podem fazer e onde não há lugar para qualquer experiência.

19 de dezembro

Quanta beleza naquela madrugada fria em que o sol custaria muito a nascer; as sombras projetadas pela luz do luar sobre as árvores e arbustos do jardim da casa davam a impressão de estarmos numa floresta cheia de serpentes e animais selvagens; eram árvores imensas, que cobriam com seus galhos a casa, em muda expectativa perante o amanhecer. E, súbito, uma canção, um canto religioso de devoção se fez ouvir; a voz rica do cantor, que transmitia forte emoção, repercutiu pela noite enluarada. Ouvi-lo era deslizar sobre as ondas de som para com ele nos confundirmos e, ao transcendê-lo, superar todo sentimento e pensamento. Em seguida, veio até nós o som débil, porém claro, de um outro instrumento musical.

26 de dezembro

As águas imóveis e profundas do rio tinham, aqui, a vastidão e a impressionante beleza de um lago. Depois da ponte, viam-se alguns barcos, sobretudo de pescadores, e um barco maior com a vela rasgada, transportando areia para a cidade. O que nos atraía era a faixa de água, do lado do nascente, e a margem oposta; o rio semelhava um imenso lago de rara beleza e tão vasto quanto o céu; a terra era plana e o céu preenchia a terra, divisando-se, ao longe, o horizonte. Havia árvores na margem oposta do rio, entre os trigais recém-plantados e as aldeias. Durante as cheias, no período de chuvas, o rio habitualmente invade as margens e deixa atrás de si um rico lodo, que serve de solo para o plantio do trigo de inverno; impressionava a incrível beleza do verde manto que cobria, em toda a sua extensão, aquela ampla faixa de terra. Nesta margem do rio, as árvores pareciam formar densa e impenetrável floresta, tornando invisíveis as aldeias que ali existiam. Uma das árvores, porém, de proporções gigantescas e com suas raízes expostas, era a glória daquela região;

o pequeno templo a seus pés abrigava deuses tão efêmeros quanto as águas que fluem sem cessar, em contraste com a solidez daquela árvore; sua densa folhagem, de folhas alongadas, serve de abrigo aos pássaros, à noite; como a mais elevada da região, podia-se vê-la de qualquer ponto da margem oposta do rio. Bela e digna como o ser solitário, ela contrastava com a pequenez, a sujeira e a devastação causada pelos habitantes daquelas aldeias superpovoadas. Nessa margem do rio, os muros brancos das aldeias pareciam belos e atraentes. A beleza não é produto da inteligência humana; as realizações do homem provocam sentimentos e emoções, o que nada tem a ver com a beleza. O belo não está nas coisas manufaturadas nem nas coisas construídas, tampouco se acha ele nos museus. É preciso transcender tudo isto, abandonar todos os gostos pessoais, toda forma de escolha e todas as emoções para que o amor exista, ele que é a própria beleza. O rio vinha deslizando majestosamente no sentido do nascente,* passando por aldeias, por cidades e por densas florestas, mas, aqui, logo depois da cidade e da ponte, o rio e sua margem oposta representavam a quinta-essência de todos os rios. Cada rio exprime uma canção, um tipo de beleza ou mistério, mas aqui seu próprio silêncio continha a terra e os céus. Rio tão sagrado quanto os demais, demonstrava, naquele trecho de seu longo e tortuoso percurso, a doçura de insondável profundeza e destruição. Encantados pela contemplação de sua serena maturidade, perdíamos a noção do céu e da terra. Do completo silêncio que se seguiu surgiu aquela coisa singular, tornando sem sentido a meditação. É como a onda que vem de longe, toma impulso e se desfaz, violentamente, sobre a areia da praia, arrasando tudo à sua volta. Só que não havia nem tempo nem espaço; aquela "coisa" simplesmente existia como a inquebrantável força, a arrasadora vitalidade que é a beleza em si, o amor. Nem a mais rica imaginação seria capaz de inventá-lo, ou o mais secreto impulso de projetá-lo. Toda forma de pensamento, de sentimento, de desejo, ou compulsão estavam completamente ausentes. Tampouco se tratava de uma experiência, pois experimentar implica o reconhecimento, um centro que acumula, a memória e a continuidade. Não era uma experiência, pois somente os imaturos anseiam experimentar, caindo, assim, na ilusão; era simplesmente um aconteci-

---

* Ainda que Rajghat fique ao norte de Benares, o rio toma ali a direção sul; antes de rumar para o sul, o rio, paradoxalmente, pega um desvio na direção do nordeste.

mento, um fato, tão inevitável quanto o poente, quanto a morte, quanto o sinuoso rio. Inacessível à ação destruidora da memória, aquela abençoada energia era também invulnerável às tentativas do pensamento em alcançá-la e retê-la. Tinha o poder da chama ardente que consome o tempo e a eternidade sem formar as cinzas da memória. Meditar é esvaziar a mente, sem nenhum motivo, no mais completo despojamento do ser; meditar é, em verdade, deixar a mente vazia de todo conhecido, consciente ou inconsciente, de toda experiência, de todo pensamento e sentimento. Negar é a própria essência da liberdade; concordar e buscar dentro do conhecido é aprisionar-se.

30 de dezembro

Dois corvos brigavam furiosamente entre si; seus gritos exprimiam profundo rancor e, apesar de ambos estarem sobre o chão, um deles levava vantagem sobre o outro, golpeando-o impiedosamente com seu negro e afiado bico. De nada adiantaram os gritos da janela para tentar apartá-los, para impedir que um deles saísse morto. Um terceiro corvo, de passagem, estancou, de repente, junto aos corvos em luta, grasnando e tentando afugentá-los com suas negras e brilhantes asas. Daí a instantes, meia dúzia de corvos acorreram aos berros, e com suas asas e bicos afiados lograram separar as duas aves, que tencionavam brigar até a morte. Era como se dissessem que lhes era permitido matar outros pássaros, outros seres vivos, mas que não haveria crime da própria espécie, o que lhes seria fatal. Os dois insistiam em brigar, mas os outros conseguiram dissuadi-los e, logo, os pássaros alçavam vôo; e a paz voltou a reinar naquela pequenina clareira no meio das árvores, à margem do rio. Num clima ameno anoitecia, com o sol escondido por trás das árvores e o agradável ruído dos pássaros. Embora ainda cedo, os papagaios já se preparavam para dormir, voando feito loucos na direção dos galhos de um enorme pé de tamarindo, que podia abrigar grande número deles. Suas penas tinham o colorido das folhas da árvore, só que o seu verde era mais vivo e intenso; veríamos a diferença se os olhássemos detidamente, e lhes notaríamos também os curvos e brilhantes bicos, que serviam de apoio para as suas escaladas e para morder; embora desajeitados ao se moverem de um galho para outro, em vôo, pareciam a própria luz celestial; de vozes ásperas e estridentes, seu vôo nada tinha de ordenado, mas seu

colorido era como a fonte da vida. De manhã, duas corujinhas tomavam banho de sol sobre um galho daquela mesma árvore, defronte do nascente; de tão imóveis e cinzentas, da cor do galho, mal as notávamos, a menos que, por sorte, as víssemos sair de seu esconderijo sobre o pé de tamarindo. Havia esfriado muito, o que era inusitado para a época, e dois insetos verde-dourados caíram fulminados pelo frio, naquela manhã; parecia ser um casal e ambos morreram, instantaneamente, podendo-se ainda sentir o seu corpo macio. Era impressionante o colorido verde-ouro de suas asas e o formato curvo e alongado de seus ferrões; de incrível delicadeza, seus corpos, ainda viviam. Coisa estranha a cor! Cor é deus e aqueles dois insetos eram a glória da luz; o sopro vital se extinguiu, mas a cor existia ainda. A cor durava mais do que o coração e transcendia o tempo e o sofrimento.

No entanto, o pensamento é incapaz de curar a dor do sofrimento. Apesar dos esforços em racionalizá-lo, a dor não cede jamais. Por ser uma atividade mecânica, o pensar não traz solução a nenhum dos problemas humanos, que são sempre novos e reais. Estranho como o amor, o sofrimento, porém, é um impedimento ao amor. Podemos eliminar o sofrimento, mas não podemos atrair o amor. O sofrimento é autocompaixão, seguida de ansiedade, de medo e do sentimento de culpa; mas, o pensamento é incapaz de libertar-nos de tudo isto, pois ele cria o pensador, gerando o sofrer. Mas, ao libertar-se o homem do passado, finda o sofrimento.

31 de dezembro

Ao entardecer, o rio despertou com a balbúrdia das pessoas e com inúmeros barcos de pesca. Ao todo, eram vinte e três embarcações com uma tripulação de dois ou três homens em cada uma. Os barcos pareciam comandar as águas naquele amplo trecho de rio; eles apostavam corrida, gritavam e chamavam uns aos outros com vozes estridentes, dando a impressão de crianças a brincar; era uma gente miserável e maltrapilha, mas por enquanto estavam despreocupados, a rir e a falar. A suave brisa que soprava formava desenhos sobre a superfície faiscante das águas do rio. Os corvos retornavam agora às árvores onde costumavam passar a noite e as andorinhas voavam rente às águas.

1.º de janeiro de 1962*

Um riacho serpenteava na direção do imenso rio; vindo da parte mais suja da cidade, as águas daquele afluente chegavam ao rio exaustas e poluídas; havia, ali, naquele ponto de encontro, uma frágil ponte de bambu, corda e palha; sempre que estava prestes a desabar, os moradores da região se apressavam a fincar uma vara no leito macio do córrego, a colocar mais palha e barro, unindo tudo com uma corda não muito grossa, cheia de nós. A coisa toda tinha um aspecto precário; a ponte, outrora firme, pendia agora, pouco acima do nível das águas do rio, o que nos permitia ouvir o ruído da queda, na água, de fragmentos de barro e palha que dela se desprendiam. De qualquer maneira, parecia resistente aquela ponte estreita, cuja travessia nos obrigava a esbarrar nas demais pessoas. Risonhos e despreocupados, os ciclistas, carregados de pesados latões com leite, atravessam-na velozes, sem se darem conta dos riscos que provocavam com sua ação. O intenso movimento existente na ponte era causado por camponeses, que tinham ido vender suas mercadorias na cidade e que, exaustos, retornavam ao anoitecer, carregados de materiais como pinças, pipas, azeite, um pedaço de madeira, uma laje de pedra e demais artigos e objetos que não podiam encontrar em suas próprias aldeias. Vestidos de trapos, sujos, enfermos e infinitamente pacientes, eles percorriam, descalços, quilômetros e quilômetros de estradas sem fim; incapazes de se revoltarem contra a situação, ou de expulsarem os políticos do país, eles próprios, no lugar daqueles políticos, se tornariam também astutos profissionais da exploração, da técnica para deter o poder, esse mal que corrompe e destrói as pessoas. Cruzávamos a ponte, simultaneamente com um enorme búfalo, diversas bicicletas e inúmeros camponeses; ela parecia prestes a desabar, mas, milagrosamente, chegamos todos do outro lado sãos e salvos, e aquele animal pesado e desajeitado parecia inteiramente à vontade. Subindo a ribanceira por uma velha trilha arenosa e após passarmos por uma aldeia em que havia um poço secular, deparamos com imensa e verdejante planície. Coberta de mangueiras, tamarindos e plantações de trigo invernal, ela só terminaria, a centenas de quilômetros dali, ao esbarrar com montes e montanhas seculares. A origem daquela trilha remontava aos primórdios da humanidade, ela que já tinha servido de passagem a mi-

---

* Data da primeira de uma série de sete conferências proferidas por Krishnamurti em Rajghat.

lhares de peregrinos que por ali passavam em direção aos templos em ruína.* Na curva do caminho, vislumbrava-se, ao longe, o rio entre as árvores.

O silêncio e o frescor vespertino tornavam adorável o entardecer, e o céu, de tão imenso, superava em força e vigor as árvores e a própria terra; era como se não houvesse horizonte, como se as árvores e a infinita planície se desmanchassem ao contato com o céu em expansão. O azul pálido e delicado do céu e a luz dourada do poente enevoavam o horizonte. Ouvia-se o pio dos pássaros no meio das árvores, o balido da cabra e o apito distante do trem; um grupo de mulheres aldeãs aquecia-se em volta de uma fogueira, guardando um estranho silêncio. O mostardeiro em flor exibia o colorido amarelo vivo de sua floração; e de uma aldeia do outro lado do trigal, grossos rolos de fumaça dirigiam-se para o céu. Estranho e penetrante silêncio perpassava-nos o ser; isento de qualquer onda de movimento, ao caminharmos, dele fazíamos parte, sentíamos a sua presença a ponto de respirá-lo. Não que aquilo fosse um truque mental, não que o experimentássemos, mas, o silêncio simplesmente existia e nós pertencíamos a ele. O pensamento apto a experimentar, lembrar, acumular, estava ausente. Não estávamos dele separados para observar e analisar. Era só o que existia, e nada mais. Cronologicamente, o tempo havia passado e já era tarde; o milagre do silêncio se estendeu por cerca de meia hora, mas isto nada significava, pois o tempo não existia. E foi com ele que retornamos à penumbra do quarto, passando pelo antigo poço, pela aldeia e pela estreita ponte. Juntamente com o silêncio veio aquela coisa singular e poderosa. O amor não é a palavra nem o sentimento; ele estava lá com a inabalável força e a fragilidade de um broto de árvore, facilmente destrutível. As Plêiades acabavam de surgir e as Três Marias despontavam por cima das árvores, mas a estrela mais brilhante faiscava no meio das águas.

2 de janeiro

Os meninos da aldeia soltavam pipas da ribanceira ao longo do rio; gritavam a plenos pulmões, riam, corriam uns atrás dos outros e

---

* A trilha dos peregrinos atravessa o Estado de Rajghat, unindo Kashi e Sarnath, onde Buda fez seu primeiro Sermão, após a Inspiração (Iluminação).

mergulhavam nas águas do rio, para resgatar as pipas ali caídas; sua alegria era contagiante, pois até mesmo os velhos, que os contemplavam do alto da ribanceira, gritavam e os encorajavam. Parecia ser o divertimento de toda a aldeia, pois até os cães magros e famintos latiam e todos tomavam parte do clima geral de euforia. Acostumados a passar fome, nem mesmo entre os mais velhos se via um gordo; aliás, quanto mais idosos, mais esquálidos e mesmo as crianças eram bem magras. Isso, porém, não as impedia de terem muita energia. Todos vestiam velhos trapos, imundos, com remendos de diferentes tecidos coloridos. No entanto, todos demonstravam alegria, inclusive os mais velhos e doentes; pareciam não ter consciência de sua própria miséria, de seu estado físico debilitado, porque muitos carregavam pesados fardos; a extraordinária paciência de que eram dotados ajudava-os a conviver com a morte onipresente e com a constante agonia da vida; o nascimento, a morte, o sexo, a miséria, a fome, a tristeza e a alegria, tudo vinha ao mesmo tempo. Para enterrar seus mortos, eles haviam escolhido uma área à sombra do arvoredo, nas proximidades de um templo em ruínas;* também faziam parte do grupo diversas criancinhas que iriam conhecer a fome, o cheiro de corpos sujos e o odor da morte. Mas, o rio estava lá o tempo todo; apesar de algumas vezes ameaçador, para a aldeia, o rio agora deslizava placidamente, com as andorinhas voando tão baixo que chegavam a roçar na superfície das águas intensamente coloridas. O rio era tudo para eles; suas águas serviam tanto para banharem os seus corpos magros, quanto para lavar suas roupas. Chegavam até a adorá-lo como a um deus e, sempre que podiam, ofereciam-lhe flores em sinal de respeito; também pescavam e morriam às suas margens. O rio, porém, parecia indiferente às alegrias e tristezas daquela gente; tamanha era a sua profundidade, o seu peso e poder, tamanha a sua vitalidade, que constituía uma ameaça à vida das pessoas. No momento, estava imóvel, sem a mais leve ondulação, e cada andorinha projetava sua sombra sobre o espelho das águas; elas não se afastavam muito dali, preferindo voar em círculos até o escurecer. Havia ali pequeninas aves aquáticas com seu vôo célere a balançarem alegremente as suas caudas, e outras maiores, da cor da terra úmida, cinza-marrom, chapinhando para cima e para baixo na beira do rio. Mas, a maravilha estava no céu, tão vasto, ilimitado e sem horizonte. A clara e suave luz vespertina não projetava sombras e havia solidão em cada arbusto, em cada pé de árvore e em cada pássaro. Perdido de amor em

---

* Os moradores da aldeia são muçulmanos.

seu próprio encanto e beleza, o rio, que durante o dia cintilava, era agora a própria luz do céu. Perante esta luz, todas as coisas cessavam de existir, tanto o coração amargurado como o ardiloso cérebro, e do prazer e do sofrimento o que restava era a suave carícia de uma luz terna e diáfana. A luz existia, isenta de pensamento e sentimento, incapazes de produzi-la; ela simplesmente existia à hora em que o sol se pusera por trás dos muros da cidade num céu límpido e sem nuvens. Para ver essa luz é preciso conhecer o movimento intemporal da meditação, só existente ao findar o pensamento. Tanto o pensar como o sentir jamais conduzirão ao amor.

No pleno silêncio e trevas da noite, as folhas do arvoredo estavam imóveis e as estrelas, que de tão numerosas poderiam encher o rio, derramavam luz do céu. Também silencioso, o cérebro, intensamente vivo e atento, não perdia nada de vista, capaz de observar sem o observador, sem o centro de onde se podia observar; assim atento, não havia ali lugar para a sensação. Lá estava aquela coisa singular, tão penetrante e profunda que sua origem se perdia no infinito. Dir-se-ia uma ação total, que tinha o poder de tudo aniquilar sem deixar vestígios tanto do passado quanto do presente. A ausência de espaço ou dimensão tornava inúteis os limites do tempo, necessários à formação do pensamento.

3 de janeiro

Era estranha e agradável a atmosfera ao longo daquela vereda secular, perdida no meio da mata; emoldurada por velhas mangueiras e antigos tamarindos, ela tem sido trilhada por peregrinos desde a mais remota antiguidade. Ao passarmos por entre os verdes trigais, sentíamos o pó fino do barro macio sob os pés, dando a impressão de que aquilo devia virar um lodaçal em período de chuva; por enquanto, a finíssima e delicada poeira da estrada aderia aos pés e penetrava em nossas narinas e olhos, mas sem nos molestar. À beira do caminho, há diversos poços e templos antigos, com seus deuses decadentes. A terra é plana, tão plana quanto a palma da mão, e estende-se em direção ao horizonte, se realmente existe. De tantas curvas, a trilha, em poucos minutos, dava a volta a uma circunferência. Era como se o céu acompanhasse aquela vereda franca e aberta; ainda que cada uma tenha seu próprio atrativo e beleza, são raros os caminhos como este. Existe um (em Gstaad) que cruza o vale com suaves ondulações, por entre ricas pastagens, que, uma vez colhidas, iriam servir de alimento ao gado, no inverno; ainda que branco de neve,

agora, o vale, na ocasião (época em que o autor lá esteve), pouco antes do outono, floria por inteiro, cercado de elevados montes, com os topos cobertos de neve e banhado por barulhento rio; àquela hora praticamente deserta, percorremos a vereda em total silêncio. E há também uma outra senda (em Ojai), íngreme e elevada, contornando a montanha seca e árida; era um caminho rochoso, acidentado e escorregadio, destituído de vegetação, e até de arbusto. Na ocasião, estava ali uma ave com numerosos filhotes, e mais adiante topávamos com mortífera cascavel, toda enroscada, pronta para dar o bote, não sem antes nos alertar quanto ao perigo que ele representava. Hoje, porém, esta vereda excluía todas as demais; suja, poeirenta e enxovalhada pelo ser humano, havia em suas margens velhos templos arruinados, repletos de divindades criadas à imagem do homem; um imenso touro se servia da tenra plantação, sem ser molestado; além dos macacos, via-se ali um bando de papagaios, que pareciam ser a própria luz do céu. Milhares de seres humanos, no decurso de séculos, passaram por lá. E nós nos sentíamos perdidos ao caminharmos por aquela estrada, livres de qualquer pensamento, extasiados perante a beleza do céu, do arvoredo e dos pássaros. Uma única mangueira destacava-se, soberba, à beira do caminho e a sua espessa folhagem ocultava de todo os galhos daquela árvore tão antiga. Ao passarmos por ali, nada sentíamos ou pensávamos, mas a beleza estava presente. Ela inundava a terra, o céu e iluminava cada folha, cada haste do definhante capim. Estava em toda parte e nós dela fazíamos parte. Nada nos obriga a senti-lo, mas lá está a beleza; e, justamente por não sermos nada, lá está ela, sem uma única palavra, sem um único movimento. Retornamos, em silêncio, à luz crepuscular.

Toda experiência deixa uma marca, uma lesão e toda lesão desvirtua a experiência; portanto, a experiência é coisa do passado. Tudo é velho; nada é novo. Isto, porém, não é verdade. As lesões das experiências são eliminadas e o cérebro, então, que é o receptáculo do passado, torna-se quieto e imóvel, sem nenhuma reação, mas vivo e sensível. Ao libertar-se do passado, o cérebro renasce.

E lá estava aquela bênção, livre do passado, livre do futuro e sem jamais ter conhecido o presente. Ela inundava aquele aposento e espraiava-se pelo infinito.

5 de janeiro

O sol emerge do arvoredo e se põe por trás dos muros citadinos; e a vida, o tempo, se escoa por entre aquelas árvores e a cidade. O rio,

tão profundo, pleno de vitalidade, também escorre por ali mansamente; pequenos barcos trafegam rio acima e rio abaixo; algumas embarcações maiores, com suas enormes velas quadradas, transportam madeira, areia, pedras britadas e até mesmo homens e mulheres, que retornam às aldeias; mas, em geral, o que predomina são os pequenos barcos de pesca, comandados por esquálidos homens morenos. Apesar de maltrapilhos, subnutridos e cheios de filhos, pareciam contentes e felizes, brincando alegremente entre si. Incapazes de ler ou escrever, longe de qualquer forma de distração, eles, no entanto, se divertiam a cantar, em coro, cânticos religiosos ou a contar histórias sagradas. Em sua extrema pobreza, levavam uma vida dura, em que a doença e a morte eram tão presentes quanto a terra e o rio. Ao anoitecer, impressionava o número de andorinhas que, em vôo rasante, pareciam tocar a superfície das águas do rio, da cor de um fogo em extinção. Todas as coisas palpitavam de vida e intensidade; quatro ou cinco cachorrinhos bem gordos brincavam em volta da mãe magra e faminta; grandes levas de corvos retornavam à outra margem do rio; os papagaios, com seu jeito ágil e escandaloso, ocupavam as árvores; o ruído do trem que cruzava a ponte ecoou por toda a extensão do rio, em cujas águas frias se banhava uma mulher. A luta pela sobrevivência era só o que existia; lutar para sobreviver em constante presença da morte, lutar até o derradeiro instante de vida para, então, morrer. Mas, entre o nascente e o ocaso, por trás dos muros da cidade, o tempo consumiu toda forma de vida, o tempo, passado e presente, devorou o coração humano; o homem, por viver na esfera do tempo, conhece o sofrimento.

Os camponeses que vinham em fila por aquele caminho estreito, às margens do rio, faziam parte do homem à sua frente; eles formavam uma fileira de oito, liderados por um velho, que não parava de tossir e cuspir, seguido, em silêncio, pelos demais. E o homem que vinha à frente de todos estava plenamente consciente da presença daquele grupo, do silêncio, da tosse, do cansaço, ao fim de uma longa jornada de trabalho; não exprimiam agitação, porém calma e bom humor. Aquele homem percebia-os tão bem quanto ao rio incandescente, quanto ao céu levemente inflamado, quanto aos pássaros que retornavam aos seus ninhos; não havia um centro do qual ele pudesse observar, sentir, ver; aliás, tudo isto implica a palavra, o pensamento. Este, porém, não existia, mas sim a ação. Todos caminhavam depressa sem se darem conta do tempo inexistente; os camponeses retornavam às casas, aos barracos, e aquele homem vinha com eles; faziam parte dele, não que ele estivesse consciente daquelas pessoas ou delas se sentisse parte. Fluíam com o rio, alçavam vôo com os

pássaros e se confundiam com a imensidão celestial. Era um fato e não produto da imaginação; esta é sempre falsa, enquanto que o fato tem o poder explosivo da realidade. Aquelas nove pessoas caminhavam para a eternidade, sem rumo certo ou procedência, como que na interminável procissão da vida. O estranho é que o tempo e a identidade haviam cessado de existir. Ao virar-se o primeiro homem para regressar, todos os aldeões, principalmente aquele, mais idoso, tão próximo dele, o cumprimentaram como se fossem velhos amigos. Anoitecia e as andorinhas se foram; já estavam acesas as luzes sobre a ponte e as árvores se recolhiam para dentro de si mesmas. À distância, tocava o sino da igreja.

7 de janeiro

Um estreito canal, com pouco menos de meio metro de largura, corre por entre os verdes trigais. Paralela a ele, há uma trilha quase sempre deserta. Naquela noite, a quietude do lugar tinha algo de singular; um gaio gordo, de asas incrivelmente azuis, bebia água à beira do canal; seu corpo castanho-claro contrastava com o brilho intenso das asas coloridas; não se tratava de um gaio mal-humorado, pois podíamos aproximar-nos dele, sem sermos por ele insultados. Seu olhar assombrado fitava-nos os olhos, que explodiam de afeição; tranqüilo e bem nutrido, era um pássaro também belo. Esperou, para ver se faríamos alguma coisa, e como nada fizéssemos, tranqüilizou-se e daí a pouco alçava vôo em silêncio. Vimos naquela ave a síntese de todas as aves; foi a explosão do amor que nos fez vê-lo. Não se tratava de uma reação fria ou planejada, mas de um acontecimento cuja fúria avassaladora tinha o poder de paralisar o tempo. No entanto, prosseguimos por aquele estreito caminho, que passava em frente a uma árvore simbólica; o fato de estar cercada de flores e de ter uma imagem rudemente pintada a seus pés indicava ser ela o símbolo de um templo que, por sua vez, representava uma outra coisa, e esta, mais outra, ou um vastíssimo símbolo. Tanto as palavras como os símbolos se tornavam, assim como a bandeira, em algo de vital importância. Os símbolos são as cinzas que servem para cobrir o vazio da mente, e é deste deserto árido que nasce o pensamento. E aquele simbolismo exprimia sagacidade, engenho e tudo que vem da estéril nulidade. A árvore, porém, erguia-se majestosa, com sua rica folhagem servindo de abrigo aos inúmeros pássaros; o local era mantido em ordem e limpo e uma espécie de altar de barro servia de apoio à imagem encostada ao

imenso tronco de árvore. A folha era perecível, mas não a imagem esculpida em pedra, que se perpetua através da destruição da mente humana.

8 de janeiro

A luz do sol nascente tremulava sobre a superfície das águas e seu brilho quase nos cegava; o barco de um pescador cruzava aquele manto reluzente e uma ligeira nebulosidade envolvia o arvoredo na margem oposta. Sempre inquieto, o rio movia-se incessantemente em evoluções fantásticas de inúmeros bailarinos; esta manhã, ele parecia mais vivo do que nunca, no confronto com a desgraciosa vegetação à margem; mas não com a alegre agitação dos pássaros e dos papagaios. O enorme pé de tamarindo ao lado da casa lhes serve de morada e, por isso, não paravam de voar para lá e para cá o dia todo. Ao coriscarem por nós, seus esverdeados corpos pareciam chispas de luz, e os bicos vermelhos, em curva, tinham o brilho do rubi. Ágeis e precisos no vôo, tornavam-se desajeitados e mais lentos ao pousarem no meio das folhas da árvore. Era cedo ainda, porém a atividade dos pássaros havia começado muito antes de o sol refletir-se sobre as águas do rio. Mesmo àquela hora, o rio estava desperto, irradiando a luz celestial, e a meditação servia para acentuar a imensidão da mente; a mente jamais adormece, jamais perde a consciência; seus fragmentos, exacerbados pelo conflito e pelo sofrimento, tornam-se embotados pelo hábito e pelo prazer efêmero, que deixa a marca do desejo de repetição. Mas, estas zonas obscuras da mente impedem o seu desenvolvimento global. Elas se tornam tão importantes e geram tamanha insignificância, que as coisas mínimas do imediatismo preenchem a totalidade do espaço mental. O pensamento age na esfera do tempo imediato e ele só é capaz de resolver as questões mecânicas. Mas, a meditação não é como a máquina, que pode ser preparada para funcionar de determinada maneira, nem como o barco que nos leva de uma margem a outra. Livre e espontânea como o amor, que é sem motivo, a meditação não leva a parte alguma. Ela é o movimento infinito que atua na esfera do tempo, sem dele fazer parte. Toda ação transitória gera sofrimento; neste solo nada pode medrar senão o conflito e a dor. Meditar é estar consciente de tudo isto, sem alternativa, impedindo que a semente crie raízes, tanto dolorosas quanto agradáveis. A meditação é o fim de toda experiência. Surge então a redentora claridade do ato de ver. Sem ser uma mercadoria de fácil aquisição, a meditação é um estranho êxtase;

nenhum guru ou seguidor poderá jamais encontrá-lo; pelo contrário, toda busca e liderança devem cessar com a natural espontaneidade da folha que cai ao chão.

A bênção do imensurável preenchia todos os espaços vitais; suave como a brisa sobre as águas, ela escapava ao controle e aos limites do tempo e do pensamento.

9 de janeiro

Tênue coluna de fumaça erguia-se sobre a margem oposta do rio como se fora um repentino gesto desferido no espaço. A quietude da imóvel atmosfera, em que o rio e as folhas pareciam inertes, só era quebrada pelo vôo ágil e ruidoso dos papagaios. E nem mesmo o pequenino barco de pesca perturbava a placidez do rio; tudo, exceto a fumaça, parecia fazer parte daquela estranha imobilidade. Ainda que se esvaísse no céu infinito, o jocoso aspecto da fumaça exprimia a liberdade da ação total. A luminosidade crepuscular envolvia a aldeia, de onde partiam rolos de fumaça. Fazia frio naquele dia sem nuvens, varado pela luz de todos os invernos. Era uma luz breve e penetrante, que nos seguia aonde quer que fôssemos. Tão surpreendente quanto um perfume, parecia ter-se alojado nos mais íntimos recessos de nosso ser. Aquela luz bania todas as sombras e, diante dela, a matéria perdia a sua consistência; era como se nosso olhar atravessasse todas as coisas, traspassasse o denso arvoredo por trás do muro, varasse nosso próprio ser, denso e vasto como o céu. Tinha a vibração da imortal paixão, não daquela que emana do sentimento ou do desejo. Que luz estranha aquela, cujo poder de a tudo desnudar, de tornar-nos vulneráveis e desprotegidos, exprimia o amor! Nada mais restava de nós, consumidos na chama daquela claridade, que ardia sem formar cinzas.

12 de janeiro

Uma menina de dez ou doze anos, encostada a um poste do jardim, estava suja e maltrapilha; seu ar de desleixo era acentuado pelo corpo imundo e pelos cabelos em desalinho, que denotavam falta de asseio. Um longo trapo pendia-lhe do pescoço, enquanto ela fitava algumas

pessoas que tomavam chá na varanda; a menina fazia aquilo com absoluta indiferença, sem nenhum sentimento, sem opinar sobre o que via; seu olhar parado se deteve sobre o grupo de pessoas, alheia aos gritos agudos dos papagaios e aos pombos mansos, cor de barro, que estavam a seu lado. Não tinha fome; devia ser a filha de um dos empregados dali, pois, além de bem alimentada, parecia conhecer o local. Tinha o comportamento de uma jovem senhora, cheia de si, mas transmitia também um estranho ar de despreendimento. Ao lhe contemplarmos o perfil, recortado sobre o fundo do rio e das árvores, era como se nós também observássemos aquela cena no balcão, sem nenhuma emoção, sem nenhum pensamento, indiferentes a tudo. E ao afastar-se ela dali, na direção da árvore, que se debruçava sobre o rio, éramos nós que nos afastávamos, e fomos nós que nos sentamos sobre a terra áspera e poeirenta; e fomos nós também que atiramos um galho seco nas águas do rio, tão sozinhos, tão tristes e abandonados. A seguir, nós nos levantamos e saímos sem rumo pelo jardim. O estranho é que nós éramos os pombos, o esquilo que subia ágil pelo tronco de árvore, o motorista sujo e sem asseio e também o rio de águas mansas. Amar não é sofrer nem se debater no ciúme; é perigoso o amor que destrói, que aniquila as coisas construídas pelo homem, exceto os tijolos. Incapaz de erigir templos ou de reformar a podre sociedade, só por si o amor nada pode fazer; mas, sem ele, nada será feito. A automatização e os computadores podem alterar o rumo dos acontecimentos e proporcionar ao homem mais horas de lazer; e isso só irá aumentar o número de problemas que já o atormentam. O amor não acarreta problemas e é por isso que é tão perigoso amar. O homem vive de problemas, de questões intermináveis e sem solução; sem eles, não saberia o que fazer e sentir-se-ia perdido e lesado. Portanto, os problemas se multiplicam sem cessar;ao resolver um deles, surge logo um outro e assim sucessivamente até sobrevir-lhe a morte e esta, é claro, a própria destruição; mas isto não é o amor. Com a morte, surge a velhice, a doença e uma série de problemas, que nenhum computador pode resolver. A destruição e a morte que daí advém diferem daquilo que surge com o amor. São meras cinzas de uma chama artificial ou o ruído de máquinas automáticas que funcionam sem parar. Não se pode separar o amor da morte e da criação; é impossível optar por um em detrimento dos outros; não podemos encontrá-lo no mercado ou na igreja, locais em que normalmente supomos consegui-lo. Mas, se não o procurarmos, se formos totalmente livres de problemas, pode ser, então, que desponte o amor.

Dele nada se sabe e tudo aquilo que sabemos deve findar sem deixar vestígios; a morte para o passado, agradável ou não, deve ser tão natural e espontânea quanto o gesto daquela menina ao atirar o galho seco na direção do rio. O ato de eliminar o conhecido nasce do desconhecido. Vinha, de longe, o som desafinado de uma flauta e o sol, tal como uma grande bola vermelha, se punha por trás dos muros da cidade; o rio foi adquirindo os tons mais suaves de um fogo em extinção, e os pássaros, em revoada, retornavam aos seus ninhos.

13 de janeiro

A aurora vinha surgindo mansamente e os pássaros pareciam todos despertos, a cantar e a repetir sem cessar uma ou duas notas musicais; de todos, os corvos eram os mais barulhentos. Tamanho o alarido por eles provocado que abafavam o canto das demais aves. O vôo ágil e ruidoso dos papagaios deixava entrever, à luz pálida do amanhecer, o seu assombroso colorido verde. As folhas das árvores estavam imóveis e o rio prateado deslizava amplamente, vasto e profundo como a noite; ao nascer o dia, o rio, transfigurado pela noite, tornara-se mais rico, denso e bem ligado à terra; de tão intenso e vivo, sua pureza era destruidora. A outra margem dormia ainda, com suas árvores e seus verdes trigais envoltos em calmo mistério, ouvindo-se, ao longe, o sino da igreja, sem música. Tudo começava a despertar, agora, na alegria de ver o sol nascer. Os gritos e os guinchos dos pássaros iam ficando cada vez mais agudos, e mais vibrante o colorido de cada folha e flor, e um cheiro intenso se desprendia da terra. O sol emergiu das folhas do arvoredo e projetou um manto dourado sobre a superfície do rio. A beleza do amanhecer ficaria para sempre, não na memória, — esta coisa tão falsa e morta, incapaz de perceber o belo e o amor. Ao contrário, ela os destrói. Por ser um instrumento mecânico e utilitário, a memória não pode captar a beleza, que é sempre nova. Mas, o novo não tem relação com o velho, que é da esfera temporal.

14 de janeiro*

---

* Data de sua última conferência.

Ao anoitecer, a luz fraca do luar projetava uma infinidade de sombras estáticas sobre a paisagem. E, ao longo daquele estreito caminho, as sombras pareciam viver, sussurrar entre si, como se cada folha, na penumbra da noite, tagarelasse com sua vizinha. O formato das folhas e do pesado tronco de árvore projetava-se, nítido, sobre o chão, e o rio que coleava ao fundo tinha o brilho da prata; era amplo e extenso, e a aparente quietude de suas águas não revelava o movimento da profunda correnteza que ali existia. Mesmo a brisa do anoitecer se extinguiu e não se viam nuvens no poente; uma nuvem solitária, em forma de suspiro cor de rosa, pendia imóvel do céu, até que a escuridão da noite a fez desaparecer. As mangueiras e os tamarindos preparavam-se para a noite, e os pássaros, em silêncio, buscavam abrigo no meio da folhagem. Uma pequena coruja, pousada sobre o fio telegráfico, alçou vôo com as asas silenciosas, no exato instante em que por ali passamos. Após a entrega do leite, as bicicletas retornavam com o chocalhar dos vasilhames vazios; apesar de serem numerosos e apesar do barulho que faziam, sozinhos ou em grupo, persistia o peculiar silêncio do campo sob o céu aberto. Parecia imperturbável naquele entardecer, invulnerável até mesmo ao ruído da passagem do trem de carga sobre a ponte de aço. Ao enveredarmos por uma pequena trilha, que atravessa os verdes campos, longe de tudo, dos rostos e das lágrimas, súbito tomamos consciência de um acontecimento singular. Sabemos não se tratar de um produto da imaginação ou do desejo, ou do apego a uma fantasia, ou a uma experiência há muito esquecida, ou da ânsia de reviver um dado prazer ou esperança. Sabemos que não é nada disto, pois já o investigamos profundamente. Portanto, agora, estamos livres para perceber aquele estranho fenômeno. Inesperado como o imenso touro que caminha ao anoitecer, sua grandiosa e insistente presença era indefinível; entretanto, sua pujante e inesgotável energia preenchia todas as coisas do universo. Nós e o camponês, que passa em silêncio, dela fazemos parte. Naquele instante intemporal, em que o pensamento e o sentimento estavam ausentes e o cérebro permanecia imóvel, só existia aquela imensidão. O sensível ato de meditar dava lugar à incrível pureza da impenetrável e inacessível força. Nada se movia, nem mesmo a mais leve comoção perturbava a quietude do dia que findava, do qual também fazia parte o apito do trem. Acompanhou-nos ela por todo o trajeto de volta ao nosso quarto e lá estava ainda à nossa espera, pois jamais nos havia deixado.

16 de janeiro

Lado a lado com o camelo sobrecarregado, atravessamos todos a nova ponte, construída sobre o pequeno riacho: os ciclistas, as mulheres da aldeia, que retornavam da cidade, o cão esquálido e um velho altivo e de longas barbas brancas. A precária e antiga ponte fora substituída por uma nova, com pesadas estacas, bambu, palha e barro; a firmeza da sua estrutura incutia confiança ao camelo, que não hesitou em atravessá-la; ele parecia mais arrogante do que o velho, cheio de soberba e desdém, apesar de malcheiroso. Ao atravessarmos a ponte, a maioria dos camponeses seguiu rio abaixo, mas o camelo tomou o caminho oposto. Era uma trilha poeirenta, com uma camada de pó de barro fino, sobre a qual deixava impressa a enorme marca de suas patas; carregado de sacas com cereais, ele parecia extremamente indiferente a tudo e nada poderia convencê-lo a caminhar mais depressa; em marcha lenta, ele passou pelo poço antigo e pelas igrejas arruinadas, enquanto seu dono se esforçava em fazê-lo andar mais depressa, golpeando-o com suas próprias mãos. À direita, havia um outro caminho, que conduzia à horta, onde floriam a mostarda e as ervilhas, e aos verdes trigais; essa passagem era pouco utilizada, o que tornava agradável transitar por ali. O suave perfume da mostarda, superado pelo odor mais intenso da ervilha, junto com o cheiro característico do trigal maduro, impregnavam a atmosfera crepuscular de suave e amena fragrância. Era um belo entardecer em que o sol se punha por trás do arvoredo; embora seguíssemos por aquele caminho, cercados de aldeias por todos os lados, estávamos distantes e inacessíveis. Aquele estado não pertencia ao tempo, ao espaço ou à distância; ele nos transportava para pontos longínquos, bem distantes dali. Impossível converter em léguas aquela profundidade sem diâmetro ou altura. Um ou outro morador da aldeia, levando alguns poucos objetos adquiridos na cidade, passava roçando por nós. Mas, distanciamo-nos daquele lugar, indo para um mundo desconhecido, sem nenhuma dimensão; mesmo se o desejássemos, não poderíamos conhecê-lo, pois transcendia as coisas existentes! Não se tratava de algo que se pudesse experimentar; nada havia ali que experimentar e, além do mais, a experiência é sempre do passado, como parte do processo de reconhecimento. Ao nos perdermos no infinito, as árvores, as flores amarelas e as espigas de trigo permaneciam próximas, mais próximas do que havíamos pensado, e sua vitalidade transmitia imorredoura paixão e beleza. Formando uma única, inseparável e indivisível força, o amor, a criação e a morte estavam desvinculados da palavra, do ato e da expressão, e nós dela fazíamos parte. Por serem de ação lenta e mecânica e por terem raízes no passado, o pen-

samento e o sentimento são incapazes de acompanhar o ritmo veloz daquela energia. O mesmo acontece com a imaginação, que nem consegue dela aproximar-se. O amor, a morte e a criação eram um fato tão verdadeiro quanto o corpo que estava sendo cremado, sob a árvore, às margens do rio. A árvore, o fogo e as lágrimas constituíam uma inquestionável realidade, ainda que pertencessem ao conhecido; mas, em liberdade, aqueles três elementos formam uma única e indivisível verdade. Para percebermos isso, é preciso estarmos longe e ao mesmo tempo próximos.

O homem que voltava com os vasilhames vazios de leite presos à bicicleta, cantava com voz cansada e rouca; parecia ansioso em falar com alguém, pois ao passar por nós disse alguma coisa e, após um instante de hesitação, seguiu em frente. O luar projetava sombras escuras e quase transparentes, e o odor noturno tornava-se cada vez mais acentuado. Na curva da estrada, deparamos com o translúcido rio, que parecia iluminado com mil velas; o brilho, ora prateado ora levemente dourado, daquela luz imóvel parecia o próprio feitiço da lua. As Plêiades pendiam sobre nossas cabeças e as Três Marias luziam distantes; enquanto isso, o trem resfolegava na passagem de nível, para atravessar a ponte. O tempo havia parado e a beleza, o amor e a morte estavam em toda parte. Mas, sobre a recém-construída ponte de bambu não havia ninguém, nem mesmo um cão. Estrelas faiscavam sobre a superfície das águas do córrego.

20 de janeiro

Tardaria muito a raiar o sol naquele céu iluminado de estrelas; uma pequena nebulosidade encobria o rio mal se vendo a margem oposta; o trem subia com esforço ladeira acima, pouco antes de cruzar a ponte; era um trem de carga que, geralmente, perfazia aquele trajeto de modo especial, soltando longas, lentas e profundas baforadas de vapor, ao contrário dos trens de passageiros aos quais bastava acelerar para se colocarem de imediato sobre a ponte. O estrondo do trem de carga parecia não incomodar o profundo silêncio, em que todos os movimentos se perderam. Silêncio impenetrável, claro, pujante e profundo, havia nele a premência da eternidade. A pálida estrela luzia brandamente e as árvores, em seu recolhimento, pareciam dormir. Meditar era estar consciente de todas estas coisas para, em seguida, transcendê-las. Pensar é atuar dentro do limite do tempo; o pensamento desconhece a liberdade, pois lhe é impossível superar seus próprios limites. O brilho menos intenso das

estrelas e o pio de uma ave próxima sugeriam o quase imperceptível e lento amanhecer sobre as árvores e o rio. A imensidão do silêncio, porém, persistia e estaria ali para sempre, apesar da constante agitação dos pássaros e do homem.

21 de janeiro*

Fazia um frio rigoroso, com temperaturas inferiores a zero grau. As folhas castanhas da sebe, queimadas pelo frio, caíram todas. O gramado adquiriu o colorido cinza-marrom da terra; e, a não ser alguns amores-perfeitos amarelos e algumas poucas roseiras, nada havia no jardim. O frio, de tão intenso, fazia com que os pobres sofressem e morressem; a explosão demográfica ocasionava a morte de inúmeras pessoas. Víamos o quanto tremiam, ao relento, semidespidos, sujos e maltrapilhos; com o corpo trêmulo e encolhido, uma mulher envelhecida batia com os raros dentes que lhe restavam; nas águas frias do rio, uma jovem se banhava, ao mesmo tempo em que lavava um pano rasgado; um velho tossia com força e as crianças, despreocupadas e sorridentes, corriam e brincavam. Dizia-se que era um inverno dos mais frios e rigorosos de que se tinha notícia. A rosa vermelha e o amarelo amor-perfeito ardiam de vida e cor; fascinados por aquele luminoso espetáculo, tínhamos a impressão de que as cores se expandiram a ponto de preencher o espaço vazio do jardim; apesar do reboliço das crianças, a trêmula e envelhecida mulher estava em toda parte; o fascínio do amarelo e do vermelho e a morte inexorável. A cor simbolizava deus, e a morte transcendia a divindade. Assim como a cor, ela estava em toda parte. É impossível separá-la e, se o fizermos, não haverá vida para nós. Tampouco poderíamos separar o amor da morte e, se o fizéssemos, deixaria de existir a beleza. Separamos e classificamos as cores segundo uma escala de valores, mas o que existe é a cor e, só quando vemos cada cor como simplesmente a cor, é que conheceremos o seu verdadeiro esplendor. A rosa vermelha e aquele amarelo amor-perfeito não eram simples cores, mas, sim, uma massa colorida que enchia de glória o jardim. O tom ligeiramente azulado do céu carac-

---

* Krishnamurti achava-se, então, em Nova Deli, onde havia proferido uma série de oito conferências, de 21 de janeiro a 14 de fevereiro. Deve ter ido de Banaras a Nova Deli, de avião, no dia 20 de janeiro.

terizava o árido e frio inverno, mas continha em si a essência da cor. Ao contemplá-lo era como se dele fizéssemos parte, esquecidos dos ruídos da cidade e perdidos na eterna glória da cor.

Como, hoje em dia, se tornou respeitável o sofrimento! Avolumam-se as teorias e explicações que o apontam como uma maneira de atingirmos a virtude e a sabedoria; exaltado pelas igrejas e cultivado com desvelo em todas as casas, o sofrimento é por todos aceito, sendo capaz de suscitar lágrimas ou preces. Deste modo, o sofrimento persiste; todo coração o conhece, quer se encontre conformado, quer esteja fugindo; e isto intensifica o sofrimento, que, como erva daninha, acaba por sufocar e destruir o coração. Mas, com o sofrer vem a autocompaixão seguida de intermináveis memórias. A raiz do sofrimento está na memória, nas coisas mortas do passado. Este tem para nós enorme significado, por ser o mecanismo que dá sentido às nossas vidas e por representar os bens e as posses materiais. A origem do pensamento está no ontem, na sucessão de dias passados que dão sentido a uma vida de sofrimento. Sofrer é viver no dia de ontem e, enquanto a mente não se libertar do passado, ela perecerá no sofrimento. Por pertencerem ao passado, nenhum pensamento, idéia ou ideal poderão libertá-la. A perda que sofremos antes é a origem da autocompaixão e do embotamento, que advém do sofrer. Este processo aguça o pensamento e é ele que desencadeia o incessante mecanismo da dor. O pensamento é a memória. A lúcida consciência de todo esse processo, sem opção, liberta a mente do sofrimento, cujo fim está no ato de ver e compreender este fato tão complexo, sem julgar ou emitir opinião. Para que se desvende o incognoscível há que findar o conhecido.

22 de janeiro

Sua aparência era extremamente polida; cada mecha, cada fio de cabelo, eram estudados e tinham seu devido lugar, cada gesto e sorriso eram contidos, e se movia como se estivesse representando perante o espelho. Tinha muitos filhos e seu cabelo começava a branquear; o ar de displicente elegância demonstrava ser ela uma mulher rica. Seu carro também brilhava de polimento; os cromados faiscavam intensamente à luz do amanhecer. Os pneus de partes brancas estavam limpos e imaculados e os assentos não tinham sequer uma mancha. Era um belo carro, capaz de desenvolver alta velocidade, com perfeito desempenho nas curvas.

Com o incrível progresso tecnológico que traz segurança e superficialidade, pretende-se resolver e suprimir o problema do amor e do sofrimento, propiciando-se a todos tranqüilizantes cada vez mais poderosos e novos deuses e mitos em substituição aos antigos. Manhã clara e fria; na imóvel atmosfera do amanhecer, as brumas se dissiparam com o raiar do sol. Gordos e de bico e patas amarelados, os pássaros ciscavam no gramado, satisfeitos da vida e loquazes; suas asas eram um misto de branco e preto e os corpos tinham um tom castanho claro. Demonstravam extraordinária alegria, sempre a saltarem e a correrem uns atrás dos outros. Súbito vieram os corvos de pescoço cinzento, expulsando dali as aves gordas, que se foram, protestando ruidosamente. De longos e pesados bicos, tinham um brilho intenso e seus corpos negros cintilavam; atentos ao mínimo gesto nosso e a tudo que acontecia à sua volta, os pássaros que haviam percebido a presença do enorme cão muito antes de serem por ele notados, desapareceram do gramado.

A mente está sempre ocupada com alguma coisa, por mais ridícula ou importante que ela possa parecer. É como o macaquinho que não pára de tagarelar, de se agitar, ao mesmo tempo em que tenta desesperadamente aquietar-se. Nada há para se temer no vazio da mente; é imprescindível que a mente fique desocupada, vazia, livre de pressão, pois somente então poderá ela penetrar no desconhecido. E é superficial a atividade tanto daquela senhora quanto do chamado santo. À mente ocupada é impossível desvendar seu próprio mistério, compreender seus mais íntimos recessos. A intemporalidade da mente vem desse vazio criador que contém o amor e a morte.

23 de janeiro

O frio não havia poupado nem mesmo a delicada e fina ramagem das árvores nuas; e aquelas que ainda conservavam suas folhas mudavam de cor. O rigoroso inverno cobriu de grossa camada de neve as cordilheiras inferiores do Himalaia e fina camada de gelo se espalhou sobre as planícies tão distantes dali, impedindo o crescimento do capim e o desabrochar das flores. O intenso colorido das rosas invadiu todos os espaços do jardim. Porém, nas estradas e nos locais de grande movimentação, víamos os pobres e miseráveis, envoltos em trapos imundos, com as cabeças encobertas e com rostos morenos na sombra. As mulheres trajavam túnicas coloridas em desalinho e traziam pulseiras de prata nos tornozelos e

sobre os braços nus; seu andar tinha a graça da descontração e da liberdade, embora seu comportamento fosse correto. A maioria das pessoas era constituída de operários, mas, ao anoitecer, quando retornavam às suas choças, vinham todos sorridentes, caçoando entre si, e os jovens, mais adiante, riam e gritavam alegremente. Era mais um dia de intenso trabalho que chegava ao fim; logo estariam gastos por aquela vida tão dura, mas foram eles que construíram as modernas moradias e os luxuosos escritórios, onde jamais poriam os pés. Em luxuosos carros passavam por ali pessoas importantes, mas essa gente miserável nem se dignava a olhá-los. O sol desaparecia por trás do prédio pomposo, sempre encoberto por denso nevoeiro, que se prolongava desde o amanhecer; não havia cor naquele poente sem vida e as bandeiras de diversos países permaneciam imóveis ao longo do mastro; as bandeiras também estavam gastas e, apesar da importância a elas atribuída, eram meros trapos coloridos. Alguns corvos bebiam água de uma poça, enquanto outros esperavam a sua vez de matar a sede. O pálido céu estava pronto para receber a noite.

Todo pensamento e sentimento se desvaneceram deixando o cérebro imóvel e quieto; passava da meia-noite e o silêncio era absoluto; fazia frio e a luz do luar atravessava a vidraça de uma das janelas, formando estranhos arabescos sobre a parede do quarto. Desperto e sensível, o cérebro observava tudo sem reagir, sem experimentar; embora livre ainda de qualquer movimento interno, não estava insensibilizado ou drogado pela memória. De repente, a sublime presença daquela coisa singular se impunha com toda a sua força, não apenas no mundo exterior, mas também nos mais íntimos recessos daquilo que antes fizera parte da mente. O pensamento tem seus limites, resultantes da reação; todo e qualquer motivo serve de molde ao pensamento e ao sentimento; a experiência vem do passado e o reconhecimento é sempre do conhecido. Mas, aquele abençoado estado não deixava marcas, pois sua forte, nítida e impenetrável presença tinha a intensidade da chama sem cinzas. O êxtase que vinha dali não deixava vestígios na memória, porquanto não havia o ato de experimentar. Ele simplesmente existia, em total liberdade, alheio à busca e às lembranças.

Não existe a possibilidade de o passado encontrar-se com o incognoscível; nada os poderia reunir; nenhuma ponte ou caminho nos permitirão conhecer aquela desconhecida bênção. Jamais se deu o encontro de ambos, pois o passado deve simplesmente findar para que se revele o grandioso mistério daquela coisa singular.